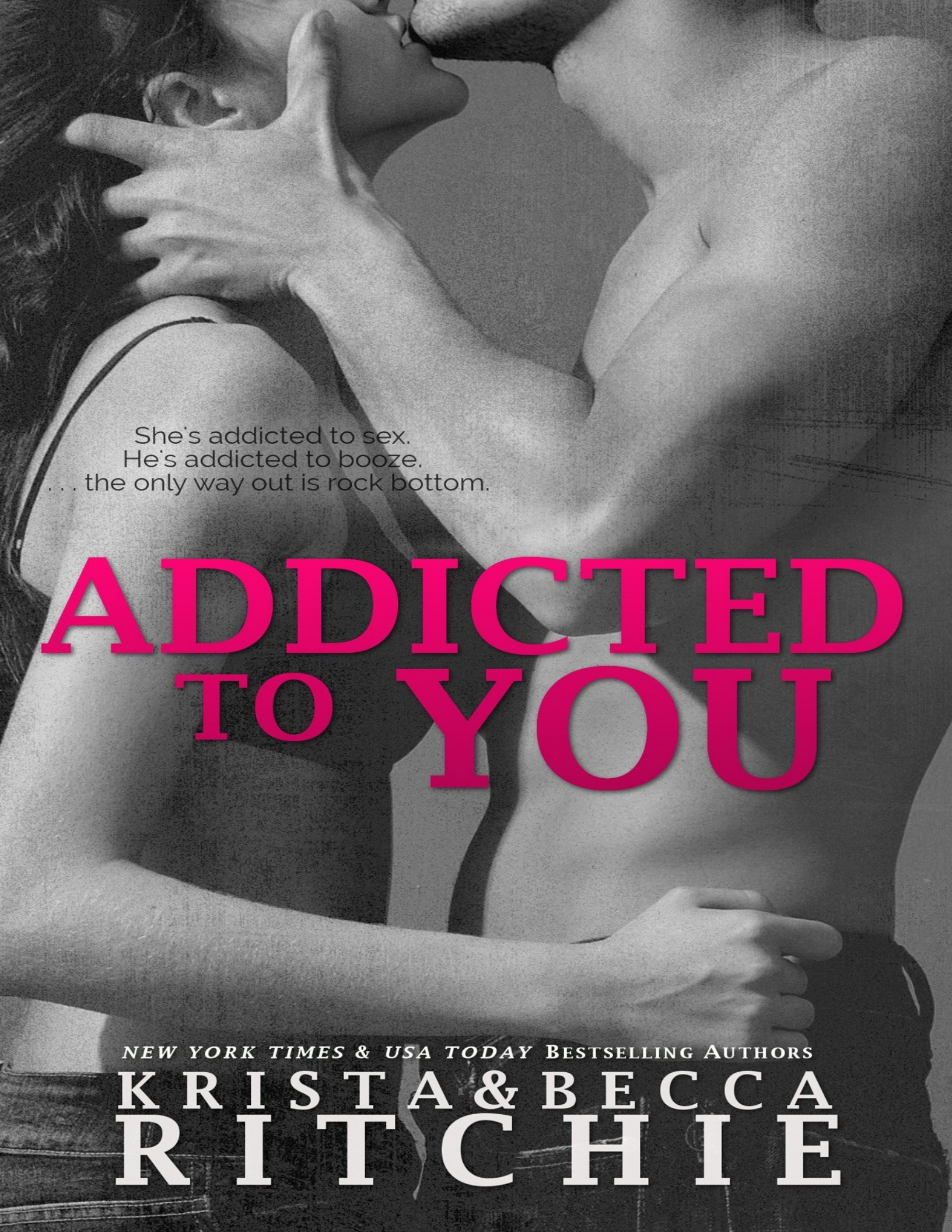

She's addicted to sex.
He's addicted to booze.
. . . the only way out is rock bottom.
ADDICTED TO YOU
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHORS
KRISTA & BECCA RITCHIE



The Rose Traduções

Disponibilização : Juuh Allves
Tradução : Aline
Revisão Inicial : Dri Machado
Revisão Final : Gessica , Alessandra
Leitura Final : Manoela
Formatação: Juuh Allves

Addicted to You
Série Addicte – Lv 1
Krista Ritchie

Sinopse

Ela é viciada em sexo. Ele é viciado em álcool... A única saída é o fundo do poço.

Ninguém suspeitaria do maior segredo da tímida Lily Calloway. Enquanto todo mundo está dançando em bares universitários, Lily fica no banheiro. Sexo. Sua compulsão leva-a a uma noite de conexões picantes e eventos que ela vergonhosamente lamenta. A única pessoa que sabe o seu segredo acontece ter um segredo próprio.

O melhor amigo de Loren Hale é sua garrafa de bourbon. Lily vem logo atrás. Durante três anos, eles fingiram estar em um relacionamento real, escondendo seus vícios de suas famílias. Eles já dominam a arte de esconder frascos e caras aleatórios que filtram de dentro e fora de seu apartamento.

Mas, quanto mais eles afundam sob o peso de seus vícios, mais eles se agarram ao seu relacionamento destrutivo, e me pergunto se uma vida juntos, de verdade, seria melhor que uma mentira.

Estranhos e familiares começam a se infiltrar em suas vidas, e com novos desafios eles percebem que podem não ser apenas viciados em álcool e sexo.

O real vício deles pode ser um ao outro.

Capítulo Um

Acordei, com a camisa amarrotada e deitada num tapete felpudo.

Meu short perdeu-se jogado em uma cômoda. E eu acho que minha calcinha está perdida para sempre. Em algum lugar entre o tapete ou talvez escondida atrás da porta. Não me lembro de quando eu as tirei, ou se era mesmo eu as tirando. Talvez ele me despiu.

Olhei sobre os ombros para dar uma espiada na bela adormecida. Um cara com cabelo dourado e uma cicatriz ao longo de seu osso ilíaco. Ele virou de frente para mim e eu congelei. Seus olhos permaneceram fechados, e ele meio grogue, agarrou o travesseiro, praticamente beijando o tecido branco. Ele estava com a boca ligeiramente aberta, soltando roncos sussurrados, o forte cheiro de álcool e pizza de pepperoni flutuava direitamente a mim.

Eu, com certeza sei escolher!

Eu escorreguei delicadamente da cama e andei na ponta dos pés pelo apartamento, de short e sem calcinha, tropecei com outro casal que eu não conhecia. Quando peguei minha camiseta cinza rasgada e praticamente em farrapos, a imagem nebulosa de ontem à noite clareou. Eu pisei no quarto e ele literalmente rasgou minhas roupas como o Hulk furioso. Eu tremi. Aquilo foi muito sexy! Deve ter sido suficientemente sexy, porque eu o deixei dormir comigo.

Desesperada, eu encontrei uma camiseta desbotada no chão e a puxei por cima do meu ombro e pelo comprimento do meu cabelo castanho, os fios estavam retos, emaranhados e gordurosos. Foi quando eu encontrei a minha toca de lã. Bingo. Eu beijei esse bebê fora de seu quarto.

Havia latas de cerveja espalhadas por todo corredor, tropecei em uma garrafa de Jack Daniels, cheia de saliva preta e que parece ser um Jolly Rancher. Na porta a minha esquerda tinha uma colagem de fotos de meninas da fraternidade embriagadas, felizmente não era no quarto que acabei de sair. De alguma forma, eu fui capaz de me esquivar de um Kappa Phi Delta e encontrei um cara que não anuncia suas conquistas.

Eu deveria saber melhor. Eu jurei ficar fora de casas de fraternidade depois do meu último encontro no Alpha Omega Zeta. A noite, quando cheguei perto da fraternidade AOZ, estava acontecendo uma festa temática. Sem saber, eu entrei no edifício de quatro andares para ser recebida com baldes de água e rapazes cantando para eu arrancar meu sutiã. Era como Spring Break que deu errado. Não que eu tenha muito no departamento de seios para mostrar. Antes de convulsionar em constrangimento, eu abaixei rápido os braços, entre torsos e encontrei prazer em outros locais e com outras pessoas.

Aqueles que não me faziam sentir como uma vaca sendo avaliada.

Ontem à noite eu quebrei uma regra. Por quê? Eu tenho um problema. Bem, eu tenho muitos problemas. Mas dizer não é um deles. Quando Kappa Phi Delta anunciou que Skrillex iria tocar em seu porão, eu pensei que a multidão seria uma mistura de meninas do círculo estudantil e os mais populares da universidade. Talvez eu fosse capaz de mostrar ser uma pessoa normal que gostava de house music. Acontece que, o grupo era formado apenas por pessoas da fraternidade. Muitos deles. Querendo qualquer pessoa com dois peitos e uma vagina.

Skrillex nunca se mostrou. Foi apenas um DJ coxo e alguns amps.

Vai saber.

Vozes masculinas profundas ecoam na varanda, vindas das escadas. As pessoas estão acordadas? No andar de baixo? Ah não.

A caminhada da vergonha é um ato que pretendo evitar durante todo o tempo em que eu estiver por aqui. Mas, eu acabo corando.

Como um enorme tomate vermelho. Não de bochechas coradas bonitas. Mas iguais a gigantes erupções que pontilham o meu pescoço e braços como se eu fosse alérgica ao constrangimento.

O riso masculino se intensifica, e meu estômago dá um nó ao imaginar um pesadelo em minha mente. Aquele em que eu tropeço ao descer as escadas e todas as cabeças se viram em minha direção, o olhar de surpresa em seus rostos

imaginando qual deles que decidiu ficar com uma garota magra e sem peito. Talvez eles joguem um osso de galinha para mim, me provocando para comer.

Infelizmente, foi o que me aconteceu na quarta série.

Provavelmente, eu vou gaguejar palavras ininteligíveis até que um deles tenha pena de minhas manchas vermelhas em chamas, e me jogue para fora de sua porta como lixo indesejado.

Isso foi um erro (ir à casa de fraternidade, e não o sexo). Nunca mais vou ser forçada a ingerir tequila como um aspirador.

Mesmo sob pressão. Isto é fato!

Minhas opções são limitadas. Uma escada. Um destino. A menos que cresça em mim um par de asas para que eu voe para fora da janela do segundo andar, estarei prestes a encarar a tal caminhada da vergonha. Eu rastejo para a varanda e, de repente sinto inveja de um dos personagens dos quadrinhos. O jovem Avenger, que pode vaporizar em nada.

Um poder que eu certamente poderia usar agora.

Assim que eu desci o primeiro degrau, a campainha tocou e eu olhei por cima do corrimão. Cerca de dez irmãos da fraternidade estavam sentados em sofás de couro, vestidos com várias versões do shorts cáqui e camisas de colarinho. O cara que me parece estar mais lúcido levanta para atender à porta. Ele está de pé com seu cabelo castanho penteado para trás com sua mandíbula intimamente quadrada.

Quando ele abre a porta, eu saio do transe.

Sim! Esta é a minha oportunidade de correr para fora invisível.

Eu uso a distração para descer as escadas devagar para não ser percebida, canalizando meu disfarce oculto. No meio do caminho percebo que o cara de maxilar quadrado está no batente da porta, bloqueando a entrada.

— "Acabou a festa." As palavras saem macias de sua boca. Ele fecha a porta na cara da outra pessoa.

Eu desço sobre mais dois degraus.

A campainha toca novamente. Por alguma razão, ele parece mais irritado.

O cara do maxilar quadrado geme e abre a porta com tudo.

— O quê?

Outro cara da fraternidade ri.

— Basta dar-lhe uma cerveja e dizer a ele para sair.

Só faltam mais alguns passos. Talvez eu consiga fazer isso. Eu nunca fui uma pessoa particularmente de sorte, mas suponho que hoje eu possa ter uma dose.

Maxilar quadrado mantém suas mãos travadas na maçaneta da porta, ainda bloqueando a passagem.

— Fala!

— Primeiro de tudo, ela se parece...

Sem brincadeira, não há nenhuma festa.

— .. Eu conheço essa voz.

Eu fico plantada a três passos da escada. A luz do sol escorre através de um pequeno espaço entre a moldura da porta e a camisa laranja de maxilar quadrado. Ele cerra os dentes, prestes a bater a porta de volta no rosto do outro cara, mas o intruso coloca a mão sobre ele e diz:

— Eu deixei algo aqui ontem à noite.

— Eu não me lembro de ter visto você aqui.

— Eu estava. — Ele faz uma pausa. — Em resumo.

— Temos uns achados e perdidos. Maxilar Quadrado diz secamente.

— O que é isso?— Ele olha para trás e acena para alguém no sofá. Eles assistem a cena como em um Reality Show da MTV.

— Jason, vá pegar a caixa.

Quando eu olho para trás, vejo o cara que está lá fora olhando direto pra mim.

— Não há necessidade. Diz ele.

Eu varro suas feições. Cabelo castanho claro, curto em ambos os lados, cheio em cima. Decentemente tonificado, corpo escondido debaixo de um par de dockers desbotados e uma camiseta preta de gola. Maçãs do rosto que cortam como gelo e olhos como scotch líquido. Loren Hale é como uma bebida alcoólica, mas eles não sabem disto.

Todos eles ficam de pé, e Loren entra pela porta.

Quando olha para mim, ele usa uma mistura de diversão e irritação com os músculos de sua mandíbula se contorcendo. Os caras da fraternidade seguem seu olhar direto sobre o alvo.

Eu.

Eu posso muito bem ter morrido e ressuscitado neste momento.

— Encontrei-a! Diz Lo, com um sorriso amargo.

O calor sobe para o meu rosto, e eu o escondo entre as mãos, tentando cobrir a minha humilhação, praticamente correndo para a porta.

Maxilar quadrado ri, como se ele tivesse vencido seu confronto masculino.

— Sua namorada é um skank*, cara. *promíscua*.

Eu não escuto mais nada. O ar de setembro enche meus pulmões, e Lo bate a porta com mais força do que ele provavelmente pretendia. Eu me envergonho e coloco as mãos no rosto, pressionando minhas bochechas quentes, relembrando de todos os eventos em minha cabeça. Oh. Meu. Deus.

Lo vem atrás de mim, com os braços voando ao redor da minha cintura. Ele encosta o queixo no meu ombro, curvando-se um pouco para igualar nossa altura e diz:

— É melhor ele ter valido a pena, — Lo sussurra, seu hálito quente fazendo cócegas no meu pescoço.

— Valido a pena o quê?— Meu coração pulsa em minha garganta, sua proximidade confunde e me tenta. Eu nunca sei das verdadeiras intenções de Lo.

Ele me guia para frente enquanto caminhamos, minhas costas ainda

pressionada contra seu peito. Eu mal posso levantar um pé, muito menos andar em linha reta.

— Sua primeira caminhada da vergonha em uma casa de fraternidade. Como se sente?

— Envergonhada!

Ele planta um leve beijo na minha cabeça e se solta de mim, andando na minha frente.

— Vim buscá-la, Calloway. Eu deixei a minha bebida no carro.

Meus olhos se arregalam quando eu processo o que isso significa, esquecendo-me gradualmente dos horrores que aconteceram.

— Você não vai dirigir, não é?

Ele pisca e diz:

— Lily? — percebendo que eu não consegui entender, ele levanta as sobrancelhas acusadoramente.

— Eu liguei para Nola.

Ele ligou para a minha motorista pessoal, e eu nem preciso perguntar porque ele decidiu renunciar a seu próprio motorista que de bom grado lhe transporta por toda a Filadélfia. Anderson tem a língua solta. Na nona série, quando Chloe Holbrook jogou um rager, Lo e eu brigamos por causa das drogas que foram passadas de mão em mão na mansão de sua mãe. Conversas nos assentos traseiros devem ser consideradas privadas entre todos os participantes do carro. Anderson não deve ter entendido essa regra, porque no dia seguinte, os nossos quartos foram invadidos. Felizmente, a empregada esqueceu de procurar na falsa lareira onde eu utilizava para esconder a minha caixa de brinquedos eróticos.

Saímos limpo do incidente e aprendemos uma lição muito importante. Nunca confie em Anderson. Não!

Eu prefiro não usar o motorista da minha família, porque assim, eu fico longe das garras deles, mas às vezes, Nola é uma necessidade. Como agora. Quando estou com um pouco de ressaca e incapaz de dirigir, e não tenho que ser levada por um embriagado Loren Hale.

Ela se condecorou como minha motorista pessoal e se recusa a me deixar desembolsar dinheiro para quaisquer serviços de táxi, depois que quase fomos assaltados em um. Nós nunca dissemos aos nossos pais o que aconteceu. Nunca explicamos o quão perto estávamos de algo horrível. Principalmente porque passamos naquela tarde em um bar com duas identidades falsas. Lo tomou mais uísque do que um homem adulto. E eu fiz sexo em um banheiro público pela primeira vez.

Nossas indecências se tornaram nossos rituais, e as nossas famílias não precisam saber sobre isso.

Meu Escalade preto está estacionado no meio-fio da fraternidade. Casas de milhões de dólares alinhadas, cada uma superando a outra em tamanhos das colunas. Copos descartáveis vermelhos jogados no quintal mais próximo, um barril virado e jogado na grama. Lo caminha à minha frente.

— Eu não achei que você viria me buscar. Eu disse, desviando de uma poça de vômito na rua.

— Eu disse que faria.

Eu bufo.

— Isso nem sempre é preciso.

Ele para na frente do carro, as janelas são muito escuras para ver Nola esperando no assento do motorista.

— Sim, mas aqui é Kappa Phi Delta. Se você mexer com um, todos eles podem querer um pedaço de sua bunda. Eu teria sérios pesadelos sobre isso .

Eu faço uma careta. — Sobre eu ser estuprada?

— É por isso que eles são chamados de pesadelos, Lily. Não seria muito agradável.

— Bem, esta é provavelmente a minha última vez em uma casa de fraternidade por mais uma década, ou pelo menos até que eu esqueça esta manhã.

A janela do motorista se abre. Os cachos negros profundos de Nola

acariciam seu rosto em forma de coração.

— Eu tenho que pegar a senhorita Calloway no aeroporto em uma hora.

— Estaremos prontos em um minuto. – Eu respondo a ela.

A janela desliza para cima, bloqueando-a de vista.

— Qual senhorita Calloway?— Lo pergunta.

— Margarida. A Semana da Moda terminou em Paris. Minha irmã cresceu de uma hora pra outra, ela se encaixa no molde em alta moda. Minha mãe aproveitou a beleza de Daisy em um instante. Dentro de uma semana de seu décimo quarto aniversário, ela assinou com a agência de modelos IMG.

Os dedos de Lo se contorcem ao seu lado.

— Ela tem quinze anos, e provavelmente está cercada por modelos mais antigas que ela, com certeza.

— Tenho certeza que eles mandaram alguém com ela. Eu odeio que eu não saiba dos detalhes. Desde que cheguei à Universidade da Pensilvânia, adquiri um rude passatempo de me esquivar dos telefonemas e visitas da minha família. A separação do agregado familiar Calloway tornou-se muito fácil, uma vez que entrei na faculdade.

Suponho que sempre foi assim para mim. Eu costumava ultrapassar os limites do meu toque de recolher e passava pouco tempo na companhia de minha mãe e meu pai. Lo diz:

— Eu estou feliz que eu não tenho irmãos. Francamente, você tem o suficiente para mim.

Eu nunca considerei o fato de ter três irmãs ser uma grande família, mas uma família de seis Garner, isso sim faz uma grande diferença.

Ele esfrega os olhos, cansado. — Ok, eu preciso de uma bebida e nós precisamos ir.

Eu inalo uma respiração profunda, a ponto de fazer uma pergunta que nós dois estamos evitando até agora.

— Será que estamos fingindo hoje?— Com Nola tão perto, é sempre uma

incerteza. Por um lado, ela nunca traiu nossa confiança.

Nem mesmo na décima série, quando eu usei o banco traseiro de uma limusine para ficar com um jogador de futebol. A tela de privacidade subiu, bloqueando a visão de Nola, mas ele gemeu um pouco alto demais e eu também fiz barulho demais.

É claro que ela ouviu, mas ela nunca me dedurou.

Há sempre o risco de que um dia ela vá nos trair. Dinheiro faz com que as pessoas falem demais, e infelizmente, nossos pais estão nadando nele.

Eu não deveria me importar. Eu tenho vinte anos. Sou livre para ter relações sexuais, livre para ir as festas. Você sabe, todas as coisas que se esperam de adultos em idade universitária. Mas o meu rol de segredos sujos poderia criar um escândalo dentro do círculo da minha família e amigos. A empresa do meu pai não gostaria desta publicidade nem um pouco. Se minha mãe soubesse que o meu problema era sério, ela me mandaria para a reabilitação até que eu estivesse realmente bem. Eu não quero ser corrigida. Eu só quero viver e alimentar meu apetite. Acontece que o meu apetite é um tanto sexual.

Além disso, meu fundo de garantia iria magicamente desaparecer com a visão da minha impropriedade. Eu não estou pronta para ir embora com o dinheiro que paga meu caminho através da faculdade. A família de Lo é igualmente implacável.

— Nós vamos fingir. Ele me diz.

— Vamos lá, amor! Ele bate na minha bunda.

— Entre no carro. Eu mal tropeço em seu uso frequente de amor. No ensino médio, eu disse a ele como eu pensei que era o termo sexista de carinho. E mesmo que caras britânicos alegaram jogo para ele, Lo pegou como seu.

Eu olho pra ele, e ele me devolve em um sorriso largo.

— Será que a situação constrangedora de hoje aleijou você? — Ele pergunta. — Preciso levar você para o dentro do Escalade também?

—Isso é desnecessário.

Seu sorriso torto faz com que seja difícil não sorrir de volta. Lo inclina-se propositadamente perto de mim para me provocar, e ele desliza a mão no bolso de trás da minha calça jeans.

— Se você não descongelar-se a partir deste estado, eu estou indo girar em torno de você. Difícil.

Meu peito entra em colapso. Oh Deus... Eu mordo meu lábio, imaginando como seria o sexo com Loren Hale. A primeira vez foi muito tempo atrás, não me lembro bem. Eu balanço minha cabeça. Não posso pensar nisso. Eu me viro para abrir a porta pra subir no Escalade, mas uma enorme realização me bate.

— Nola dirigiu até a fraternidade... Eu estou morta. Oh meu Deus. Eu estou morta! Eu passo minhas mãos pelo meu cabelo e começo a respirar como uma baleia encalhada. Eu não tenho nenhuma boa desculpa para estar aqui, que não envolva o fato de que eu estava à procura de um cara para dormir. E essa é a resposta que eu estou tentando evitar. Especialmente desde que nossos pais pensam que Lo e eu estamos em um relacionamento sério e que ele deixou de frequentar festas e que agora é um jovem reformulado do qual seu pai possa se orgulhar.

E nós não somos. Nunca fomos. Meus braços tremem.

— Ei!— Lo coloca suas mãos sobre meus ombros. — Relaxe, Lil.

Eu disse a Nola que seu amigo tinha uma festa de aniversário. Você está livre!

Minha cabeça ainda se sente como se flutuasse para longe, mas pelo menos é melhor do que a verdade. Olha Nola, precisamos pegar a Lily na fraternidade, onde ela teve um caso de uma noite com algum perdedor. E então ela olha para Lo, esperando que ele exploda em ciúme. E ele então acrescentaria: Ah sim, eu sou apenas seu namorado quando eu preciso ser. Estamos enganando você!

Lo percebe a minha ansiedade.

— Ela não vai descobrir. Ele aperta meus ombros.

— Você tem certeza?

— Sim. Diz ele, impaciente. Ele entra no carro, e eu sigo atrás. Nola coloca o Escalade em movimento.

— Voltamos para o Drake, senhorita Calloway? Depois de anos pedindo a ela para me chamar de qualquer coisa, mesmo que seja de garotinha (o por alguma razão, eu pensei que iria faze-la parar, mas eu acho que em vez disso eu só a ofendi), eu desisti da tentativa. Eu acho que meu pai lhe paga taxa extra para a formalidade.

— Sim. Eu digo e ela se dirige em direção ao complexo de apartamentos Drake.

Lo se cura com uma garrafa térmica de café e mesmo que ele tome grandes goles, acho que a cafeína não o ajuda. Eu encontro uma lata de Diet Fizz* no console do refrigerador e a abro. O líquido escuro acalma meu estômago inquieto.

Lo passa seu braço sobre meu ombro, e eu me inclino em seu peito duro um pouquinho.

Nola olha no espelho retrovisor. — O Sr. Hale não foi convidado para a festa de aniversário? Ela pergunta, sendo amigável. Ainda assim, a qualquer momento Nola entra em modo interrogatório, que empurra os meus nervos e provoca paranóia.

— Eu não sou tão popular como Lily. Lo responde por mim. Ele sempre foi um mentiroso muito melhor. Eu culpo o fato de que ele está constantemente embriagado. Eu seria uma Lily muito mais confiante, segura de si se eu estivesse tragando bourbon durante todo o dia.

Nola ri, sua barriga rechonchuda bate no volante com sua gargalhada.

— Tenho certeza que você é tão popular quanto a Senhorita Calloway

.

Qualquer um (aparentemente Nola também) diria que Lo tem amigos. Em uma escala de atração, ele seria tão atraente quanto um vocalista de uma banda

de rock o qual você gostaria de foder, ou um modelo de passarela para Burberry e Calvin Klein. Embora, ele nunca esteve em uma banda, mas uma agência de modelos o sondou uma vez, querendo-o para uma campanha da Burberry. Eles retiraram a oferta após vê-lo beber direto da garrafa quase vazia de uísque. A indústria da moda tem padrões altos.

Lo deve ter um monte de amigos. Na maior parte, do tipo fêmea. E, geralmente, eles se encontram. Mas não por muito tempo.

O carro percorre outra rua, e eu conto os minutos em minha cabeça. Lo vira seu corpo em minha direção enquanto seus dedos acariciam meu ombro nu, quase amorosamente. Eu faço um breve contato com seus olhos, meu pescoço queima quando o seu olhar profundo mergulha no meu. Eu engulo em seco e tento não desviar o olhar. Uma vez que todos acham que estamos namorando, eu não deveria ter medo de seus olhos âmbar como uma menina insegura.

— Charlie estará tocando sax hoje à noite no Eight Ball. Ele nos convidou para ir vê-lo. Lo diz.

— Eu não tenho planos.— Mentira. Abriu um novo clube no centro chamado The Blue Room. Literalmente, tudo o que há nele é azul. Até mesmo as bebidas. Eu não quero perder a oportunidade de entrar em um banheiro azul. Espero que os assentos sanitários sejam azuis.

— Será um encontro.

O silêncio engrossa após suas palavras morrerem no ar. Normalmente, eu estaria falando com ele sobre o The Blue Room e minhas intenções nefastas nesta noite, fazendo planos desde que eu sou o seu DD. Mas no carro censurado, é mais difícil de iniciar conversas ratificadas.

— Será que o seu freezer está abastecido? Estou faminta.

— Eu fui ao supermercado. Ele me diz. Eu estreito meus olhos, questionando se ele está mentindo para desempenhar o papel de um bom namorado ou se ele realmente foi ao supermercado. Meu estômago ronca. Pelo menos todos nós sabemos, eu não menti.

Sua mandíbula aperta, chateado que eu não acreditei que ele tenha

realmente ido ao supermercado. Normalmente eu acredito, mas às vezes ele se mostra indiferente.

— Eu comprei uma torta merengue de limão. Sua favorita. Eu vomito internamente.

— Você não precisava ter comprado!

Não, você realmente não deveria. Eu odeio limão e merengue.

Obviamente ele quer que Nola pense que ele é um namorado íntegro, mas a única amiga que Loren Hale nunca deixaria de tratar bem é a sua garrafa de bourbon.

Nós paramos em um semáforo a apenas algumas quadras do complexo de apartamentos. Eu posso sentir a liberdade, e o braço de Lo começa a se parecer mais como um peso do que um disfarce reconfortante sobre meus ombros.

—Este foi um evento casual, senhorita Calloway?— Nola pergunta.

O quê? Ah Merda. Ela encara a camiseta desbotada que peguei do chão do cara de fraternidade. Manchada e com Deus sabe o quê.

— Umm, eu-eu. Eu gaguejo. Lo enrijece ao meu lado. Ele agarra sua garrafa térmica e engole o resto de sua bebida.

— Eu-eu derramei um pouco de suco de laranja no meu top. Foi realmente embaraçoso. Foi mesmo uma mentira?

Meu rosto enrubesce incontrolavelmente, e pela primeira vez, eu consigo mentir corretamente. Nola me olha com simpatia. Ela me conhece desde que eu era muito tímida no jardim de infância. Tímida aos cinco anos. Isso resume muito bem os meus primeiros anos de existência.

— Tenho certeza de que não foi tão ruim assim. Ela me consola.

O semáforo muda para verde, e ela volta a sua atenção para a estrada.

Ilesos, chegamos ao prédio Drake. Uma estrutura de tijolos marrons projeta-se imponente no coração da cidade. Um complexo histórico de 33 andares e com um triângulo oscilando no ápice, com influência Barroco espanhol dos antigos hotéis na rua Philly.

Eu o amo o suficiente para chamá-lo de casa.

Nola se despede de nós e eu a agradeço quando saio do carro. Meus pés tocam o chão e Lo aperta sua mão na minha. Seus dedos trilham a linha do meu pescoço, e seus olhos percorrem o mesmo caminho. Ele coloca as mãos nas aberturas da minha camisa, tocando a nudez das minhas costelas, escondendo meus seios dos pedestres do Philly.

Ele me observa, cada pequeno movimento e meu coração acelera.

— Ela está nos observando? Eu sussurro, me perguntando por que de repente parece que ele quer me devorar. É parte de nossa mentira, eu me lembro. Isso não é real.

Mas parece real. Suas mãos em mim. Seu calor na minha pele macia.

Ele lambe o lábio inferior e se inclina mais perto para sussurrar:

— Neste momento, eu sou seu. Suas mãos percorrem dentro da minha camisa e ele as envolve em meus ombros nus.

Eu prendo a respiração e fico imóvel. Eu sou uma estátua.

— E, como seu namorado—, ele murmura, — eu realmente odeio compartilhar. Então, ele divertidamente mordisca meu pescoço, e eu bato em seu braço, repreendendo a sua provocação.

— Lo! Eu grito, meu corpo se contorcendo debaixo de seus dentes que apertam levemente minha pele. De repente, seus lábios beijam e chupam a base do meu pescoço, da direita para cima. Minhas pernas tremem. Ele sorri, entre cada beijo, sabendo o efeito que ele tem em mim. Seus lábios descem para o meu queixo... o canto da minha boca... ele faz uma pausa. E eu me seguro para não levá-lo em meus braços e terminar o trabalho.

Em seguida, ele desliza sua língua dentro da minha boca, e eu esqueço sobre a falsidade de suas ações e acredito que neste momento, ele é verdadeiramente meu. Eu o beijo de volta, um gemido fica preso na minha garganta. O som o encoraja, e ele chega mais perto, me beija mais duro, mais áspero do que antes. Sim!

E então eu abro meus olhos e vejo que o Escalade já se foi.. Nola se foi. Eu não quero que isso acabe, mas eu sei que devo. Então eu quebro o beijo primeiro, tocando meus lábios que incham.

Seu peito sobe e desce pesadamente, e ele olha para mim por um longo momento, não entendendo porque parei.

— Ela se foi. Digo a ele. Eu odeio como meu corpo dói ansiosamente. Eu poderia facilmente jogar uma perna ao redor de sua cintura e empurra-lo contra o edifício. Meu coração palpita de emoção por ele. Eu não sou imune a esses olhos quentes de cor âmbar, os que um alcoólatra como Lo carrega. Cativante e poderoso.

Os que gritam constantemente, vou te foder! Isso vai me torturar até a eternidade.

Sua mandíbula endurece com minhas palavras. Lentamente ele tira suas mãos de mim e esfrega a boca.

A tensão se estende entre nós, e meu âmago diz para saltar, e me lançar sobre ele como um tigre.

Mas eu não posso. Porque ele é Loren Hale. Porque ele tem um sistema que não pode ser rompido.

Depois de um longo momento, algo estala em sua cabeça, e ele diz horrorizado:

— Diga que você não beijou o cara!

Oh meu Deus. — Eu ... uh ...

—Droga, Lily! Ele começa a limpar a língua com os dedos e drasticamente cospe no chão.

— Eu esqueci. Eu me encolho. — Gostaria de tê-lo avisado...

— Tenho certeza!

— Eu não sabia que você ia me beijar! Tento me defender. — Ou então eu teria escovado meus dentes no banheiro da fraternidade. Ou teria usado algum antisséptico bucal.

— Nós estamos juntos! Ele responde. —Claro que eu vou beijar você!

Com isso, ele pega suas chaves e tem como objetivo suas atenções para a entrada do Drake.

— Eu te vejo lá dentro. Ele gira e vai embora. — Você sabe, em nosso apartamento. Que compartilhamos, como um casal! Ele sorri, aquele sorriso amargo. —Não demore demais, amor! Ele pisca. E parte de mim fica totalmente e completamente uma desordem. A outra parte fica simplesmente confusa.

Entender as intenções de Lo dói minha cabeça. Eu olho para trás, tentando desvendar seus verdadeiros sentimentos. Ele fingiu? Ou isso foi real?

Eu sacudi as minhas dúvidas. Nós estamos em um período de três longos anos em um relacionamento falso. Nós vivemos juntos. Ele me ouviu tendo um orgasmo no meu quarto. Eu o vi dormir em seu próprio vômito. E mesmo que nossos pais acreditem que nós estamos a um pequeno passo de um casamento, nós nunca vamos ter relações sexuais novamente. Aconteceu uma vez, e isso tem que ser suficiente.



Capítulo Dois

Eu inspecionei o conteúdo da geladeira. Champagne e marcas caras de rum ocupam maior parte do espaço. Eu abrir uma gaveta e descobri um saco de patéticos palitos de cenoura. Como sou uma garota que freqüentemente queima milhares de calorias na pélvis, eu preciso da minha proteína. Já ouvi comentários o suficientemente ruins sobre minha figura magra a ponto de desejar carne em minhas costelas. As garotas podem ser cruéis.

—Eu não posso acreditar que você mentiu sobre ter comida! Eu digo, irritada. Eu bato a porta da geladeira e sento sob o balcão. Pelo histórico que o Drake afirma ter, o interior mais parece uma fuga moderna. Os eletrodomésticos são na cor branca e prata. Bancadas brancas, tetos e paredes brancas. Se não fosse pelos móveis terem os estofados nas cores vermelho e cinza e uma decoração de quadros de arte inspiradas em Warhol, estaríamos vivendo em um hospital.

—Se eu soubesse onde estava indo, teria feito um pit stop em Douchebag Row, e teria comprado pra você um bagel no Lucky.

Eu o olho e digo: —Você comeu esta manhã?

Ele me dá um olhar "duh": — Comi um burrito no café da manhã. Ele aperta meu queixo, ainda mais alto que eu, embora eu esteja sentada na

banqueta.

—Não fique tão triste, querida. Eu poderia ter ido comer em um restaurante, enquanto você encontrava o seu caminho de volta para casa. Quer que eu volte no tempo?

—Sim, e enquanto eu estivesse escapando da casa da fraternidade, você poderia ter ido comprar os mantimentos, como você disse a Nola!

Ele coloca as mãos nos meus ombros, e minha respiração engata.

—Eu mudei de ideia. Eu não gosto da realidade.

Eu espero que ele se incline, mas em vez disso, ele da a volta e começa a procurar garrafas de bebidas alcoólicas dentro dos armários brancos.

—Nola precisa pensar que eu a alimento, Lil. Você está parecendo um pouco esquelética. Quando você respira, eu acho que eu posso ver suas costelas!

Os meninos podem ser cruéis. Ele derrama o uísque em um copo quadrado ao meu lado.

Eu franzo os lábios e abro uma porta do armário acima de sua cabeça. Quando eu a bato com força ele recua, derramando o uísque todo em suas mãos.

—Jesus! Ele encontra uma toalha para enxugar a poça de álcool —Será que o Sr. Kappa Phi Delta não fez o seu trabalho?

—Ele fez muito bem!

—Muito bem. Diz Lo com as sobrancelhas erguidas —O que todo cara gosta de ouvir.

Manchas vermelhos aparecem nos meus braços expostos.

—Seus cotovelos estão corando! Ele me diz com um sorriso crescendo —Você é como Violeta de Willy Wonka, quando comeu uma cereja mágica.

Eu gemo. —Não fale sobre comida!

Ele se inclina e eu endureço. Oh Deus... Em vez de tomar-me em seus braços, algo que eu imagino em um lapso momentâneo de fraqueza, ele escova a nudez da minha perna enquanto agarro sua cela da doca de carregamento. Eu imobilizo novamente. Ele mal me tocou, mas meu interior ondulou na ânsia e

necessidade. Ainda que ele fosse um garoto desconhecido, ruivo manchado e com acne, eu ainda me sentiria desta maneira. Será? Talvez não.

Eu começo a fantasiar com Lo tocando em meus joelhos, se aproximando, e inclinado sobre mim, me prendendo sob seu peso. Minhas costas batendo nos armários...

—Eu peço uma pizza se você for tomar um banho. Você cheira a sexo, e eu cheguei no meu limite de inalar cheiro masculino de um estranho.

Meu estômago entra em colapso, e minhas fantasias "poofs"! Dura realidade. Eu odeio imaginar Lo e eu juntos, porque quando eu acordar, ele ficará a polegadas de mim.

Eu o analiso enquanto ele bebe seu uísque. Depois de um momento de silêncio persistente, ele une as sobrancelhas e me olha como o que no inferno?

—Eu vou ter que repetir?

—O quê?

Ele revira os olhos e toma um grande gole, ele nem mesmo faz careta enquanto o álcool desliza pela sua garganta.

—Você, ducha. Eu, pizza. Tarzan comer Jane. Ele morde o meu ombro.

Eu respondo de volta: — Você quer dizer, Tarzan gosta de Jane? Eu desço da banqueta e vou lavar o ocorrido na casa da fraternidade de minha pele.

Lo zombeteiramente balança a cabeça. —Não este Tarzan.

—O álcool faz com que você diga, — eu digo casualmente.

Ele ergue seu copo confirmando, enquanto eu passo pelo corredor. Nosso apartamento de dois quartos espaçosos disfarçam o nosso disfarce do nosso caso. Fingir estar juntos por três anos não tem sido simples, especialmente desde que começamos na época da escola. Quando decidimos pela mesma faculdade, nossos pais realmente proporiam a nossa situação de vida. Eles não são muito conservadores, mas mesmo assim, eu duvido que eles entenderiam ou concordariam com meu estilo de vida, com roupas de cama mais caras do que é apropriado para uma jovem.

Minha mãe citou a experiência da minha irmã mais velha na faculdade

como razão suficiente para compartilhar um espaço com meu “namorado”. A colega de quarto de Poppy trouxe amigos a todo o momento, mesmo durante a semana de provas finais, e ela costumava deixar suas roupas sujas (incluindo calcinhas) na cadeira da minha irmã. Seu comportamento imprudente foi o suficiente para minha mãe decidir pela minha habitação fora do campus e empurrar Lo direito para o meu quarto.

Tem funcionado a maior parte do tempo. Lembro-me de um peso crescente no meu peito a cada vez em que as portas eram fechadas e minha família ia embora. Deixando-me sozinha.

Eu entro no banheiro e tiro minha roupa, entro no chuveiro e respiro fundo. A água quente lava o cheiro e a sujeira, mas meus pecados continuam comigo. As memórias não desaparecem, e eu tento desesperadamente não imaginar o que aconteceu nesta manhã. Acordando. Eu amo o sexo. É a parte do depois que eu não entendo bem ainda.

Eu esguicho shampoo na minha mão e ensaboo minhas curtas mechas castanhas. Às vezes eu imagino o futuro.

Loren Hale trabalhando para Fortune 500, a empresa de seu pai, vestido com um terno apropriado apertado que sufoca no colarinho. Ele é triste. Eu nunca o vejo sorrir em meus futuros imaginados. E eu não sei como corrigi-lo.

O que é o amor para Loren Hale? Uísque, bourbon, rum. O que ele pode eventualmente ter feito com a sua faculdade? …Eu não vejo nada.

Talvez seja uma coisa boa, eu não sou adivinha.

Eu vou ficar com o que eu sei. O passado, onde Jonathan Hale trouxe Lo para os jogos informais de golfe com o meu pai. Eu estava junto. Eles discutiram, o que eles sempre fazem. O estoque, colocação e especulação comerciais de produtos das suas respectivas marcas preferidas. Lo e eu jogamos Star Wars com os outros frequentadores no nosso clube de golfe, e eles nos repreenderam quando eu machuquei as costelas de Lo, com um golpe do meu sabre de luz num movimento muito difícil.

Lo e eu poderíamos ter sido amigos ou inimigos. Nós sempre nos encontramos. Nas chatas esperas em salas de conferência dos escritórios. Nos bailes de gala das festas de caridade. Na escola preparatória. Agora na faculdade. O que poderia ter se transformado em uma relação orientada com provocação constante transformado em algo mais clandestino. Nós compartilhamos todos os segredos, formando um clube com uma quota de duas pessoas. Juntos, descobrimos super-heróis em uma pequena loja de quadrinhos em Philly. Algo sobre as aventuras galácticas de Havok e que viajam no tempo em apuros de Nathaniel cinzentos conectados com a gente. Às vezes, nem mesmo Cyclops ou Emma Frost poderia corrigir os nossos problemas, mas eles ainda estão lá, lembrando-nos de tempos mais inocentes. Aqueles em que Lo nem sempre ficou bêbado e eu não estava dormindo ao lado.

Eles nos permitem revisitar esses momentos quentes não adulterados, dos quais a gente sempre gosta de lembrar.

Eu termino de esfregar a devassidão de ontem à noite do meu corpo e deslizo em meus braços com um manto de pano felpudo. Eu amarro ao redor da minha cintura enquanto eu rumo para a cozinha.

—A pizza chegou? Eu pergunto, infelizmente, observando os contadores nus. Tecnicamente eles não são nada, mas eu me tornei tão insensível para as garrafas de licor de Lo que eles poderiam muito bem ser invisível ou outro aparelho de cozinha.

—Está a caminho. Diz ele. —Pare de me olhar desse jeito. Você me olha como se estivesse prestes a chorar! Ele se inclina contra a geladeira, e eu olho inconscientemente o zíper de sua calça jeans. Eu imagino seu olhar sobre a correia do meu robe. Eu não quero olhar para cima para não arruinar a imagem. —Quando foi a última vez que você comeu?

—Eu não tenho certeza.— Eu só tenho uma coisa em mente, e não envolve alimentos.

—Isso é inacreditável, Lil!

—Eu comi! Eu minto. Eu vejo-o puxando meu manto na minha fantasia. Talvez eu devesse deixar ele. NÃO!

Ele sorri dando um gole do seu copo e desce as mãos lambendo os lábios.

—Você quer que eu a desabotoe amor, ou devo esperar que você fique de joelhos primeiro?

Eu escancaro a boca, mortificada. Ele viu através de mim. Eu sou tão óbvia!

Com a mão livre, ele abre o botão da calça lentamente, mostrando a barra da sua cueca preta apertada e sua barriga de pugilista. Ele observa minha respiração entrar e sair, irregulares e esporádicas. Em seguida, ele leva as mãos longe de sua calça jeans e se inclina sob os cotovelos no balcão.

—Será que você escovou os dentes?

—Pare! Eu digo muito alto.—Você está me matando! Sério, não só meus pulmões, mas meu corpo inteiro esta hiperventilando.

Ele fica sério e trava a mandíbula, termina sua bebida e em seguida, fecha o botão da calça.

Engulo em seco e salto do banco. Com os dedos trêmulos, passo as mãos nos meus cabelos ainda molhados. Finjo que aquela conversa nunca aconteceu e volto ao assunto anterior:

—É um pouco difícil de engordar, já que nunca temos comida aqui! Nós comemos fora frequentemente.

—Eu não acho que você tem um problema em encher a cara— diz ele, —não apenas com alimentos.—

Eu mordo minha gengiva. Suas palavras machucam mais do que se fossem ditas por qualquer outra pessoa. Mas Lo tem suas próprias questões a resolver. Todos podem vê-lo, e quando eu olho entre ele e a bebida, seu sorriso torto endurece. Ele põe a borda do copo nos lábios e vira de costas para mim.

Eu não falo com ele sobre sentimentos. Sobre a forma como ele me faz

sentir a cada noite, quando ele traz pra casa uma pessoa diferente. E ele não me pergunta como eu me sinto ao vê-lo se afogar no esquecimento. Ele sufoca seu julgamento e eu retenho o meu, mas nosso silêncio desenha a tensão entre nós, inescapávelmente. Isso me deixa tão tensa que às vezes eu só quero gritar. Mas guardo pra mim. Eu seguro dentro de mim. Cada comentário sobre nossos vícios enfraquece o nosso sistema. Aquele em que ambos vivemos livre para fazermos o que quisermos. Eu tendo na minha cama qualquer cara, e ele bebendo o tempo todo.

A campainha toca, deve ser a pizza. Eu atendo ao interfone no hall de entrada, pressionando o botão: —Olá?

—Senhorita Calloway, você tem uma convidada no piso térreo. Devo mandá-la subir? Diz a moça que trabalha na portaria.

—Quem?

—Sua irmã, Rose.—

Eu gemo internamente. Não é a pizza. Mais um tempo para fingir com Lo de novo, mesmo que ele seja apaixonado por manter a farsa quando ninguém está por perto, só para me insultar.

—Pode mandar subir!

Lo vai para o modo de fingimento e entra na cozinha, fechando as garrafas de bebidas alcoólicas e guardando-as nos armários trancados, jogando a sua em um copo azul matizado. Eu pego o controle remoto da TV de tela plana, e ligo em um filme de ação.

Lo se joga no sofá cinza e joga os pés sob a mesa de café de vidro, agindo como se estivéssemos imersos no filme durante a última meia hora. Ele dá um tapinha em seu colo.

—Venha aqui.— Seus olhos cor de âmbar cheios de malícia.

—Eu não estou vestida. Eu respondo. E entre as minhas pernas já sinto o pulsar fortemente, esperando o toque dele. O pensamento eletrifica os meus nervos.

—Você está usando um roupão. Lo diz: — Eu vi você nua diversas vezes.

—Quando éramos crianças! Eu respondo.

—E eu tenho certeza que seus seios não cresceram desde então.—

Minha boca cai.

—Oh, você é ... Eu encontro um almofada na cadeira mais próxima e o acerto. Recebo dois bons acessos antes dele passar seus braços em volta da minha cintura e me puxar para o seu colo.

—Lo! Eu chamo sua atenção. Ele está me provocando o dia todo, tornando mais difícil do que o normal resistir a ele.

Ele me olha profundamente, e sua mão se move passando por meu joelho, abrindo o robe e parando no interior da minha coxa. Ele para por aí e não faz nenhum movimento. Porra. Eu estremeço debaixo dele, precisando de suas ações para ir mais longe. Sem pensar, eu coloco minha mão na sua e desloco os dedos dele para o local latejante.

Eu os empurro para dentro de mim. Ele enrijece.

Eu acordo com um choque. O que eu estou fazendo? Eu não consigo olhar para ele, eu solto sua mão e saio do colo dele. Ele hesita.

—Lil?

—Não fale sobre isso. Eu digo mortificada.

Rose bate na porta. Eu caminho para abrir, andando mais tensa do que antes.

Ouço os passos dele atrás de mim e em seguida ouço o rangido da torneira enquanto ele gira a manivela. Eu olho para trás e vejo lavar os dedos com sabão.

Eu sou uma idiota. Eu giro a chave na fechadura e inalo, tentando limpar minha mente da má combinação: sexo e Loren Hale. Tê-lo como meu companheiro de quarto é como crack pendurado na frente de um drogado. Seria mais fácil se eu me deixasse levar, mas eu prefiro não voltar a nossa relação de

amigos com benefícios. Ele significa mais para mim do que os outros caras que eu levo pra cama.

A porta se abre e Rose entra. Dois anos mais velha, duas polegadas mais alta e duas vezes mais bonita. Ela entra para dentro do apartamento, sua bolsa Chanel balançando em seu braço como uma arma. Rose assusta as crianças, animais e homens crescidos, com seus olhos gelados sem brilho. E se alguém pode desmascarar a nossa falsa relação, esse alguém é a minha irmã mais feroz.

Agora, eu pálida, nem mesmo encontrando o olhar de Lo, e muito menos fingindo estar em um relacionamento com ele. Eu não pergunto por que ela veio sem ser convidada e sem avisar. Ela é assim. Ela se sente no direito de ser assim com todo mundo, especialmente comigo.

—Por que você não respondeu minhas ligações? Sua voz é como gelo. Ela levanta seus grandes óculos de sol e os coloca no topo de sua cabeça.

—Umm ... No foyer, eu cavei através de uma cesta que fica em uma mesa redonda. Ela geralmente abriga o meu telefone fugitivo que encontrou todas as oportunidades para pular do barco da minha pessoa, e isso não ajuda que eu não levei uma bolsa, um problema que Rose gosta de reacender. Mas eu não tenho nenhum uso para um item que eu vou perder no apartamento ou dormitório de um menino. Então, ele pode encontrar uma maneira de devolvê-lo, e eu vou ter que interagir com ele uma segunda vez.

Rose se irrita.

—Você perdeu? Mais uma vez? Eu paro de procurar por que só encontro algumas notas de dinheiro, presilhas de cabelo e as chaves do carro.

—Eu encontro depois, desculpe.

Rose olha para Lo, que está limpando suas mãos num pano de prato e os joga de lado.

—E você? Perdeu o seu telefone também?

—Não. Eu só não gosto de falar com você.

Eu me encolho. Rose se irrita e o calor sobe as suas bochechas. Seus saltos batem contra o piso de madeira, aproximando-se da cozinha.

Os nós dos dedos de Lo ficam brancos enquanto ele segura seu copo azul

que esconde sua bebida.

—Eu sou uma convidada no seu apartamento, trate-me com algum respeito, Loren.

—O respeito é conquistado. Da próxima vez talvez, você deva ligar antes de vir, ou talvez você deve começar com oi Lo, oi Lily, como foi o seu dia, e não exigindo coisas como uma cadela.

Rose olha para mim. —Você vai deixá-lo falar assim comigo?

Eu abro a boca, mas eu não sei o que dizer. Rose e Lo brigam constantemente ao ponto da exaustão, eu nunca sei quem está certo, se a minha irmã, que pode ser tão cruel às vezes vomitando ódio até doer mesmo para mim, ou Lo, meu melhor amigo e meu suposto namorado.

—Isso é muito maduro. Diz Lo com desgosto. —Fazer Lily escolher os lados como se ela fosse um cão que tem de escolher um pai favorito.

Rose alarga o nariz em protesto, mas seus olhos de gato verde-amarelo me olham, na tentativa de amolecer.

—Eu sinto muito! Ela diz. —Eu me preocupo com você. É tudo o que fazemos!

Os Calloways não entendem a palavra paz, ou como alguém poderia querer privacidade em sua casa. Em vez de serem os ricos, pais negligentes, com eles é tudo ao contrario. Tivemos uma babá quando éramos crianças, que presenciou cada minuto de nossas vidas. Demasiadamente envolvidos às vezes, mas também incrivelmente devotados e carinhosos. Eu amo minha família e seu interesse se eu não estivesse tão embaraça sobre minhas atividades diárias (e noturna).

Algumas coisas precisam ser mantidas em segredo.

—Bem você está vendo, eu estou bem. Eu digo, recusando-me a olhar para Lo. Dois minutos atrás, eu estava quase pronta para fazer qualquer coisa e tudo com ele.

Seus olhos estreitam como fendas e ela me dá um longo olhar. Eu aperto meu roupão, imaginando se ela pode ler como meu corpo. Lo com certeza pode.

Depois de um breve momento, ela se acalma.

—Eu não vim aqui para brigar. Certo... —Como você sabe, amanhã é domingo e Daisy vai estar aqui para o almoço. Você já perdeu os últimos por causa das suas provas, mas isso significaria muito para nossa irmã se você puder perder umas horas para recebê-la em casa.

Meu estômago vazio aperta com a culpa.

—Sim, claro, mas eu acho que Lo pode ter planos já, então ele não poderá ir . Bom, pelo menos eu posso tirá-lo desta obrigação.

Rose dirige toda a sua irritação para Lo e diz:

—O que é mais importante do que a companhia da sua namorada para um evento de família?

—Eu tenho um jogo de tênis agendado com um amigo. Ele se sai com facilidade. —Eu posso cancelar se isso significar tanto para Greg e Samantha. Lo sabe que Rose está excitada sobre o almoço, então meus pais certamente irão questionar o fato de eu aparecer sem ele, eles vão tirar conclusões irracionais como se ele estivesse me traindo, ou que estivesse voltado a sua vida difícil de festas como era antes. Ele ainda faz isso, talvez até mais, mas eles não sabem disso.

—Isso significa o mundo para eles. Diz Rose, como se ela tivesse o poder de falar em nome de outras pessoas. —Eu vou ver vocês dois amanhã. Ela para ao lado da porta e olha para a calça de Lo ainda aberta, mostrando sua cueca preta. —E Loren, tente se vestir adequadamente.

Ela sai com seus saltos batendo enquanto anda.

Deixo escapar um longo suspiro para reorganizar minha mente. Com vontade de terminar o que comecei com Lo, mas eu sei que é melhor eu sair.

—Líl!

—Eu vou estar no meu quarto. Não entre! Eu ordeno. —Eu baixei um novo vídeo ontem chamado Master of You. Eu planejei assistir mais tarde, mas

eu vou assistir agora.

—E quando a pizza chegar? Pergunta ele bloqueando o meu caminho no corredor.

—Eu não vou demorar muito. Eu tento deslizar por ele, mas ele levanta a mão bloqueando a passagem.

Seus bíceps flexionam com o movimento, e eu dou um enorme passo para trás. Não, não, não.

—Você está animada! Diz ele com os olhos ainda nos meus.

—E se você não tivesse me provocado, eu não estaria nesta posição. Eu digo agitada. —Se eu não conseguir saciar isso, terei que passar a tarde passeando pela Philly e procurar um cara querendo uma rapidinha para a tarde. Muito obrigado!

Lo faz uma careta e deixa cair as mãos ao seu lado. —Bem, agora eu estou preso por causa do almoço de sua família, então eu acho que estamos quites. Ele vira seu corpo e me deixa passar.

—Não entre! Eu o ordeno de novo olhando em seus olhos. Eu tenho mais medo do que vou fazer com ele se ele entrar.

—Eu nunca entro. Ele me lembra. Com isso, ele vai para a cozinha bebendo o resto de seu uísque.

* * *

Depois do meu segundo banho e de uma automedicação na forma de estrelas em filme pornô e um vibrador caro, eu resolvo me trocar, um jeans e uma camiseta marrom V-neck.

Lo está sentado na sala de estar, comendo pizza e mudando os canais na TV. Com um novo copo de uísque em sua perna.

—Sinto muito. Eu peço desculpas rapidamente.

Seus olhos piscam brevemente para mim antes de voltar para a televisão.

—Pelo que? Ele me olha como ele sempre faz, avaliando meu estado atual. Ele engole sua mordida de pizza. —Honestamente, eu não me importo de ir. Ele limpa os dedos em um guardanapo e pega o copo.—Melhor o seu pai do que o meu.

Eu concordo. Ele está certo.

—Então... estamos bem?

—Você está? Suas sobrancelhas sobem.

—Mmm-hmm... Murmuro e evito contato com seus olhos, agarrando uma fatia de pizza e correndo de volta para a minha cadeira mantendo uma distância segura.

—Vou levar isso como um fraco sim, considerando que você pode não ter tanta certeza, do jeito como você olha para mim agora.

—Não é você, sou eu —, eu digo com a boca cheia, lambendo molho do meu dedo.

—Mais uma vez, o que todo cara gosta de ouvir.

Eu pude sentir seus olhos passando pelo meu corpo. —Eu não estou dando em cima de você agora.

—Nem sequer comece! Advirto, levantando um dedo. —Eu juro, Lo.

—Ok, ok. Ele suspira. —Você vai para o Blue Room hoje à noite, não é?

Eu dou um passo para trás em estado de choque. —Como você sabe?

Ele olha para mim sério.

—Você raramente vai ao mesmo clube mais do que três ou quatro vezes. Por um tempo, eu pensei que íamos ter que rodar ao longo da cidade para que você encontrasse um lugar para... Ele faz uma pausa, tentando encontrar as palavras. —... Porra! Ele pisca aquele sorriso amargo.

—Muito engraçado. Eu mordo um pepperoni fora do queijo. Você precisa de um motorista sóbrio hoje à noite? Eu posso deixá-lo em algum lugar antes de sair. Eu não tenho nenhum problema com bebidas alcoólicas.

—Não, eu vou para o clube com você.

Eu fico surpresa, ele se aventura a sair comigo apenas nas noites seletivas, e ele varia muito para dar sentido a essas noites.

—Você quer ir para o The Blue Room? Você percebe que este é um clube de dança e não um bar enfumaçado com buracos nas paredes?

Ele me lança outro olhar. —Eu estou bem ciente. Ele brinca com os cubos de gelo em seu copo olhando para o líquido. —De qualquer forma, assim a gente não fica fora por tempo demais a ponto de perder o almoço de amanhã.

Ele tem um ponto.

—Você não vai se importar se eu...— Eu nem mesmo posso terminar o pensamento.

—Você vai me deixar bater no cara? Diz ele, jogando seus pés na mesa de café ao lado da pizza.

Eu abro minha boca, mas perco meus pensamentos novamente.

—Não, Lil. Diz ele. —Eu não vou ficar no caminho do que você quer.

Às vezes me pergunto sobre seus desejos. Talvez ele não quer estar comigo. Ou talvez ele ainda está fingindo.



Capítulo Três

Lembro-me do primeiro momento em que eu percebi que era diferente das outras crianças. E não tinha nada a ver com meninos ou fantasias sexuais e tudo a ver com a minha família. Na sexta serie, sentei-me no fundo da sala na aula de Inglês, puxando para baixo a minha saia xadrez, que era exigida para todas as meninas da escola. Com o professor em sua mesa, alguns meninos saíram de seus lugares e vieram para o meu, e antes que eu pudesse entender a razão, um deles sacou latas de refrigerante. Fizz Diet, Fizz Lite, Fizz Vermelho. Um monte de Fizz.

Eles tomaram tudo e depois deixaram as latas espalhadas na minha mesa. O último menino abriu a lata de Cherry Fizz e sorriu maliciosamente.

—Aqui! Disse ele, entregando-me o refrigerante. —Eu trouxe sua cereja. —

Os meninos riram e eu virei da cor do Fizz Red que manchou um anel no meu notebook.

Em retrospecto, eu deveria ter lhes agradecido pela compra de todos aqueles refrigerantes. Cada um deles comprado da máquina iriam aumentar ainda mais meus bolsos de uma forma ou de outra. Eles eram provavelmente, os filhos e filhas de magnatas do petróleo, não tão emocionante quanto se pode

dizer. Meu pai criou a empresa que superou a Pepsi no ano passado. Mas eu era muito tímida e envergonhada para fazer alguma coisa, a não ser me afundar ainda mais na minha mesa e desejar ser invisível.

Lo pode se relacionar em alguns aspectos. Ele não era confrontado com a fortuna da família em outdoors e em restaurantes, mas toda mãe sabe sobre os produtos da Hale Co.Talco de bebê, óleos, fraldas, basicamente qualquer coisa para um recém-nascido é criado pela empresa. Então a fama dos produtos poderia aparecer em todo o mundo, mas pelo menos o nome Calloway não está rabiscado no rótulo deles.

Apenas no anel da minha família de socialites e investidores de negócios que temos que nos preocupar com provocações e reputações. Em qualquer outro lugar, nós somos apenas duas crianças mimadas e ricas.

Lo era assediado durante todo o período da escola, sendo chamado de "Baby", o que não era nem um pouco cativante.

Eles até mesmo picharam seu armário do ginásio escrevendo Hale Co. Jogavam talco de bebê em suas roupas, Lo era um alvo fácil. Não porque ele era magro, baixo ou tímido como eu. Ele tinha músculos para a sua idade e até mesmo ultrapassou um jogador de futebol. Lo conseguiu passar despercebido quando ele ganhou seu novo Mustang.

Lo só tinha um amigo ao longo de sua adolescência. E sem uma comitiva do sexo masculino, ele se tornou inimigo número um para os outros caras. Um pária a ser perseguido.

Lamento a maioria de minhas ações, no ensino médio fazemos um monte de escolhas erradas e tomamos más decisões. Dormir com alguém que atormentou Lo foi uma delas. Eu não me importava quando isso aconteceu, mas depois, eu não poderia estar mais envergonhada. Eu ainda sinto, e eu uso isso como uma cicatriz grossa.

A faculdade mudou tudo para melhor. Longe da escola preparatória, eu já não preciso me preocupar com fofocas sobre meus pais e podia ir pra casa

sossegada. A liberdade me oferecia mais oportunidades.

Partidos, clubes, bares que praticamente me serviu como uma segunda casa.

Hoje à noite no The Blue Room, o teto brilha com centenas de lâmpadas de vidro. Cortinas de tecido preto velado como um céu noturno. Fiel ao seu nome, tudo no clube é decorado em um tom de azul. A pista de dança pisca e os móveis no andar de cima tem chaises e cadeiras de veludo azul.

Meus shorts pretos ficam colados nas minhas coxas suadas, e minha camiseta prata mergulha baixo na parte de trás, sugando a minha pele úmida, resultado de dois corpos em um banheiro. Os assentos azuis no banheiro? Fui verificar. Eu pensei que iria estar flutuando depois de ter relações sexuais, mas ele mal saciou meus desejos. Além disso, o calor me faz sentir pesada.

Lo está no bar, sua mandíbula está contraída, porque o barman está indo de um lado para o outro, tentando dar conta dos clientes, enquanto ele espera ser servido.

Ele me parece mais irritado do que o habitual, e noto uma loira com um vestido vermelho sentada em um banquinho à sua esquerda, suas longas pernas nuas encostando-se contra sua coxa. Ele age alheio a seus avanços, mantendo seu olhar endurecido sobre as garrafas de licor que se erguem por trás do bartender.

—Vá, Lo! Eu o incentivo sob a minha respiração.

Então um cara caminha de lado e agarra minha cintura, dançando atrás de mim. Eu o ignoro, mas ele tenta mover meus quadris enquanto esfrega sua pélvis contra mim.

A loira ao lado de Lo morde o lábio e passa a mão pelo cabelo flertando. Ela se inclina e diz alguma coisa, e eu desejando estar perto o suficiente para ouvir.

As sobrancelhas de Lo se juntam e eu já vejo onde a conversa está indo. Ele se vira e responde, o rosto dela se contorcer em desprezo. Com veneno em

seus olhos, ela retruca algo e sai com seu martini de mirtilo em suas mãos.

Eu amaldiçoo e me solto do meu parceiro de dança. Rapidamente eu corro para o bar e sento no lugar da loira. —O que foi isso? Pergunto.

—Vá embora. Estou ocupado e ainda tem muitos corpos aqui que você pode foder. Ele dá um grande gole em sua bebida finalizando a conversa.

Eu inalo fortemente, tentando ignorar o seu súbito mau humor. Em alguns momentos, ele pode ser sexy, em outros ele pode te esmagar com um olhar. Eu estreito meus olhos para a garrafa em sua mão que diz Berry Beer.

—Que diabos você está bebendo? Faz muito tempo desde que ele tinha ingerido qualquer coisa mais fraca do que o vinho do Porto.

—Toda bebida daqui é uma merda azul. Reclama ele. —Eu não estou bebendo uísque azul. Ou vodka blueberry.

Pelo menos eu encontrei a fonte de sua agitação. O barman se aproxima e eu balanço minha cabeça para ele, porque eu ainda pretendo ser o motorista sóbrio. Ele segue para atender outras garotas ao meu lado.

Eu inclino meus cotovelo nos balcão de frente para Lo.

—Eu tenho certeza que não está tão ruim.

—Eu lhe ofereceria um gole, mas eu não sei onde sua boca esteve.

Eu o fuzilo com os olhos. —Eu não quero a sua bebida de qualquer maneira.

—Bom.

Ele enxuga a garrafa e pede outra.

Eu dou uma olhada rápida para trás na pista de dança de um azul elétrico e meus olhos se encontram com...

Ah não. Eu giro de volta e planto meu olhar sobre as prateleiras de bebidas alcoólicas e em seguida, enterro minha cabeça em minhas mãos. Talvez ele não tenha me visto. Talvez nós não fizemos contato visual. Talvez seja tudo fruto da minha cabeça!

—Oi, eu posso comprar-lhe uma bebida?Ele toca meu ombro. Ele está tocando meu ombro. Vislumbro minha mão para roubar um olhar sobre Lo. Ele parece alheio a situação, metade de sua perna desliza para fora do banco, como se estivesse a ponto de ir me dar o espaço que ele acha que eu preciso.

—Eu não sei o seu nome. Diz o cara. Uma menina ruiva ao meu lado está saindo, e eu quero gritar para ela voltar. Mantenha sua bunda naquele banco! Quando ela desaparece, o cara foge para o banco, sua linguagem corporal aberta para mim.

Minha sorte foi oficialmente jogada no vaso sanitário.

Eu ergo minha cabeça, evitando as sobrancelhas loiras espessas e os pêlos em torno de seu queixo. Sim, ele é o cara que eu levei para o banheiro. Ele foi o único que trancou a porta, puxou a minha calcinha, grunhiu e me ouviu gemer. Pelo menos ele parece ter vinte e poucos anos, mas eu não consigo discernir a sua idade exata. Eu não pergunto. Na verdade, eu não pergunto nada. Minha confiança cuspiu com meu clímax, e tudo que eu sinto é o calor da vergonha que floresce em meus ouvidos.

Eu me viro para murmurar uma resposta.

—Meu nome é Rose. O que é uma mentira.

Lo solta uma risada curta por conta disto, e o cara coloca o braço no balcão, inclinando-se para o meu espaço pessoal para ver meu amigo.

—Vocês dois se conhecem?

—Você poderia dizer que sim. Diz Lo, terminando outra cerveja. Ele faz um gesto para a bartender novamente.

—Você não é o ex ou coisa parecida não é? O cara pergunta, um pouco aliviado. Ah, sim, por favor, vá embora!

Lo envolve uma mão em torno de sua nova bebida.

—Ela é toda sua homem.

Estou morrendo lentamente por dentro. O cara acena para mim:

—Sou Dillon. Eu não me importo. Por favor, vá embora. Ele estende a mão com um sorriso vertiginoso, talvez esperando uma segunda rodada. O problema é que eu não ofereço segunda rodada. Uma vez que eu transo com um

cara, termina por aí.

Nada mais, nunca mais. É uma regra pessoal que tenho sustentado até agora. Eu não vou quebrá-la, muito menos por ele.

Eu aperto sua mão, sem saber exatamente como dispensa-lo sem ser rude. Algumas garotas tem essa facilidade. Algumas garotas dispensam sem ao menos se importar. Eu, por outro lado ...

—O que você está bebendo?Ele tenta acenar para o barman que está ocupado servindo um grupo de meninas. Uma usa uma tiara e a outra uma faixa de 21 anos.

—Nada. Eu digo para uma bartender que está na nossa frente, vestida com short curto e um top azul.

—O que posso fazer por você? Ela pergunta sobre a música.

Antes que eu possa dizer que eu não bebo, Dillon diz:

—Um rum Fizz e uma lagoa azul.

—Nós só temos rum blueberry. Ela o lembra.

Ele balança a cabeça: — Isso é bom!

Ela se vira para preparar as nossas bebidas e eu digo:

—Eu realmente não bebo. Seu rosto cai.

—Você não bebe? A descrença dele faz com que eu questione minha normalidade. Eu acho que uma pessoa sóbria em um bar é difícil de ver.

—Então ... Ele coça o rosto barbado. —Você está sóbria agora?

Eu acho que eu acabei de morrer pela segunda vez. Ele acha que eu sou uma pessoa estranha por ter feito sexo sóbrio em uma boate. Meu pescoço está ficando vermelho, eu quero colocar a cabeça em um buraco. Ou num balde de gelo.

—Eu bebo. Murmuro sob a minha respiração. — Só não esta noite. Estou dirigindo.

O barman traz o cocktail azul em um guardanapo, e Dillon o empurra para mim.

—Beba. Você poderia ir de táxi! As segundas intenções brilham em seus olhos. Ele está imaginando o que eu faria bêbada, considerando que eu não estava muito tímida sóbria. Mas isso foi antes. E não agora, quando minha fome para transar diminuiu consideravelmente. Pelo menos com ele.

—Ela não quer beber! Lo esbraveja, apertando sua quinta bebida com tanta força que eu acho que poderia quebrar o copo.

—Eu pensei que você havia me dito que eu poderia 'ter ela só pra mim!' Dillon pergunta, fazendo aspas no ar para causar efeito.

—Isso foi antes de você começar com essa merda com a minha carona para casa. Eu preciso dela sóbria, para comprar mais vulcões azuis pra mim.

—É Lagoa Azul! Eu o corrijo.

—Que seja! Lo diz e toma um gole da sua bebida.

Os olhos de Dillon escurecem.

—Ela tem uma boca. Deixe-a falar por si mesma!

Uau, isso vai dar merda! Lo olha para Dillon pela primeira vez e diz:

—Eu aposto que você sabe tudo sobre aquela boca, não é?

—Ah meu Deus! Eu murmuro.

—Ei, não fale dela desse jeito! Dillon tenta defender minha honra. O que está acontecendo?

Lo levanta as sobrancelhas: —Então agora você é um cavalheiro que a defende? Você transou com ela no banheiro. Não aja como se você fosse o cara bom nesta situação.

—Pare, Lo! Eu lanço a ele um olhar de advertência, que pode facilmente ser desmentido pelas minhas bochechas coradas. Se ele começar uma briga, vou ser expulsa do clube.

—Sim, Lo ... pare! Diz Dillon o desafiando. Meu rosto está tão quente que eu acho que a minha pele pode ter queimaduras de segundo grau. Lo olha para Dillon por um longo momento, sem piscar.

—Eu não estou bêbado o suficiente para esta merda! Lo anuncia. Ele se

levanta do banco e fecha a sua conta no bar rapidamente. Enquanto espero, Dillon aperta meu pulso e eu tento descascar.

—Posso ter o seu número? Ele pergunta.

Lo enfia a carteira no bolso de trás: — Ela não sabe como dizer não, então eu farei isso por ela!

Obrigado. Mas em vez de dizer alguma coisa, Lo se vira e sai.

Eu não olho para nenhum dos dois, e nem pra qualquer pessoa do The Blue Room. Eu corro para fora do clube, querendo nada mais do que evaporar assim que sair pra rua.

Depois de correr pro meu BMW, Lo em silêncio se junta a mim. O carona do carro permanece dessa forma, exceto pelo som de Lo destrancando-o e andando como ele tivesse sido preso no deserto do Saara durante uma semana. Evitamos falar ou mencionar o ocorrido da noite até que entramos no apartamento.

Eu jogo minhas chaves na mesa perto da porta, e ele vai até os armários trancados a procura de seu licor. Minhas mãos tremem, coloco um fio de cabelo atrás da orelha. Eu preciso me acalmar.

Os sons familiares de garrafas enchem a cozinha.

—Você quer algo para beber? Ele pergunta, concentrando-se em sua mistura.

—Não. Vou chamar alguém para vir aqui. Se ele ainda estiver na parte da manhã, você poderia fazer o habitual?

Ele hesita, e a garrafa de bourbon congela acima de seu copo.

—Eu acho que vou desmaiar. Estive bebendo cerveja de merda a noite toda. —Oh. Ele está prestes a ser desperdiçado.

—Temos o almoço na parte da manhã. Eu digo com minha voz tensa. Poucas coisas provocam uma verdadeira briga entre nós, a bebida é uma delas.

—Eu sei. Eu vou estar acordado para isso, mas talvez não para o que você precise! Isso é tudo que estou dizendo. —

Meu peito se ergue: — Você é a pessoa que arruinou a minha noite. Você não tem que vir ao clube comigo e começar uma discussão! Eu desabafo. — Agora eu sou a única que tem que sofrer porque você não quer beber vodka azul, porra!

—Tudo bem, volte para o clube e seja incomodada pelo cara que te fodeu a noite toda. Eu te fiz um favor, Lily!

Raiva irracional surge através de mim e eu empurro uma das merdas duras. Ele cai e quebra. Eu rastejo de volta dentro de mim mesmo, sentindo-me instantaneamente ruim sobre ferir uma peça de mobiliário.

—Whoa,— Lo se abaixa. —Não quebre o apartamento Hulk.—

Seu vício esta enroscando com o meu vício. O álcool supera o sexo neste caso e isso me mata. Ou, pelo menos, a parte de mim que precisa de uma boa trepada, de preferência, uma que dure mais que cinco minutos.

Eu fico olhando para o banco quebrado e me sinto uma idiota. Eu me agacho e o endireito. Mudando de humor, mas eu ainda não posso olhá-lo nos olhos.

—Você é adulta, Lil—, diz ele depois de um momento de silêncio. Ouço-o agitar o gelo em sua bebida. —Se você quiser ficar com alguém, então você deve ser a pessoa que o dispense depois. Eu não estou parando de fazer sexo. —

Eu não sei por que me sinto assim, mas as palavras dele me machucam muito. Eu não me movo até que sinto ele pegando o meu celular novo do meu bolso. Eu franzo a testa enquanto ele percorre minha lista telefônica e para no número do serviço de acompanhantes do sexo masculino. Ele disca e coloca o telefone no meu ouvido e continua sua bebida.

Eu seguro o telefone e digo um, obrigada sem emitir som.

Ele dá de ombros sem se importar, mas percebo os músculos de seus ombros tensos. Sem dizer uma palavra, ele sai para o seu quarto. Meus nervos ficam à flor da pele em antecipação.

A telefonista atende:—Olá, em que posso ajudar?

* * *

O alarme do meu telefone toca pela terceira vez, a melodia é tão irritante que me faz acordar na hora. Eu me cubro com o cobertor, tomando cuidado para não encostar no corpo masculino ao meu lado. Eu não deveria tê-lo deixado passar a noite, mas eu perdi a noção do tempo. Mesmo que esses... gigolôs estejam acostumados a tudo, eles ficam muito excitados quando suas clientes não são de meia idade e obesas. Então, eles acabam fazendo horas extras, mas neste caso, as horas fui eu quem deixei.

Será que ele vai querer ficar para o café da manhã? Eu não sei bem como é o protocolo de um gigolô ou o que dizer ou fazer depois. Normalmente, Lo bate na minha porta e diz pro cara cair fora, o que acaba sendo muito mais fácil. O relógio digital no meu criado-mudo branco brilha em vermelho. Dez da manhã. Eu tenho uma hora me preparar para o almoço na mansão Villanova.

Rapidamente, eu coloco uma camisa que para em minhas coxas e olho para o meu obstáculo: um cara de uns trinta e poucos anos, bem másculo, com tatuagens alastrando-se ao longo de seu torso. Seus braços estão enrolados nos lençóis roxos, desmaiado de tanto o sexo. Ele não deve ser usado para isso agora? Você não me vê agindo como se eu tivesse derrubado uma garrafa de pílulas para dormir.

—Hey,— eu digo, tímida. Ele mal se mexe. Ok, Lily, você consegue. Se Lo acredita que eu posso fazer isso, então certamente posso. Certo?

Eu respiro fundo, lutando contra o rubor e os nervos que ameaçam subir. Por favor, não inicie uma conversa comigo.

—Hey!— Eu mexo nas pernas dele e com um gemido longo ele desperta. Sim! O gigolô esfrega os olhos e se inclina sobre os cotovelos.

—Que horas são?— Ele pergunta.

—Está tarde. Eu preciso que você vá!

Ele se joga de volta no colchão choramingando um ruído longo. O que foi aquilo? Ele acabou de morrer? —Deixe-me acordar, você vai?—

—Eu tenho um compromisso daqui a pouco. Você tem que ir.

Ele me olha, semicerrando os olhos por conta da luz ofuscante e diz:— Enquanto você se veste, eu vou fazer um pouco de café pra gente. Pode ser?

—Eu não paguei você para ficar pro café —, eu digo, encontrando alguma confiança. Por que isso é tão difícil? São meus pedidos que não são razoáveis?

Ele me lança um olhar irritado, e eu me sinto imediatamente como uma cadela. Eu recuo.

—Entendo—. Ele diz, vestindo seu jeans e fechando o botão. Sim, ele está saindo. Mas, em seguida, ele para e me olha de cima a baixo. Eu fico rígida. —Para alguém que não era nada reservada ontem à noite, você está extremamente desconfortável agora.— Ele espera uma resposta.

Abro a boca e torno a fechar, não sei o que dizer.

—O sexo não foi bom aos seus padrões?

Eu viro minha cabeça. —Você pode simplesmente ir?

—Você está envergonhada? Eu não entendo... —É claro que eu estou envergonhada. Chamei um gigolô por desespero, porque parecia legal, porque eu sabia que iria aliviar algo em mim que doía por ele. Eu gostaria de ser uma daquelas garotas que tem a coragem de pagar por sexo, porque eles exploram a sexualidade delas, mas comigo, eu precisava dele para cumprir um desejo, um que não faz nada mais que me atormentar. E ele está me lembrando de tudo que eu odeio em mim mesma. Que eu deixo meu cérebro controlar minha noite, eu deixo que minhas partes intimas sem controle. Que eu não posso ser uma menina normal e simplesmente esquecer o sexo por um segundo. Apenas um.

—Eu machuquei você?—, Ele pergunta, soando preocupado agora.

—Não—, eu digo rapidamente. —Foi ótimo. Eu estou apenas ... —fico perdida. — …obrigada.

Minhas palavras fazem seu rosto ficar triste. —Se eu sair, você não vai fazer nada...— Ele acha que eu sou suicida?

Eu inalo profundamente. —Eu preciso que você vá para que eu possa ir para um evento de família.

Ele balança a cabeça, compreensivo. —Certo.— Ele fecha os últimos botões de sua camisa e acrescenta: —Você foi fantástica na cama à noite toda.

—Obrigada—, murmuro, tirando meus lençóis.

A porta se fecha, e os meus músculos não relaxam como eu pensava que aconteceria. A conversa se repete, e eu me sinto estranha sobre isso. Ele viu através de mim. As pessoas geralmente não fazem isso.

Eu não tenho tempo para me atolar em uma poça auto-depreciativa. O almoço começa em menos de uma hora. Eu tropeço sobre um par de tênis no meu caminho para o chuveiro. Enquanto eu lavo bem a noite passada do meu corpo, eu considero acordar Lo. Eu prefiro deixá-lo dormir até que ele fique sóbrio do que forçá-lo a interagir com a minha família.

Eu saio do chuveiro e coloco um vestido verde menta. Eu decido verificar Lo para ter certeza de que ele está vivo. Ele raramente vomita quando bebe demais, mas isso não significa que não pode acontecer. Antes de sair do meu quarto, eu procuro no meu armário minha melhor bolsa. Para evitar o ridículo da minha mãe, é melhor parecer o mais normal possível. Eu encontro uma Chanel branca com uma corrente de ouro (um presente de aniversário de Rose) e calço um par de sapatos de salto.

Eu saio do quarto. Meu telefone fugitivo reapareceu, o que é bastante inútil, considerando que eu já transferi meu número antigo e meus contatos para um novo iPhone.

Eu percorro as antigas chamadas não atendidas e algumas mensagens de texto que foram entregues antes de comprar o meu novo celular. Meu coração para quando abro um texto de Rose. Enviado quase ao mesmo tempo em que ela esteve no meu apartamento.

Apressadamente, eu jogo o telefone na minha cama e vou para o quarto

de Lo, ele tem menos de meia hora para ficar pronto.

Nós estamos muito atrasados.

Eu bato uma vez e entro.

Ao contrário do meu quarto, as paredes e prateleiras de Lo estão cobertas com sua personalidade. Lápis e parafernália se encaixa em cantos e recantos, como um relógio vermelho e azul e uma cabeça bobble Quakers. Fotografias de nós dois em quase toda parte. Principalmente para as aparências. Sobre a cômoda tem um retrato emoldurado de Lo beijando minha bochecha. Parece forçado pra mim, e pequenas coisas como essas me fazem sentir frio na barriga, lembrando-me da nossa maior mentira.

Minhas irmãs acreditam que eu guardo minhas roupas no armário do quarto de hóspedes porque lá tem mais espaço. Na verdade, eu gosto de ficar naquele quarto minimalista. Não há fotografias. Apenas as pinturas coloridas de Leonid Afremov de Paris. Embora, às vezes elas me deixam tonta.

Lo está deitado completamente vestido e seu edredom de cor champanhe está enrolado em seu lado, seu cabelo castanho claro jogados em diferentes direções. Na mão direita, ele abraça uma garrafa vazia de Macallan, um uísque de dez mil dólares.

Mais cinco garrafas de bebida espalhadas pelo chão. Alguns outros meio-cheio, secam. Mas aquelas têm que ser de outras noites atrás. Ele tem uma alta tolerância, mas não tão alta assim. Todas estas garrafas nocauteriam um time de futebol inteiro e provavelmente os mataria. Eu tento não pensar sobre isso.

Eu vou ao banheiro e molho uma toalha de mão com água morna, volto para o quarto e vou até sua cama, o colchão chegando até as minhas pernas. Curvo-me e pressiono a toalha em sua testa.

—Lo, hora de levantar—, eu digo em voz baixa. Ele não se mexe. Esta não é a primeira vez que eu tentei acordá-lo para algo importante.

Eu o deixo desmaiado sobre a cama e corro em seu quarto, pegando as garrafas vazias e bloqueio de distância cheios. Quando toda a bagunça

desaparece, eu viro minha atenção de volta para ele. —Loren Hale!— Eu grito.

Nada!

Eu tento sacudindo seus braços, as pernas, cintura ou qualquer coisa que faça com que ele volte à vida.

Nada acontece.

Eu permaneço lá parada, amaldiçoando-o por escolher este dia para estar tão desnorteado. O tempo passa e minha tensão aumenta a cada segundo. Eu não posso deixá-lo. Lo não faria isso comigo e se for para cair, cairemos juntos.

Eu tiro o meu vestido e fico com nada além de um par de lingeries. Pelo menos eu sei o que fazer nessas situações por conta de experiências passadas. Espero que isso vá funcionar.

Com a pouca força no corpo que possuo, eu o pego pelas axilas e o jogo para fora da cama. Nós dois caímos no chão, e ele solta um gemido suave.

—Lo?!

Ele afunda de volta para a inconsciência, e eu rapidamente o agarro de novo e arrasto seu corpo pesado em direção ao banheiro. —Você. Está. Me. Devendo. Essa. —eu digo a cada empurrão. As palavras não são verdadeiras. Nós dois nos fazemos favores suficientes que já nem dá pra contar.

Eu chuto para abrir a porta de vidro do chuveiro e o puxo com um último suspiro. Sua cabeça encontra-se no meu colo, e mesmo usando uma calcinha bege, não estou muito envergonhada. Como eu posso ser quando ele encontra-se vulnerável em meus braços? Ele pode até não lembrar isso em uma hora. Melhorar minha calcinha de imersão do que o meu vestido.

Eu fico de joelhos, ofegante tentando chegar até a torneira. Abro o chuveiro na água mais fria.

A água cai em nós, e dentro de dez segundos, Lo acorda, cuspindo água de sua boca como se eu estivesse afogando-o. Mudo a água para uma temperatura mais quente, e ele tenta endireitar-se, levantando o torso do meu colo. Ele desliza quando tenta simplesmente se apoiar na parede de azulejos.

Seus olhos fecham e abrem lentamente. Ele ainda não falou uma palavra.

—Você tem que tomar banho!— eu digo a ele do meu canto do chuveiro. —Você fede a bebida.

Ele faz um barulho resmungando incoerente, apertando os olhos fechados. Não temos tempo para isso. Pego o shampoo e o sabonete, e retorno ao seu lado enquanto a água cai sobre nós.

—Vamos lá!— eu falo suavemente, lembrando como ele odeia quando eu falo na minha voz normal, quando ele está de ressaca. Aparentemente, ele soa como facas de abate em pandas bebê. Suas palavras, não minhas.

Ele me deixa tirar sua camiseta sobre a cabeça e mal me ajuda a manobrar os braços.

Vejo gotas de água em seu abdômen, na construção de seu caminho da felicidade que normalmente fica escondida sob a roupa. Ninguém esperaria como ele é forte. Ou que ele ocasionalmente malha. Esse é o melhor tipo, a surpresa de algo mais embaixo já considerável. Eu invejo todas as meninas que experimentam essa sensação com ele.

Eu balanço minha cabeça. Foco. Tento não olhar as curvas de seus bíceps e me concentrar em seus jeans. Sem outro pensamento, eu os desabotoo e puxo para arrancar do seu corpo.

Quando o jeans passam encharcados por suas coxas, seus olhos se abrem. Eu coro incontrolavelmente, embora esta não seja a primeira vez que ele se despe na minha frente.

Ele olha para mim: —Lil ...— murmura, soando letárgico.

Ok, não temos tempo para isso. Eu arranco a calça, muito difícil, e ela finalmente passa pelas suas malditas coxas musculosas até os tornozelos, onde consigo tirar com facilidade. Agora vestido em nada, mas apenas um short de pugilista preto, eu tenho que usar toda a minha força na minha tarefa.

Eu passo o sabão lavando seu torso magro, passo por seu abdômen... Hum... ignorando aquela área ... e passo pelas coxas e canelas. Eu não tenho

muito tempo para lavar suas costas, mas eu não acho que vai ser um problema.

A pior parte é o cheiro. Um perfume bourbon emite de seus poros, e depois de tentar diferentes sabonetes e colônias, encontramos alguns que mascaram o odor repugnante de bebida.

Seu vício me assusta às vezes. Alcoolismo pode destruir fígados e rins, e um dia, ele não poderá acordar depois uma noite bebendo compulsivamente. Mas como eu posso lhe dizer para parar? Como posso julgá-lo quando estou nem perto de estar pronta para deixar ir a minha muleta? Então, por agora, este é o melhor que posso fazer.

Eu passo o shampoo em seus cabelos enquanto ele mantém os olhos abertos, usando sua própria força para permanecer um pouco consciente. Ele está melhorando, mas eu não tenho certeza se ele percebeu onde estamos ainda. —Se divertindo?—pergunto, enquanto meus dedos massageiam seu couro cabeludo.

Ele balança a cabeça lentamente, e abaixa o olhar para o meu sutiã bege e agora muito bem transparente. Uh ...

Eu belisco seu braço e ele levanta a cabeça de volta para mim. Sua mudança nos olhos, a cor âmbar se intensificando no vapor. Ele olha profundamente, muito intenso. Eu odeio quando ele olha para mim assim. E ele sabe disso. Sua mão se ergue e acaricia a parte de trás do meu pescoço. O queee?... Eu agito minha cabeça e o empurro me afastando com uma carranca. Eu não tenho tempo para lidar com sua ressaca e seus movimentos delirantes.

Ele me dá um sorriso — Apenas praticando.—

—Você sabe que horas são?—eu pego um copo de plástico e o encho com água e jogo em sua cabeça, não me importando que o shampoo queime seus olhos. Ele aperta os olhos e murmura uma maldição, mas ele está muito cansado para realmente esfregá-lo.

Quando a espuma toda sai, eu puxo seu braço pelo meu ombro e o arrasto para o quarto. Desta vez, ele coopera e me ajuda.

Ele cai no edredom, e eu passo os próximos minutos secando-o com uma

toalha, como se ele fosse meu cão de estimação. Ele olha para o teto, paralisado. Eu tento falar com ele, precisando dele sóbrio para o almoço.

—Ficamos realmente fora ontem à noite para o show do seu amigo Charlie saxofonista na Eight Ball.— Eu o lembro quando eu procuro nas gavetas uma roupa adequada.

Ele ri levemente.

—O que é tão engraçado?

—Charlie.— ele fala com amargura. —Meu melhor amigo.

Eu engulo em seco e tomo uma respiração profunda, tentando mantê-lo junto. Eu posso fazer isso. Eu encontro uma cueca boxer de pugilista, uma calça e uma polo azul de botões. Eu me viro de costas para ele, debatendo sobre se devo ou não ter que ver o seu lixo.

Sua cueca está ensopando o edredom, está muito molhada para colocar suas calças limpas.

—Você pode se trocar sozinho?—Pergunto. —Eu só quero limitar o número de vezes que eu tenho que ver seu pau.

Ele tenta sustentar seu peso e consegue, mantendo-se de pé sobre a cama. Estou impressionada. Me arrependo um pouco da forma como falei sobre seu pênis. Especialmente como a maneira que ele está olhando para mim. Ele pisca algumas vezes antes de dizer:

—Deixe tudo na cama.— Eu coloco a pilha de roupas ao lado dele e pego meu vestido que está pendurado em sua cadeira.

A preocupação ainda bate no meu peito. Eu entro no meu quarto e substituo minha calcinha encharcada antes de deslizar em meu vestido. Será que ele vai ser coerente o suficiente para termos uma conversa?

Na escola preparatória, seu pai costumava ter Lo quando ele tropeçava em casa depois de uma noite de bebedeira ou quando ele invadia e drenava seu armário de bebidas. Quando as notas de Lo começaram a cair, o Sr. Hale ameaçou enviar seu filho para uma academia militar para jovens rapazes,

pensando que a estrutura seria benéfica para um adolescente desordeiro. Eu não tenho certeza de que ele percebeu o que aconteceu e entendeu que o verdadeiro problema de Lo, era o álcool.

Ele precisava de reabilitação e não de um acampamento no qual só tinha homens. Ao invés disso, eu me dei a ele: um bode expiatório para sua compulsão constante. Naquele verão, nós fizemos o nosso acordo. E logo que ele disse a Jonathan que ele começou a namorar a filha de Greg Calloway, sua ficha ficou limpa e em branco de novo. Sr. Hale lhe deu-lhe um tapa nas costas e disse que eu seria boa para ele, e se não fosse, ele encontraria uma maneira de mudar o seu comportamento. Então, nós mascaramos nossos estilos de vida, a fim de continuar com eles.

Mesmo que ele tenha se tornado dificilmente um cidadão modelo em seus primeiros anos de adolescência, meus pais foram muito felizes com a notícia do nosso relacionamento. O som de uma união Calloway-Hale superou a qualidade do homem no meu braço. Como se estivéssemos em 1794 e nosso casamento fosse reunir direitos de potência e militares terrestres. Pois é, não estamos na realeza.

Com a nossa nova aliança, mentimos um para o outro e escondemos as nossas infidelidades, desempenhando o papel de namorado e namorada. Quanto mais profundamente afundamos nisso, mais difícil fica sairmos da mentira. Eu temo o momento em que nenhum de nós possa respirar de novo quando alguém descobrir nossos segredos. A qualquer momento tudo pode desmoronar debaixo de nós. O jogo perigoso tanto excita como me aterroriza.

Volto para o quarto e relaxo quando o vejo completamente vestido, deitado, cansado na cama. Sua camisa está desabotoada e para fora da calça.

Pelo menos ele tem calças.

—Você pode me ajudar?—Ele pergunta casualmente. Sem falar nada, por favor!

Concordo com a cabeça e dou pequenos passos em direção a ele. Eu

fecho os botões e sinto sua quente respiração de licor na minha pele. Para evitar quaisquer sentimentos borbulhando, eu faço uma nota mental para pegar um pacote de balas para disfarçar o cheiro.

—Eu vou ficar bem no momento em que chegar lá—ele me assegura.

—Eu sei.—Eu evito o contato visual enquanto meus dedos tensos se atrapalham com o botão por seu abdômen.

—Eu sinto muito—ele diz baixinho e depois ri. —Pelo menos eu lhe dei algo para preencher o seu banco.

Eu suspiro pesadamente. Eu não propositadamente fantasiei sobre Loren Hale ficando excitado. Isso seria muito estranho cada vez que eu o olhasse nos olhos. Já é ruim o suficiente quando acontece por acidente. —Você não está em meu banco Lo.— Eu achei que ele podia reclamar ou rir, mas ele parece confuso e meio magoado. Eu não tenho tempo para entender o significado disso.

—Desculpe então!— ele se levanta agitado. Ele sente-se mal, e de repente desejo que eu apenas jogue junto. Ele perde o equilíbrio em seu estupor bêbado e cai de volta para o colchão. Para não deixá-lo cair no chão, eu o seguro com força, mas acabo caindo junto com o peso dele. E quando o tempo começa a desacelerar percebo que minha mão está firmemente espalmada em seu peito, minhas pernas estão pressionadas contra a dele, e a única coisa que realmente nos separa é sua calça e meu vestido. Ele respira pesadamente, seus músculos contraindo sob o meu peso. Fico em alerta. Suas mãos pousam na parte inferior das minhas costas, bem perto da minha bunda. E ele lambe os lábios, examino seu corpo com olhos ansiosos, querendo tocar na parte sensível do meu cérebro. Eu murmuro:

—Seu pai vai estar no almoço.

Seu rosto empalidece e me levanta como se eu não pesasse nada. —Precisamos ir.—diz ele deixando alguns botões da camisa abertos.

Ele olha o relógio: —Agora!—Sua preocupação limpa a maior parte de sua bebedeira e espero que ele se recupere no momento em que chegarmos a

Villanova.



Capítulo Quatro

Estamos dez minutos atrasados, mas nós não somos os únicos.

Meu pai perdeu o vôo de Nova York de volta para Philly porque seu piloto pessoal estava gripado. Ele teve que organizar um novo voo em seu jato particular. Todo o calvário não deve demorar muito, mas meu pai exige uma verificação de antecedentes em todos os seus pilotos. O novo piloto, provavelmente, terá que provar a sua competência com pelo menos uma hora de vôo de teste. Minha mãe sempre atende quando ele liga, então ela é supostamente importante para o almoço.

Mas eu não estou reclamando. O tempo extra vai ajudar para que Lo melhore de sua ressaca. Nós sentamos no pátio com vista para uma grande piscina de borda infinita e roseiras amarelas. O sol do meio da manhã brilha contra as taças de champanhe, cheios de mimosas. Bagas, queijos, biscoitos e sanduíches de petite alinham-se sistematicamente em uma toalha branca. Tudo fica em seu devido lugar, em bandejas ou doilies diferenciados.

Meu estômago ronca, e felizmente ninguém espera por nossos pais pra comer. Jonathan Hale ainda não chegou, ele afirma que está preso no trânsito, mas eu tenho uma suspeita de que esteja esperando em seu carro, não querendo estar no almoço sem meu pai presente.

Lo mantém seu braço na parte de trás da minha cadeira, sua proximidade faz com que meu corpo fique tenso, e eu acabo sentando na borda do meu assento o mais longe possível de sua mão. Espero que a minha distância não seja muito óbvia. Eu sofro por ser tocada mais pecaminosamente, mas eu sei que não deveria, neste momento inadequado. E percebo que eu deveria estar perto do meu suposto namorado. É tudo tão complicado.

—Passe o livro aqui!—diz Poppy estendendo a mão. Tal como o resto das meninas Calloway, minha irmã mais velha se destaca entre as multidões. Uma pequena pinta em seu lábio superior grita Marilyn Monroe sensualidade, e sua pele parece muito mais bronzeada do que o resto da nossa, como uma morena que beijou o sol. Quando eu encontro Poppy nos shoppings ou em lojas, ela finge que não me vê. Às vezes eu faço também, mas eu acho que tem mais a ver com os meus pés de galinha, tão magros que poderia rachar como um wishbone. Não é atraente eu sei, e minha mãe geralmente me lembra.

Daisy desliza seu livro de modelagem para Sam, que passa para sua esposa. Poppy sorri enquanto ela vira as páginas.

—Estes são lindos, Daisy.

Ela não percebe o elogio, está muito ocupada comendo sanduíches minúsculos como se não tivesse comido a um mês.

—Como foi a Semana de Moda? Conheceu todos os garotos bonitos? —Eu bato meus cílios, tentando ser engraçada, mas provavelmente soando patética e desajeitada.

Daisy bufa: —Eu acho que mamãe arruinou qualquer tipo de flerte que eu poderia ter.— Ela amarra o cabelo marrom em um coque, tornando a pele de seu rosto sem defeito e seu estreito olhar ainda mais surpreendente.

—Espera! Mamãe foi com você? —Eu não deveria estar surpresa. Nossa mãe ia em cada ensaio de ballet que Rose tinha, até mesmo pulava as refeições da família para assistir a suas aulas. Ela poderia facilmente ter se juntado ao elenco de Dança Mamães.

—Uh, sim —diz Daisy. —Eu tenho quinze anos, lembra-se? Inferno congelaria antes que ela me deixasse fazer a Semana da Moda sozinha. Como você não sabe disso?

—Eu sou o tipo de fora do circuito.

—Esse é o eufemismo do século —diz Rose.

Sorrisos de papoula. —Não diga isso Rose. Você vai assustar Lily e a fazer sumir por mais dois meses. —Todos sabemos que minha irmã é boa, ainda assim, eu não posso ajudar. Talvez seja porque somos de idade próximas ou porque ela tenta ativamente ser parte da minha vida. Eu a vejo mais do que qualquer outra pessoa.

Rose sorve sua mimosa com os lábios apertados.

Daisy aponta um dedo acusador para mim. —Você não veio no último almoço de domingo a dois meses? —Ela me examina, como se procurasse as feridas visíveis. —Como você não está morta?

—Eu me faço a mesma pergunta o tempo todo.— Rose corta —vendo como eu me crucifico se eu perder um.—

—São as vantagens de se namorar um Hale.—Poppy diz desta vez soando amargo também.

Os dedos de Lo apertam o encosto da minha cadeira quando escuta dizerem seu nome.

Minha garganta aperta. Poppy passou anos convencendo os nossos pais a aceitar seu namorado para a família Calloway. Desde que Sam tinha apenas seis anos e seu nome, meus pais temiam que ele queria Poppy para sua herança. Então, meu pai contratou-o em Fizzle mesmo que Sam tivesse apenas um diploma do ensino médio e um currículo com Dairy Queen como seu único emprego. Eventualmente, meu pai aprendeu as intenções benevolentes de Sam e aprovou seu casamento. E, posteriormente, minha mãe também fez.

Agora um pequeno Munchkin com o cabelo escuro de Sam e olhos azuis brilhantes é executado em algum lugar por aqui. Poppy sorri com freqüência e tem mais afeto materno do que a nossa própria mãe, mas ela nunca vai esquecer

o julgamento que lançaram sobre Sam ou todo o aborrecimento, mesmo que as intenções fossem puras.

—Se eu pudesse mudar meu nome eu o faria—diz Lo inerte mesmo com toda a tensão a nossa volta.

Poppy diz: — Qual deles?— E o clima começa a melhorar. As meninas riem ás custas dele, mas o riso é melhor do que os músculos tensos e olhares furtivos. Lo nunca gostou muito do seu nome completo. Uma razão pela qual Rose sempre o chama de Loren.

—Quando você ficou tão engraçada, Poppy?—ele pergunta, jogando uma uva em seu colo. Estou surpresa que ele não entenda as brincadeiras como um insulto, considerando a minha mãe chamando todos nós depois de uma planta. É apenas embaraçoso lidar quando estamos todos juntos em público.

—Já está usando o recurso a guerra de comida, Loren?— Rose diz— O almoço ainda nem começou oficialmente.

—Agora você sabe por que eles não se importam se nós sumimos por meses—ele diz a ela. —Mistério resolvido.

—Posso ver o livro de Daisy?—Pergunta Poppy.

Ela o entrega para mim do outro lado da mesa e ele bate na haste da minha taça de champanhe. Eu amaldiçoo sob a minha respiração e corro para pegar antes que o suco de laranja manche meu vestido.

Lo pega rapidamente o meu guardanapo. Ele repousa a mão no meu braço e enxuga o suco que caiu em meu peito, pensando em nada disso. Eu acho que ninguém mais quer porque estamos juntos (não muito), e minha mente começa uma grave queda livre. Um empregado chega com mais toalhas, e eu estou queimando demais para realmente me mover.

—Eu sinto muito.—por que estou pedindo desculpas? Por ser tão desajeitada?

—Ohh, Lily está se transformando em uma Rose.— Poppy brinca.

Rose atira um olhar duro por ter mencionado o nome dela em um insulto, e eu coro ainda mais.

Lo coloca o guardanapo na mesa, e sussurra em meu ouvido:— Seja legal, amor. Sujou só um pouco. —Ele sorri divertido e sua respiração faz cócegas na minha pele. Eu praticamente derreto em seus braços. Ele me beija nos lábios, tão leve, e quando sua boca se separa da minha, tenho vontade de voltar a beijá-lo.

A equipe fecha dentro e fora do pátio, limpando a bagunça ao nosso redor como abelhas operárias.

Quando todos se instalam e eu recobro minha consciência, eu me sento e abro o livro de Daisy. Lo se inclina para olhar as fotos, sua coxa articulada contra a minha. As fotos. Sim. Eu pisco, concentrando-me. Na maioria delas, Daisy está contra um pano de fundo branco, sem qualquer maquiagem. Fotos de beleza, eu suponho. Viro outra página e minha boca cai.

Ela está nua! Ou quase nua. Ela está com saltos de cinco polegadas e usa um paletó masculino. Nada mais. A foto concentra-se em suas pernas longas nuas e os lados de seus seios. Ela tem o cabelo penteado para trás em um rabo de cavalo apertado, e sua maquiagem faz seu olhar ter vinte e sete anos, e não quinze. A curva dos quadris de Daisy, desajeitados na pose, a única indicação de que é uma foto de alta moda e não Penthouse.

Lo dá um longo assobio, parecendo tão chocado quanto eu.

—O que há de errado?— Daisy pergunta, inclinando a cabeça para tentar ver a foto.

—Você não está usando nada.— Eu seguro o livro para que ela possa ver de qual foto estamos falando. Ela fica perfeitamente calma, nem mesmo envergonhada. —Eu não estou com roupa de baixo. Mas esse era o objetivo.

—Será que a mamãe viu isso?

—Sim, ela sugeriu que eu fizesse essas sessões de fotos mais maduras. Elas vão aumentar o meu valor.

Seu valor. Como se ela fosse um porco em leilão. —Você gosta de modelar?

—Sim, eu sou boa nisso. — Okaaay. Essa não era a resposta que eu queria ouvir, mas eu não sou sua mãe. Eu ignoro esses eventos semanais por uma razão, e me juntando a esses tipos de situações não vai me ajudar com meu plano que é continuar ignorando.

Lo abre e fecha a boca tentando encontrar as palavras certas. —Você só tem quinze anos, Daisy. Você não deve ter que tirar a roupa para as câmeras. — Seus dedos massageiam meu ombro e ele sussurra em meu ouvido:— Você nem sequer faz isso.

Como se eu definisse o padrão sexual. Eu bocejo e belisco sua coxa. Ele pega minha mão e entrelaça nossos dedos, e mesmo sabendo que eu devo me afastar, eu não quero.

Rose nos corta: — Não dê uma de irmão mais velho dela quando você não pode sequer lembrar de seu aniversário, Loren.

Ele trava a mandíbula e fica vermelho. Ele pega sua mimosa e, em seguida, agarra a minha bolsa, procurando a bolsa para seu frasco fino.

Minha mente fica em branco de repente, enquanto olho os empregados correndo a todo vapor, dou um tapa no braço dele, que segue o meu olhar, endurecendo feito pedra.

Nossos pais chegaram.

* * *

Durante os últimos vinte minutos, ele e eu tentamos evitar a atenção concentrada dos nossos pais. Minha mãe foca no bebê de Poppy, na última quarta-feira nasceu seu dente da frente. Se eu tenho que ouvir sobre o cirurgião plástico mais uma vez, eu posso precisar de quatro mimosas e um bom serviço masculino como atrativo.

Jonathan Hale e meu pai sussurram na cabeceira da mesa, apreciando sua própria conversa privada.

Se o seu isolamento incomoda minha mãe, ela não deixa transparecer. Ela passa os dedos por seu colar de pérolas em seu pescoço e ouve atentamente Poppy.

—Como é a faculdade de Penn?

Eu acordo com a pergunta e imediatamente saio do meu estupor. Já que Rose estudou em Princeton, meu pai só pode estar falando comigo e com Lo.

—Difícil.— diz Lo brevemente, com seu braço em volta da minha cintura. Estou nervosa demais para cobiça-lo.

—Concordo—sussurro. Pra minha família, eu sou aquela filha quieta, por isso é fácil fugir com respostas monossilábicas.

A minha mãe inicia uma nova conversa. —Lily, meu pequeno amor perfeito, como você tem estado?

Eu faço uma careta, feliz que ela na verdade não me nomeou de Pansy. Eu não posso acreditar que era mesmo uma opção. —Bem.

—Vocês dois estão tendo aulas juntos neste semestre?— Ela segura sua taça de champanhe, percebo que tem marcas de batom vermelho no aro.

—Apenas duas. Economia e Teoria dos Jogos. —Como negócio de Majors, Lo e eu somos obrigados a compartilhar algumas classes.

Jonathan pega o seu copo de uísque. A ironia não é despercebida por mim. —Como você está se saindo?— Ele vai direto ao ponto, os olhos diretos sobre seu filho. Ambos, Jonathan e meu pai os olham, elegantes em seus ternos Armani, os dois ainda não têm os cabelos acinzentado e suas mandíbulas são fortes, sem barba e limpas. Mas a diferença está em suas características. Jonathan o olha como se ele pudesse arrancar seu coração. Meu pai parece aberto o suficiente para dar nele um abraço.

—Eu tirei um A— diz Lo. Minhas sobrancelhas sobem com a surpresa. Um A? Eu estou passando mal, mas ele é naturalmente inteligente, quase nunca tem a necessidade de estudar.

Jonathan olha para mim, e eu imediatamente começo a afundar-me na

cadeira.Seus olhos são poderosos demais para fazer contato. — Você parece chocada. Será que ele está mentindo? —

—O quê? Não, eu-eu, —Eu estou tendo um ataque cardíaco neste momento.—Nós não falamos sobre as notas ...

—Você não acredita em mim, papai?— Ele toca seu peito. —Estou chateado.

Jonathan se encosta em sua cadeira. —Hmm.— Hmm? O que isso quer dizer?!

Meu pai tenta aliviar a atmosfera sufocante. —Tenho certeza que Lily irá mantê-lo focado nas coisas importantes.

Lo sorri. —Oh, ela mantém, definitivamente.

—Grosso!— Rose diz sem expressão. Se ela soubesse que ele estava falando sobre bebida e não sobre sexo. Minha mãe dá um círculo de olhares de reprovação, cheia do mesmo gelo que Rose herdou.

—Em qual graduação planeja se formar?— Meu pai pergunta.

Eu penso sobre o futuro dele de novo, vestindo um terno apertado, trabalhando para seu pai, seus lábios puxados em uma carranca perpétua.

—Nós ainda temos um ano para decidir.—ele responde.

—Vocês dois precisam começar a formular um plano.— meu pai diz, soando crítico.

Um plano. Eu tenho sido tão focada em Lo que eu não tenha sequer começado a imaginar a minha vida depois da faculdade. Onde eu estarei? O que eu vou ser? O espaço em branco preenche o vazio, sem saber o retrato ao qual pintar.

—Nós apenas queremos dar aos estudos a nossa atenção. A graduação é realmente importante para nós. —Sim, esta certo.

Meu pai dobra o guardanapo na mesa prestes a mudar de assunto.

—Jonathan e eu estávamos discutindo o próximo Natal Charity Gala patrocinado pela Fizzle e Hale Co. A imprensa foi informada sobre o evento a

semanas, e é importante que todos estejam presentes para mostrar o apoio.

—Nós estaremos lá—, diz Lo, erguendo o copo.

—Qualquer notícia sobre um anel?— Poppy pergunta com um sorriso maroto.

—Eu ainda tenho vinte anos.— Eu a lembro, encolhendo.

—Você não tem nenhuma previsão?—ela pergunta, com sua cara fechada.

Eu franzo a testa em confusão e balanço a cabeça. O que ela está tentando fazendo aqui?

Seus lábios se apertam em uma linha fina e ela sussurra para Poppy, que rapidamente lhe sussurra de volta.

—Senhoras,—minha mãe repreende. —Não sejam rudes!

Rose se endireita e joga seu olhar gelado em mim. —Eu acho estranho você só estar bebendo suco de laranja e água.

—Eu estou dirigindo.— eu digo a ela. Por que todos acham estranha minha escolha de ficar sóbria? Quando foi que se tornou anormal recusar álcool em uma refeição?

Minha mãe bufa. —É para isso que você tem a Nola, Lily.

—E Anderson também.—acrescenta Jonathan.

Anderson, o dedo-duro. Nunca.

—Bem, eu tenho uma razão para acreditar que sua escolha de bebida não tem nada a ver com a condução .—diz Rose.

O quê?!

—O que você está insinuando?— Meu coração bate descontroladamente. Por favor, não deixe ser o que eu estou pensando. Por favor, por favor, por favor. Lo aperta meu quadril para me tranquilizar, mas o que está vindo, é ruim.

—Sim Rose, o que você está insinuando?— Minha mãe vem à minha defesa.

—Eu tenho um amiga que está na faculdade de Penn. Ela viu Lily saindo

de uma clínica de ginecologia no mês passado.

No mês passado... oh, caramba. Eu cubro meus olhos com uma mão, e caio tão baixo no meu lugar, que estou praticamente ao nível da mesa.

Meu pai engasga com sua bebida, e Jonathan está muito, muito pálido, um feito que eu não acharia possível para sua pele irlandesa.

—Isso é verdade?— Minha mãe pergunta.

Sim.

Abro a boca. Eu não posso dizer a resposta real. Sim, eu fui lá. Eu visito a clínica de saúde para verificar se estou com alguma DSTs a cada dois dias, está bem? E eu faço testes de gravidez. Estou segura e eu sei disso. A maioria das pessoas não pode dizer isso.

Ou falo toda a verdade, uma tarde fiz um teste, e o resultado me deixou assombrada. Eles me mandaram para a clínica para fazer um ultrassom. Alarme falso, felizmente.

—Lily, explique-se:— Minha mãe quase grita.

Lo olha para mim por um longo momento antes que ele perceba que eu estou sem nenhuma capacidade de formar palavras, quanto mais mentiras.

—Foi apenas um susto— ele diz e volta sua atenção para Rose. —É engraçado como você escolhe agora para falar disso se você já sabe que foi a um mês atrás.

—Eu estava esperando que Lily contasse ela mesma. Pensei que contasse hoje.

Estou tendo um colapso nos pulmões.

—Por que você não me contou? —Minha mãe pergunta.

Eu engulo em seco.

—Ou a mim?—diz Poppy.

Daisy levanta a mão e aponta para si mesma. —Pra mim também!

Eu pressiono meus dedos nos meus olhos e respondo: — É, não foi nada.

Mamãe alarga o nariz, irritada: —Nada? Uma gravidez não planejada não é nada.

Papai corta: — Você tem todo o seu futuro à sua frente, e as crianças vão

mudar a maneira como sua vida funcionará para sempre. Você não poderá desfazer isso. —Sim, eu adoraria uma criança para dificultar nosso estilo de vida, uma razão pela qual eu tenho sido tão cuidadosa até agora. Eu não tenho o coração ou força para dizer tudo a eles. Que se alguns dos testes derem positivo, a criança não seria de Lo.

Eu levanto rapidamente, a cabeça de bombeamento com um balão de gás hélio. Ele flutua, mas eu ainda consigo achar as palavras: —Eu preciso de um pouco de ar.

—Nós estamos no quintal!—diz Rose.

Lo se levanta de sua cadeira: — O ar em que você não esteja respirando também.— Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas.

—Loren!— Jonathan rosna.

—O quê? —Ele rosna de volta, seu olhar caindo para o uísque, a inveja e o rancor de seu pai nublando sua íris cor de âmbar.

—Tem sido uma longa tarde— diz meu pai. — Lily parece pálida. Leve-a para dentro, Loren.

Antes que alguém mude sua mente, Lo me leva através das portas de vidro francês e para o banheiro mais próximo. Eu caio no assento do vaso sanitário.

—Por que ela faria isso?— Meu peito aperta a cada respiração. Eu puxo o tecido apertado do meu vestido que asfixia minhas costelas. E se sua amiga estivesse também na clinica, ao invés de só ter me visto sair de lá?? Como poderia explicar a verificação de doenças sexualmente transmissíveis?

Lo se ajoelha na minha frente e pressiona uma toalha quente na minha testa e pega sua bebida na minha bolsa. Um flashback me bate ao lembra de ter feito hoje o mesmo com ele. Em menos de algumas horas nós já trocamos de lugar.

—Rose pode ser cruel.— ele me lembra.

Eu balanço minha cabeça. —Ela ficou chateada.—é assim que Rose

Calloway retalia contra alguém que a afeta. —Ela queria que eu tivesse contado a ela primeiro. — Eu esfrego os olhos, tremendo. E se Rose soubesse de todos os caras que durmo? Será que ela vai me odiar depois? Eu não tenho ideia. Prever sua reação me causou noites agitadas, e então eu decidi que é mais seguro manter minhas atividades noturnas para mim mesma. Eu pensei que seria mais fácil para todos.

—Respire, Lil—ele sussurra. Quando eu começo a respirar em sincronização, ele abandona o pano e volta para sua bebida. Depois de dar mais um gole, ele limpa a boca com a mão e descansa contra os armários.

—Isso está ficando mais difícil.— Eu fico olhando para as minhas mãos, como se elas segurassem minhas mentiras.

—Eu sei— ele respira. Eu espero que ele diga o que quero ouvir, que paremos de fingir.

Em vez disso, nós comemos o silêncio. O farfalhar de sua bebida e meus soluços são os únicos sons para a nossa miséria.

Alguém bate na porta, e Lo guarda sua bebida de volta na minha bolsa.

—Líly? Posso falar com você? —Poppy pergunta.

Lo me olha para saber o que fazer. Eu concordo. E ele vai para a pia, colocando a boca embaixo da torneira. Ele cospe água de volta e em seguida abre a porta.

Poppy lhe dá um sorriso maternal quente. —Seu pai quer falar com você. Ele está esperando na sala de estar.

Ele praticamente bate a porta ao sair.

Poppy brinca com os dedos enquanto eu olho para o chão de mármore preto. —Eu não sabia que Rose ia dizer nada. Ela me disse esta manhã, e eu pensei que teríamos uma chance de falar com você antes de anunciar qualquer coisa para mamãe e papai.

Eu tiro meus pés vaso e os pouso no mármore frio, não sou forte o suficiente para falar nada.

Poppy preenche o vazio. —Rose está passando por um momento difícil. Ela vê Daisy com sua carreira de modelo, você tem Loren, e eu estou ocupada com a minha filha. — Ela faz uma pausa. —Você sabe que Calloway Couture só caiu por Saks?—

Eu franzo a testa profundamente, não percebendo.

Rose construiu Calloway Couture com a nossa mãe como um negócio quando ela completou quinze anos. Anos mais tarde, ele se transformou em uma linha de moda rentável que Rose podia chamar de sua. Eu nunca perguntei nada sobre sua vida. No entanto, ela sempre encontra tempo para perguntar sobre a minha.

—Eu tentei ligar para você.— Poppy continua. —Durante dois meses, e você não respondeu. Lo não respondeu. Se Rose não me assegurasse de que você estava viva, às vezes eu me pergunto... —Sua voz se transforma, ficando morta —Eu não posso ajudar, mas acho que você está nos eliminando de sua vida.

Não me atrevo a olhar para ela. Lágrimas pinicam meus olhos, queimando, mas eu as seguro. É mais fácil dessa maneira, eu me lembro. É mais fácil se eles não souberem de nada. É mais fácil desaparecer.

—Eu estive na faculdade também, e eu sei que sua vida social e estudos podem ter precedência sobre a família, mas você não tem que nos cortar completamente. — Ela faz uma pausa novamente. —Maria tem três anos. Eu adoraria que você fizesse parte de sua vida. Você é boa com ela, sempre que você está por perto. —Ela dá um passo incerto para a frente e estende a mão para mim. —Estou aqui por você. Eu preciso que você saiba disso.

Eu levanto com as duas pernas trêmulas e deixo que ela me abrace, —Sinto muito— sussurro. Ela funga, suas lágrimas estão caindo nas minhas costas. Depois de se afastar, eu respiro. —Obrigado, Poppy.

Suas palavras me derrotaram, derrubando qualquer pingo de resiliência. Não tenho mais nada para dar, nenhum conforto de sobra. Eu me sinto como um escudo, esperando o eremita para voltar para casa.



Capítulo Cinco

Dias passam lentos como névoa, cheio de corpos aleatórios e elevações carnais. Eu tento manter a minha palavra e responder a chamadas de minhas irmãs (eu ainda filtro os meus pais), mas às vezes, meus telefone fugitivos age como uma adolescente angustiada e se esconde. Normalmente, estou muito envolvida em atividades corporais para procurar.

Eu também tenho uma desculpa válida para manter o meu telefone desligado.

Aula.

Economia e Negócios são os cursos que me consomem o tempo na Penn. Talvez eu devesse ter escolhido um mais fácil, mas meus talentos se iniciam e terminam em ser capaz de conquistar um menino na cama. E a maioria das meninas pode facilmente ter sucesso onde eu não tenho.

A vida faria mais sentido se eu passasse a ser um prodígio na arte ou música. Eu teria um sentido, um propósito. Então, talvez o meu futuro não parecesse tão branco.

Desde que meus presentes artísticos estão em figuras de vara e assobio, eu estou presa com a estatísticas. Ao meio-dia, eu me sento ao lado de Lo no auditório nas ultimas fileiras. Managerial Economia e Teoria dos Jogos, Lo

realmente sabe. E eu entendo sobre isso 1.111% da palestra seca do professor.

Lo chuta os pés na cadeira vazia abaixo enquanto eu febrilmente tomo notas no meu laptop, meus dedos batendo contra as teclas. Depois de alguns minutos, eu me sinto muito cansada. Acontece. Então eu abro outra janela e procuro meus sites favoritos.

Meus olhos se arregalam de alegria. Kinkyme.net enviou um vídeo que caracteriza um jogador de futebol profissional (uma estrela pornô) e um Fan (outra estrela pornô) em posições sensuais. Eu inclino minha cabeça enquanto ele acaricia seu pescoço e a leva para o chuveiro do ginásio. Ooh, molhado.

Assisto ao vídeo em mudo, é claro, mas percebo as rasas respirações e vejo como o ator musculoso prende a garota nos ladrilhos molhados e quentes.

Risos entram em erupção, e levanto a cabeça do computador, meu rosto em chamas. Ninguém olha para mim.

Na verdade, meus olhos estão plantados sobre o professor. Ele faz outra piada sobre Ke$ha e brilho, uma divagação bem-humorada. Eu engulo, tudo bem, minha mente está pregando peças em mim. Eu minimizo o pornô e volto para as minhas anotações novamente.

Lo não tem conhecimento dos alunos ou do professor. Ele está lendo os últimos quadrinhos de X-Men em seu iPad e com uma garrafa térmica em sua outra mão.

—Eu não vou te emprestar minhas anotações.— Eu o lembro em um sussurro.

—Eu não as quero. — Ele dá um grande gole de sua bebida alcoólica. Eu acho que o vi inventando uma mistura de laranja e limão com uísque esta manhã, algo repugnante.

Minhas sobrancelhas se erguem. —Como é que você está pensando em estudar?

—Eu vou improvisar.

Isso é o que ele sempre diz. Eu espero que falhe. Não, eu não espero.

Sim. Talvez. Enquanto eu estou sobrecarregada com muita ansiedade, ele está calmo e relaxado em seu assento.

—Você realmente quer irritar seu pai?—Pergunto. No almoço da semana passada, Lo me disse que seu pai o chamou de canto e o cobrou sobre as notas e ser mais seguro comigo. Ele disse que viu "cuspe voando", o que poderia ser inteiramente verdade. Eu vi Jonathan Hale agarrar a nuca de Lo como um filhote de cachorro, apertando com tanta força que ele se contorceu de dor até que seu pai o largou. Eu não acho que ele percebeu a quantidade de força que ele estava usando ou a dor nos olhos de Lo.

—Ele vai encontrar algo para se zangar, Lil— sussurra. —Se não é a escola ou você, é meu futuro na Hale Co. Ele não pode me mandar para a porra do acampamento se eu reprovar, não quando eu sou um adulto. Então o que é que ele vai fazer comigo? Tirar-me o fundo fiduciário? Então como vou sustentar a minha futura esposa?

Eu não posso estar em seu futuro. Não naquele em que nossas mentiras vão tão longe como o casamento. E por seu tom amargo, eu duvido que ele imagine isso também. Eu lambo meus lábios secos e volto minha atenção para o professor. Eu perdi um bom pedaço de informação com essa conversa, e eu não tenho nenhum amigo de classe para pedir anotações. Eu começo escrevendo às pressas novamente.

Depois de alguns minutos, ele suspira de tédio e me cutuca: —Você já teve relações sexuais com alguém nesta sala?

—Por que você se importa?— Eu tento fingir indiferença e me concentrar na aula. O pequeno guia na parte inferior da tela do meu laptop também me distrai: Pro Pleasures Fan, Assista ao vídeo completo aqui.

—Estou prestes a cair no sono.

—A sua presença aqui está dez por cento. Eu posso realmente controlar o resto. —Ele inclina seu ombro para mim, seu calor entra no meu espaço, seus

bíceps duros e macios em meus ombros. A respiração morre em meu peito. —Você não respondeu minha pergunta.

Meus olhos vagueiam em torno dos cem corpos compactados no demoníaco auditório. Eu olho para um cara baixinho de cabelo castanho bem abaixo de nós. Dois anos atrás, no seu apartamento. Missionário. Eu olho para outro com cabelo quase preto amarrado em um pequeno rabo de cavalo. Cinco meses atrás, em seu carro. Eu o cavalguei. Os momentos repassam sangrando em meu cérebro. Meu coração acelera lembrando das imagens, mas meu estômago afunda na resposta à pergunta de Lo. Em uma aula com cem pessoas, eu pelo menos, dormi com dois caras. O que isso diz sobre mim? Vagabunda, prostituta. Eu já posso ouvir a condenação.

No entanto, eu olho para aquele pequeno guia no meu computador e meu peito vibra de empolgação.

—Então?— ele pressiona.

—Eu não sei.— eu minto.

Uma sobrancelha se levanta,—Você não sabe?— Antes que eu possa desmascarar sua expressão, ele sorri com uma amarga diversão familiar. —Isso é hilário.

—*Você precisa transar,*— Eu quase grito de volta. Acho que ele poderia dar uma mudada na sua vida sexual inexistente.

—E você precisa de uma bebida.

—Ha. Ha.

—Você começou.

Eu bato nas telas e ele sai fora do meu espaço, o peso de seu braço desaparecido. O calor substituído pelo frio. Eu inalo fortemente e tento não pensar sobre o vazio na minha barriga ou o ponto entre as minhas pernas.

Meu dedo desliza, apertando um botão aleatório.

—Ahhh, bebê, logo ali, bem ali!

A sala inteira fica em silêncio. E as cabeças giram para trás, em direção à fonte dos ruídos sexuais, em direção a mim.

Oh meu Deus. Meu pornô permanece no guia, mas o som aumenta quando o pró-atleta atinge seu clímax.

Seus gemidos. Meu Deus, seus gemidos. Eu aperto todos os botões tão rápido quanto meus dedos permitem, mas meu computador expande a janela de pornografia e diz que não vai me obedecer a cada vez que eu tentar sair.

Lo pressiona os dedos sobre os lábios, tentando desesperadamente esconder seu sorriso.

—Come minha bunda. Por favor, por favor!!! Ahhh! —Os gritos da menina.

— AaaahhhhHHHH!

Eu enterro minha cabeça em meus braços. Finalmente, o ruído morre, deixando a sala de aula morta, num silêncio constrangedor. Eu espreito olhando pelo meu braço.

—Eu estou com vírus.— murmuro e encolho, muito envergonhada para reformular outra desculpa que não seja esta.

As sobrancelhas escuras do professor desenham em uma linha dura, minha desculpa não agradou a todos. —Veja-me depois da aula.

As pessoas olham de volta para nós, e a exposição envia a minha pele em tons de vermelho.

Lo se inclina novamente, mas sua presença masculina não me tenta. Me sinto como se tivesse sido eletrocutada.

—Eu não sabia que você assista pornô anal.

Ele tenta me animar com as palavras, mas eu não consigo nem rir. Um exército de formigas de fogo apenas se arrastou pelo meu corpo. —Eu estou morta— murmuro e um pensamento de horror me bate. —E se meus pais descobrirem?

—Aqui não é o ensino médio, Lil.

Suas palavras não me fazem sentir melhor. Eu olho para minhas mãos, meus ombros curvando para a frente, a cabeça levemente abaixada.

—Hey.— ele segura suavemente meu queixo para encontrar o seu olhar, um olhar cheio de compreensão, se estreitaram com empatia. Eu começo a relaxar. —Ele não vai ligar para os seus pais. Você é adulta.

É difícil esquecer o quanto meus pais se apegam ao meu futuro com tanta diligência e vigor.

—Quantas vezes você deu a bunda?— Lo zomba com um sorriso torto.

Eu gemo e enterro minha cabeça em meus braços mais uma vez, mas meus lábios dão um pequeno sorriso. Eu escondo isso também.

Depois de mais meia hora temendo o meu computador e fazendo as anotações num papel no ritmo de um caracol, a aula termina. As pessoas tem a oportunidade de me olhar, e da maneira como me olham, eles estão fazendo uma imagem mental cheia de The Girl Who Relógios Porn (In Class).

Eu me levanto e minhas mãos tremem. Lo me passa minha mochila, e eu jogo ela sobre meu ombro.

Sua palma escova minha cintura, por um breve segundo, quando ele diz: —Eu te vejo mais tarde. Talvez possamos almoçar durante o intervalo.

Eu aceno, e ele se afasta, deixando-me a perguntar se isso era verdadeiro ou falso. Se ele queria realmente tocar meu quadril ou se era um movimento inconsciente, treinados por todos esses anos de fingimento.

A parte mais assustadora, eu quase esperava que fosse real.

Eu o vejo desaparecer com sua velha mochila JanSport, quase vazia. Não há cadernos. Nenhuma caneta. Nenhum computador. Apenas um iPad, um telefone e uma garrafa térmica em seu poder. Ele anda sem preocupação ou cuidado, tocando a altura da moldura da porta em seu caminho para fora. Algo sobre sua natureza autoconfiante, sua tranquilidade me fascina.

—Nome?

Eu saio do meu transe. O professor está em sua mesa, esperando por mim.

—Seu nome?— Ele pergunta novamente laconicamente. Ele desliza seu

laptop em sua pasta. Os estudantes do próximo período começam a chegar, e seu instrutor começa a apagar o quadro que está rabiscado com problemas econômicos.

Vou até a mesa e respondo:—Lily Calloway.

—Lily,— ele diz secamente, tomando sua pasta da mesa. —Se você não pode trazer um computador sem vírus para a aula, então você precisa tomar notas com uma caneta e um papel. Da próxima vez que isso acontecer, eu vou aplicar isso a todos. Você não quer ser a garota que arruinara este privilégio para toda a classe. —Não, eu não quero. Eu só tenho um amigo, já isolado como ele é, mas isso não significa que eu quero fazer todos os outros inimigos.

—Sinto muito— eu digo.

Ele balança a cabeça e sai sem dizer uma palavra.



Capítulo Seis

O relógio bate meia-noite pelo tempo que eu marcho no átrio do Drake, meus saltos batendo palmas sobre os pisos de mármore cremosos. Meus músculos doem por terem sido entalados em um teatro de balé. Fiquei sentada ao lado de Rose e Poppy por uns dez minutos. Então eu desapareci em busca do um cara que me olhou na cabine do bilhete. Após o sexo, voltei para o meu lugar e elas quase não notaram que fui socorrida em nosso tempo planejado de irmãs. Passei o resto do ballet imaginando os bailarinos me levando pra casa após o show terminar. E quando as cortinas fecharam, uma grande parte de mim queria ir encontrar um, mas eu estava com minhas irmãs. Eu estava sentada com elas, pensando em sexo. Eu sou uma idiota.

Entro no elevador de ouro e pressiono o botão do andar, minhas costas doem. Por que será que ele teve que me bater contra as paredes?

Antes do elevador se fechar, um homem corre, deslizando os dedos entre as portas que se abrem ao seu toque.

Ele entra, sem fôlego, e eu vejo quando ele passa a mão pelo cabelo castanho espesso. Ele aperta o botão para o andar de baixo, o meu, e o elevador sobe.

Eu verifico se há um anel. Nenhum. Seu terno carvão parece caro, seu

relógio de ouro faz validar as minhas suspeitas.

Vinte e tantos anos ou trinta e poucos. Advogado, eu prevejo. Mas eu não me importo muito sobre isso. Não quando a forma de seu corpo parece ser difícil, tonificada e poderosa.

Esta é a parte fácil. Não sei nada sobre ele. Deixo minhas paixões me consumir por um único instante. Isto é o que eu faço melhor. Como a minha confiança sobe, eu fecho os olhos, inalando uma respiração profunda, pensativa.

Seu olhar quente desliza no comprimento das minhas pernas nuas, me espreitando por baixo, um vestido branco elegante de costas nuas. Eu lentamente tiro meu casaco preto e me viro sugestivamente. Ele tem uma vista muito pequena das minhas costas, a parte nua e pronta a tomar apreensão.

Eu descanso a mão na parede do elevador, minha respiração baixa e tensa. E seu corpo desliza contra mim, as grandes palmas das mãos sobre meus quadris delgados. Eu baixo uma para minha coxa, para o lugar entre as minhas pernas. E ele cresce. Um som adere a minha garganta, e eu mantenho minhas mãos na parede. Ele encontra o seu caminho em mim. Sim.

Seus dedos apertar em torno da minha cintura, apertando o meu vestido, puxando-o mais pra cima. Uma das mãos segura meu ombro para conduzir mais profundamente. E com um último impulso:

Bing.

Meus olhos se abrem, e eu fico vermelha brilhante da fantasia que eu criei. Esse cara não tem idéia de que eu imaginei ele num momento impuro comigo. Eu me mantenho apoiada na parede, com as mãos nos bolsos segurando meu casaco, e com a respiração tensa.

Ele não olha para trás, nem mesmo reconhece minha existência, ele desliza para fora das portas do elevador quando elas se abrem.

Minha fantasia construiu uma tensão que nunca será liberada. Quando as portas se fecham, eu bato minha cabeça na parede. Estúpida, Lily.

Eu chego no meu andar e caminho pelo corredor. Agora, eu gostaria de

poder voltar para minha escola secundária.

Onde eu tinha relações sexuais talvez uma vez por mês. A maioria das horas foi preenchida com pornografia e minha imaginação. Agora, muito pouco me excita, e quando eu encontro algo que me deixa, eu penso sobre isso constantemente. Eu mal consigo durar nem mesmo um dia inteiro sem ser gratificada com um conjunto de mãos e o toque de um corpo masculino contra o meu.

O que há de errado comigo?

Eu jogo minhas chaves no cesto, penduro o meu casaco e tiro meus saltos, tentando não pensar sobre o que aconteceu. O cheiro de scotch paira no ar. Quando vou para o meu quarto, passo pelo de Lo e de repente eu paro.

—Hey,— uma menina ri. —Não ...— Ela geme. Gemidos.

O que ele está fazendo com ela? O pensamento assustador se demora, e eu mordo minhas unhas, o imaginando.

Suas mãos nas minhas pernas, minhas mãos em seu peito, seus lábios contra meu, o meu contra o seu. Lily, ele respira, trazendo-me para perto, a sua espera. Ele olha para mim com aqueles olhos cor de âmbar, estreitos com paixão.

E ele sabe exatamente o que fazer para me tornar sua.

—Oh ... Deus!— Ela começa a gritar quando ele encontra o ponto certo. Ele deve ser bom na cama, e eu me encontro desejando que ela vá embora. Que importa se ele tem uma garota na sala? Eu disse a ele que ele precisava ter relações sexuais.

E ele está tendo. Eu deveria estar feliz que ele finalmente está transando.

Mas eu não vou engolir uma pílula da felicidade agora.

Eu contenho meus sentimentos que começam a crescer e me confundir. Eu entro no meu quarto, pronta para um chuveiro. Meu telefone toca, e eu abro o texto.

Thump, thump, thump.

A cama dele fazendo barulho, na minha parede. Uma bola aperta na minha garganta, e eu percorro minha lista de contatos, hesitando sobre o serviço de escolta. Depois que o último gigolô mudou um dia físico em um emocional, eu tenho evitado qualquer interação com serviço pago de homens.

Eu jogo meu telefone no meu edredom roxo.

Thump, thump.

Ducha, eu tento me lembrar. Sim. Vou para o meu banheiro.

Thump. Thump. Thump.

Bom Deus.

Vou para o banheiro, tiro minhas roupas e fecho meus olhos, tentando pensar em outra coisa que não seja sexo. E Loren Hale.

Capítulo Sete

Sento-me em uma chaise vitoriana no saguão do camarim, cercada por muitos espelhos e muitas estantes de vestidos, alguns custando mais que vestidos de noiva.

Enquanto minhas irmãs experimentam vestidos longos de belezas drapeadas em cores profundas invernal, eu protejo as dezenas de sacolas de compras das joalherias e lojas de calçados. O primeiro vestido que escolhi eu comprei, um vestido de mangas rendadas cor ameixa.

-Eu não tenho que me desesperar sobre o que vestir para noite de Gala de Caridade. Eu sento la fora na chaise, e roubo olhares de um cara bonito. Ele torce um anel em seu dedo e verifica o relógio, esperando por sua esposa em um camarim com cortinas à esquerda de Rose.

Eu não sou uma defensora da infidelidade, adultério, engano, o nome dele. Eu nunca sai intencionalmente com um homem casado, e eu não pretendo fazer isso agora, mas olhando ... isso não é contra as minhas regras.

Enfim, eu não posso ajudá-lo. Toda a sua mandíbula está alinhada com a nuca, o tipo que você deseja segurar em suas mãos.

Seus olhos verdes olham em volta. Para o melhor, eu suponho, mas uma grande parte de mim quer que ele olhe para cá, levanta-se e venha até a mim.

—Isso é tão feio.

Eu dou um pulo quando Daisy emerge de seu camarim. Ela olha para o conjunto de espelhos no saguão e faz um pouco de rotação. Eu tremo. Sim, o grande arco situado na bunda dela não está ajudando. Nem a cor verde-vômito de seu vestido.

—Isso é horrível—, Rose concorda, empurrando para trás as cortinas, se juntando a nós.

—Oh, eu gosto de vocês.—Lo exclama.

Rose leva o tempo para verificar seu vestido de veludo azul no espelho. O tecido cinches no busto abraça seu corpo esguio perfeitamente. —O que você acha, Lily?—não nos falamos desde o desastre da "gravidez" no almoço. Rose pediu desculpas durante o café-da-manhã no meu apartamento. Ela trouxe tudo, até mesmo o meu bagels favorito, e posteriormente, eu disse que estava arrependida também. Por não ser muito presente para ela.

E assim é o nosso relacionamento. Eu a decepciono, ela me perdoa, mas nunca se esquece, e seguimos em frente.

—Fica bonito em você, assim como o de seus quinze anos.

A voz de Poppy sai de seu camarim. —Ponha seu braço aqui. Pare de ser tão difícil. —Ela suspira exaustivamente. Depois de alguns segundos, ela sai com uma pequena morena se contorcendo.

—Ah Maria, você está tão bonita!—diz Daisy, tocando o vestido de renda rosa de Maria com suas meias brancas. Poppy segura Maria contra seu quadril, estabelecendo-se.

—O que você disse?— Poppy diz a filha.

—Obrigado, tia.— Ela coloca seu polegar na boca, e Poppy imediatamente o tira de lá.

—Você é velha demais para isso.—

Ela é a terceira no clã Calloway que tem um treinamento excêntrico, caminhadas, leitura, ortografia e a escrita deve ser alcançados antes da idade

média, para não se transformar em pessoas normais.

Rose vem mais perto de mim, para longe de Maria fazendo uma careta. Seu ódio pelas crianças é realmente divertido. Eu sorrio olhando para ela, e quando ela percebe que estou olhando, uma onda de xingamentos se dirigem a mim.

—Quem você vai levar ao baile?—Ela pergunta.

Ah, nada mal.—Lo, é claro.— Meu sorriso se alarga. —A melhor pergunta é, quem você vai levar?— Rose luta constantemente para o certo, uma vez que nenhum indivíduo pode sempre viver de acordo com seus padrões impossíveis. Mas nossa mãe insiste em datas, acreditando que, se você chegar sem um homem, você é indesejada e desvalorizada. Algo que eu discordo, Rose discorda ainda com mais veemência do que eu. A luta de nossa mãe para Rose recuar me esgota, a minha mãe deve ter trazido o sistema hidráulico. Rose odeia chorar quase tanto quanto ela não gosta de crianças.

—Eu estou trabalhando nisso.

Ela geralmente leva Sebastian, seu lado doce do braço, mas, aparentemente, ele está procurando este ano por sua namorada. Eu ouvi seu discurso retórico sobre ele a semana passada toda, e eu acho que agora ela esteja calma demais para trazer a conversa a tona.

Daisy entra na conversa: —Eu provavelmente vou trazer Josh.

Eu franzo a testa. —Quem é Josh?

Ela puxa seu cabelo marrom preso em um rabo de cavalo. —Meu namorado a seis meses — ela enfatiza, sua voz se ilumina.

—Desculpe.— eu digo. —Eu só ...— nunca estou em casa para vê-la. Ou ele. E ninguém me contou nada.

—Está tudo bem.

Eu sei que não está.

Ela encolhe os ombros e desaparece em seu camarim para tirar a monstruosidade verde.

Rose me lança um olhar frio. —A quem você acha que ela manda mensagens de texto durante todo o dia?

Ela manda mensagens de texto? —Papai?— Eu tento.

Rose revira os olhos dramaticamente.

Maria joga seus sapatos de bailarina em mim. Jesus!

—Maria!—Exclama Poppy.

Rose ri alto. Eu acho que esta é a primeira vez que uma criança a faz sorrir. E foi as minhas custas e um sapato!

—Que estúpida!

Eu bocejo. Será que ela me chamou de estúpida? Está todo mundo realmente com raiva de mim? Até mesmo uma criança?

—Não use essa palavra.— Poppy repreende. —Diga a Lily que sente muito.

—Eu odeio esses sapatos!— Ok, bom. Pelo menos alguém ainda não tenha caído de amor por mim. —Estúpida, estúpida, estúpida!

—O que você acha destes?— Eu aponto para uma caixa de sapatos de prata reluzente com lacinhos cor-de-rosa. Os olhos de Maria ampliam e se acalmam. Eu sorrio. —Tem certeza de que ela é uma criança Rose? Dê a ela algum Prada e ela se cala.

A risada de Rose morre. —Engraçadinha.

Poppy diz: —Eu vou levar Maria para o banheiro.— Ela vai espancá-la. Minha mãe costumava ameaçar com uma colher de pau. Aquelas que machucam de verdade. Elas são muito, muito assustadoras, e eu aprendi a me acalmar em locais públicos, temendo a ira da minha mãe e do golpe de seu utensílio. —Você da uma olhada no meu camarim, Lil? Minha bolsa está lá.

—Sim claro.

Quando ela desaparece de vista, Rose se move por algumas sacolas e se senta meu lado. —É Loren?

Eu franzo a testa. —O quê?

Seus olhos verde-amarelados encontram os meus. —Ele está mantendo você longe de nós?

Meu estômago se agita. Lo me manter longe deles? Eu consigo rir, chorar ou gritar. Nada! Talvez, *apenas gritar a verdade*. Eu não posso colocar você em minha agenda, não quando ela é reservada para o sexo, não quando você não entenderia.

—Não é Lo. Eu estou apenas ocupada, às vezes até mesmo ocupada para ele.

—Você não está mentindo para mim, está?

Eu olho para minhas mãos, uma pequena forma de dizer que sim, mas eu duvido que ela me conheça a este ponto. Eu balanço minha cabeça: —Não.

Após um persistente silêncio, ela diz: —Eu disse a mamãe que Penn seria muito difícil para você. É claro que ela não me deu ouvidos. Você não era uma estudante modelo em Dalton.

Eu rio, isso é um eufemismo. —Minhas notas me sugaram.— Dalton Academy era muito difícil pra mim, de muitas maneiras.

Sem as conquistas da minha família, eu não teria sido aceita em uma Ivy League. Isso é muito claro para mim.

—Lembro-me de quando eu preenchia seus testes.—diz Rose com os lábios franzidos, mas há um brilho em seus olhos, como se naquele momento eu estivesse mesmo gostando que ela fizesse aquilo. Eu nem me lembro disso. Devia estar navegando na internet, olhando pornografia. Pensando sobre sexo.

—Você fez um bom trabalho.— eu digo. —Eu entrei!

—O que isso importa? Você escolheu Penn, não Princeton. Ela se levanta e finge admirar-se no espelho, mas posso dizer que ela está tentando esconder seus verdadeiros sentimentos. Nós brigamos muito quando eu tomei a decisão de ir para a faculdade com Lo e não ela. Ela nunca falou sobre seus companheiros de quarto comigo, mas Poppy me disse mais tarde que Rose já havia começado escolhendo louças e móveis para um apartamento fora do campus que ela esperava que gostaria de compartilhar.

Na época, eu culpei a minha escolha sobre Lo, dizendo a todos que ele não tinha sido aceito na Princeton. Claro, ele foi, mas como eu poderia aproveitar a minha liberdade e viver em estreita proximidade com Rose? Eu não podia. Ela iria descobrir sobre todos os meus garotos. Ela me cortaria de sua vida. Eu não posso aguentaria essa rejeição ou críticas. Não dela. Não de alguém que eu realmente adoro.

Muito suavemente, eu digo: —Eu sinto muito.— Eu sinto que tudo que faço é pedir desculpas.

Rose se parece em branco. Completamente desligada. —Está bem. Eu estou indo provar o vestido preto. —Ela vai para seu camarim e fecha as cortinas, deixando-me sozinha. Bem, não totalmente sozinha.

Eu olho para trás na outra chaise vitoriana.

Meu coração afunda. Está vazia. Ele se foi. Ótimo, agora eu nem mesmo tenho alguém para comer com os olhos.

O meu telefone vibra no meu bolso. Eu o pego e franzo a testa para o número desconhecido. Hmm. Abro o texto.

Quer sair? - 215-555-0177

Deve ser um cara que eu bêbada, dei o meu número para que ele me ligasse depois. Eu costumo manter informações pessoais para mim, para não provocar apego e perseguição.

Meus lábios se transformar em um sorriso, imaginando quem poderia ser na outra linha. A emoção realmente me pega de surpresa. Se eu estava bêbada quando nos conhecemos, eu provavelmente não vou me lembrar dele. Anônimo. Tecnicamente, ele vai ser como um primeiro encontro.

Eu faço a minha escolha.

Onde você quer me encontrar?



Capítulo Oito

Na manhã seguinte, eu acordo com dor de cabeça. Eu me levanto devagar, me lembrando vagamente do cara da mensagem de texto, mas não o suficiente pra ter uma boa imagem mental. Ele gosta de beber e seus colegas ficavam me pressionando a tomar tequila. Mas eu ainda me lembro de bater em sua porta, e esperar ele abrir e me deixar entrar, e usá-lo de tantas maneiras que seu corpo pudesse permitir.

O bom do sexo anônimo é não saber como o cara vai te olhar, por outro lado me envergonha, de muitas maneiras.

Como eu ainda minto, descendo de uma séria alta e deixada com uma ressaca infernal, eu me pergunto sobre Lo. Eu não o vejo desde que meu pornô foi ouvido por todos na sala de aula. Eu passei o meu intervalo do almoço estudando para um teste e não pude encontrá-lo no campus, e meu sábado foi preenchido com vestidos, sapatos e irmãs. Eu não sei mesmo o que ele fez ou onde ele estava, isso não é incomum. Nós não estamos juntos o tempo todo, de qualquer maneira. É bom nos separar de vez em quando. Eu acho, .. Que seja.

Eu arrasto o meu corpo da cama, visto uma camiseta larga e shorts jeans. Eu quero perguntar a ele sobre aquela garota que ele trouxe para casa. Talvez ele vai me dizer o que ele fez com ela. Isso seria estranho?

Quando eu saio para o corredor, eu escuto um som de leve riso, que emana da cozinha. Riso de uma garota.

Minha careta se aprofunda. Esta é a mesma garota? Não, não pode ser. Meu estômago dá um nó. É isso? Hesitante, eu chego mais perto e depois vou até a entrada.

—Você é um bom cozinheiro.—a menina diz, com a voz familiar.

Eu não sei porque eu pensei que ele teria um caso de uma noite como eu. Por que eu acharia isso? Então ela passou a noite de sexta e ficou também durante o sábado.

Vejo Lo pela cozinha, fixando dois bloody mary e lutando com os ovos no fogão. Eu examino a garota que está sentada de pernas cruzadas no banco do bar, vestindo a camiseta dele. Seus grandes seios espreitam para fora em ambos os lados, e eu posso ver sua calcinha vermelha sob o tecido cinza-carvão da camiseta.

Ela é loira natural, seu cabelo está molhado como ela estivesse tomado banho. E mesmo sem maquiagem, ela se parece com a menina na porta ao lado, alguém que você bate, em seguida estará levando ela para casa pra conhecer seus pais.

Eu me sinto ainda mais enjoada.

Lo coloca os ovos em dois pratos. Quando ele olha para cima, ele finalmente percebe que estou olhando feito um verme.

—Ei, Lily.— Ele aponta para a loira. —Esta é Cassie.

Cassie olha pra mim.—Oi.

Eu sorrio de volta, mas eu me encolho por dentro como uma flor murcha. Ela é legal também.

—Você quer café da manhã?— Lo pergunta. Ele age como se isso fosse nossa rotina normal. Ele trazendo uma garota para casa. Em uma base do primeiro nome com ela. Desde quando é que vamos saber os nomes dos nossos clientes? Nunca. Ok, bem, isso é mais a minha regra, mas eu pensei que se

estenderia até ele também. Tem sido assim desde que entramos na faculdade.

—Não—, eu murmuro. Faço um gesto para a sala atrás de mim. —Eu vou ...— me encolher em auto piedade — tomar um banho.— Eu caminho para as profundezas do corredor, indo para a segurança do meu quarto. Ok, isso foi estranho. Eu sou estranha. A situação toda foi extremamente estranho. É assim que se ele se sente quando eu trago os homens para casa? Eu afasto esse pensamento. Claro que não. Eu não exibo os caras e os testo para saber como eles seriam como namorado. Eu os mando embora quase que imediatamente.

Só uma coisa pode tira-lo da minha mente. Eu visto rapidamente em um vestido preto e penteio os cabelos, que felizmente não parecem muito sujos. Após passar perfume e colocar meus sapatos, pego meu telefone e escrevo três textos, todos os números anônimos, a guiar meu destino.

Infelizmente, tenho que passar pela cozinha para chegar ao hall de entrada e, em seguida, a porta da frente. Eu tento me tornar invisível enquanto ando, o meu objetivo é a porta de saída. Vamos, vamos, vamos!

—Onde você está indo?— ele pergunta, com a surpresa evidente em sua voz.

—Sair.— Eu pego um conjunto de chaves na cesta e, em seguida os guardo de novo. Eu não preciso levá-lo em qualquer lugar hoje, pois ele tem a Barbie Malibu em seu pescoço. Então, eu vou ficar bêbada. Talvez eu chame um táxi.

Eu fiz alguma coisa?— O sussurro de Cassie ecoa da cozinha antes que eu saia.

Eu estou esperando pelo elevador quando ele aparece ao redor do corredor. Eu ainda não consigo encontrar seus olhos.

Estou com raiva injustificadamente, o que torna tudo muito pior.

—O que há de errado com você?

Eu apertar o botão mais três vezes.

—Lily, olhe para mim.— ele agarra meu braço e empurra meu corpo em

direção ao dele. Eu finalmente olho em seus olhos cor de âmbar, quente, cheio de confusão e desprezo. —O que diabos está acontecendo? Você está agindo estranho.

—Você está namorando ela?

Suas sobrancelhas se elevam com dureza. Será que ele pensa que eu estou com ciúmes? Sou eu? Oh caramba. —É disso que se trata? Eu a conheço há dois malditos dias — diz ele. —Você foi a pessoa que me disse que eu precisava ficar com alguém, lembra?— Sim, eu posso arrancar as cordas vocais daquela garota?

—Eu me lembro, mas eu achei que você ia ter um caso de uma noite com ela.— Uau, isso soa mal.

—Eu não sou você.

Meu peito aperta. Tudo dói mais do que deveria. Ele disse coisas muito mais verdadeiras e francas para mim.

Eu evito o seu olhar mais uma vez, meus olhos plantados em meus pés.

Sua mão vai para o meu ombro. —Hey, eu sinto muito. Você pode apenas falar comigo, por favor?

—Estou com medo.— eu digo a primeira coisa que eu posso pensar. Eu realmente não sei se estou me sentindo confusa, irritada ou chateada.

Mas desculpas começam a sair dos meus lábios, desculpas que já estão enraizadas na minha cabeça como um código de leitura óptica. —O que acontece quando ela quer conhecer seu pai? O que acontece se ela começar a dizer às pessoas que ela está namorando Loren Hale, e essa pessoa possa ser amigo de Rose? —Eu não me importo com nada disso. A mentira pode ir para o inferno por que vale a pena. Eu só não gosto de vê-lo seguir em frente sem mim.

—Eu não estou namorando ela— ele enfatiza.

—Será que ela sabe disso? Porque ela parece muito confortável levando em conta que vocês só se conhecem a dois dias.

Ela está vestindo sua camisa e sentada seminua no banco do meu bar. Eu

quero expulsá-la. Eu quero chamar Rose para expulsá-la, porque ela vai fazer um inferno de um trabalho muito melhor do que eu.

Eu estou sendo irracional. E tão rude e hipócrita. Eu preciso sair daqui.

—Ela não está, Lily. Ela passou a noite, é isso.

—Duas vezes!— Grito. —E ela está tomando café da manhã com você. Você fez seu café da manhã. —Ele normalmente me faz café da manhã. E não para garotas aleatórias.

—E nem todo mundo age como um ratinho assustado após o sexo— diz ele cruelmente. Meu rosto se enruga de tristeza e ele faz uma careta. —Espere, eu não quis dizer ...—

—Chega.— eu digo, segurando sua mão. O elevador chega e as portas se abrem, mas seus dedos ainda envolvem em torno de meu pulso, para que eu não o deixe ainda.

Sua voz diminui com o fechamento das portas. —Você é um elemento permanente em minha vida. Você não vai a lugar nenhum. —Por que ele tem que dizer isso assim? Como se eu fosse um lustre pendurado em sua sala, enquanto ele desliza um anel no dedo de uma outra mulher.

Eu o empurro para fora. —Eu sei que não estamos juntos, ok?

—Lil!

—Ela vai estragar tudo!— Dói vê-lo com ela, brincando de casinha. Essa é a nossa rotina. Eu aperto o botão do elevador para descer. Para me tirar daqui!

—Pelo menos me diz onde você está indo.

—Eu não sei.

—O que você quer dizer?

Eu fujo para o elevador, e ele gruda a mão no batente da porta se recusando a me deixar ir.

—Quero dizer, eu não sei. Eu não vou para um bar. Vou me encontrar com alguém espontaneamente. Provavelmente em um motel ou em sua casa.

—O quê?— Seu peito entra em colapso e sua testa tem um vinco. —

Desde quando você faz isso?

—Desde ontem.

Sua mandíbula aperta em raiva. —Você está levando o carro?

O elevador vibra, porque as portas estão abertas por muito tempo. Eu empurro o braço dele e ele dá um passo para atrás. —Não—eu digo a ele. —É todo seu. Estou pensando em beber.

—Lily.— ele diz. —Não faça isso.

As portas do elevador começam a fechar.

—Lily!— Ele tenta enfiar a mão dentro, mas eles fecham antes que consiga. —Droga— eu o escuto amaldiçoar, deixando-me com uma última visão dele inalando uma respiração afiada. Eu deveria deleitar-me com o fato de que eu estou o assustando tanto quanto ele está me assustando, mas eu não posso.



Capítulo Nove

Peguei o carro. Talvez ele tenha entrado no meu cérebro de tal forma que tenha afetado meu subconsciente. Ou talvez eu realmente não queria beber. Seja qual for o caso, estacionei meu BMW longe desse complexo de apartamentos sombrio. O bafo de cigarro no quarto do cara, enchendo meus pulmões todo. Ele beija com aspereza, seus lábios molhados, sua boca chupando meu pescoço. Eu quero ser intoxicada pelo momento. Eu o espero me levar pra dentro da casa. Ele é decente, em seus vinte e tantos anos, eu suponho. Sem ajuste, sem fraqueza. Mas ele tem os olhos bonitos e bochechas com covinhas.

Um tapete felpudo dos anos setenta, as paredes de terra-laranja e lâmpada de lava me distraem. Meus joelhos cavam em seu colchão duro, eu olho pra fora, minha mente à deriva, suas mãos não fazem o seu trabalho e minha cabeça não fica no jogo.

Eu penso em Lo. Eu penso sobre o passado. Eu penso sobre ele com Cassie e por que dói tanto. E então uma memória flutua em mim.

Lo me jogou um cobertor na casa de seu pai, e eu me enrolei no tecido felpudo, enquanto ele colocava a primeira temporada de Battlestar Galactica no leitor de DVD.

—Você acha que podemos terminar a temporada antes de segunda-feira? — Perguntei.

—Sim, você pode ficar aqui se levar muito tempo. Temos que descobrir o que acontece com Starbuck.

Eu tinha quatorze anos, e meus pais ainda pensavam que eu queria Lo, um menino cheio de espinhas. Eu estava longe de pertencer aquele lugar.

E então seu pai está parado de pé na fresta da porta com um copo de cristal de uísque na mão. O humor mudou. O ar sugado, e eu podia praticamente ouvir nossos corações batendo em uníssono, em pânico.

—Eu preciso falar com você.— Jonathan Hale disse curto, passando a língua sobre os dentes.

Lo, com quatorze anos e desengonçado, ficou com os olhos apertados. —O quê?

Seu pai olhou para mim, seu olhar de corte murchando meu corpo para o enorme sofá de couro. —Lá fora.— Ele fechou a mão no ombro de Lo, guiando-o para as trevas.

Suas vozes tensas chegam aos meus ouvidos. —Você está falhando em álgebra de nono grau.

Eu não quero lembrar disso. Eu tento me concentrar no cara na minha frente. Ele está deitado de costas e me puxa pra cima dele. Mecanicamente, eu começo a desabotoar sua calça jeans.

—Isso não é meu cartão de relatório—.

—Não me venha com mentiras.—

Quero esquecer, mas há algo sobre Jonathan Hale que mexe com a minha mente. É assim que eu o vejo. Eu lembro. Em seus momentos de silêncio, imaginei um olhar desligado entre eles. Um que apenas pais e filhos com relacionamentos tempestuosos pode compartilhar. Cheio de ódio e verdades não ditas.

—Tudo bem, é meu— disse Lo, perdendo a vantagem.

—Sim?— Seu pai zombou. Seus sapatos caem, e algo bateu na parede. —Não seja a porra de um ingrato, Loren! Você tem tudo.

A imagem dói, e eu fecho meus olhos, fazendo uma pausa para um minuto. Na verdade, eu paro de puxar para baixo as calças do rapaz.

Jonathan rosnou: —Diga alguma coisa, agora é sua chance.

—O que isso importa? Nada é bom o suficiente para você. —Você sabe o que eu quero? Para ser capaz de falar com os meus associados sobre você, dizer-lhes como meu filho é melhor do que os seus merdinhas. Mas eu tenho que fechar a porra da minha boca quando eles trazem suas realizações e suas notas. Obtenha seus atos em conjunto ou eu vou encontrar um lugar que vai fazer de você o homem que deveria ser.

O cara se senta. —Ei, você está bem? Você quer trocar de posição?

Eu balanço minha cabeça. —Não, não. Eu estou bem. —Eu aperto sua cintura e corro meus dedos ao longo de seu peito, deslizando para baixo sua boxer.

Os sapatos de Jonathan Hale bateu fora na distância, e Lo não retornou à casa pelo o que parecia mais dez minutos. Quando ele finalmente voltou, seus olhos pareciam vermelhos e inchados, eu me levantei e caminhei em direção a ele, deixando minhas emoções me orientar.

No presente, eu me sento. —Me desculpe,— eu murmuro, afundando em mim mesmo. Eu pego minhas roupas e as coloco tão rapidamente quanto possível e saio correndo de sua casa. Ele não é o cara certo. Preciso de outro. Algo mais.

Ele me chama, mas eu não escuto. Sua porta se fecha atras de mim e o ar frio corre pelo o meu corpo, me acordando, mas me envia de volta ao mesmo tempo. Meu carro está na parte de trás do estacionamento de seu complexo de apartamentos. Eu ando rapidamente, mas o meu ritmo não me faz esquecer as memórias. Elas ficam.

—Vamos assistir ao filme.— Lo não olha para mim.

Eu só conhecia uma maneira de fazer uma pessoa se sentir bem, algo que eu acreditava que era melhor. Impulsivamente, eu peguei a mão dele. Segurei-a,

e ele franziu a testa, olhando para mim como se eu tivesse chifres crescidos. Mas, ao mesmo tempo, seus olhos pareciam vermelhos, ansiosos para tomar posse de algo diferente do que a dor que o atormentava.

No estacionamento, eu corro para abrir a porta do meu BMW e me atrapalho com o meu telefone, encontro alguns números que ainda não liguei. Eu configuro alguns locais de encontro aleatório. Sim. Sim. Sim. Não.

Eu beijei os lábios de Lo. Suavemente, bem suavemente. E então eu o levei para o sofá onde nossas mãos percorriam mais avidamente, nossos corpos se moviam com mais paixão, a necessidade de alimentar as nossas tentações e se fechar para todo o resto.

Tivemos relações sexuais pela primeira vez. Uma única vez.

Depois, Lo bebeu para o seu esquecimento. E eu fiquei esparramada no sofá, fazendo uma promessa comigo mesmo de nunca dormir com Loren Hale de novo. Não cruzar mais essa linha. Uma vez já foi o suficiente. Ele poderia ter arruinado a nossa amizade, mas agimos como se nada tivesse acontecido, como se estivéssemos em um momento com os espíritos elevados e pensamentos desnivelados.

Eu não vou cometer um erro que pode nos custar o que temos. Então eu guardo o meu telefone, coloco o meu carro em sentido inverso, e faço novos planos. Aqueles que envolvem rostos inexpressivos e telas sem pintura. Aqueles que não envolvem ele.



Capítulo Dez

Os próximos dias se passam como um borrão. Eu evito Lo a cada vez que chego ou saio do apartamento. Nas ocasiões em que eu durmo em casa, eu uso fones de ouvido para não ouvir ele e Cassie em seus ruídos de amor. Principalmente a noite, eu passo em outro lugar, em qualquer lugar que envolva sexo anônimo e a surpresa de um homem misterioso.

Minha nova descoberta invade minhas horas de vigília. Se eu não estou ligando para toneladas de números desconhecidos, eu pesquiso Craigslist* para procurar alguém que esteja disposto. Eu ainda tenho que usar o recurso on-line para um leigo, mas o fascínio me traz de volta. Com apenas um nome de tela, eu me pego imaginando a pessoa na outra extremidade. Com quem eles se parecem. O que eu poderia fazer para eles na cama. * A Craigslist é uma rede de comunidades online centralizadas que disponibiliza anúncios gratuitos aos usuários. São anúncios de diversos tipos, desde ofertas de empregos até conteúdo erótico.

Quanto mais me afasto de Lo, mais eu me volto para o sexo, é o único jeito de conseguir. Parece que ele está criando um grande espaço entre nós. Ele não me chamou para sair a semana inteira, e nós paramos de discutir nossos planos noturnos juntos. Eu costumava ser capaz de elaborar sua agenda de forma fluida tanto quanto a minha. Agora, eu não poderia dizer se ele foi para a cama na noite passada sem desmaiar.

Eu minto em meus lençóis roxos, contemplando minha pequena existência e olhando para o sol. Ele brilha no céu em raios luminosos através das fendas em minhas cortinas. Um braço passa em toda minhas costas nuas. Eu não quero acordá-lo. Esperemos que os olhos vibrará aberto enquanto eu finjo sonolência. Eu estou acordada desde as cinco da manhã, pensando e olhando para o mesmo local. O sol. A janela. Minha vida.

Meu coração se aloja na garganta. Eu coloco um travesseiro sobre minha cabeça, ela está girando e batendo em ondas de ressaca. A porta estala, e eu amaldiçoo o fato de que Lo tem uma chave.

Meu convidado do sexo masculino entra grogue. —Quem é você?— Pergunta ele com um bocejo.

—Não fale tão alto.—escuto outro gemido. O quê?! Eu não fiz ... eu fiz? Há dois caras na minha cama! Eu não... eu não poderia ter tido relações sexuais com os dois. Eu procuro minhas lembranças, mas me dá um branco de quando eu chego do meu "encontro" anônimo em um bar. Ficar bêbada, perdoar todas as transgressões, mas isso não ajuda na manhã seguinte.

Meus membros estão petrificados.

—Vocês, deem o fora.— Lo zomba. —Agora!

Rapidamente, os dois rapazes recolhem suas roupas, puxando suas coisas enquanto eu me desintegro em meus lençóis e me escondo debaixo deles, inconsolada. Quando eles finalmente desaparecem, o silêncio cobre o quarto.

Normalmente, sempre que Lo chuta um cara para fora na parte da manhã, ele é muito blasé sobre ele. Às vezes, ele ainda oferece ao pobre rapaz uma xícara de café antes que ele parta. Essa reação hoje não é normal.

Enquanto eu evito seu olhar, Lo anda pelo quarto, eu o ouço recolhendo a bagunça, e olho pelo meu lençol.

Ele está limpando?

Eu uso uma parte do lençol em meus seios e me endireito. —O que você está fazendo?— Minha voz sai fraca e abafada. Ele não responde. Em vez disso,

ele permanece focado em jogar as garrafas de cerveja vazias em um saco de lixo preto junto com muitos artigos de vestuário. Vestuário masculino.

Pela primeira vez em dias, eu realmente olho para o meu quarto. Cheio de diferentes roupas íntimas, derramado em garrafas de bebida e contaminada com pó branco, é nojento. Meu chão esconde um monte de devassidão e pecado. Lençóis estão jogados em pilhas no chão, e preservativos usados espalhados pelo meu tapete. Parece que eu acordei na cama de outra pessoa.

—Pare.— eu digo, envergonha e chorando.—Você não tem que fazer isso.

Ele joga uma caixa vazia de preservativos no saco antes de olhar para mim. Sua expressão permanece inescrutável, me assustando ainda mais. —Vá tomar um banho. Se troca e depois nós vamos sair.

—Para onde?

—Sair.— Ele vira as costas e continua recolhendo as minhas coisas. Eu limpei o quarto dele inúmeras vezes, mas ele sempre estava inconsciente quando eu fiz isso.

Eu envolvo meu lençol em torno de meu corpo e saio em direção ao banheiro. Depois que eu lavo meu cabelo e passo o shampoo em cada polegada de pele, eu saio e puxo um roupão felpudo e calço os chinelos. Eu sento de volta. Um saco de lixo cheio está na porta do meu quarto e eu ouço a torneira aberta na cozinha.

Eu abro meu armário, jogando um vestido preto de algodão confortável, sem saber se o traje é adequado para onde quer que a gente vá. Eu nem imagino para onde ele vai nos levar. Minha cabeça está entorpecida e fria como o meu corpo.

Quando eu entro no meu quarto novamente, ele está na porta, o saco de lixo desaparecido. Ele me dá um olhar rápido enquanto eu amarro meu cabelo em um rabo de cavalo pequeno, meus dedos estão tremendo. —Pronta?— Ele pergunta.

Concordo com a cabeça e o sigo para fora, pegando as chaves. Quando eu

ando, sinto todas as minhas dores, e são muitas. Manchas amareladas machucam meus cotovelos e coxas, provavelmente por ter batido em coisas ontem à noite que eu não consigo me lembrar.

Minhas costas doem muito, como se eu tivesse batido em uma maçaneta ou algo assim. Lágrimas picam meus olhos, eu me recuso a deixar escapar o sistema hidráulico (choro).

—Para onde estamos indo?—Pergunto novamente, deslizando para o banco do motorista desde que ele não pode.

—A clínica de saúde. Você precisa fazer um teste.

Meu estômago se contorce. Certo. Teste. —Você não precisa vir.

Eu o vejo tentar encontrar uma resposta adequada, mas ele acaba murmurando: — Apenas dirija.

Eu coloco o carro em movimento olhando as estradas familiares.

—Quando foi a última vez que você foi para a aula, Lil?—Ele pergunta baixinho, olhando pela janela, os edifícios piscando ao redor.

—Na última quarta-feira. — Eu acho.

—Ontem?— Ele levanta as sobrancelhas.

—É quinta-feira?—Eu digo, assustada. Por que eu acho que sai no sábado? Minhas mãos começam a tremer de novo e eu aperto o volante de couro. Lágrimas quentes escaldam meus olhos me traindo. —Eu só estou um pouco atrapalhada.— Como é que eu mesma fui a este lugar?

—Eu sei.

Eu inalo uma respiração tensa e ando com o carro mais algumas ruas antes de chegar no estacionamento. Inclino-me para abrir a porta, mas ele põe a mão no meu ombro.

—Podemos conversar por um segundo?

Eu volto tensa no assento. Meus olhos colam no painel apagado. É este o meu golpe final? Eu pensei que o susto da gravidez fosse o momento mais aterrorizante da minha vida, mais do que acordar na cama com dois caras e não conseguir lembrar.Como posso não lembrar dos dias que já se passaram? Como

se o sexo e a bebida tivessem roubado minha memória...talvez eu até tenha usado drogas também. Eu não me lembro.

Eu gostaria de ser como ele, não acho que o tempo todo, mas agora eu invejo a sua capacidade de seu funcionamento "alcoólico", aquele em que não se fica agressiva fisicamente e não se perde a memória. Ele bebe todo dia e toda noite, e só sofre as repercussões quando supera sua tolerância e volta.

Ele mantém o seu olhar estreito em mim e deixa escapar um suspiro pesado. —Você se lembra quando chegamos pela primeira vez na Universidade da Pensilvânia e ambos fomos a essa festa do pijama para calouros?— Ah, sim, o pijama Jam. As memórias fazem bolhas e traz uma carranca pesada para nós dois. —Você me achou desmaiado no chão na parte da manhã.

Ele censura a imagem. Onde seu rosto estava coberto de vômito. Onde eu o levantei nos braços e pensei que, para o momento mais terrível, que o meu melhor amigo tinha finalmente sucumbiu à sua maior falha.

A voz de Lo se aprofunda. —Tudo que eu lembro é de acordar no hospital, sentindo como se uma porra de um caminhão de vinte toneladas tivesse me atropelado.

—Você só estava mal do estômago. — Eu o lembro.

Ele acena com a cabeça. —Eu podia ouvir você discutindo com a enfermeira para não chamar o meu pai. Você insistiu para que ela mantivesse o assunto privado porque eu já tinha dezoito anos.

Eu tive que fingir ser sua irmã só para entrar em seu quarto de hospital. Tão estúpido. Tudo. Toda aquela noite. Agora. Mas, para corrigir o que foi feito, o que temos solidificado, está além do meu poder. Parte de mim sempre vai acreditar que o que estamos passando nunca vai mudar. Talvez nós já aceitamos que esta é a forma como vamos viver e é assim que nós vamos chegar a morrer.

Meus olhos ardem com o pensamento dos dois caras na minha cama. Mas eu não quero que isso aconteça novamente. Isso, eu sei.

—Nós fizemos um acordo depois disso, lembra?— Continua ele,

escolhendo cuidadosamente suas palavras. —Nós dissemos que, para que funcionasse, você e eu, Lo e Lily faríamos o que quiséssemos, ser quem somos, então eu teria que saber dos meus limites e nunca ultrapassá-los. Sinceramente, nunca pensei... Eu nunca pensei que seria um problema para você também. — Ele passa a mão trêmula pelo cabelo e toma uma respiração profunda. —Eu não sabia que viciados em sexo poderiam ter limites, Lily, mas em algum lugar... em algum lugar você cruzou a linha. E você está assustando a merda fora de mim. Eu não tenho sido capaz de obter controle sobre você a dias. Quando eu saio, você não está em casa. Quando eu acordo, você está geralmente desaparecida. Esta foi a primeira vez que eu vi você, e ... —Ele esfrega a boca e olha para longe.

Meu coração bate tão rápido. Eu não sei o que fazer ou dizer. A tensão se estende entre nós, não do tipo boa, e dói não poder tocá-lo.

Sua voz diminui, enquanto eu limpo as lágrimas que caem no meu rosto. —Eu não tenho o direito de lhe dizer para parar. Isso não é o que eu estou tentando dizer, mas na nossa situação, por conta do nosso acordo, temos que saber qual o nosso limite. Você com esses caras em motéis, não responde às minhas chamadas, e... —ele tropeça nas palavras de novo.—Porra .. dois caras. Isso tem que acabar. E se eles te machucarem?

Eu fecho meus olhos, as lágrimas se derramando. —Eu não me lembro deles.

—Você estava bêbada —ele diz, seu rosto uma máscara de raiva. —O que vai ser depois disto? Orgias? A humilhação sexual?

—Pare.— Eu esfrego os olhos, me encolhendo com essas imagens.

—Onde está sua cabeça?— Ele murmura.

Eu não posso fazer isso de novo. —Eu vou parar, não o sexo, mas os motéis, as mensagens para os desconhecidos, Craigslist—

—Craigslist ?!— ele grita. —Que porra é essa, Lily? Sabe quem você está solicitando para o sexo com esses caras? Molestadores de criança e

pervertidos, para não mencionar que essa merda é ilegal.

—Eu não cheguei a usá-lo!— Eu grito de volta, minhas bochechas em chamas. —Eu estava apenas olhando.

Ele segura as mãos para fora, toma uma respiração profunda e medita, os punhos cerrados. —Será que você não sentia que poderia falar comigo?

Eu nunca tive um problema sobre Lo. É o que nós dois somos bons, mas voltando para sexo anônimo, senti como uma progressão natural uma vez que nossa dinâmica começou a mudar. —As coisas estavam mudando—murmuro tão baixinho que eu acho que ele não ouviu as palavras.

Quando ele não pergunta o que eu disse, eu suspeito que ele ouviu. —Eu sei que eu posso ser um idiota. Mas eu te amo. Você é minha melhor amiga e a única pessoa que eu já disse que tenho um problema. Não importa se estamos em um relacionamento falso, porra. Temos que falar um com o outro. Converse comigo antes de ir ao fundo do poço, ok?

Eu limpo a última das minhas lágrimas e respiro. —Como está Cassie?

—Ela não foi mais ao apartamento, Lily—,diz ele, lembrando-me de todo o tempo que eu perdi no meu estado nebuloso.

—O que aconteceu?— Meu peito clareia, e odeio que eu esteja tendo prazer em sua solidão.

—Há essa garota que correu para fora do meu apartamento.— Ele faz uma pausa. —Ela parecia um morcego fora do inferno. Ela mal penteava o cabelo, não é comum para ela —, ele encolhe os ombros—, mas ela parecia chateada, e a única diferença em nosso relacionamento teria sido essa nova garota loira em um tamborete de barra. Então eu larguei dela, percebi que isso poderia resolver um problema ou dois. —Ele espera, inclinando a cabeça para mim enquanto eu processo o que ele disse.

Meu peito incha.

—Será que é isso?—Ele pergunta.

Eu deveria ser a melhor pessoa e dizer não, deixá-lo ter uma vida normal

com uma bela loira.

Mas eu nunca fui boa em grande moralidade. —Pode ser.

Na verdade, ele sorri e descansa a mão no meu pescoço. Ele beija a minha testa antes que eu possa formar pensamentos, e quando ele se afasta, seus lábios escovar meu ouvido. —Estou aqui por você. Sempre.

Eu respiro fundo, suas palavras são o suficiente para me guiar para a clínica com a cabeça erguida e os ombros para trás. Eu vou ficar bem. Aconteça o que acontecer, pelo menos ele vai ficar ao meu lado.

* * *

Após o posto de saúde, ele mistura uma bebida no balcão, enquanto eu faço planos para estudar para o próximo exame, abro meu laptop espalhando as minhas anotações no bar. Uma vez que eu encontro duas semanas de aula prática e problemas negligenciados de economia, eu percebo quão longe eu realmente fui.

Há um lado positivo. Estou limpa. Livre de doenças e as decisões complicadas. Não gosto de reabilitação ou clínicas de aborto. Engasguei Lo até a morte num abraço quando o teste deu negativo, chorando de alívio. Eu não sei o que eu teria feito se ele não soubesse meu segredo, se eu estivesse sozinha com o conhecimento do meu problema.

Muito antes de nós começarmos nosso relacionamento falso, eu o ajudei a esconder seu vício em todas as ocasiões. Gostei de raptá-lo em um dos meus quartos de hóspedes em Villanova, na casa dos meus pais, até que ele dormiu passando sua ressaca. Eu chutava as garrafas de Jim Beam debaixo da cama antes da empregada se esconder e inspecionar para contar a Jonathan o que estava acontecendo.

Naquela época, ele iria mentir para minhas irmãs sobre meus planos de fim de semana. A maioria do tempo foi gasto em festas promovidas por crianças

de escolas públicas. Parafusando meninos de diferentes escolas ajudaram a diminuir os rumores sobre mim em Dalton. Eu estava calculando a seleção.

Então, em uma noite fria em outubro, eu me arrastei pela janela dele. Com Jonathan Hale em uma conferência em Nova York, eu poderia ter usado a porta, mas desde que eu assisti a Dawson Creek eu acreditava que havia apenas uma maneira de fazer uma entrada adequada.

Eu tinha dezessete anos e estava chorando depois de ter relações sexuais. Ele sentou-se no chão de madeira, seu telefone em uma mão e um copo de uísque Glencairn na outra. Ele ficou de pé, logo que viu o meu cabelo emaranhado e rímel borrado.

—Quem foi? Ele machucou você ?! —ele inspecionou freneticamente meu corpo, procurando feridas.

—Não —eu disse com uma careta. —Ele não fez... não foi ele.

Deixando ele confuso, andei até sua mesa e peguei a garrafa de uísque. Ele pegou da minha mão antes que eu pudesse bebê-la. —Esta é minha— disse ele.

—Então agora você não compartilha?

—Eu nunca compartilhei.

Esfreguei meus braços, me sentindo vazia e fria. Ele ficou olhando para mim como se seu olhar pudesse me abrir. Eu acho que meio que abriu.

—A festa foi muito fraca—eu murmurei sob a minha respiração.

—Aparentemente, o suficiente para fazer você chorar.— ele disse amargamente. Ele se encolheu ao ouvir o som de sua própria voz e tomou um gole da garrafa. Em seguida, ele deu um passo para frente, os olhos suavizando enquanto esfregava a boca. —Você sabe que pode me dizer qualquer coisa, Lil. Eu não vou a lugar nenhum.

Lo conhecia a maioria dos meus segredos sujos até então. O sexo. O pornô. A falta de amor-próprio constante. Mas lhe contar sobre isso foi a parte mais difícil da nossa amizade. Parecia que estávamos ingressando para algo

antinatural.

Eu me afundei no colchão enquanto ele estava segurando a garrafa pelo gargalo vermelho ceroso, esperando por mim para começar.

—Foi tudo bem. O sexo era bom.

Ele olhou para o relógio como se o tempo estivesse voando —Líly. Cospe para fora. Você esta me deixando louco.

Fiquei olhando para as tábuas do chão, incapaz de encontrar seus olhos, e disse: — Depois, eu pensei que seria a mesma coisa de sempre. Mas quando eu estava pegando minhas roupas, ele me parou.

Olhei para cima, e as maçãs do rosto dele pareciam vidro afiado. Eu continuei rapidamente, antes que ele me cortasse com uma série de vulgaridades. —Ele não me machucou. Ele apenas me fez uma pergunta.

Eu tomei uma respiração superficial e torci a parte inferior da minha camisa em minhas mãos. Então eu abri minha boca e me esforcei para produzir o resto da história.

—Se eu sei?—, Perguntou Lo. Seu peito subia e descia com preocupação apressada. Antes que eu pudesse responder, ele estava andando pela sala e jorrando perguntas fora. —Você era virgem? Você já fez isso muitas vezes? Você quer fazer isso de novo? —Ele parou e passou a mão trêmula pelo cabelo. —O que diabos ele perguntou?!

—Quer foder com meu amigo?— Eu disse em quase um sussurro.

Ele deixou a garrafa cair e ela pousou em uma conversão alta no chão de madeira.

—Eu pensei que seria divertido. Ele saiu e seu amigo entrou. E foi isso... —Meu lábio inferior tremeu com a vergonha entalada em meu coração. —Lo— eu chamei seu nome. —O que há de errado comigo?

Ele chegou mais perto e se inclinou para a minha altura na cama. Cuidadosamente, ele segurou a parte de trás da minha cabeça, entrelaçando os dedos em meus cabelos com força. Seus olhos cor de âmbar profundos encheram

os meus. —Não há nada de errado com você.—ele disse. Ele pousou minha cabeça em seu ombro, seu braço me envolvendo em um aperto reconfortante, e me segurou por um tempo.

Quando ele se afastou, ele escovou meu cabelo atrás da minha orelha e perguntou: — Você está com medo de se machucar?

—Às vezes. Mas isso não vai me parar. —Eu pisquei as lágrimas. —Você acha que... você acha que eu sou como você?

Nós nunca tínhamos reconhecido abertamente sua dependência de álcool antes, ou como ele abusou da bebida mais do que qualquer adolescente médio.

Ele lentamente passou o dedo sobre as linhas na palma da minha mão e olhou para mim com os olhos assombrados. Me beijou na cabeça e, em seguida, ele se endireitou. Com uma voz firme, ele disse, —eu encontrei minha velha edição Amazing Spider-Man no outro dia. Devemos ter uma maratona de leitura. —Eu o ví caminhar tenso até o peito de cedro, soltando as travas de latão.

Naquela noite, ele nunca realmente me respondeu.

Mas eu consegui de qualquer maneira.

Essa foi a primeira vez que eu percebi que não era apenas outra garota promíscua na escola. Eu não tinha relações sexuais apenas por diversão ou porque me fazia sentir capacitada. Eu gostei da sensação, a pressa, e como ele parecia preencher um vazio que foi crescendo dentro de mim.



Capítulo Onze

À noite, eu volto para clubes e bares, meus lugares regulares, sem formular reuniões com anônimos.

Surpreendentemente, ele me acompanha na maioria das vezes, bebendo no bar enquanto eu caio aos bastidores ou banheiros para foder. Ainda assim, eu imploro pela adrenalina e emoção do dia pelo anonimato. O medo de levar o meu vicio ao extremo essa semana, me arruinou um pouco.

Eu tento, embora. Eu apaguei todos os meus números desconhecidos e quando tenho o desejo de me registrar em superfícies Craigslist, eu penso sobre a terrível manhã na qual acordei na cama com dois homens sem rosto. Isso ajuda.

Eu "zapeio" um romper na noite preta quando meu telefone vibra. Normalmente, eu iria lançá-lo no meu travesseiro e deixaria-o morrer, mas esta é Lily 2.0.

Então eu pressionar o botão verde. —Hey, Daisy.

—Lily!— Ela parece tão chocada quanto eu, pelo fato de eu ter atendido ao seu telefonema.

—E aí?

—Eu preciso de um favor— ela hesita em continuar.

Eu acho que eu não sou realmente a irmã de favores. Rose seria a

primeira que ela chamaria, literalmente disposta a largar o plano de todo o seu dia se precisássemos dela. Em seguida, Poppy, que é quase como Rose, mas ela tem uma filha que consome seu tempo e bloqueia sua agenda. Eu sou a menos confiável, a menos disponível, a menos tudo-irmã.

—Então,— ela facilita—Mamãe e papai estão vindo. Eles estavam gritando sobre o orçamento de decoração para o Charity Gala de Natal. Eu sei que mamãe vai vir para cima e começar a requentar o seu argumento para mim, e eu prefiro não estar envolvida. —Ela faz uma pausa. —Você acha que eu posso ir pra sua casa e passar a noite no quarto de hóspedes?

Eu franzo a testa, perguntando-me se ela já falou com Rose ou mesmo Poppy e Sam, que têm muito espaço extra. Será que vai ser rude se eu recusar? Eu acho que sim, especialmente que ela está pedindo minha ajuda. Eu respiro fundo:—Certo.

Ela grita. —Obrigada, obrigada, obrigada! Estarei aí em meia hora. —Tão rápido assim? A linha fica muda e eu olho para o meu quarto... o quarto de hóspedes. Onde ela vai estar dormindo. Merda.

—LO! LO! —Eu grito, frenética.

Dez segundos depois, ele corre para o quarto, os olhos de repente sóbrio. —O que há de errado?— Diz ele, golpeado pelo pânico.

—Daisy está vindo.

Seus músculos relaxam um pouco, e ele penteia seus cabelos com os dedos. —Jesus, Lil. Eu pensei que você estivesse ferida. Não chame o meu nome desse jeito ao menos que você esteja sangrando.

—Você me ouviu?—Eu digo. —Daisy está vindo. E ela vem para passar a noite.

Seus olhos escurecem. —Por que você não me pediu em primeiro lugar?

Meu rosto se aquece. —Eu-eu não pensei. Ela perguntou e eu disse que sim. — Oops, eu esqueci dele. Eu também me esqueci de que todo mundo acha que eu durmo com ele, o que não é o caso. —Foi uma reação subconsciente, e eu não quero ser rude.

Com um suspiro, ele esfrega os olhos e, em seguida, examina o meu quarto. —Arrume sua cama, jogue os lençóis na máquina de lavar, e esconda toda sua pornografia. Vou trancar a bebida.

Nós nos separamos e nos concentramos em nossas tarefas específicas. Vinte minutos depois, o quarto de hóspedes se transformou em limpo e apresentável para Daisy. A campainha toca, e fecho a máquina de lavar e inicio o ciclo.

Quando eu entro na cozinha, Lo e Daisy já estão conversando. Minha presença quebra o seu bate-papo, e eu sorrio. —Hey, Daisy.— Dou-lhe um abraço.

—Mais uma vez obrigada por me deixar ficar aqui—, diz ela, tirando a sacola do desenhista e colocando no banco do bar.

—Não é nenhum problema.

—Você quer algo para beber?— Lo pergunta, seus olhos brilhando com malícia. Ele sempre oferece a um hóspede uma bebida por isso, quando ele bebe junto não parece muito suspeito. Ele olha para mim com um sorriso torto, sabendo que eu sei de seu segredo.

—A água seria bom —diz ela. —É estranho não ter empregados?

—Você quer dizer servir a si mesmo?— Lo fala da geladeira. —É a dor nas costas de ruptura.— Ele pega sua garrafa térmica da prateleira e desliza a Daisy uma garrafa de água.

—Não seja burro— murmuro pra ele.

Lo envolve um braço em volta da minha cintura, me puxando para o seu peito. Seus lábios fazem cócegas na minha orelha. —Nunca— ele respira, seus olhos em mim.

Todo o meu peito se contrai. Isso não é real. Ele está em seu papel. Isso é tudo.

—Portanto, este é o seu apartamento—, diz Daisy, e eu quebro a partir de Lo. Ela vagueia para longe do bar e faz a varredura da sala de estar para a esquerda e no corredor para a direita. Não muito mais. Ela inspeciona as fotos na

estante para a sala de estar. Esqueci que Daisy nunca esteve aqui antes. Eu falo com ela o mínimo, principalmente porque ela é a mais jovem e não é muito envolvida na minha vida. Eu acho que a única maneira de estar perto de mim é injetar-me no meu mundo, porque eu não vou fazer a mudança para me introduzir o seu. Isso é horrível, não é?

—Se vocês dois tiverem filhos, vocês então terão que queimar um presente—, diz Daisy com uma risada. Ela segura uma foto de Lo enfiando a língua na minha orelha enquanto eu grito de desgosto. Sem falar que de todas as imagens em que ela poderia ter escolhido, essa é uma das poucas que não foi encenado. Tínhamos dezesseis anos, um tempo antes de começarmos nosso relacionamento falso.

—Você não ouviu de um willy molhado?— Lo pergunta, tomando um grande gole de sua garrafa térmica. Ele sai do balcão e se aproxima de Daisy, pegando a foto de sua mão. Seu sorriso se alarga, enchendo seu rosto em algo bonito.

—Você deveria lamber o dedo,— Daisy protesta como se ele fosse um idiota, —não pôr a língua no ouvido dela.

—Eu concordo—, eu digo, embora eu não concorde realmente. Meu corpo se aquece lembrando dele tão perto de mim, todo o calvário sexy.

—Oh, você concorda?— Lo diz, inclinando de sua cabeça, com uma sobrancelha erguida, incrédulo. —Se bem me lembro, você não estava reclamando naquele dia.— Ele olha pra mim. —Você estava toda vermelha.

—Eu sempre estou.— eu respondo, minha respiração engatando quando ele se aproxima, seus lábios puxados naquele sorriso brincalhão. Eu aponto um dedo ameaçador para ele. —Não.

Minhas costas atinge o balcão, me deixando presa no canto, e me pergunto se isso é real ou se eu estou perdida em minha cabeça, fantasiando. Eu não quero encontrar uma maneira de escapar de sua espera, e eu esqueço minha irmã, que permanece perto da sala de estar, observando a história-falso/real de

anos nas prateleiras.

—Leve-o de volta—ele exige. —Você gostou.

—Eu gostei... não,— eu respiro. Ele coloca uma mão em cada lado do balcão, em ambos os lados, me bloqueando em seu casulo.

Eu pisco. Estou sonhando. Eu sei que estou. Isso não é real. Ele parece estar me despindo com o olhar intruso, e quando seus olhos encontram os meus, eu sinto como se ele soubesse que eu estou confusa sobre suas verdadeiras intenções. E que torna este jogo ainda mais divertido para ele. Pelo menos agora ele parece estar gostando.

De repente, ele me beija. Profundo, duro. Oh ... isso não pode ser apenas em minha mente.

Minhas costas escavam no balcão, mas ele envolve um braço em volta de mim, me trazendo para seu peito, puxando-me mais pra perto. Seu corpo se funde contra minhas pernas e meu tronco, e eu sucumbo a sua língua, que se encontra a minha.

Sua grande mão acaricia meu pescoço, e eu sinto a nossa ânsia quando ele chega mais perto, o fogo que nos inflama tanto.

E então ele se afasta, e sua língua desliza em meu ouvido. Eu grito, despertando e o empurrando para longe.

Ele ri, uma risada alta, e vira as costas para pegar a sua garrafa térmica. Seus lábios estão vermelhos e os meus pinicam com o sopro daquele beijo intenso. Tudo para provar que estou errada, eu suponho.

—Isso não era necessário—, digo a ele.

—Agora você vai me dizer que não amava a minha língua em sua boca? Eu sei que você gostaria muito mais do que isso. Talvez a minha língua lambendo seu...—

—Pare.—eu digo, meu corpo se aperta. Olho para Daisy que folheia um álbum de fotos na sala de estar. Quando eu olho pra ele, meu queixo cai oficialmente. Ele enxuga propositalmente a testa suada com a bainha de sua

camiseta preta, apenas para que eu olhe o volume proeminente no cume de seu abdômen. Minha respiração se aprofunda, quente e incomodada, mas eu gostaria que fosse assim, se alguém fizesse isso comigo ... Eu acho.

Ele enlaça de novo um dedo na barra da minha calça, me puxando para ele. —Relaxa, amor.—, ele sussurra, jogando todo o seu desempenho. —Eu posso acabar com você mais tarde.— Ele suga com força meu pescoço, e um som sai da minha garganta.

Ok, isso é demais. Eu o empurro para longe, quente demais para sequer lhe atirar um olhar de advertência sobre o disfarce ter ido longe demais me provocando desse jeito. Ele é muito bom em bater nos meus pontos sensíveis. E então eu me lembro de Cassie, seus gritos, como se ele fosse mais magistral do que ele já admitiu. Ele é realmente bom na cama?

Não vá por aí, Lily. Não há volta uma vez que você for.

Meus nervos ainda vibram a partir do rescaldo, e ele inconscientemente lambe o lábio inferior, encostado ao balcão, me olhando ficar mais vermelha. O pulsar entre minhas pernas, me fazendo querer algo mais. Algo mais do que apenas beijos e carícias. Oh, Deus.

Daisy retorna da sala de estar com um olhar desconfortável. Eu sinceramente espero que ela não tenha presenciado nada disso. Eu sou uma irmã horrível. Verdadeiramente horrível. —Eu realmente não quero atrapalhar.—ela confessa. —Eu só vou ficar no quarto de hóspedes e ver televisão se estiver tudo bem.

—Isso é bom, Daisy.— Eu lhe mostro o quarto de hóspedes, pressionando um dedo aos nos meus lábios que estão formigando.

Ela desaparece dentro e joga sua bolsa sobre a cama. Eu fecho a porta quando saio, e Lo está bem ali no corredor com um pé contra a parede. Ele acena para o seu quarto, já que estamos o compartilhando supostamente todas as noites.

Eu o sigo e ele abre a porta.

Sobre a cômoda, eu encaixo o meu iPod e coloco o alto-falante em um tom baixo, mas alto o suficiente para que eu me livrar da ideia de conversar livremente. Essas paredes podem ser finas. O caso em questão, o thump thump thump das aventuras sexuais de Lo com Cassie.

Armários de vidro fumê engolem uma parede inteira. Sete das vinte portas, têm fechaduras secretas que se abrem apenas com uma chave magnética. Eu diria que ele é paranoico, mas no inverno passado, eu tive que explicar para Rose porque uma dúzia de garrafas de tequila cheias estavam debaixo da pia. Uma das piores semanas dele, e eu tentei a esmo fazer uma limpeza depois disso. Não foi boa o suficiente, aparentemente.

Rose não questionou a minha história, apenas reclamou que eu não a tinha convidado para o nosso blowout temático mexicano. Eu deveria rir da mentira ridícula que nós realmente temos amigos para convidar, mas eu entristeço com o pensamento dele bebendo álcool o suficiente em uma semana para saciar toda uma festa em casa.

Ele pega um copo e uma garrafa de um líquido cor de âmbar.

Eu subo na sua cama, meu coração disparado lembrando do ocorrido de agora pouco, eu não deveria. Este é Lo. Nós deveríamos estar juntos. Nós temos que ser carinhosos, mas ainda assim, eu não consigo parar de pensar no que aconteceu. Eu não posso parar de corar, me aquece ou desejar que ele acabe o que começou aqui. Não, não, não. Não vá por aí!

Eu descanso minhas costas contra sua cabeceira de carvalho. —Você pode me fazer alguma coisa?— Eu pergunto, minha voz rouca. Eu limpo minha garganta. Eita, o que há de errado comigo? Eu normalmente não fico incomodada com Lo, mas esta situação monta a minha ansiedade e meus desejos. Eu cruzo minhas pernas e engulo em seco.

Seus olhos piscam para mim brevemente, e ele tenta esconder um sorriso maroto. Ele enche outro copo de cristal como o seu e define-os em sua mesa. Eu vejo quando ele desbloqueia um segundo armário e um frigobar aparece,

escondido atrás da porta.

Ele escava fora gelo e sem esforço, coloca o licor sem pausa e sem derramar. Quando ele termina, ele caminha para o meu lado da cama, mas não se senta. Em vez disso, ele paira com os dois copos na mão.

—Você tem certeza que quer isso?—, Pergunta com voz rouca, e parte de mim se pergunta se ele está falando mais do que apenas a bebida. Sim, eu quero tudo isso. Eu pisco. Não. Ele tem que estar falando sobre o álcool. Pare de fantasiar, Lily.

—Por que não eu iria querer?

Ele lambe os lábios. Pare de fazer isso. Eu prendo a respiração. —É forte.— diz ele, me observando de perto. Muito perto.

—Eu dou conta disso.

Lo coloca o copo na palma da minha mão e permanece elevando-se sobre mim, com uma autoridade, algo novo, algo que eu não estou acostumada. Eu meio que quero ficar e assumir o controle da situação, mas Lo me bloqueia de por os pés no chão.

Ele engole metade de seu copo em um só gole, o líquido desce facilmente. Ele espera por mim, para provar antes que ele termine o seu. —O que você está esperando? Hey, vai ser fácil— ele me diz. —Você precisa de um pouco de água?

Eu balanço minha cabeça e estupidamente tomo outro gole para tentar ajudar a queimadura, mas ao invés disso desce mais áspero.

Ele pega o copo da minha mão e o coloca no seu criado-mudo. —Não há mais para você.

Eu fecho meu punho e o amaldiçoo por tentar me relaxar com álcool. Eu deveria ter conhecido Lo, iria inventar algo semi-tóxico, muito potente para qualquer ser humano normal, saudável.

Quando me acalmo eu inalo uma respiração profunda e relaxada. —Você vai se sentar?

—Por que importa se eu me sentar ou ficar em pé?—, Pergunta ele, sem se mover nem um pouco.

—Você me deixa nervosa.—

—Assustada que eu vá pular em você?—Ele pergunta com um sorriso diabólico, terminando sua bebida e pegando a minha.—Eu não vejo problema então, se eu continuar em pé aqui.— Seus olhos fazem aquela coisa de novo, aquela varredura no meu corpo todo, como se estivesse me querendo, imaginando como eu me pareço nua.

Eu o ignoro e examino todas as suas recordações pregadas nas paredes e fixadas nas prateleiras. A única vez que eu me aventuro a entrar aqui é para ajudar a acordá-lo ou para ter certeza de que ele não está desmaiado no vômito. Eu quase não presto atenção às decorações. Algumas delas só ficam aqui para montar nossa montanha de mentiras.

Vários Comics emoldurados alinham-se na parede em frente a mim, pendurados acima da mesa. Todos Marvel: Vingadores, Homem-Aranha, X-Men, cabo e Thor. Os cantos inferiores são assinados a partir de nossas inúmeras viagens a Comic-Con em San Diego.

No ano passado ele parou de frequentar a convenção de histórias em quadrinhos quando eu dormi com Chewbacca, ou pelo menos um fã vestido como o personagem, um Star Wars de minhas conquistas mais embaraçosas. Lo não teve um excelente dia também. Ele bebeu algo que o Capitão América lhe deu. Acontece que o Capitão impostor não era muito nobre, depois de ter cravado sua bebida com sedativos. Nerds podem ser viciados também.

—Você se lembra quando você dormiu com Chewbacca?—ele deve ter seguido o meu olhar para o mesmo cartaz.

Ele vai até sua mesa para fazer outra bebida.

Eu lhe atiro um olhar.—Pelo menos eu não aceito bebidas de todos os super-heróis mascarados que se aproximam de mim.

—Sim? Bem, pelo menos eu não estou em bestialidade. —

Meus olhos se estreitam e eu pego um travesseiro da cama e jogo nele com todas as minhas forças. Eu nunca seria algo assim. Grosso, grosso, grosso.

Ele desvia do travesseiro, mas colide com uma garrafa de bourbon, derrubando-a como um pino de boliche derramando no chão. O rosto de Lo escurece em desprezo. —Cuidado, Lily.— Ele pega a garrafa e reage como se eu tivesse acertado seu filho.

Eu não vou dizer que sinto muito. É apenas álcool. E ele tem muito mais. Quando meus olhos posam em uma prateleira acima de sua cabeça, meu coração quase cai. —A quanto tempo essa foto está aí?— Eu salto da cama. Ele deveria ter queimado isso!

Ele retorna cuidadosamente suas garrafas para um local seguro e levanta seu pescoço para ver o porquê eu estou exagerando de novo. Eu estou tão envergonhada pela foto que eu o empurro da mesa e espalho meus braços para fora, falhando em bloquear sua vista da imagem que fica acima de mim e ele ultrapassa de longe a minha altura.

Ele ri da minha tentativa falha e arranca o quadro da prateleira com facilidade. Eu tento alcançá-lo, mas ele ergue bem alto, acima, me provocando ainda mais.

—Jogue-o fora.— Eu exijo, minhas mãos voando para os meus quadris, só assim ele sabe que eu quero dizer isso.

—Vai com os cartazes.—, ele brinca, com os olhos brilhando com a memória que está encapsulada dentro do quadro.

—Lo.— eu lamento. Ele está certo de que a foto se encaixa com as outras. Também na Comic-Con, Lo e eu ficamos ao lado de recortes de Ciclope e Professor X. Eu estou com nada mais do que um par de calças de látex, um sutiã preto brilhante, e lâminas de plástico longo em meus dedos. Eu olho mais confiante do que pareço, principalmente porque ele me pediu para parar de se esconder atrás de suas das costas. Foi culpa dele eu estar com pouca roupa em primeiro lugar. Ele insistiu para que eu o acompanhasse como seu par romântico

favorito do X-Men. Então, ele se vestiu como Hellion, o jovem New Mutant com telecinese num spandex, um terno vermelho e preto, e como uma boa amiga, eu fazia o papel de X-23 no dia, o clone feminino de Wolverine.

Eu odeio que a foto esteja em uma sala com dezenas de memórias vazias, mais alguns quadros, nós estamos segurando as mãos debaixo da Torre Eiffel durante uma viagem em família para a França. Falso. Outro, ele me beijando em um gazebo. Falso.

Sentada em seu colo durante uma viagem de barco na Grécia. Falso. Por que temos que manchar as memórias reais da nossa amizade, colocando toda essa falsidade no nosso relacionamento de mentira?

—Por favor.— eu imploro.

—Como vou ficar sem a melhor prova de que somos um casal?— Ele protesta, avançando para mim apenas para tornar isso ainda mais estranho. Minhas costas atingem sua mesa, e eu espero Deus que não estejamos reencenando a cena da cozinha de antes. Mas então eu meio que quero fazer.

—Tecnicamente ...— Eu digo, com os olhos em seu peito. —... Este é o meu quarto também.

—É?— Ele coloca a foto de volta na prateleira por cima de mim, e antes que eu possa virar e pegá-la, ele aperta meus pulsos com suas mãos fortes. Ele estende meus braços atrás das costas. Oh meu Deus.

—Lo,— eu o advirto.

—Se este é o seu quarto, então você tem de me fazer acreditar.

—Cale a boca.— eu digo instantaneamente. Eu nem sei o porquê disse isso.

—Isso não é muito convincente.

Será que ele está falando sério? —Este é o meu quarto.— eu digo com firmeza, me perguntando se isso é o suficiente.

—É?— Ele joga junto, chegando perto. —Você não parece tão certa disto.

Eu tento recuperar minhas mãos, mas seu aperto cresce e ele amplia sua

posição assim que seu pé me prende contra a mesa. Sim, este é como na cozinha, só que pior (ou melhor), porque eu não estou no controle sem meus braços.

Nem um pouco.

—Vá para trás!— Tento parecer forte, mas minha voz sai muito rouca e também querendo.

—Por que você acha que este é o seu quarto?— Ele pergunta. —Você não dorme aqui. Você não fode aqui. Você não come ou bebe aqui. O que o torna seu tanto quanto ele é meu?

—Você sabe por que.— eu respiro. Estamos fingindo, não estamos? Estou tão confusa. O que ele é para mim agora? Amigo, namorado, algo totalmente diferente?

—Uma vez que você atravessou esse quarto— diz Lo — você entrou no meu lugar.— Sua quente respiração com cheiro de bourbon bate no meu pescoço. —Tudo aqui me pertence.

Minha cabeça acalma vertiginosamente. Eu odeio o fato que eu não tive relações sexuais hoje. Eu odeio que meu corpo quer Loren Hale. E talvez até mesmo minha mente também.

Eu tenho que me concentrar. Eu tenho. —Tire esta foto daí.— eu digo novamente.

—Não, eu gosto dessa foto e ela vai ficar lá.

Por que ele se importa tanto com aquela foto idiota?!

Antes que eu consiga perguntar, ele me gira e inclina meu corpo contra a mesa, mas mantém meus pulsos em suas mãos, prendendo meus braços nas minhas costas. Tento mexer para fora do seu aperto, mas ele pressiona seu corpo ao meu, em uma posição que eu fantasiava tantas vezes. Assim como está (talvez não a parte submissa), mas com ele atrás de mim, sua pélvis moe meu traseiro. Eu resfolego, morrendo internamente. Felizmente, ele não pode ver a minha expressão de boca aberta.

Eu respiro apertado. —Você está sendo cruel.— digo a ele. Ele sabe que

eu não transei hoje. Quando tinha dezoito anos, ele me perguntou como eu me sentia quando não transava, e eu lhe disse que era como se alguém estivesse enterrando minha cabeça debaixo da areia e puxado minhas pernas tão forte até que elas se tornam elásticos tensos, esperando para ser estalada e liberada. Os desejos de sentir como se estivesse afogando e sendo incendiada, ao mesmo tempo.

Ele disse que poderia se relacionar com o paradoxo.

—Eu sei que você está gostando disso.

Ele me solta e dá três passos para trás. Eu massageio meus pulsos e os coloco sobre a mesa, não de frente para ele ainda. Eu preciso me orientar, os lugares dentro de mim estão demasiadamente tentados agora. Quando eu reuno a coragem, eu giro e o olho, lívida. —O que diabos há de errado com você?— Ele não pode usar o sexo contra mim, não gosto disso.

Ele passa grande parte do tempo derramando sua próxima bebida. Ele bebe dois grandes goles e recarrega seu copo antes mesmo de começar a me responder. —Não seja tão séria.— diz ele humilde. —Eu estava apenas brincando.

Suas palavras enviam setas no meu peito. Isso dói. Eu sei que não deveria. Eu queria que ele dissesse, era tudo real.

—Você quer brincar?— Meu corpo tamboriza com o calor. Eu eu encontro a chave magnética que guarda sua bebida e abro rapidamente.

—Hey, hey, hey!— ele grita. Eu mal retiro duas garrafas antes que ele tenha a mão no meu pulso, sabendo que eu vou ou lançá-las ao lixo ou para fora da janela. Não decidi qual ainda.—Lily!— ele rosna meu nome como se fosse a palavra mais profana do dicionário. Nós dois estamos furiosos, ele tem que saber como eu me senti. Eu não desvio o olhar. Seu rosto se aguça, e eu quase posso ver as engrenagens acionando em sua cabeça.

—Vamos conversar, Lo— eu digo com firmeza. —Porque você acha que não estou fazendo nada diferente do que o que você fez para mim?

Ele inala uma respiração profunda, estreitando os olhos. Como sempre, ele calcula cada palavra antes de falar. —Eu sinto muito, ok? É isso que você quer ouvir? Lamento que você não possa lidar com o fato de ser tocada por mim. Lamento que o próprio pensamento de me foder enoja você. Lamento que cada vez que você está com tesão, eu estou aqui.

E lá vai a minha respiração. Eu não entendo o que ele está tentando me dizer. Será que ele me quer ou ele está chateado que eu sou uma viciada em sexo? Eu coloco cuidadosamente as garrafas em cima da mesa e saio de seu alcance. Eu caminho para o seu banheiro e tranco a porta na mesma hora em ele se aproxima dela.

—Lily.— ele chama.

Eu praguejo sobre os azulejos frios e fecho os olhos, tentando limpar minha mente. Eu estou começando a me perguntar o quanto eu posso tirar disto, de não saber a verdade de nossas ações, do nosso relacionamento. Ele está me deixando louca.

Meu corpo estremece, uma pequena retirada da falta de estimulação hoje. Eu mantenho meus olhos fechados e tento me acalmar, mas ele agita levemente a fechadura. A porta se abre e ele guarda a chave reserva.

Eu não saio de onde estou, olhando para o teto branco.

Ele se senta ao meu lado e encosta na banheira de hidromassagem. —Você não deveria estar preocupada se Daisy nos ouviu?

Casais normais brigam.

Ele se mexe no chão e abraça frouxamente seus joelhos, envolvendo os braços em torno deles. —Quando eu tinha sete anos, meu pai me levou ao seu escritório e tirou esta pequena arma de prata—, ele diz e faz uma pausa, esfregando a boca com uma risada pequena, a seco.

Eu mantenho a minha expressão em branco, mesmo que a história me interesse.

Ele continua —Ele a colocou na minha mão, me perguntou como eu me

sentia ao segurá-la. Você sabe o que eu disse? —Ele olha para mim. —Eu disse a ele que eu estava com medo. Ele me deu um tapa na parte de trás da cabeça e disse: 'Você está segurando uma arma merda. As únicas pessoas que devem ter medo são os do outro lado dela. '—Ele balança a cabeça. —... Eu não sei por que eu pensei nisso, mas eu continuo lembrando-me de tudo. A forma como a arma estava pesada e fria em minha mão, como eu estiva tão aterrorizado em puxar o gatilho ou de deixá-la cair. E lá estava ele ... decepcionado.

Sento-me do outro lado da parede para enfrentá-lo. Ele me olha visivelmente chateado, e isso é o suficiente de um pedido de desculpas de Loren Hale do que eu realmente preciso. —Você nunca me contou essa história antes.

—Eu não gosto de lembrar.— ele admite. —Quando criança, eu senti esse esmagador sentimento de admiração por esse cara, e agora me faz sentir náuseas pensar nisso.

Eu não sei o que dizer, e eu não acho que ele quer que eu diga alguma coisa de qualquer maneira. Então, o silêncio passa mais uma vez. Um arrepio me percorre, mesmo que eu tente suprimi-lo.

—Você está bem?— Lo pergunta, seus olhos pesados de preocupação. —Você precisa de algo? Como um vibrador? —Isso não é estranho ...

Eu balanço minha cabeça e cerro os olhos fechados quando a dor em minhas extremidades intensifica e esta irritada sem a liberação. Eles se puxam apertado e afiado. Eu sou um elástico que não pode tirar.

—Você pode falar comigo?— Diz ele, irritado.

—Um vibrador não vai ajudar.— eu digo, abrindo meus olhos.

—Por que não? Você está sem baterias? —

Eu devolvo o sorriso, mesmo que eu não esteja no clima. —É só que ... não é o suficiente.— Ele me dá um olhar estranho. —É como um barril de cerveja.

Ele enruga o nariz. —Entendi.— Ele examina o meu corpo, e eu olho para longe da intromissão dele, seu olhar me aquecendo rapidamente.

—Eu vou só ... resistir hoje à noite.

—Você poderia sair.— ele sugere. —Se Daisy acordar e perguntar por você, posso lhe dizer que você tinha ... um grupo de estudo de emergência porque você não está indo bem em economia.

—Eu não acredito nisso. Você é muito bom, Lo.

—Eu tenho sido um idiota, então eu quero ajudá-la— diz ele em um tom sem fôlego. —E só há uma solução óbvia.

Franzo a testa com uma dor de cabeça, isso é muito difícil. O que será que está realmente acontecendo? Será que ele quer fazer sexo comigo? De verdade?

—Podemos te embriagar ao ponto de você não se importar com o sexo. Então você vai desmaiar e Daisy terá ido embora amanhã.

A sugestão me pega de surpresa, porque não é o que eu esperava ou meio que queria ouvir. Eu teria gostado que ele dissesse, dorme comigo, eu quero estar com você, de verdade. Inferno sim, eu teria respondido.

Mesmo que a monogamia me assusta mais do que tudo, gostaria de experimentá-la. Para todo o propósito de ter Loren Hale. Eu acho que eu sempre quis isso. Com ele. Mas eu não tenho tanta certeza de que ele sente o mesmo. Esta é uma decepção, mas pelo menos é uma solução. —Essa é uma boa ideia.

—É?— Ele parece chateado por minha aceitação repentina da idéia dele? Eu já não sei dizer . —Bem, a parte boa é que você é um especialista em bebida. Ele pode configurá-la em uma verdade. —

—Basta dizer a esse cara para não me deixar tão bêbada ao ponto de vomitar— eu o advirto.

—Vomitar é inaceitável, entendi.— Nós levantamos do chão e voltamos para o quarto, e eu perco os meus temores a um ponto de excitação em alguma coisa nova com ele, principalmente. Eu normalmente não bebo durante toda a noite. Ele nunca me disse diretamente, mas posso dizer que ele gosta de mim quando estou sóbria. Talvez seja para que eu possa ajudá-lo a recuperar a consciência, mas às vezes, eu acho que é mais do que isso.

Sento-me na beira da cama e cruzo meus tornozelos. —Você vai me fazer

algo que eu realmente possa beber?

—Eu acho que eu tenho rum em algum lugar. Vai ser mais fácil de descer. —Ele passa alguns minutos inventando uma grande bebida, preenchido, uma garrafa de água super-grande.

—Ugh ...— Eu seguro a mistura fria. —Será que vou morrer?

—Há mais de dieta Fizz lá do que rum, eu prometo.

Tomo um gole, e quando ele não queima, eu tomo um muito maior.

Seu sorriso cresce. —Boa?

—Tem gosto de coco.

—Esse é o rum.— Ele se senta na cama ao meu lado, e ele tem um copo muito menor de uísque na mão, sendo econômico em seus goles. Em questão de minutos eu tomo toda a bebida, mas quase não sinto nada. Talvez não tenha chutado ainda.

Eu olho para ele. A maneira como ele me olha com muita atenção define todo o meu corpo em chamas. Eu só quero ele em mim. Em mim. Meu Deus. —Mais— digo a ele. —Talvez eu devesse tirar algumas fotos.

—Eu não sei o seu limite —diz ele de pé. —E o ponto desta história é que não quero que você fique doente.— Ele prepara uma outra bebida leve. Eu mal posso olhar para ele sem imaginar seu corpo no meu.

Eu me junto a ele na mesa e pego um copo de uísque. —Eu preciso de algo com um teor alcoólico mais elevado.— Antes que ele possa protestar, me sirvo de um pouco de seu uísque em um trago.

—Um trago de uísque?—Diz ele com as sobrancelhas levantadas. —Sério? Você vai para a porra da mordaça, Lily. —

Eu estreito meus olhos em desafio, e depois jogo para trás o licor na minha garganta.

Eu engasgo. Mas eu não consigo engolir sem cuspi-lo de volta.

Ele inclina a cabeça para o lado como se tivesse me avisado.

Eu toco meu pescoço. —Isso foi horrível. Acho que minhas entranhas

estão queimando. —Eu tento limpar minha garganta.

—Agora você está apenas sendo dramática.

Ele me derrama um trago de algo claro e, em seguida, outra coisa e me entrega os dois. —Vodka.

Suco de oxicoco.—

Eu aceno e bebo o primeiro e em seguida o outro. Ah, muito melhor.

Ele balança a cabeça para mim. —Você conseguiu?

Eu corro meus olhos sobre seu abdômen, e o ponto entre as minhas pernas aperta. Não, não, não. —Outro.

Eu mal o ouço murmurar: —Isso é estúpido.— Ei, foi idéia dele, mas eu posso dizer que ele está repensando. E muito.

Uma hora depois, mais uma bebida e mais alguns tragos, eu vou para a cama e todo o mundo balança. Uau.

Eu acho que isso está me batendo.

Eu caio para trás sobre o colchão. Eu não posso ver meus pés. Tudo roda, e eu já não... nem mesmo um pouco ... me preocupo com sexo. Inferno, eu não acho que meu corpo é capaz de se mover por sua própria vontade agora.

Eu minto em decúbito dorsal sobre a cama e olho para Lo como se aqui fosse o matadouro, ele limpa os derramamentos e fecha longe as garrafas.

—Lo ... —eu digo seu nome que parece engraçado na minha língua. —Ren ... lo.— Eu sorrio estupidamente.

—Estou feliz que você ache o meu nome tão engraçado quanto o resto de suas irmãs— diz ele, trancando o último de seus armários. Em seguida, ele se senta ao meu lado enquanto eu fecho os olhos. —Como você está se sentindo?

—Girando— sussurro.

—Não pense sobre isso— ele instrui. —Você acha que pode rastejar pra debaixo das cobertas?

—Hmm?

Tudo começa a desaparecer. E eu derivo na escuridão.

* * *

Eu não sei que horas são. Tudo o que sei é que há um monstro no meu estômago roncando e ele quer sair.

Eu estou debaixo do edredom de Lo. Eu não me lembro como fui parar ou como minha cabeça foi para o travesseiro, Lo dorme no outro lado, de frente para mim, mas ele mantém as mãos para si mesmo.

Eu debato se eu estou realmente doente ou não. O esforço para caminhar até o banheiro soa cansativo e doloroso e acho que seria muito desgastante para minha cabeça e corpo. Mas estou enjoada demais agora. E então o conteúdo do meu estômago começar a subir.

Eu tenho que me levantar.

Apressadamente, eu corro para o banheiro e abro o assento do vaso. Tudo o que eu bebi aparece na bacia como um truque de mágica.

—Lily?— Lo acende as luzes do banheiro. —Merda.— Ele molha um pano debaixo da torneira e, em seguida, ajoelha-se atrás de mim.

Eu não consigo parar de vomitar, mas cada vez que eu faço, eu começo a me sentir um pouco melhor.

Ele esfrega minhas costas e puxa os fios de cabelo da minha cara. Depois de alguns minutos, eu começo a arfar, mas na verdade não vomito mais. Ele me ajuda e se levanta pegando um pano e limpa minha boca.

—Me desculpe.— eu murmuro, prestes a deitar a minha bochecha no assento do vaso. Em vez disso, ele gentilmente me inclina em seu peito, e eu descanso minha cabeça contra ele.

—Não se desculpe.—, diz ele parecendo triste.

—Lo?—, Eu sussurro.

—Sim?—

—Por favor... não se mova, ok?— O pensamento dele levantando ou

mexendo meu corpo, me faz querer voltar para a privada.

—Eu não vou.— Ele envolve seus braços em torno de mim, me mantendo quente sobre o azulejo frio. Nós ficamos assim por algum tempo. E eu começo a voltar a dormir, meus olhos ficam pesados. E então eu ouço a sua voz, tão suave, que eu acho que ele disse as palavras.

—Eu deveria ter transado com você.



Capítulo Doze

O sol da manhã queima a minha visão. Eu fecho os olhos e fujo para cima, tentando endireitar o meu mundo. Onde estou? É o primeiro, pensamento assustador que eu processo. Eu tomo champanhe no Consolador, minhas duas pernas debaixo dele, meu cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo e pequenos flashes das últimas horas antes de dormir.

Lo me levou do banheiro para a cama, amarrando meu cabelo e mantendo o gosto desagradável da minha boca.

Ontem à noite, eu acho que peguei uma garrafa de uísque direto de suas mãos. Mesmo quando ele protestou, eu engoli o licor como uma idiota. Eu sou esse tipo de bêbada.

Deixei escapar um gemido cansado e mortificado. Quando uma voz antagonizaste não tira sarro do meu ruído igual de urso, eu franzo a testa e olho para o lado direito da cama. Vazia, exceto pelo desenho de um bumbum inconfundível. Ele tem uma boa bunda. Eu enterro meu rosto no travesseiro e gemo mais alto. Eu odeio achar isso.

Eu tento não pensar sobre quaisquer coisas estúpidas que eu tenha falado enquanto estava embriagada. Eu esfrego os olhos e me sento, mas um pedaço de papel fixado na minha camisa me distrai, aliás, essa camisa...Ele mudou a minha

roupa? Eu acho que ele deve ter tirado, porque eu devo ter vomitado de novo.

Minhas bochechas ficam rosa eu arranco o papel fora e o leio. A carta foi rabiscada tão rápido que parece metade em letra cursiva. Meus olhos se arregalaram em horror.

—Que diabos?

Seus pais estão aqui. Feche a boca.

O que meus pais estão fazendo aqui? Será que eles descobriram que Lo e eu não estamos realmente juntos? Será que eles pensam que Lo é um alcoólatra? Eles vão mandá-lo para a reabilitação?

Me levanto com os pés ainda trêmulos e encontro um copo de água e quatro aspirinas sobre a mesa. Felizmente, eu as tomo e começo a procurar roupas que eu possa usar. Seu armário não tem uma ampla seleção, mas eu armazeno alguns equipamentos de emergência para o caso de o pior acontecer.

Eu pulo para um vestido lavanda que vai impressionar minha mãe, considerando que meu cabelo gorduroso vai me tirar alguns pontos. Depois de escovar os dentes quatro vezes, passar uma boa quantidade de desodorizante, e beliscar meu rosto para corar naturalmente, eu ganho a coragem de deixar o santuário do quarto de Lo.

Eu tomo uma respiração afiada, vozes ecoando nas paredes do corredor da sala de estar.

—Onde ela está, Loren? A manhã já passou. —minha mãe reclama.

—Ela está doente— ele mente, mas para os Calloways, estar doente requer uma visita ao hospital e uma estadia prolongada. Caso contrário, você está apto a entrar no mundo dos vivos.

—Eu vou ver como ela está.—, diz Lo com a voz firme.

Eu entro na sala de estar quando ele se levanta do sofá cinza. —Ah, aí está ela.— meu pai exclama com um sorriso brilhante. Minha mãe e Daisy se sentam no sofá cinza-costurado, ambos ostentando belos vestidos florais.

Todo mundo olha quando eu entro, como se eu fosse uma rainha ou algo

assim. Mas então eu vejo as malas Hermes e as sacolas de bagagem encostadas na parede. Elas estão agrupadas harmonizadamente. A de Lo e a minha.

O que diabos está acontecendo? Eles sabem, não é? Eles estão nos mandando embora! Talvez para um centro de reabilitação bem longe. Nós vamos nos separar. Sozinhos. De verdade.

Eu coloco a mão tremendo na minha boca, a segundos de vomitar novamente, Lo corre para o meu lado e fala.

—É o fim de semana do aniversário de seu pai.

Eu tento respirar. Minhas sobrancelhas levantam de surpresa.

Minha mãe sufoca seu pescoço apertando seu colar de pérolas:—Pelo amor de Deus Lily, eu te lembrei por meses. Nós estamos indo com o iate para as Bahamas para comemorar.

Eu nunca fui boa com datas ou horários de outras pessoas. Dirijo-me pra Daisy, que parece estar olhando em todos os lugares, menos para mim. —Por que você não me contou?

As maçãs do rosto de Lo afiam, apertando sua mandíbula, e eu percebo que perdi alguma coisa. Daisy limpa a garganta, mas seus olhos olham para o tapete. —Eu sabia que você teria dito algum tipo de desculpa ... e todos nós ...— Ela ensaia fora.

O entendimento me bate. Ela mentiu. Ela não queria estar aqui ontem à noite. Eu não estava realmente em sua lista de irmãs para pedir ajuda. Isto foi forjado.

—Nós sabíamos que você iria esquecer— minha mãe esclarece. —Esta é uma viagem importante para o seu pai. Ele está trabalhando duro, e queremos nossa família inteira presente. Se isso significar que Daisy teria que passar a noite aqui para que você não pudesse fugir na parte da manhã, então que assim seja. Mas agora você está acordada e temos que ir. Rose e Poppy já estão esperando no avião. —Eu suponho que nós temos que voar para a Flórida para poder chegar no iate para as Bahamas.

Minha cabeça gira, as desculpas descansam na ponta da minha língua, tudo para evitar um evento de família. Mesmo sendo o aniversário do meu pai, que nunca deveria ter me enganado e vai.

Lo passa a mão pelo meu braço. —Você está bem?— Ele sussurra para que só eu posso ouvir. Talvez ele pense que eu vou vomitar de novo.

Eu aceno, mesmo que a notícia tenha me dado um tapa no rosto.

Ele diz: — Coloque um sorriso. Você está horrorizada, Lil. — Eu faço o que ele pede, oferecendo a minha mãe um pequeno sorriso. Seus ombros ficam tensos, mas os lábios se contorcem de aceitação. Bom o bastante.

Não até eu eu deixar o apartamento com o amanhecer atras de mim. Eu não tive relações sexuais a mais de 24 horas, e Lo não consumiu sua quantidade usual de álcool desde que ele ficou me olhando a noite toda. E nós estamos a ponto de ser seqüestrado em um barco. Com minha família.

Isto acabou muito pior que um inferno.



Capítulo Treze

Eu tento milhares de desculpas antes de embarcar no iate. Lo e eu planejamos um encontro duplo com Charlie e Stacey. Estou falhando em economia (verdade) e eu preciso estudar para o próximo exame (verdade).

Nenhuma é boa o suficiente.

Depois de vomitar ao lado do barco, eu admito ser ressaca e sobre a bebida da última noite. Minha mãe parece menos do que excitada com o meu comportamento, mas ela me dá total liberdade para saborear abertamente a ressaca fermentada de Lo. Eu nunca perguntei o que era o líquido marrom, para que eu não vomite novamente.

Ele está com um copo de Fizz em sua mão direita. Eu ví quando ele enfiou quinhentos dólares na mão do bartender para servi-lo de bourbon sempre dele pedir refrigerante. Que abrange também as garrafas de licor que ele pediu para ser enviado para a nossa cabine. Ele é muito dissimulado.

Eu admiro sua tenacidade, mas eu não estou me sentindo como se o aprovasse por isso. Eu finjo tomar sol no convés do iate com uma barriga nauseada e uma enxaqueca terrível. Coloco uma toalha macia sobre a cabeça para bloquear o sol que irradia nos meus olhos e puxo um canto para que eu possa ver vagamente ao redor. Os raios batem na minha pele.

Mesmo após a aplicação de protetor solar fator 50 eu sei que vou assar nesse calor. E eu espero secretamente que eu me queime. Talvez isso me tire dessa porra de barco.

—Sente-se melhor?— Poppy pergunta, arrastando uma espreguiçadeira ao lado Lo. Eu faço um grande esforço para não olhar para o seu abdômen no seu corpo tonificado que cozinha no sol. Ele provavelmente não terá um bom bronzeado porque ele passou protetor fator 90.

Poppy se espalha em sua toalha Ralph Lauren e põe seus grandes óculos de sol e um chapéu flexível a engole antes de se sentar.

—Não— eu digo a ela. —Onde está todo mundo?

—Ainda almoçando lá dentro. Você tem certeza que não quer nada? Eu posso lhe trazer um sanduíche.

Eu gemo só de pensar nos odores potentes.

—Isso é um não definitivo, então.

Eu concordo. —Definitivamente não.

Rose e Daisy ganharam seus emblemas oficiais de Brutus por me enganar, quando anunciou a minha "gravidez" a Rose, meus segredos, e minha mãe me mantém disparando olhares cortantes. Ela provavelmente espera que eu vire pedra.

—Você acha que eles vão notar se eu pular na água?— Pergunto, sentando-me e cheirando a bebida antes de tomar um gole maior. Eu sufoco uma mordaça. Bruto.

Lo não disse uma palavra porque ele dormiu rápido, com sua Fizz-bourbon ainda em sua mão. Eu me pergunto se ele ficou acordado a noite passada, cuidando de mim. Eu levanto com cuidado o seu copo para que não se espalhe em cima dele.

—Não é tão ruim aqui— diz Poppy ao abrir um livro de capa dura. Ela relaxa, e se eu fosse capaz de ser como ela, desfrutaria do sol, ia ler, olhar o largo e sonhar a deriva com alguma coisa, eu acho que isso seria muito adorável. Mas, quando eu olho para o largo, vasto e infinito oceano, eu imagino o meu corpo balançando em outra pessoa. Eu recrio a sensação de êxtase e atinjo o pico mais alto em minha mente. O elevador. O homem do terno.

Estocadas. É tudo plantado lá, me dizendo para sentir uma sensação familiar de novo e de novo e de novo.

Mas eu não posso. Aqui não. E assim eu estou com desejo de algo que nunca virá.

A porta de correr sopra aberta, e Rose sai como um nascer do sol e tequila. Ela passa grande parte do tempo trazendo a poltrona na frente de todo mundo, as pernas raspando contra o chão duro. Quando está apenas para a direita, ela se espalha para fora numa toalha azul clara e senta-se, de frente para mim.

—Você quer que eu pegue um?—, Brinca ela, levantando a bebida alcoólica.

—Muito engraçado—, eu digo, meu estômago gorgolejando, ainda instável.

Lo poderia facilmente ter tomado saborosos drinques durante toda a noite sem muita suspeita, mas ele odeia misturas doces. E ele prefere não chamar a atenção para si mesmo. Ele bebe tudo muito rápido para que as pessoas suspeitem ou se preocupem que ele esteja voltando para os antigos e embriagados anos que se passaram antes de estarmos juntos. É claro que eles nunca realmente terminaram, talvez os partidos da escola de preparação, mas não a bebida. Ninguém sabe embora.

—Será que ele estava bêbado?— Rose olha maravilhada para o corpo adormecido de Lo como se ela pudesse ficar com ele.

—Não—, eu minto. —Na verdade, ele tentou me fazer parar.— meia verdade.

Rose parece duvidar e ela chuta sua poltrona, acordando ele de seu cochilo.

Ele sacode, assustado. —Que diabos?

—Rose,— Eu digo com a trepidação da minha cabeça.—Ele estava cansado.

—Sério? Eu não tinha notado.

Lo empurra os cabelos para trás com a mão e murmura alguns insultos sob sua respiração. Em seguida, ele levanta a cadeira para uma posição sentada. —Olha o que os ventos sopram em.—

—O quê?— Rose se levanta.

As sobrancelhas de Lo sobem em confusão. —O que, o que?

—O que os ventos sopram em? Termine o que estava dizendo, se você tiver as bolas.

—Você está certa, eu perdi minhas bolas. Você venceu. —Lo verifica em torno dele, procurando a sua bebida. Eu a entrego a ele, que me ele olha apreciadamente, sabendo que eu o mantive seguro. Ele bebe a metade.

Ele não precisa terminar sua declaração. Tenho quase certeza de que ele pretendia chamá-la de uma cadela, ou pelo menos implícita da maneira mais vaga possível.

Poppy diz: —Eu acho que você está se queimando, Lily.—

Oh merda. Meu plano para me queimar viva foi arruinado pela preocupação materna de Poppy.

Ela me joga uma garrafa de loção bronzeadora.

—Eu estou bem, realmente. Eu queimo e em seguida, bronzeio. E eu preciso de cor. —Eu empurro meus óculos ainda mais no meu nariz.

Rose bufa. —Isso é a coisa mais estúpida que eu já ouvi alguém dizer.

—Isso não é verdade—, eu respondo. —Eu tenho certeza que Maria disse algo sobre a cor do céu ser laranja. E você estava lá.

—Eu tenho exceção a crianças sobre isso.—

Lo sorri. — Ooh, Rose, mostre favoritismo para com as crianças. Onde o mundo vai parar? —

Ela olha pra mim. —Eu ainda odeio que você o trouxe. Poppy teve o bom senso de deixar seu marido e filha em casa. —

Lo termina sua bebida. —Eu estou bem aqui, você sabe.—

Rose ignora, esperando por mim para responder.

—Eu não tenho uma criança que precise de Lo para cuidar. Se Maria não tivesse nascido, Sam estaria aqui, certo Poppy? —

Poppy parece impassível. —Eu não estou recebendo isso.— Às vezes, ser a Suíça durante brigas de família é super irritante para todos os outros.

Lo bebe sua bebida e, em seguida, pega o protetor solar. Acho que ele vai aplicar mais a sua pele irlandesa, mas então ele se levanta e empurra as minhas pernas até meu peito. Ele atravessa minha espreguiçadeira, não percebendo como os seus movimentos me deixam, porque meu peito é uma caverna, a minha respiração está superficial e meu coração disparou.

Com apenas um maiô fino, eu me sinto pronta para algo mais. O sol

queima minha pele, o calor inebriante, meus pensamentos vertiginosos , atordoada, eu derivo. Meus dedos do pé se enrolam para dentro como se eu tentasse suprimir meus sentimentos que certamente irão explodir como um vulcão mais cedo ou mais tarde. Eu preciso dele. Eu preciso liberar tudo isso, mas eu não sei como pedir, sem que seja estranho. Isto é muito diferente do que lhe pedir uísque e rum. Eu estou pedindo por seu corpo. Isso não está certo.

—Eu posso fazer isso—, eu digo, minha respiração irregular quando ele aparece.

Rose acrescenta: —Isso não faz de você melhor, Loren.—

—Eu sei—diz Lo de costas para ela. —E, francamente, eu realmente não me importo, Rose. —Sim, não enfatizar o seu nome não terá o mesmo efeito. Lo esguicha loção em sua mão, e eu recuo.

—Realmente, eu posso fazer isso sozinha.

Seus olhos se arregalam, me lembrando que nós deveríamos estar juntos, nossa farsa. Oh, certo. —Deixe-me passar em seus ombros.

Ele entra na minha frente e pega meu braço em sua mão grande. Seus dedos amassam minha pele macia.

Meus olhos se fecham, enquanto ele esfrega a loção mais abaixo em minhas costelas, levantando um lado do top do meu biquini preto para aplicar a loção. Ele pode sentir a forma como o meu peito sobe e desce, minha respiração pesada e tensa.

Ele se vira em torno de meu corpo e meu estômago inclina-se na espreguiçadeira. Em seguida, ele passa para frente e começa a espalhar a loção ao longo dos meus ombros e parte inferior das costas. Ele desencaixa minha cabeça, e eu desapareço com o seu toque. Piedade..…

A porta de correr abre novamente. —Posso ajudar vocês?— Pergunta um empregado. Ele veste uma camisa branca com colarinho e calça preta, o uniforme do serviço de iate. Deve ter seus vinte e tantos anos, ele tem cabelos dourados e um rosto anguloso, tornando-o muito angelical, muito bonito, e muito

desejoso para o meu corpo latejante.

—Eu vou tomar uma bebida— diz Poppy. Não, o faça sair! —O que você tem?

Enquanto ele começa listando tudo o que tem no menu, Lo pressiona seus polegares em mim, me fazendo uma massagem. Oh ...isso é bom.

Eu aperto a toalha debaixo da minha cabeça, meu corpo começando a construir em direção a algo ruim. Quero dizer a ele para parar, mas eu não tenho certeza se posso dizer as palavras sem fôlego.

Eu cerro os dentes enquanto seus dedos cavam fundo e, em seguida, uma leve vibração sobe em minha pele, brincando com as minhas necessidades. Eu o odeio agora. Eu odeio como eu preciso disso, tão mal.

Meu olhar encontra o empregado atraente, e eu me perco. Eu mantenho a minha volta, tentando impedir meu corpo de gozar, e eu estalo os olhos fechados antes de rolar para trás. Um ruído abafado me escapa, e eu acho que minhas irmãs não perceberam. Mas quando eu abro meus olhos novamente, mais do que envergonhada, o empregado está levando os pedidos, e ele me olha, sabendo o que quero.

Eu enterro meu rosto na minha toalha. Desapareça, eu ordeno.

—Você — ouço a voz de Lo.

Ouço o som dos sapatos do empregado, vindo em nossa direção. Oh meu Deus! O que Lo está fazendo? —O que você gostaria?

—Pare de olhar para a porra da minha namorada —diz Lo, com um sorriso amargo. —Isso seria ótimo, obrigado.

—Lo!— Poppy grita.

Rose ri. O mundo ficou louco. E eu me recuso a olhar para ele, escondendo-me embaixo da toalha, fazendo topless, meu peito ainda pressionado na espreguiçadeira.

—Eu não estava olhando.— o servidor responde com uma voz tensa, desvendando suas emoções. —Se quiser algo, eu com prazer vou obtê-lo para

você. Se não, já estou indo.

—Ótimo —disse Lo. —Vou querer uma Fizz.

—Você quer dizer um bourbon e Fizz?— Ele retruca em desafio. Ah Merda.

—Não, eu quero dizer uma Fizz mesmo.

O empregado diz: —Mas você bebeu bourbon durante todo o dia Sr. Hale. Você tem certeza que não quer outra?

—Você andou bebendo uísque o dia todo? —Rose diz, sua voz de repente alta.

—Não— eu respondo antes de Lo. Eu olho sob minha toalha para o empregado, encontrando uma confiança interna para defender Lo. —Você deve estar enganado. Eu provei a bebida dele.

Ele olha pra mim por um longo momento, tentando ler a minha expressão, e eu tento amaciar o meu olhar, como se lhe dizendo que vai valer a pena seu tempo. Ou qualquer coisa que ele queira. Poxa, eu estava gemendo enquanto ele recitava todo o menu. E ele viu. Isso é tudo que eu tenho para seguir em frente.

—Certo— ele diz. Ele olha para Lo com um olhar compreensivo, satisfeito, pensando que ele vai me levar pra cama mais tarde e me mostrar todos os itens do menu. Eu não quero ele, e eu temo que ele realmente vai. E eu vou deixá-lo. —Eu vou pegar seu drinque.

—Não— diz Lo, colocando meu top de volta. —Eu prefiro não beber o meu Fizz, todos nós sabemos o quanto essa porra vai me custar. Então, saia.

Poppy diz. —Você pode cancelar o meu pedido. Eu acho que é o melhor se você ficar dentro do iate.

O sujeito acena com a cabeça e desaparece de vista.

Eu paro imediatamente. —Vou ao banheiro e talvez para a piscina.— As palavras soam estática e corridas, mas ninguém me questiona, exceto Lo. Ele recolhe suas coisas e me segue pra dentro, para a nossa cabine.

Eu não olho pra ele. Vou para o pequeno minúsculo banheiro e ligo o chuveiro que só cabe uma pessoa, bem frio.

Eu ouço o tilintar de vidro, e quando eu olho pra trás, ele esta dando um gole em seu uísque direto da garrafa. Ele lambe os lábios e limpa a boca com as costas da mão, chateado. Quando seus olhos encontram os meus, ele finalmente diz: — Será que você precisa de um orgasmo?

Meus corpo inteiro estremece. —Não preciso.— murmuro.

Ele balança a cabeça para si mesmo, olhando atordoado para o chão. — Você ficou excitada comigo ou com ele?

Eu franzo a testa. —Isso importa?— Eu já me sinto terrível por aquilo ter acontecido. —Você não deveria ter me provocando assim, Lo. Eu já estava tensa como você viu.

—Eu estava tentando ajudar.— ele diz.

—Fazendo com que eu quisesse transar no terraço?— eu grito. —Isso não está ajudando. Você só piorou a situação.

Ele faz uma careta de raiva e mágoa. Se joga na cama e coloca a garrafa nos lábios novamente. Então ele diz: — Se você queria sexo com aquele babaca, faremos nós dois.

Hesito pelo banheiro. —O que?— Minha voz sai pequena. Por alguma razão, eu acho que ele está falando isso para me ajudar. Seus olhos estão vidrados e avermelhados ao me dizer isso.

Ele permite que suas palavras pairem no ar enquanto eu enlouqueço internamente, imaginando um mundo sem ele. Já me sinto muito só.

—O que você quer dizer, Lo?— Meu coração martela.

—Nós estamos juntos.— diz ele. —Você realmente acha que sua família vai aceitar o fato de que você me traiu com a equipe? Não, nós vamos ter que parar com nossa farsa.—Seus olhos se estreitam, em brasa. —Então, você vai transar com ele?—

Eu dou de ombros. —Eu não tenho muita escolha.—

Ele balança a cabeça. —Mas que porra!— Ele se levanta e pega a garrafa, virando as costas para mim.

—Você não entende.— Eu começo, rapidamente tentando defender o que meu corpo implora. —Eu não posso parar de pensar nisso, Lo. Minhas pernas estão tremendo. Minhas mãos estão tremendo. Eu me sinto como se estivesse dentro de um liquidificador. Eu só preciso de alguém...

—Pare.— Sua voz soa dolorosa novamente. —Simplesmente pare.

Estou tão confusa. —O que você quer que eu faça? Eu tenho que transar com ele porque você estava bebendo Frizz com uísque! —É tão injusto.—Por que não posso ter relações sexuais?—

—Porque nós deveríamos ficar juntos!—, Ele grita. — Você deveria ser minha namorada.— Antes que eu possa pedir que ele se explique, ele vai até a porta, propositalmente tentando evitar minhas perguntas. —Eu vou estar na piscina.—



Capítulo Quatorze

Passo a maior parte do dia tremendo no chuveiro, tentando me forçar a esquecer Lo e os empregados gostosos. O meu amor-próprio não ajuda, mas me frustra, e eu afundo até os azulejos frios, chorando a dor da distância.

Lo me confunde. Será que ele quer ficar comigo? Ou ele está apenas com medo de que eu arruine a nossa mentira? Não consigo encontrar o significado de suas palavras, não importa quantas vezes eu as repita em minha mente.

Eu pulo o jantar, mas Rose vem até meu quarto e bate na porta. —O que você está fazendo aí?

Fecho a torneira e enrolo uma toalha ao redor da minha pele molhada, enrugada. Quando eu saio do banheiro, ela avalia o meu estado. Eu murmuro, —Nós tivemos uma briga.—

—Você e Lo?— Os olhos dela endurecem. —O que ele fez?

Eu balancei minha cabeça. —Eu nem tenho certeza.— As lágrimas ameaçam sair novamente.

—Que idiota.— diz ela antes de ir pegar minha mala. —Eu sabia que algo estava errado no jantar.— Ele parecia um lixo? Meu coração afunda com o pensamento de Lo bebendo na frente de todos por causa de mim.

—Como assim?—Pergunto.

Ela encontra meu maiô carvão e o entrega para mim. —Ele estava muito educado.—diz ela, sem fazer seus comentários sarcásticos. —Ele se desculpou, e eu o vi se sentar no deck e assistir o pôr do sol.

—Oh,— eu digo em voz baixa. Eu seguro o maiô. —O que é isso?

—Poppy, Daisy e eu estamos indo para a Jacuzzi. Eu pensei que você quisesse se juntar a nós.

—Eu não me sinto bem.

—Eu sei, mas talvez estar cercada por outras pessoas que te amam possa te ajudar.

Eu não estou falando sobre o meu coração partido. Minhas mãos tremem quando eu seguro a toalha, e eu não sei quanto tempo mais eu posso ficar sem fazer sexo. Eu preciso encontrar o gostosão, mas os olhos de Lo me impedem de fazer isso. Eu não quero traí-lo, e se há algo lá, apenas a chance de que exista algo, eu não quero arruiná-lo. Não é para qualquer coisa. Mas eu me preocupo.

Eu não tenho forças para discutir com Rose. Então eu começar a vestir o maiô, deixando cair minha toalha.

—Foi uma briga séria?— Pergunta ela, sentada na cama com as pernas cruzadas.

Eu lhe atiro um olhar. —Não aja como se você não tivesse nada a ver com isso.

—O quê? Eu não estou gostando de sua tristeza, mas eu não vou fingir ficar chateada se vocês dois terminarem.

—Por que você o odeia tanto?— Eu amarro as tiras do maiô em volta do meu pescoço.

—Eu não odeio ele.—ela diz —Ele me irrita, mas eu não o odeio. Talvez não goste. —Ela passa os dedos sobre a colcha náutica da cama. —Eu não acho que ele é bom para você. Acho que você pode conseguir coisa melhor!

—Não—, eu sussurro, totalmente vestida agora. —Mas Lo e eu ...— Eu tento encontrar as palavras. —Posso conseguir outros caras, mas às vezes eu

sinto que ele é o único cara que poderia me amar como eu preciso.— E essa é a verdade.

Por que quem amaria isso? Uma garota que dorme com todos ao redor. Uma prostituta. A vagabunda. Um lixo a ser eliminado. Isso é o que todo mundo vê.

—Você só esta sendo humilde com você mesma.— diz Rose ficando de pé. —Se você não amar a si mesma Lily, como alguém pode te amar de volta?— Ela envolve um braço em volta do meu ombro. —E você não precisa de um cara para te satisfazer. Eu gostaria que você se lembrasse disso.

E eu gostaria que fosse verdade.

* * *

As estrelas brilham no céu, enquanto todas as minhas irmãs estão mergulhadas na borbulhante banheira de hidromassagem quente na proa do iate.

Está tudo tão tranquilo, que parece sermos os únicos que existem.

Trinta minutos e eu já sei que isso foi uma má ideia. O jato atrás do meu traseiro não faz nada, mas leva as minhas fantasias para lugares escuros e sensuais. E minha mente se afasta com tanta frequência que eu estou surpresa que eu não tenha caído no sono e sido atingida com um sonho de sexo quente.

O que me mantém presente aqui, são os inúmeros jogos de minhas irmãs, como o "Eu Nunca", o qual eu soube que Rose e Daisy ainda são virgens. Bom para elas. Felizmente Rose dirige a conversa para longe de Lo e relacionamentos. Principalmente quando eu ouço Daisy falar sobre sua semana em Paris e os modelos bonitos, que também não me ajudam em nada.

Então, eu ouço um barulho de sapatos através das madeiras do deck. Eu olho por cima do ombro, e eu tento não suspirar ou gemer de forma audível ou fazer qualquer coisa com a visão do gostosão atraente. Ele segura quatro toalhas para nós e faz contato visual comigo, claramente um sinal, antes que ele saia.

Então é isso. Eu quero dizer não, mas eu tenho medo do que vai acontecer se eu não fizer sexo. E Lo não se ofereceu. Sendo assim…

Aqui vou eu. Eu dou um falso bocejo. —Estou indo pra cama, meninas. — Eu digo me levantando.

Rose me olha:—Você vai ficar bem?

Eu concordo.—Sim. Eu preciso conversar com Lo de qualquer maneira.

—Se você precisar de uma ajuda, estarei feliz em emprestar minhas unhas.— diz ela com um sorriso.

Eu aceitaria facilmente. —Tenha certeza que eu te chamarei se precisar delas.

Isso é tudo o que preciso. Eu caminho para dentro do iate e vejo o gostosão no bar, conversando em voz baixa com o barman mais velho. Ele me dá um sinal e então eu sigo para o térreo, olhando para trás para ter certeza de que ele me segue.

Ele segue.

A cada passo que dou em direção as salas de cabine, sinto meu destino iminente. Sou eu que vou arruinar nosso relacionamento falso? A paranoia de Lo permanece no meu cérebro. E se eu estragar nossa amizade por causa disso? Ou qualquer possibilidade de um futuro, de algo mais juntos? Eu sacudo minha cabeça. Isto será como qualquer outro dia. Lo ficará feliz que me sinta melhor, e ele vai ficará feliz se eu fizer isso sem ser vista. Nada vai mudar. Nada vai mudar, eu repito.

E então eu congelo quando chego ao meu destino. Lo está na porta do nosso quarto, com as mãos vazias. Sua cabeça olhando pro chão, e quando ele me vê, ele dá um pulo. Eu paro e sinto o calor do corpo do gostosão atrás de mim.

Lo nem mesmo olha para ele. Ele mantém seu olhar duro direto em mim. —Eu preciso falar com você.

Conversar. Eu não preciso conversar. Eu preciso de algo mais. —Eu estou

ocupada.— Basta você dizer! Diga que me quer Lo, e acabe logo com isso.

Eu sou uma covarde.

Ele franze o nariz:—Por favor.

Eu olho para trás, o gostosão parece estar decifrando o nosso relacionamento, tentando descobrir que tipo é. Muito, muito pouco convencional, é o que ele é.

Eu não consigo dizer não. Portanto, apesar da força dos protestos em meu corpo, eu aceno e entro na minha cabine, Lo afasta o gostosão atrás de nós.

Eu sinto que terei de justificar minhas ações novamente. —Lo, eu realmente preciso disso. Sinto muito. Eu preciso. —Eu inalo uma respiração tensa. —Eu só não sei mais o que fazer.— Eu continuo falando, com medo do que ele tem a dizer, então minhas palavras saem pra fora. —Eu não consigo parar de pensar nisso, e eu sei que não vai parar até que aconteça.

—O sexo, ou sexo com ele?— Ele aponta para a porta. —Se você realmente o quer Lily, então vá. E faça sexo com ele. Faça-o gozar, faça-o gritar, se é isso que faz você se sentir melhor, então faça.

—Espere—, eu digo, minha cabeça girando. —Espere, não é isso. Não... —Eu engulo. —Não é ele. É apenas o sexo. —Eu mexo meus dedos, muito mais nervosa do que eu já estive alguma vez com ele. Isto não é fingimento. O que estamos dizendo um ao outro, isto é muito real. —Eu vou começar a tremer, se eu não encontrar uma maneira de me saciar. É como... é como se estivesse algo errado na minha cabeça, e a única maneira de ficar bem de novo é fazendo isso. Você entende ... não é?

Ele esfrega os lábios. —Sim, sim, eu entendo.

Eu inspiro, pensando que ele vai me deixar ir sem a culpa, acrescento. —Então, estamos bem?

Ele pisca em confusão. —O quê?— E então ele percebe o que estou pedindo. —Porra, não, Lily. Eu não estou dizendo que você pode transar com ele que e ficará tudo bem.

Meu olhos se enchem: —Por que você está fazendo isso comigo?— Eu grito. —Eu nunca, nem uma vez tirei um copo de suas mãos. Lamento que odeie esse cara, mas não há mais ninguém. Você quer que eu durma com o velho do bar? Ele tem a idade do meu pai! —Eu tenho alguns padrões.

Ele faz uma carranca escura e então toca seu peito. —Eu sou claramente uma opção, e ainda assim você não pode perguntar pra mim. Porra, eu não posso ajudar? Eu sou tão ruim para você? Você preferiria transar com um idiota qualquer do que comigo?

Eu abro a boca, sufocada por uma resposta. Ele quer dormir comigo? —Eu não quero usá-lo como eu faço com esses caras —sussurro.

—Maldição, Lily!— ele amaldiçoa. —Eu estou aqui dizendo que eu quero transar com você, e você ainda não pode aceitar. Foi tão terrível nossa primeira vez, é isso?

—O quê? Não ... —A nossa primeira vez foi errado, impetuoso e apressado. Naquela época, nós éramos apenas crianças que tentavam fazer o outro se sentir melhor. Se tivermos uma segunda vez juntos, eu não quero que seja assim. —Você não deve fazer sexo comigo só porque eu estou tendo uma crise. Nós somos amigos, —eu digo a ele. —Eu não quero que você seja só mais um nome na minha lista de caras da semana. OK?

Ele respira pesadamente, e começa a fechar a distância entre nós.

—Lo,— eu o advirto.

—Alguma vez você já pensou sobre isso? Eu olho para seus pés, meu pulso acelera. —Alguma vez você pensou em mim dentro de você?—Eu quase caio para trás, mas ele me segura com seu braço em volta da minha cintura.—Alguma vez você já pensou em nós juntos?

Eu mal consigo respirar. —Juntos?

—Onde não partilharei você com qualquer outro homem. Se eu puder ser o suficiente para você.. Você me deixaria?

Eu olho para ele. —Sim.

—Então deixe-me tentar— diz ele, com a mão cobrindo meu rosto. —Deixe-me tentar ser o suficiente para você.

—Isso é uma grande coisa.—digo-lhe, meu corpo todo inchado.

Ele escova seus lábios nos meus e sussurra. —Eu sou grande o suficiente para isso.— Oh ... —Deixe-me. Ajudá-la. —Ele coloca a palma da minha mão sobre sua sunga, no volume em sua virilha. Sim.

—Eu não sabia que você queria... você nunca disse nada.— eu tropeço. Meus pulmões lutam por ar, três anos de tensão em ruptura.

Com um passo embaralhado, ele me puxa pra mais perto e então me guia até a cama. —Como no inferno você poderia não saber?

—Eu sou suja,— respondo. As lágrimas quentes brotam nos meus olhos. —Você não me queria.

Seu rosto se contorce de dor. —Eu não acho isso. Nem você deve achar. —Seus lábios se arrastam por meu pescoço e, em seguida encontram o meu ouvido. —Lil, eu queria que você me perguntasse. Eu preciso de você .

Ele pressiona a testa na minha, gentilmente me colocando no colchão, com as mãos apertadas em meus quadris. Eu continuo lutando para respirar. Eu sei o que ele quer agora. Ele quer que isso seja real. Eu também.

—Ajude-me —eu digo, sem fôlego.

Ele agarra a parte de trás do meu pescoço, forte, mergulhando a língua na minha boca. Minhas pernas batem no colchão, e minhas costas batem na cama. Ele me levanta, sempre mantendo seus lábios avidamente nos meus.

Garrafas caem no chão, mas ele não se afasta pra pegar. Sua mão toca meu peito, arrancando meu top. Eu aperto suas costas nuas, segurando como apoio. Eu tento virar para que eu possa ficar por cima, mas ele recusa minhas exigências, mantendo meu corpo preso sob seu peso.

Eu sucumbo à sua força e a forma como os seus movimentos bruscos dominam o meu corpo. Ele levanta minha perna ao redor de seu quadril, mas mantém a outra na cama.

Eu costumo estar no controle, pulando em cima de minha presa, mas aqui, toda ação tem igual intensidade. Meus dedos puxam seu cabelo macio, e sua boca suga meu mamilo, a língua girando em torno dele enquanto eu me desmancho contra ele. Oh ...

—Lo—, eu gemo. Eu não posso fazer isso por muito mais tempo. Ele está muito longe. Há uma distância muito grande do que eu preciso. —Preciso de mais.

Ele puxa meus braços acima da minha cabeça, me esticando, e eu grito, minhas mãos em punho. —Eu preciso de você. Por favor…ahh ...

—Eu estou chegando. Ele tira seu shorts, e eu tento subir nele novamente, mas ele volta meus braços, puxando-os pra cima mais uma vez. Ele olha profundamente em meus olhos, seu corpo fundindo perfeitamente no meu. —Eu não sou uma de suas conquistas— diz ele com uma voz gutural. —Eu sei o que você quer, e você não precisa dizer. Eu posso dar a você. —

Seus dedos em meu biquíni, encontram meu ponto sensível. Eles entram e saem rapidamente, muito rápido. Eu tremo e gemo, tentando falar, mas as palavras não vêm. Eu pareço um homem das cavernas, grunhindo, gemendo e gritando.

—Fique quieta!— ele ordena, saindo da cama, já sinto falta de seu peso em mim. Ele anda pela sala, completamente nu, pegando alguns preservativos em sua mala. Eu bebo todo o seu corpo. Mesmo seu pênis ... wow. Que cresceu com certeza desde a última vez que o vi.

Ele rasga o preservativo e sobe de volta na cama. Os segundos são insuportáveis, e eu me contorço impaciente.

Ele sorri e me beija outra vez, um beijo longo e forte. Ah... eu me arrepio. E então ele me enche. Seus quadris moem contra o meu, e ele me pressiona para baixo com cada impulso, ficando o mais próximo possível. Fecho os olhos e viro minha cabeça, uma reação natural de quando eu flutuo com a sensação esmagadora.

Ele segura meu queixo, ainda se movendo contra mim, e vira meu rosto para o dele. —Olhe para mim.

Meus olhos se abrem, e as suas palavras enviam meu corpo em queda livre. Eu grito. —Lo ...— Eu me aperto a sua volta com força. —Mais.

Ele dá estocadas rápidas, e seus olhos âmbar ficam nos meus, enquanto ele entra e sai. Dentro e fora. Mais fundo e mais fundo. Estou perdida na sua íris cor de uísque. O jeito que ele olha pra mim. Ninguém jamais me olhou desse jeito.

Tudo se rasga. Eu estou flutuando no sentimento mais feliz do mundo. Eu nunca quero descer.

Capítulo Quinze

Na maioria das noites, eu desmaio depois do sexo, para evitar qualquer tipo comunicação com o outro cara. Como estou nadando em felicidade, eu não consigo fechar meus olhos. Minha cabeça gira, lembrando de tudo, e eu tento desesperadamente entender o que aconteceu.

Lo levanta da cama silenciosamente e veste sua cueca preta. Ele pega uma garrafa de bourbon caída do chão e a coloca no balcão. Eu me cubro até o peito com o lençol, e ele pula na cama, o colchão se mexe debaixo de mim.

Mas gentilmente, ele deita ao meu lado.

Ele quer falar. Suponho que eu também. Eu acho que sobre onde erramos pela primeira vez.

—Obrigada— eu digo em primeiro lugar.

Seus olhos cor de âmbar piscam para mim. —Eu não fiz tudo por você, você sabe?

—Eu sei.

Ele lambe os lábios. —No que você está pensando?

—Eu estou confusa. —eu digo com sinceridade. —Eu acho que confundi tudo por um longo tempo. Eu não sabia se você estava jogando por conta da nossa mentira ou se você realmente queria me tocar do jeito que você fez.—

Poder dizer isso é muito bom.

Ele olha para mim profundamente. —Eu queria ter transado com você de novo desde a primeira vez— ele admite. —Mas você criou todas estas regras, e eu não queria ser o cara clichê com tesão, tentando abusar do seu vício. Então, eu esperei por você, para me pedir para transarmos novamente.

Eu franzo a testa. Por que não eu? —Eu pensei que era parte da mentira. Eu pensei que você estava apenas fingindo. —Como eu poderia saber que ele queria mais?

Ele aperta a mandíbula e balança a cabeça. —Eu nunca fingi, Lil. Nós estávamos juntos, mesmo você pensando que era uma porra de uma mentira. Nós apenas não estávamos fazendo sexo. —Ele olha para o copo. —Nos dias ruins, eu te tocava mais do que devia, admito. Como quando Daisy passou a noite em nossa casa, eu estava esperando que você finalmente abrisse os olhos e percebesse que eu estava lá. Eu não queria que você sofresse ou que tivesse que transar com outro cara. Eu estava bem na sua frente.

—Eu pensei que você estava só me provocando.

Ele balança a cabeça. —Eu sei. Não deu certo como eu planejei. —Ele balança o álcool em seu copo, olhando. —Eu entendo o seu vício, e eu só estou incomodado com o fato de você transar com outros caras. Eu sonhava com o dia em que você se recuperasse, na esperança de que ficasse comigo. Mas você nunca ficou, e no final, outro sortudo conseguia o que eu queria. Eu tinha tudo com você, as boas e as más partes de um relacionamento real, exceto o sexo. —Ele inala profundamente. —Eu queria, mas em seus termos.

—Você esteve me esperando por seis anos.— eu digo, olhando pra ele. Seis anos de falta de comunicação. Um de nós poderia ter falado. Em vez disso, deixamos que a tensão se construísse com o crescimento de uma mentira.

—A pior parte foi ouvir você. — Ele balança a cabeça. —Você sabe, eu ficava acordado, ouvindo você, me perguntando se os seus gritos eram de medo, sem saber se algum cara se aproveitou de você ou te machucou. Mas eu não

podia ... —Ele faz uma pausa sem saber o que dizer a seguir.

Mas eu sei. —Você não podia me dizer para parar.— Porque seria muito hipócrita. Ele não vai parar de beber, não por mim, não por qualquer coisa.

—Sim.— Ele me inspeciona a distância, observando minha linguagem corporal após o sexo. —Como isso foi para você?

Seu rosto se transforma aguçado, suas linhas ficam duras , seus olhos como gelo, o velho Loren Hale. —Estou aberto a críticas.— Ele termina sua bebida.

Eu não posso avaliar ele. Ele literalmente não entra nos meus gráficos. Eu jamais confiaria em alguém para assumir o controle e fazê-lo com tanta paixão. —Você é o suficiente .—digo, com minha voz fraca — Mas eu não posso mentir para você. Me preocupa o nosso futuro, como vai ser pra você. E depois? Eu nunca tive um compromisso com ninguém, Lo. Por você, eu tentaria, mas... e se eu falhar?

—Você ainda vai estar fazendo sexo —diz ele. —Você apenas vai ter sexo louco e entorpecente comigo. Todos os dias. Em seus termos. E se você escorregar, estará tudo bem.

—Não — eu respondo imediatamente. —Não e não. Se estivermos juntos de verdade, eu não vou enganar você. Isso não é certo. —Eu percebo que eu tenho que tentar. Não importa o que, eu tenho que tentar fazer isso para poder encontrar tudo que preciso dentro dele. Eu acho que é possível, mas poderá ser difícil às vezes. —Eu vou precisar de você.. Você entende?

Lo acena com a cabeça. —É claro, Lil.

—Então, nos dias em que você beber para dormir antes das oito horas, o que eu devo fazer?

—Você está se comprometendo, e é justo que eu faça o mesmo. Não vamos fazer nada fora dos nossos horários. —Ele repousa a mão no meu tornozelo, provocando arrepios na minha espinha. —Eu quero te amar mais do que eu amo a isto— ele chacoalha o vidro de uísque —E eu não sei de que outra

forma poderei conseguir, a menos que haja algo a perder.— Os riscos tornaram-se muito maiores. Se eu falhar, isso significa que eu o traí. Se ele falhar, isso significa que ele pode me levar a traí-lo.

E se isso acontecer, estaremos sozinhos e vazios. Nós nunca alimentamos a ideia de estar juntos, em parte porque nós nunca estivemos prontos para fazer esses sacrifícios, como beber menos, não em todas as noites. Ou que eu deixe de procurar emoções em outros lugares.

Três anos mais tarde e se afogando em mentiras, estamos de repente preparados para perder tudo pela chance de ter algo real.

—Então é isso.— Eu estudo suas feições, a firmeza do seu peito, a escuridão em seu rosto, e o querer em seus olhos. —Nós acordaremos amanhã e nos tornaremos um casal real. Sem pretexto. Eu serei monogâmica com você, e você deixará para trás o seu consumo para me ajudar. Você tem certeza de que quer fazer isso? Não haverá volta. Se nós terminamos... —Tudo vai mudar.

—Lily.— Ele larga sua garrafa de lado e segura meu rosto com as duas mãos. Sua proximidade ainda faz meu coração vibrar como se eu nunca tivesse sido tocada por ele antes. Isso é um bom sinal. —Somos terríveis em tantas coisas, se esquecendo de datas importantes, faculdade, fazer amigos, mas a única coisa que sempre fui meio decente foi no fato de estarmos juntos. Devemos isso a nós mesmos, temos que tentar. —

—Ok —eu digo em um pequeno suspiro.

Seu sorriso cresce e ele me beija forte, concretizando o nosso novo negócio, ou quebrando o nosso antigo. Ele chega perto de mim debaixo do edredom, e eu o abraço, segurando firme, e nunca vou deixa-lo ir.

Capítulo Dezesseis

Pelo resto da viagem eu já não questionei mais se daria ou não certo o nosso arranjo, ainda mais quando ele pega a minha mão e desliza o braço em volta da minha cintura. É tudo cem por cento real, e eu posso desfrutar sem confusão constante.

Está escurecendo na Philadelphia, as nuvens substituem o sol e o clima tropical paira no ar com os pequenos guarda-chuvas nas bebidas frutadas. Realidade em conjuntos, juntamente com a temporada de outono, exames iminente tão perto como a Charity Gala de Natal. Agora que eu estou de volta na terra dos homens gostosos, eu tento me concentrar em Lo e mais ninguém. Não no vendedor de cachorro-quente na rua ou nos advogados entrando e saindo dos seus apartamentos.

Eu não posso enganar Lo, mas às vezes o "não posso" se transforma em "talvez" e se tornam, "tudo bem". E eu fico mal tentando controlar tudo isso sempre que tenho esses sentimentos. A coisa boa é que a Economia rouba todo o meus pensamentos em Lo, e até mesmo pra o sexo.

Eu bato minha cabeça contra o livro didático gorduroso. — Morram, números, morram. As garrafas de bebida tilintam, um som familiar que agora me deixa louca. Eu culpo a faculdade.

—Lo!— eu chamo da sala de estar. —Você já fez essa lição de casa? Você pode me ajudar? —Eu devo estar desesperada por estar pedindo a sua ajuda.

Ele ri, mas não se preocupa em me responder. Simplesmente adorável. Eu vou bombar. Como eu precisasse de outra razão para os meus pais me perseguirem. O mundo contra você. Eles dizem que você se tornam assim, uma criatura independente e autossuficiente quando você completa dezoito anos, cortando os laços familiares, uma vez que você entra na sociedade. Mas na nossa economia, nove em cada dez vezes, você é financeiramente dependente deles até que você comece verdadeiramente a se esforçar no trabalho. Mesmo eu, filha de um multibilionário magnata tenho que contar com a família como apoio. Há algo de errado com este sistema, e eu não tenho que ser boa pra caralho em economia para saber disso.

Eu mordo minhas unhas para as camas e esmago meu livro fechado. Eu assisto Lo se inclinando sob o balcão, a camisa de equitação para cima e seus olhos se estreitando na tela do computador. Ele clica em alguns botões, olhando fixamente para uma página na web.

Eu começo a imaginá-lo, andando em minha direção, me olhando do jeito que ele fez quando estávamos no mar. Ele me conhece bem o suficiente para assumir a liderança. E ele, de bom grado, espalha as minhas pernas abertas...

Lo se endireita e fecha o laptop, seu movimento me acorda da minha fantasia. Ok, eu não consigo me concentrar nas margens de lucro quando tudo o que posso pensar é em algo um pouco mais nefasto.

Silenciosamente, eu ando até a cozinha, onde Lo mistura uma bebida. Ele corta para trás em quantidade, não qualidade.

Bourbon e uísque, seus licores de cor escura favoritos, espalhados por todo os contadores em massa.

Eu passo o mouse pela fruteira e finjo agir como se eu estou examinando as maçãs. Nas últimas duas semanas desde que voltei para a cidade, eu ainda não

descobri como abordar Lo sem me sentir estranha. Eu não sou do tipo que vai e diz: Ei, Lo, por favor você pode dormir comigo? O pensamento de pronunciar essas palavras envia manchas vermelhas na minha pele. Falar para estranhos é diferente. Eu nunca mais vou vê-los novamente, e eu raramente uso palavras. Eu lhes dou um olhar profundo, sensual, e eles me seguem onde quer que eu vá. Usando essa técnica de armadilha da mosca de Venus com Lo eu me sinto barata e exagerada. Então, ao invés disso, eu estou aqui sem jeito.

Eu não quero perguntar se ele quer transar como eu estou acostumada a fazer nos bares. Por que isso não pode ser mais fácil?

Eu tento evitar a conversa desconfortável com uma pergunta. —Você percebe que temos um teste em uma semana? Você vai pelo menos estudar?

—Eu vou improvisar.— Descontraído, ele bebe sua bebida e se inclina nos cotovelos no balcão. Ele inclina a cabeça, me observando de perto.

Talvez não tenha sido uma boa coisa perguntar. Agora me sinto nervosa por nós dois.

Em outros tempos, agora eu estaria ostentando um top brilhante e indo ao clube, mesmo que já seja noite.

Agora que eu sou monogâmica, eu só tenho uma opção, e ele está cumprindo sua própria obsessão por beber uma garrafa de bourbon.

Devo mesmo tirá-lo disso? Será que isso me torna a pessoa necessitada e egoísta no relacionamento?

—Líly.

Sua voz corta meus pensamentos. Eu paro de andar. Puta merda, quando eu comecei a andar?

—Esta tudo bem?

—Eu estou bem.— Eu volto para a fruta.

—Você parece terrivelmente fascinada por essas maçãs.

—Sim.

—Ok, já é o suficiente.— Ele pousa o copo no balcão atrás de mim.—

Desde que voltamos das Bahamas, você está nervosa e agitada sempre que você obviamente precisa de sexo. Você percebe que você costumava me dizer onde e quando queria fazer sexo todas as noites?

—Isso foi antes que fosse com você —eu defendo.

—Portanto, isto deve ser mais fácil— diz ele, perplexo.

—Não é. Eu não gostava de perguntar pra eles. Para os caras que eu levava pra cama. —Eu tremo. Isso não saiu direito. —O que eu quero dizer é,— Eu digo às pressas com meus braços nivelados —, que estão ativamente à procura de um gancho até demais. Não relaxar no sofá ou navegar na internet. Eu não quero que isso seja uma tarefa ou para os meus problemas de invadir sua vida pessoal.

—Eu lhe asseguro, fazer sexo não é uma tarefa árdua, especialmente não com você. E sobre os seus problemas, isso é estar em um relacionamento Lil. Seu problema agora é o meu problema. Na verdade, tem sido quase sempre o meu problema. Agora somente eu só obtenho a recompensa ao invés de assistir outro babaca sendo recompensado.

—Mas você não precisa de mim para beber. Você não precisa me perguntar se eu estou bem para beber com você. Seu vício não se infiltram em minha vida como o meu faz com você.

—Sim, é verdade, apenas de outras maneiras. E você realmente acha que eu sou cego? —Ele gira um pedaço do meu cabelo em seu dedo. —Eu sei o quanto de sexo que você teve. Eu sei que quando você não transa, você está navegando vendo pornô. Eu não sou um idiota, Lil. Eu tenho sido seu melhor amigo há anos, e eu não perdi esse conhecimento agora que eu sou seu namorado.

Ele fez pontos sólidos. —Ok, mas eu ainda me sinto estranha pedindo por isso.

Lo engancha os dedos na cintura da calça, olhando o pedaço de pele que espreita debaixo da minha blusa.

—Então, não peça!—ele me diz, subindo sua mão pela parte inferior das minhas costas. —Se você quer que eu escolha quando fazer, eu escolho então. Mas eu não queria tirar isso de você.

Sua mão se ergue na minha espinha e ele habilmente desabotoa meu sutiã. Eu cambaleio para trás com surpresa, calor florescendo em cada parte de mim. Ele coloca o braço embaixo do meu, me bloqueando, então não posso me esquivar. Nossos corpos se tocam de cima para baixo, o peito duro contra o meu macio. Eu mal consigo respirar.

Lo dá um beijo na minha testa, em seguida, ele sussurra: —Você confia em mim?

Eu engulo em seco, tentando me concentrar. Eu confio nele? —Sim—eu digo.—Mas ... você não pode demorar muito tempo.— Minhas palavras saem para fora, mais frenéticas do que eu esperava. —Tem que ser mais de duas vezes em intervalos regulares. Quando eu fico estressada, eu posso precisar de mais.

Seus lábios encontram os meus, me calando. Meus ombros caem e eu derreto quase que instantaneamente. Ele me solta para que meus braços possam voar em volta do seu pescoço. Nós estamos dançando. Nossos pés não se movem, mas eu me sinto mais leve que o ar, suspensa acima das nuvens durante a realização da Beleza valsa e o estilo Besta.

Aos poucos, ele quebra o beijo e mantém sua testa na minha. Eu perco o equilíbrio, são os efeitos colaterais, dos meus lábios nos dele, a surpresa de tudo.

—Você não vai ficar sem nada,— Lo tenta me assegurar. —Você está ganhando espontaneidade. Como você se sente?

Abro a boca, mas não posso formar as palavras.

Seu sorriso se alarga, satisfeito. —Que bom, hein?

—Mmm-hmm.— Eu já nem me dou ao trabalho de falar, e só murmuro.

—Você poderia estar fazendo nossa comida,— ele sussurra, seus lábios fazendo cócegas no meu ouvido, —e eu poderia vir para a direita para cima e ....

—

Sua mão desliza para baixo das minhas costas e desce mais abaixo do meu jeans, entre minhas coxas...

Estou rendida.

Eu removo minha camiseta, meu sutiã já está soltou. E ele facilmente me levanta e me coloca sobre o balcão. Eu vejo algo em seus olhos, um desejo que eu não tinha notado antes. E é preenchido com determinação, como se estivesse me convencendo de que ele é o suficiente.

Eu espero, rezo e desejo que ele seja. Só o tempo irá dizer.



Capítulo Dezessete

O cheiro de pão de alho e molho de tomate aumenta a minha fome. Eu mexo no meu lugar e puxo a barra do meu vestido preto que termina nas minhas coxas. Desde a faculdade, o lugar mais bonito que eu já jantei, foi em um pub que serve queijos caros e pistácios. Os únicos casos em que eu li menus com uma centena de fanfarrão curso mínimo taste-testes são durante jantares de família, minha mãe me forçando a usar saltos altos e beliscando meu braço para eu sorrir.

Os olhares incrédulos não estão ajudando que eu me sinta bem-vinda. Aristocratas de meia-idade e idosos atiram olhares julgadores em nós, nos esperando para jantar, e nos jantar a qualquer momento. Lo deve sentir a especulação cruel de nossas idades. Rugas têm vincado permanentemente sua testa.

Ele fez a reserva há uma semana, citando que teríamos o nosso primeiro encontro, o que é verdade. Eu saboreio o meu vinho lentamente. Quando nós pedimos a casa o Merlot, eu segurei na minha surpresa. Ele não bebe, ele se refere a ele como "subservientes", mesmo o álcool estando presente. E apesar de Nola ter nos levado para La Rosetta, Lo raramente me deixa tomar bebida alcóolica, de qualquer espécie.

Agora que somos um casal oficial, eu pensei que eu iria parar seus gestos analisadores, mas eu começo a pensar demais, principalmente sobre as diferenças no nosso relacionamento. Às vezes eu desejo ter um controle remoto para fazer uma pausa no meu cérebro. Só para ter um momento de paz.

O garçom retorna com uma cesta de pão premium. Essas foram suas palavras quando ele falou sobre o pão. Talvez ele esperasse que os nossos olhos se arregalassem pela percepção de que estamos em um restaurante caro com pão-prêmio e ravioli, um lugar não construído para jovens com namoradas.

—Você está pronta para pedir?—, Ele pergunta sugando suas bochechas, me fazendo lembrar um pouco demais da minha mãe.

Eu estou na dúvida entre Capellini alla Checca e Filletto di Branzino. Massa ou robalo? Lo percebe minha indecisão e diz: —Nos dê mais alguns minutos.

Uh oh. Conheço esse olhar. Ele está prestes a obter a média. —Este não é um restaurante mexicano, onde você pode comer chips gratuitos e depois sair. O pão custa dinheiro. —Oh, o pão premium custa dinheiro? Quem teria imaginado? —Você tem que pedir, eventualmente.

Lo fecha o menu fazendo barulho e levanta a mão sobre a mesa segurando o menu. Ele parece prestes a virar a maldita coisa. Igual ao seu pai, eu percebo. O pensamento rouba minha respiração. Eu não quero compará-los. Sempre. —Eu disse 'nos dê mais alguns minutos. Eu insinuei que não iria pagar?

—Lo —advirto, os nós dos seus dedos estão brancos. Por favor, não vire a mesa.

O garçom olha para as mãos de Lo e, em seguida, o gerente vem até a nossa mesa. Percebo olhares de outras mesas forradas com linho e das mesas com velas afastadas de nós, olhando para o espetáculo.

—Há algum problema?— Pergunta o gerente, um pouco mais velho do que o garçom, ambos vestidos em uniformes negros.

—Não— responde Lo primeiro, descamando os dedos para fora da mesa.

Ele pega sua carteira. —Nós gostaríamos de uma garrafa de um champanhe, a mais cara. E depois, você pode levar isto.—Ele entrega ao gerente o seu cartão American Express preto.

O garçom tagarela do outro lado. —Seria a Pernod Ricard Perrier Jouet. Custa mais de quatro mil dólares.

—Só isso?— Diz Lo inclinando a cabeça, fingindo espanto.

O gerente coloca uma mão firme no ombro do garçom. —Eu vou pegar esse especialmente para você, Sr. Hale.

Ooh, ele usou mesmo seu nome a partir do cartão de crédito. Os pontos de bônus para ele. Ele inaugura o garçom fora de nossa vista, e Lo parece prestes a quebrar o pescoço de uma galinha, ou o homem que apenas acaba com o rabo entre as pernas.

—Pelo jeito, não vamos comer aqui.—eu digo, somando-se pelo o que aconteceu.

—Você gostaria de comer aqui?—Ele quase grita, desabotoando a gola de sua camisa preta.

—Não realmente.— Minhas bochechas florescem com uma tonalidade vermelha, fazendo mais pessoas olhar.

Ele arregaça as mangas. —Eu não tinha ideia de que era preciso obter respeito para comer na porra de um restaurante.

—Você pode parar de mexer em sua camisa?

—Por quê?—Pergunta ele, se acalmando. Ele examina a minha linguagem corporal. —Trata-se de transformar você em?—

Eu olho. —Não. Parece que você está prestes a correr para a cozinha e bater a merda fora do garçom. —O que é cômico. Lo evita a maioria das brigas, seria mais fácil ele gritar na sua cara, te atacar verbalmente, do que dar um soco.

Ele revira os olhos, mas para de mexer com as mangas como eu pedi.

Apenas um minuto passa e o gerente volta com a garrafa de ouro e o American Express. Ele faz um gesto para que a gente vá embora e atira em todos

um olhar escaldante enquanto saímos, até mesmo para o gerente que não faz nada a não ser nos pedir desculpas e dizer um obrigado.

Eu escorrego minhas mãos no meu casaco de lã longo. —Não era para Nola estar aqui por mais uma hora?— eu pergunto.

—Nós vamos caminhar um pouco. O stand taco está a dez quarteirões de distância. Acha que você pode fazê-lo? —

Eu concordo. Meus saltos curtos já ficaram arranhados ao longo da calçada rachada, mas eu tento não me importar com isso.

—Você está bem?—Pergunto-lhe. Ele balança a garrafa em sua mão e abaixa a outra, segurando firmemente a minha mão fria.

—Eu odeio isso.—diz ele, enxugando a testa suada. —Eu odeio que ainda somos tratados como crianças, mesmo que a gente ainda tenha vinte anos. Eu odeio ter que mostrar minha carteira para comprar o respeito.—Nós paramos em uma faixa de pedestres, uma mão vermelha piscando grande para nós, nos dizendo para ficarmos parados. —Eu me sinto como meu pai.

Sua admissão me deixou surpresa. E as maçãs do rosto afiam, fazendo meu estômago dar cambalhota. Ele se parece muito mais como Jonathan Hale do que eu gostaria de confessar.

—Você não é ele.—eu sussurro. —Ele teria virado aquela mesa e, em seguida, virado as costas e deixado a bagunça para a equipe limpar.—

Lo ri da imagem. —Será que não?— O sinal abre e nós cruzamos o tráfego, os carros alinhados nas ruas com os faróis brilhantes, iluminando ambos os lados. O assunto sobre seu pai, deixado perdido atrás de nós.

Um pequeno parque reside na rua movimentada, e algumas crianças em idade de faculdade cercam uma fonte de afluência burritos. Tento me enquadrar em tudo isso, mas onde quer que a gente vá, eu sempre me sinto uma pária. Algumas coisas nunca mudam, passado o ensino médio.

—Você está com frio?—ele pergunta.

—Huh? Não, eu estou bem. Meu casaco é forrado de pele. —Eu gosto

disso.—

Eu tento esconder o sorriso. —Verifique a etiqueta.

Ele olha a etiqueta franzindo as sobrancelhas e me dá uma olhadinha. —Calloway Couture?— Ele se junta a meu lado novamente. —Rose quem desenhou.—ele conclui. —Vou levá-lo de volta. É feio.

Eu ri. —Eu posso pedir pra ela lhe desenhar um suéter.

—Pare.— ele diz se encolhendo.

—Ou uma camisa monogramada. Ela vai colocar o seu nome à direita sobre o coração, LOREN!

Ele aperta meus quadris, eu grito e sorrio ao mesmo tempo. Ele me guia para o suporte do taco, seus lábios na minha orelha o tempo todo, sussurrando algumas coisas ratificadas que ele gostaria de fazer para mim por ser tão ruim.

—Podemos ignorar os tacos?—Pergunto, de repente quente.

Seu sorriso ilumina seu rosto. Ele se vira para o fornecedor, não alimentando os meus desejos. Ainda. —Eu quero ter três tacos de frango. Ela vai querer de carne com alface extra. —Ele sabe o meu pedido de cor, o que não me surpreendente, já que nós comemos aqui regularmente, mas agora que estamos juntos, parece mais sexy.

—Você quer molho quente nas de frango, certo?

—Não, hoje não.

Eu franzo a testa. —Você sempre pede com molho quente.

—E você odeia comida picante.

Ele balança suavemente a rolha da garrafa e suspira quando ela salta, e enche nossos copos de isopor com o champanhe.

Eu dou uma grande mordida no meu taco, o molho escorre do canto da minha boca até o meu queixo. Apressadamente, eu pego alguns guardanapos que ainda não estão sujos, mas acho que ele já testemunhou o meu constrangimento.

Ele tenta não sorrir. —Eu me lembro de você estar no baile. Ou foi um sonho?

Eu ronco, o que não ajuda no meu caso. —Dificilmente. Eu tinha que dançar com Jeremy Adams a noite toda e ele era uma cabeça inteira menor do que eu. Isso porque alguém escolheu ir ao baile com Juliana Bancroft.

Ele dá uma grande mordida no seu taco de frango para segurar a risada.

—Eu ainda não entendo por que você fez isso comigo. Ela era horrível. —Eu tomo um grande gole de champanhe, as bolhas fazendo cócegas no meu nariz. Eu já me sinto mais relaxada. Coragem líquida, algo que ele sabe como funciona, mas eu acho que mesmo sem o consumo do álcool, ele ainda seria muito descarado.

—Ela não era tão ruim assim —diz ele, pegando o frango caído da bandeja e o colocando de volta na tortilla.

—Ela encheu meu armário com preservativos.

—Você não sabe se foi ela.

—Eu dormi com o namorado dela. Se eu soubesse que ela estava namorando um cara de uma escola pública de vinte milhas longe da nossa, eu nunca teria tocado nele.

Eu evitava dormir com rapazes de Dalton Academy. Eu não queria ter uma má reputação, então eu escolhi minhas conquistas com muito, muito cuidado. Mas, obviamente, não muito, ou então eu teria notado sua mentira quando ele alegou que era solteiro. Lady Luck tinha saído um pouco do meu lado, no entanto. Juliana nunca disse a ninguém o que aconteceu porque ela não queria que as pessoas soubessem que ela estava namorando um garoto inferior a ela, em primeiro lugar. Um pequeno de mais para a provação horrível.

—Poderia ter sido qualquer outra garota.— Lo ainda responde. Eu acho que em parte, foi para me irritar. Ele pega sua taça de champanhe.

Eu bocejo. —Os preservativos tinham adesivos brilhantes em cima deles. Quem mais na escola tinha a Lisa Frank como fetiche? Ela ainda carregava uma pasta com um unicórnio com arco-íris e ela estava na nona série. Assim, ela não só foi cruel, mas ela era vaidosa o suficiente para assinar o seu nome

praticamente em todo o crime. —Faço uma pausa. —Você sabe qual é a parte triste dessa história? Eu realmente usei esses preservativos.

Ele bufa em seu champanhe, engasgando com o álcool.

Eu bato levemente nas suas costas. —Acalme-se, já passou. Talvez você devesse mudar para algo que você saiba como manipular. Eu sou um aficionado no álcool. Você deve me ouvir. —Eu pisco um sorriso.

—É mesmo?— Diz ele, com o rosto vermelho de cortar um pulmão. Ele toma mais um gole para limpar a garganta.

—Então por que você dormiu com Juliana?— Eu lhe pergunto. —Você nunca respondeu.

Ele dá de ombros. —Eu não me lembro.

—E eu não acredito em você, Loren Hale.

—Mesmo que você use meu nome completo, Lily Calloway, você não terá autoridade sobre em mim.— Ele pisca um sorriso, presunçoso.

—Você me levou até uma abundância de bolas antes que um,— eu o lembro. —Então o que mudou?— Eu não deveria insistir, mas minha curiosidade prevalece sobre a minha sensibilidade.

Ele coloca sua bandeja vazia de lado e prende a garrafa de champanhe entre as pernas. Eu espero enquanto ele pensa sobre as palavras certas, sobre a forma de dizer a sua resposta, passando os dedos pela pintura de ouro florido da garrafa:—A noite antes que Juliana me perguntou, eu cheguei em casa um lixo. Paguei um cara para me comprar uma garrafa de Jim Beam. Passei a tarde bebendo na parte de trás da nossa antiga escola primária. —Ele revira os olhos. —Eu provavelmente parecia uma porra de um delinquente. Eu estava entediado. E eu acho que não é sequer uma boa desculpa mais. Meu pai me viu tropeçando, e ele saiu em algum tangente sobre estar insatisfeito. —Seus olhos se estreitam enquanto caminhamos pela rua de tijolos. —Neste dia, eu me lembro o que ele disse. 'Você não pode sequer imaginar o quanto eu porra dei, Loren. E é assim que você me reembolsa? '—

Eu estou com medo por ele. Ele está em algum tipo de transe, e se eu

colocar meu braço em torno dele, ele pode me empurrar, mal-humorado e infeliz. Ele pode ser, tanto independentemente.

Ele continua com a cara fechada—Eu ouvi seu discurso durante uma hora. E depois, ele começou a falar sobre você.

—Eu?— Eu toco o meu peito, não acreditando que eu poderia entrar nesse tipo de conversa.

Ele balança a cabeça. —Sim, ele disse que você era muito boa para mim, que eu nunca seria capaz de crescer e ficar com uma garota como você. Eu era jovem, rebelde e quando ele disse vá, eu gritei. Quando ele disse Lily, eu gritei Juliana. —

—Oh,— eu murmuro, não percebendo o quão profundo a verdade realmente é.

—Para que você saiba— sua voz se ilumina—eu me sentia como um miserável toda a noite por ter que ouvir você sobre seus casos. E se bem me lembro, você usou a baixa estatura de Jeremy em sua vantagem.

Meus ouvidos esquentam e eu coro com a lembrança. Eu escondo meu rosto com as mãos para esconder meu constrangimento.—Você não deveria ver diversão em minhas conquistas passadas.—eu sussurro ainda escondendo meu rosto.

Sua peculiaridade. —Eu amo tanto você.— Ele levanta meu queixo com um dedo e me beija tão delicadamente que eu me pergunto quem é esse homem que está na minha frente. Sua ternura me atrai, e eu perco o fôlego no mesmo momento.

Eu quebro o beijo primeiro, não tenho certeza se eu posso beijá-lo assim, sem a promessa de sexo selvagem e apaixonado. Ele levanta as sobrancelhas, colocando o copo aos lábios, sorrindo. Sim, ele sabe exatamente como eu me sinto agora. Eu sou tão transparente.

Eu mudo de assunto para evitar escorrer na fonte. —Poppy fica me perguntando sobre o seu aniversário. Ela quer conhecer todos os nossos amigos

na festa que eles estão supostamente preparando, Charlie e Stacey em especial.

Ele permanece calmo. —O que você disse a ela?

—Eu disse que ela odiaria a festa. Que vai ter muitos estudantes universitários bêbados, e ela vai ter que enfrentá-los em outro momento. Ela acreditou muito rapidamente. Além disso, ela não tem nenhuma razão para acreditar que criamos amigos imaginários.

—Eu queria que você tivesse escolhido um nome melhor do que Stacey. Eu não conheço nenhuma Stacey, e eu jamais tive uma amiga com esse nome.

—Esse é um nome preconceito e imaturo.

—Não existe isso de nome preconceito, mas eu não tenho dúvida de que é um pouco imaturo. Eu tenho muitos defeitos.

—Sobre seu aniversário— Eu permaneço na linha —desde que você não vá embora ao meio-dia, para que eu possa te levar a comemorar?

Ele arranca o último rótulo do champanhe.—Eu não penso assim.

—Vamos. Podemos nos vestir com fantasias e ir a uma festa.

—Por que não podemos simplesmente ficar em casa, beber e fazer sexo?

—Nós fazemos isso todos os dias, Lo —eu digo, irritada. Desde que estamos juntos, meus costumes de ficar tarde da noite em boates desapareceram. Ao contrário dele, eu não estou acostumada a ficar enfiada no apartamento por tanto tempo.—Tem de haver alguma vantagem de fazer aniversário no Dia das Bruxas.

Ele toma um gole da garrafa de champanhe, pensando. Ele limpa a boca com as costas da mão. —Eu acho que nós já temos os figurinos perfeitos.

Eu sorrio e depois fecho a cara imediatamente. —Espere, quais trajes?— Meu estômago se contorce, e uma vez que o meu constrangimento começa a definir, seu rosto se ilumina. Oh, eu o odeio. —Não, não as mesmas que usei na Comic-Con.— Meu acanhado X-23! E seu apertado, terno Hellion igualmente revelador, do retrato emoldurado na parede de seu quarto.

—Por você estar sendo muito má, essa será a minha condição.

Ele está tentando ver o quanto eu quero. Eu inalo profundamente. Vou usar uma capa na frente ou algo absurdo para me cobrir. —Bem. Você está certo.

—Nós gostamos de fazer aquilo, não foi?

Acho que gostamos.

Capítulo Dezoito

—Tome estes números em consideração, não estes.— Meu tutor me dá um olhar preocupado. —Você consegue?

Meus olhos se arregalam. —Eu vou falhar. Mais uma vez.

Ele bate a borracha de seu lápis no texto, a economia de espessura e olha para os números. Seus lábios se desenham em uma linha fina, tentando descobrir como ele pode ser tutor de uma menina tão estúpida. Eu estou desesperada. Levou mais de três dias de tortura antes que eu engolisse o meu orgulho e pedisse a Connor para me ensinar.

Agora eu tenho a companhia no inferno.

—Tente este, Lily.— Ele desliza o livro para mim e aponta para um grande número. Palavras. Demasiadas palavras para ter números se envolvendo. Por que a economia não pode escolher entre os dois? Tendo ambos os números e palavras em uma equação, envia uma enxaqueca na divisão de meu crânio.

Eu luto por mais cinco minutos antes de jogar o meu lápis no chão em um acesso de raiva. —Eu juro que não estou fazendo isso de propósito— eu digo rapidamente. —E eu sei que você provavelmente está desejando que eu escolha outra pessoa.

Ele se inclina para trás na pequena cadeira da antiga biblioteca. Estamos escondidos em uma pequena sala de estudo com uma placa branca, uma longa

mesa, uma lâmpada e uma parede de vidro para nos lembrar que outras pessoas não existem. A vantagem: Eu posso gritar de frustração e ninguém vai ouvir meus gritos, a não ser Connor.

Tempo corre e o sol já está em nós. Eu provavelmente estou segurando o meu tutor de seu jantar ou aos seus planos para a noite. Eu olho ocasionalmente em seus olhos azuis profundos e ondulados fechaduras castanhos, marcando alta no gráfico, ou o cara que eu gostava de foder. Era o que eu costumava reparar, antes de eu entrar um relacionamento monogâmico.

O botão da sua jaqueta de marinheiro está estourado, o primeiro sinal do seu estatuto formal. Honestamente, eu esperava por algum panaca com óculos e acne. Alguém que não me seduzisse tanto.

—Como você ficou sabendo sobre mim de qualquer maneira?— Ele pergunta, intrigado. —Referências?

—Você estava listado como um tutor sobre economia do Web site do departamento. Eu meio que fui para o nome mais legal. Ele fiquei entre você e Henry Everclear. —Nenhuma das meninas, ou então elas teria sido a minha primeira escolha.

—Então você foi para Connor Cobalt —ele sorri com diversão. —Connor não é o meu primeiro nome verdadeiro. É Richard.

—Oh.— o calor sobe em meus braços. —Eu acho que não é tão legal.— Eu podia bater minha cabeça pela minha resposta, desejando ter dito algo espirituoso. Em vez disso, eu fico muda.

—Qual é o seu nome completo?

Eu olho com cautela para o relógio em seu telefone, descansando sobre a mesa ao lado de meu livro.

Ele segue o meu olhar. —Eu não vou cobrar extra.

Eu definitivamente já ouvi isso antes. —Eu não quero mantê-lo longe de seus planos.

—Oh, não —diz ele com uma risada, pegando o seu café da Starbucks. —Eu não tenho quaisquer planos. Estou realmente um pouco feliz que você esteja

com dificuldades. Eu tive aulas com calouro do tipo A em personalidades nos últimos meses e eles zumbiram através dos meus problemas em menos de vinte minutos. Eu preciso de horas de tutoria para o meu currículo. O programa de MBA da Wharton é muito competitivo e qualquer extracurricular ajuda.

Eu deveria me ofender com isso, mas eu não posso discutir com a verdade aqui. Eu estou lutando. —Bem, eu posso ser uma causa perdida.

—Eu sou o melhor tutor na Universidade da Pensilvânia. Eu aposto mil dólares com você que pelo menos, o seu próximo semestre você será capaz de passar.

Eu escancaro a boca, incrédula. —Isso será em dois dias.

Ele nem sequer pisca. —Então acho que nós estudaremos nas próximas quarenta e oito horas.— Ele verifica o seu relógio e pega simultaneamente o café de volta, tomando um gole. —Você nunca me disse seu nome completo. Não pode ser pior do que Connor Cobalt. —Ele abre um sorriso branco perolado, os mesmos que causam cegueira e me rodeavam na escola preparatória.

—Lily Calloway.

Sua cabeça cai para trás em surpresa. —Você não está relacionada com Rose Calloway está?

—Ela é minha irmã.

Ele sorri novamente. Eu gostaria de poder dizer a ele que parasse com isso. Depois de anos fingindo e mentindo, tudo grita.—Falsos— mais do que sorrisos com excesso de zelo. —Ela está na Bacia Acadêmica de Princeton, certo? Nós competimos contra eles o tempo todo. Ela é inteligente. Estou surpreso que você não tenha lhe pedido para ser sua tutora.

Eu rio secamente. —Eu acho que você teria que usar uma armadura para aprender alguma coisa com Rose. Ela é uma professora difícil.

Suas sobrancelhas sobem enquanto ele termina seu café. —É mesmo?— Ele está muito curioso para seu próprio bem.

Eu decido salvá-lo e voltar para meus livros. —Então você está realmente preparado para perder mil dólares?— Ele pode estar interessado em acumular

horas para seu currículo, mas eu realmente preciso aprender essas coisas.

—Meu orgulho está na linha. Ele custa mais de mil dólares. —Ele verifica seu relógio Rolex novamente. —Você tem um tempo para tomar uma bebida?

Espere! Meu tutor está me convidando pra sair?

Ele vê a minha confusão quando começa a empilhar os livros didáticos juntos. —A biblioteca fecha em dez minutos. Eu não estava brincando sobre estudarmos nas próximas quarenta e oito horas. Pode ser na sua casa ou na minha. Mas eu tenho que avisá-la, minha gata odeia garotas, e eu não corto as unhas dela a algumas semanas. Então, se você não quer ser zelosamente agredida por Sadie, eu sugiro o seu apartamento.

Eu prefiro o Drake de qualquer maneira. Pelo menos com Lo por perto, eu tenho menos chance de fazer algo idiota. Como ouvir meu cérebro inferior.

—Na minha casa está bom.— Eu jogo minha mochila sobre meu ombro e me levanto. —Mas eu moro com meu namorado, por isso vamos ter que ficar quietos.

Ele assobia. — Uma júnior e casada já. Isso explica muita coisa. —

Ele segura a porta de vidro para eu passar, mas eu congelo antes de pisar no campus. —Como assim?— Eu uso tudo certo no meu peito? Ou Connor Cobalt é tão arrogante que acredita que tem tudo planejado com uma sessão de estudo?

—Um monte de meninas aqui é de família ricas.

—Espere— eu paro antes que ele continue. —Como você sabe que eu tenho dinheiro?— Eu olho para as minhas roupas.

Nada em mim grita extremamente rica. Eu uso um par de tênis Nike, calças de moletom da Penn. Se Rose visse o meu estilo, ela teria uma hérnia.

—Calloway—ele diz meu nome com uma risada. —Seu pai é o magnata do refrigerante.

—Sim, mas a maioria das pessoas-—

—Eu não sou a maioria das pessoas, e eu faço um esforço para conhecer nomes, especialmente os que importam.

Uh, eu não tenho nenhuma ideia de como responder a essa presunção.

Ele me leva para fora, para a noite fria. —Como eu estava dizendo, todas as meninas mais ricas tendem a fazer a mesma coisa. Encontrar um cara em uma Ivy League, que é incrivelmente bem sucedido, casa-se cedo, e ambos têm seus futuros juntos, sem precisar começar por baixo, começos estelares, currículos completos extras. Não estou julgando. Se eu fosse uma garota, eu provavelmente estaria no mesmo caminho. Inferno, eu vou acabar me casando com uma dessas garotas.

Que generalização horrível. Nem todas as mulheres jogam fora suas carreiras na chance de ser cuidada por um homem. Eu poderia socá-lo ou vomitar. Qualquer um dos dois me parece ser uma reação apropriada. Aposto que ele também acredita que as mulheres só devem ter bebês. Deus, Rose iria riscar seus olhos se ela o ouvisse.

Mas eu não sou tão corajosa quanto Rose, e é tarde demais para encontrar outro tutor. Então eu enterro meus pensamentos e sigo esse babaca para fora.

* * *

—Lo!— Eu grito, caminhando pra dentro do apartamento com Connor arrastando atrás. —Lo!— Quando ele não responde pela terceira vez, eu presumo que não esteja em casa. Eu o mato em uma mensagem de texto e espero que ele não esteja muito bêbado para sentir minha raiva.

Montamos acampamento no balcão do bar. Eu me afogo em três livros diferentes, fazendo um ligeiro progresso, mas não o suficiente para contar com um sucesso. Connor corrige meus problemas, só vinte e cinco por cento estão corretos. Esse número ainda tem que aumentar.

Dois Red Bulls e uma pizza de pepperoni depois, são onze horas e Lo ainda não voltou para casa. Meu telefone fica sem vida em cima do balcão, e eu

olho para ele, esperando ver uma chamada perdida. Eu disse a Lo sobre a minha sessão de tutoria, e fomos selvagens esta tarde. Talvez ele pense que eu tenha me saciado o suficiente, então ele planejava me abandonar esta noite e fazer sua própria coisa.

Eu mordo meu lábio. Minutos mais tarde eu começo a me preocupar, e me concentrar nos problemas de economia fica praticamente impossível.

—Talvez ele só perdeu a noção do tempo— diz Connor, observando-me verificar meu telefone repetidamente. —Acho que alguém está dando uma festa no campus esta noite. Lotes de tutores e calouros estavam falando sobre isso. —

—Veteranos não vão?

—Geralmente não. Estamos mais focados.

Eu tento não revirar os olhos. Outra generalização ampla. Lo iria odiar esse cara. Eu olho ansiosa para Connor, porque o vejo fechando os livros.

—Eu sinto muito.—digo a ele. —Nós podemos cancelar a aposta. Você não precisa perder o seu dinheiro, porque não consigo me concentrar.

—Eu nunca falhei em minhas promessas de tutoria. A aposta continua de pé. Você vai passar no seu exame, Lily. Estou certo disso. —Isso faz um de nós. —Agora, você está obviamente muito preocupada com o seu namorado. Até encontrá-lo, você não vai aprender nada então, onde você acha que ele poderia estar?

Huh? Ele está se oferecendo para me ajudar a encontrar o meu namorado? Eu jogo pra longe a estranheza de Connor Cobalt e tento me concentrar em Lo. Onde ele estaria? Essa é uma boa pergunta. Ele festejou durante seus dois primeiros anos de faculdade e recentemente ficava preso em bares. Normalmente, ele chega em casa num tempo razoável para que ele possa beber seu licor pesado aqui.

Se eu não estou com ele para dirigir, então ele tem que estar em algum lugar no campus. —Você disse que o partido marcador estava no campus?— Pergunto.

—É fora em um dos quads.—

—Nós vamos começar por aí.

* * *

Luzes estroboscópicas piscam no gramado do campus. Corpos se misturam juntamente com a batida hipnótica de house music. Abordamos a distância. A maioria das pessoas usam roupas brancas com manchas de tinta e marcador que brilham nas luzes negras. Eles ficam correndo e moem, quase como animais na noite fria.

Como vou ser capaz de encontra-lo nessa bagunça?

Antes de entrar e colidir entre a multidão suada, uma ruiva aperta meu cotovelo. —Ei, você vai precisar disso.— Ela me passa uma camiseta branca. Eu franzo a testa quando ela entrega a Connor um tamanho muito maior que uma caixa de papelão. Ele não parece se incomodar e desabotoa sua camisa e puxa a outra sobre a cabeça, entregando a camisa dele para ela.

—Você não vai querer de volta, não é?—Pergunta ela com um sorriso gracioso, ou talvez ela esteja apenas sendo agradável. É difícil dizer com uma socialite como ele.

Seus olhos piscam maliciosamente, e ela agarra seu pulso. Com um marcador de magia negra, ela rabisca o seu número na palma da mão. —Eu vou mantê-la segura para você.— Ela veste a camisa dele mas não fecha os botões, usando como se fosse uma jaqueta leve.

Caralho. Eu tenho que elogiá-la. Isso foi sexy.

Connor apenas sorri, calmo e sereno como se fosse completamente normal, procurar o namorado perdido com seu tutor e ser assediado por uma ruiva bonita em uma festa.

Eu visto a camiseta branca por cima da minha roupa e puxo meu cabelo para fora do colarinho. Em seguida, entramos na loucura.

Um cara com uma peruca verde neon corre até mim gritando como uma alma penada. Ele brande um marcador rosa gigante e raia-os direto em minhas minhas mamas. Isso é adorável.

Connor encontra a minha mão e me puxa em uma direção diferente. —Como ele se parece ?!— ele grita sobre a música de detonação que vibra meus pés.

Eu me esquivo de um marca-texto roxo que vem em direção ao meu braço nu e aparece a foto de Lo no meu telefone.

—Eu conheço esse cara!— Ele aponta para a tela. —Ele está na minha aula de Assuntos Internacionais!

Acho que isso não é uma coincidência tão grande. Majores do negócio tem que ter todos os mesmos eletivas superiores. —Isso é bom! Devemos dividir ?! —Uma menina grita ao meu lado e desenha uma linha amarela em toda a minha bunda. É sério? Eu estou mesmo vestindo calças brancas? O marcador deixa uma cor marrom feio no meu jeans.

Eu vou estar ao lado da tela de pintar!— Há pintura por aqui ?! Sim, ele pode tomar essa área. —Você vai para o barril.

Bom, ele me envia para o mesmo lugar que Lo estará, provavelmente, se ele estiver nesta festa enlouquecida, mesmo que ele considere o barril de cerveja igual a mijo de gato. São poucas as pessoas com marcadores reunidas em torno do barril, o que deixa livre os estudantes universitários que vieram por causa da cerveja.

Um cara magro coberto de tinta azul neon reabastece o barril, sua camisa manchada enterrada sobre a cabeça e cabelos encaracolados reveladores em seu peito. Ele bebe a bebida amarga, e leva apenas alguns minutos para eu deduzir que Lo não está aqui.

Eu deveria saber. Álcool barato e música ensurdecedora não faz parte de seu ritual desde que ele tinha dezenove anos. Mesmo que ele ainda não tenha amadurecido totalmente, ele tem suas indulgências.

Eu tento ligar pra ele de novo, mas a ligação vai direto para a caixa postal.

—Líly?

Eu franzo a testa e giro sobre os calcanhares para enfrentar a voz masculina. Eu não o reconheço até que eu vejo sua camisa da fraternidade em destaque: Kappa Phi Delta. A casa de fraternidade onde Lo foi me buscar.

Seu cabelo loiro sopra no vento, mas o frio que eu sentia vai embora quando todo o meu corpo se aquece em um abraço desconfortável. Eu acho que sou empurrada para a realidade desta cena, desde o dia no qual eu o abandonei tão rapidamente após o caso de uma noite.

Ele percebe minha confusão e aponta para o seu peito. —Kevin.— Ele acena para o barril. —Posso pegar uma bebida pra você?

Tradução: Você quer transar comigo de novo?

Antes de eu recusar, vejo Connor vindo ao longe, com o rosto corado por tentar passar pelos corpos emaranhados. Sua camiseta branca está espirrada com uma variedade de tintas de néon e raiado de marcadores. Alguém ignorou a camisa, e marcou seu cotovelo com rosa brilhante. —Eu não o encontrei.—ele me diz.

—Connor Cobalt!— Kevin exclama.

Oh meu Deus. Eles não se conhecem! Onde estou?

Connor se vira e seu sorriso se alarga quando ele vê Kevin. —Ei, cara!— Eles trocam o abraço-amigo: um aperto de mão, abraço e um tapa nas costas. Eu nunca entenderei isso.

—Estou surpreso por ver o seu rabo aqui.— Kevin diz com um sorriso. —Eu pensei que keggers fossem muito inferiores para Connor Cobalt.— Fico feliz em conhecer outras pessoas que acham o seu nome completo fascinante.

—Na verdade, estou no relógio.—

—Você chama isso de tutoria?— Os olhos de Kevin caem para o número escrito em toda a mão de Connor. —Porra cara, talvez eu devesse adotar seus

métodos. Tudo o que eu ganho de minhas horas são dores de cabeça. —Ele olha para mim, notando minha presença persistente. —Oh, esta é Lily.— Obviamente Kevin fica com cara de idiota quando percebe que Connor já me conhece.

Connor franze a testa profundamente e inclina a cabeça para mim. Eu quero sorrir. Sim, você não precisa ter tudo planejado.

—Sim, eu sei.—diz Connor. —Sou seu tutor em Economia.

Kevin pressiona dois dedos nos lábios, tentando suprimir sua diversão. —Você quer dizer, você está 'dando aulas' a ela, certo? —O babaca usa aspas no ar e cutuca o ombro de Connor sugestivamente.

Franzo meu nariz e me aqueço novamente. Eu estou bem aqui!

Surpreendentemente, o rosto de Connor se contorce em desgosto. Ele esquiva o ombro de Kevin como se ele estar pudesse infectado.—Não, quero dizer que realmente sou tutor dela, Kevin. Estamos aqui para encontrar seu namorado. Ela não consegue falar com ele.—Ele se vira para longe do seu...amigo? Eu não tenho mais certeza. Connor é um enigma. Ele diz coisas ofensivas e, em seguida, torna-se ofendido quando alguém o ofende, embora menos sutilmente.

Kevin não entende a dica. —Sim, meus irmãos me falaram sobre ele. Ele veio buscá-la numa manhã em casa.

Eu vejo quando Connor abrir a boca, mas eu não o deixo falar.

—Eu era solteira.— eu me defendo, mesmo estando mortificada e corada, misturada com neon do marcador, devo parecer uma aberração. —E só assim você sabe, você era um leigo horrível.— Eu me viro para ir e, em seguida, num segundo pensamento eu me viro e dou um tapa no copo que estava em suas mãos. A cerveja espumosa cai toda na grama e Kevin revira os olhos, como se esta não fosse a primeira vez que uma garota tenha derrubado seu copo de cerveja.

Eu inalo uma respiração tensa e marcho para longe, empurrando as pessoas ao passar, nem mesmo parando quando alguém pinta de verde a minha

bochecha. Tanto faz. Nada pode tornar esta noite pior.

Connor me alcança quando diminui a quantidade de gente, mas eu mantenho meu ritmo acelerado em direção ao estacionamento.

Ele diz: —Eu estava prestes a dizer que ele é um idiota, mas eu acho que o seu método foi muito mais eficaz.

Eu rio e limpo as lágrimas perdidas que de alguma forma escaparam em algum momento. Quando foi mesmo que eu comecei a chorar? A noite inteira torceu minhas entranhas, e no topo de tudo, está o fato de eu não ter encontrado Lo.

E se ele desmaiou em um bar? E se ele estiver tropeçando nas ruas ou se passou mal ao ponto de parar num hospital?

Minha voz cresce pequena. —Eu não sei onde ele poderia estar.

—Ele provavelmente está muito bem, Lily.

Eu balanço minha cabeça, distraída desmoronando em lágrimas. —Você não o conhece.— Eu mordo meu lábio inferior na tentativa de fazê-lo parar de tremer.

Connor faz uma careta em simpatia. —Que tal voltamos para o seu apartamento e eu espero com você até ele voltar?

—Você não tem que fazer isso.—eu digo, fungando. —Eu já desperdicei bastante o seu tempo. Isso vai além de sua tutoria.

—Sim, é verdade.—diz ele com um aceno de cabeça. —Mas esta é a coisa mais interessante que aconteceu comigo em seis meses, quando da última vez em que Sadie riscou meu encontro. E —seus olhos deslocam-se para o subterrâneos — Eu acho que sei por que você esta tão preocupada com um cara como Lo. Ele tem cheiro de bebida quase todas as vezes que ele aparece para a aula. Eu franzo a testa. Ele não aparece com frequência? Eu sei que ele não é um estudante modelo, mas a forma como Connor falou, ele fez parecer que Lo falta mais do que ele vai. Quanto ao seu cheiro, Lo se preocupa muito com nossas famílias, se precavendo com balas, chás, água de colônia. Durante os dias

de aula, ele se preocupa menos.

Ninguém jamais me confrontou sobre o problema de Lo antes. Eu tropeço em palavras antes de pousar em algo que seja meio verdade. —Ele normalmente responde meus telefonemas. — É bom não negar a verdade a alguém, mesmo que esse alguém seja tão aleatório como Connor.

Caminhamos em direção ao meu BMW. —Você deve realmente estar desejando que eu tivesse escolhido Henry Everclear.

—Na verdade, não.— Nós dois entramos no carro—Eu gosto de um desafio. Eu estou no top cinco por cento da minha classe. Um por cento do meu major. Tudo que eu preciso é algo extra e Wharton não será capaz de resistir a mim. —

Eu coloco o carro em movimento e inclino a cabeça. —Deixe-me adivinhar. Reformar a garota que está falhando em economia é o seu algo extra?

—Eu não teria colocado-lo desta maneira, mas sim.

Eu tento não rir. Connor tem não ideia de como ele pode ser franco. Eu mudo de faixa. —Sobre Kevin ...— Eu sinto que preciso me defender ainda mais. Eu não sei por que.

—Você não tem que se explicar.— Connor me diz. —As pessoas se divertem. Eu entendo. —Ele batuca na porta ao som da batida do rock suave. —Diabos, você mora longe.

Eu paro no sinal vermelho. — Depois de mais algumas freadas bruscas, chegamos ao complexo de apartamentos. Eu caminho rapidamente para o elevador com Connor atrás de mim. Eu tento esconder meu nervosismo cruzando os braços.

Os números piscam no elevador, enquanto voamos andares a cima. Eu olho para Connor. —Você tem ...— coloco a mão na minha orelha para enfatizar as crostas brilhantes de tinta alaranjada na parte superior da orelha dele.

Ele não limpa, apenas sorri. —Estou coberto de tinta. Não se preocupe com a minha orelha.

—Você já foi a uma festa de marcadores antes?— O que mais poderia explicar a compostura clara durante todo o calvário louco? Ele mal se importou quando as meninas começaram a pintar sua bunda. Ele tem dois conjuntos de mãos pintadas cor de rosa em seu bumbum para provar isso.

—Não. Mas eu já ouvi sobre elas. Foi interessante.

O elevador chega, e eu tento descobrir o que agitaria o exterior estoico de Connor. Talvez não ser aceito para Wharton. Sim, eu posso imaginar que não vai mais muito bem.

Eu me atrapalho com as minhas chaves e abro a porta. —Lo!— Eu grito para a sala. Connor fecha a porta atrás de mim, e corro através do apartamento, na esperança de encontrar Lo na cozinha, com seu copo na mão.

Está vazio.

Tento seu quarto, sem me preocupar em bater. Eu escancaro a porta que já estava aberta, e meu estômago cai. —Graças a Deus.

Ele está deitado de bruços na cama, totalmente vestido e acompanhado de três garrafas de licor marrom. Eu não sei e nem me importo quando ele voltou para casa. O fato de que ele está aqui e não morto nas ruas me alivia.

Eu me aproximo dele e o chamo diversas vezes, testando seu nível de consciência. Com a minha frustração reprimida, eu aperto seu ombro. Ele ainda não se mexe. Cuidadosamente, eu o rolo para o lado e pressiono a palma da minha mão em sua testa úmida. Ele está quente, mas não o suficiente para estar com febre. Intoxicação por álcool. Meu outro medo.

—Ele está bem?

Eu salto ao ouvir a voz de Connor, me esquecendo completamente dele. Ele encosta seu quadril na moldura da porta, me observando impassível cuidar de Lo.

—Ele vai sobreviver.—eu digo. —Obrigado pela ajuda.

Ele dá de ombros casualmente. —Foi bom para mim. Eu estive escondido na biblioteca durante os últimos quatro anos que já nem sei quando os problemas

reais aparecem.

* * *

—Pela décima quinta vez, sim!—diz ele. —Você precisa trabalhar suas habilidades de escuta. Vejo você às seis.

Eu franzo a testa. —Isso não é um pouco tarde?

Ele pisca um daqueles sorrisos de menino do colégio — Seis da manhã.

Oh. Olho para o relógio digital na mesa. —Isso é daqui a cinco horas.

—Então é melhor você ir para a cama.— Ele me olha inescrutável, vislumbrando Lo uma última vez, e, em seguida, desliza para fora da porta, deixando o apartamento.

Lo está morto para o mundo, e eu decido dormir no quarto de hóspedes. Eu me enrolo em meus lençóis roxos e percebo que eu estive tão preocupada com a segurança de Lo que eu não pensei em sexo a noite toda.



Capítulo Dezenove

Connor chega pontualmente às seis com café fumegante e uma caixa de croissants. Ao contrário de mim, não há sombra em seus olhos. Ele deve se sentir bem com cinco horas de sono.

—Você usa drogas?—Pergunto. —Adderall?— Vários estudantes universitários abusam de estimulantes para estudar, basicamente melhoram o desempenho para a elite intelectual.

—Não, absolutamente. Você não pode manchar um gênio natural. —Ele faz uma pausa. —Você já tentou isso? Pode funcionar para você.

—Você percebe que você acabou de me insultar?— Eu finalmente dou um fim a sua grosseria.

Ele rasga um croissant ao meio e sorri. —Peço desculpas —diz ele, sem pedir de verdade—Eu só estava tentando ser útil. Algumas pessoas podem se concentrar melhor com Adderall. Não serve para mim, mas talvez para você?

Estranhamente, ele reformular a pergunta ajuda a ficar mais leve o insulto. Isso pode ser um dos enigmas de Connor Cobalt.

Ou apenas um presente.

—Sem drogas!— eu digo a ele, não gosto de estimulantes, calmantes, ou quaisquer narcóticos. Eu já tenho um vício, não preciso de outro. —Eu quero

fazer isso da maneira certa, mesmo que eu não seja um gênio nato.

—Então, vamos aos livros.

Estudamos mais algumas horas, e eu me concentro nas informações neste momento, trabalhando em problemas enquanto Connor se ocupa fazendo-me fichas. Sua escrita é mais bonita que a minha, e eu tenho certeza de que ele já está inflado com esse conhecimento.

Quando ele termina sua última pilha, ele espia o relógio do forno. Estudar come tempo como uma besta, então eu não estou surpresa que já seja meio-dia. —Ele ainda está dormindo?— Connor pergunta, parecendo surpreso.

Leva-me um momento para perceber que "ele", significa Lo. Nós evitamos o assunto desde que Connor passou pela porta com café doce e cheiroso e assados. Ele perguntou se estava tudo bem com Lo e que era isso.

—Ele desmaiou.— Eu o corrijo —Ele provavelmente vai acordar em uma hora.

—Ele faz muito isso?

Dou-lhe um encolher de ombros, evasiva, não querendo discutir o assunto agora. Felizmente, ele pega a dica e abre o meu notebook para rever meus conjuntos de problemas.

Vinte minutos mais tarde, nós pedimos chinês para o almoço. Assim que eu desligo o telefone, ouço barulhos no banheiro no outro quarto. Eu me concentro no som de passos pesados, lentos. Não tenho o menor interesse em falar com Lo, sei que vou obter respostas arrastadas com punhaladas irritáveis.

Dirijo-me aos livros, fingindo que Lo não se levantou da cama, e rezando para que Connor não me pergunte sobre o que aconteceu novamente. Lo deve ter ouvido a voz de outro cara porque apenas alguns segundos antes de passar, luz solar flui através das janelas da cozinha.

As palavras de Connor estabiliza quando Lo bate a porta. Seu cabelo emaranhado adere-se em diferentes direções, e o cheiro pungente de scotch permeia em torno dele. Se ele fosse um desenho animado, ele seria Pepe Le Pew

com uma nuvem de fumaça que circunda seu corpo. Eu deveria ter o colocado no chuveiro ou pelo menos tentado trocar suas roupas na noite passada. Ele teria feito o mesmo por mim.

Lo passa a mão pelo cabelo emaranhado e vai para o pote de café. Seus olhos piscam brevemente para o bar, onde nos sentamos. —Eu sei quem é você. —diz Lo, enchendo uma caneca.

—Assuntos Internacionais. Você senta muito pra trás. Estou muito na frente.

Lo vira a cabeça uma fração para pegar o meu olhar, as sobrancelhas sobem? Sim, já estive lá. —Certo.— Lo abre um armário e pega uma garrafa de licor Baileys Irish para o café.

—Você é o cara que define a curva.— Ele diz isso como se fosse uma coisa ruim, mas ele não vê Connor radiante ao meu lado.

—Sou tutor de Lily para seu exame de economia amanhã.

Lo fecha o armário, e eu vejo seu pescoço ruborizar. Ele hesita antes de nos olhar totalmente, inclinando-se contra a pia.

—Você sabia sobre o exame, certo?—Pergunto a Lo. Eu vejo facilmente que ele esqueceu.

—Sim —diz ele em sua caneca, tomando um gole prolongado.

—Você está na mesma classe?— Connor parece muito ansioso. —Eu faço grupo de tutoria também.—

—Estou totalmente cheio no estudo. Você ajuda a Lily. —Lo termina seu café muito rapidamente. Em seguida, ele abre a geladeira e pega uma caixa de ovos, preparando seu cura ressaca.

Connor cutuca meu ombro. —De volta ao trabalho. Você está em um sessenta, no mínimo. Eu preciso de você puxando uma média de oitenta sobre estes problemas.

—Mas eu pensei que nós estávamos apenas tentando me passar.

—Eu sempre deduzo dez pontos para os nervos.

Lo liga o liquidificador e usa um braço para segurar a tampa e o outro para suportar o seu peso sobre o balcão. Na verdade, ele parece prestes a derreter no chão ou cair no sono novamente.

Ele mal me reconhece. Talvez ele pense que eu o trai. Eu nem sequer sei o quanto ele confia em mim com outros caras. Nós raramente deixamos o apartamento para testar esses limites.

Ou talvez seja apenas culpa por não estar coerente para responder aos meus telefonemas. Suponho que isso faz mais sentido.

Depois que ele faz seu cura ressaca, ele desaparece de volta para o quarto. Eu tento me concentrar em estudar, e, em seguida, chega a comida. Eu suspiro ao som de uma pausa para comer.

—Há quanto tempo você está saindo com ele?— Connor pergunta, usando seus pauzinhos para comer um macarrão direto do recipiente. Ele manuseia os pauzinhos perfeitamente. Eu não ficaria surpresa se ele falasse sete idiomas diferentes também.

Eu esfaqueio meu frango com laranja com um garfo, protelando em como eu vou decidir dar a resposta a ele. O falso: Três anos. O verdadeiro: Três semanas.

Eu terei que mentir para Connor, e eu prefiro não fazer isso. —Nós somos amigos desde que éramos crianças, e fomos morar juntos quando começamos faculdade. Mas nós apenas começamos a namorar há algumas semanas.

—Uau, seus pais devem ser muito legais para deixá-la viver com um amigo. Os meus tem rigorosos grave-relação, únicos requisitos. Como o casamento sério. Eles não querem que qualquer garota vadia me seduza para que depois eu ponha um anel no dedo dela. Então, a minha única companheira é Sadie.

—Você é solteiro, então?— Eu saboreio um Fizz diet.

— Felizmente —diz ele com um aceno de cabeça. Tento imaginar que tipo de menina Connor iria procurar, mas ela parece insondável, como uma

imagem pouco nítida apenas com seu cérebro a mostra. Independentemente disso, ele tem muitas opções. Ele é bastante atraente, várias meninas extrovertidas o acariciou na festa do marcador. Eu acho que o fato dele ser de boa aparência, acessível, bem-vestido e amigável também ajuda. Mesmo assim, ele reconheceu seus flertes, mas nunca participou deles.

—Você é gay?— Eu digo sem pensar. O que há de errado comigo? Eu me ocupo com uma mordida grande no frango com laranja, enchendo minha boca para preencher a falta de jeito.

Ele balança a cabeça, não insultado. Nada abalado. —Meninas. Definitivamente meninas. Mas você não é meu tipo. Eu gosto de alguém que pode intelectualmente treinar comigo.

Acho que preciso começar a beber. Vou dar um trago a cada vez que Connor encontrar uma forma criativa de me chamar de burra. Pensando bem, eu provavelmente iria morrer de intoxicação por álcool.

Depois que terminamos nossos chinês, eu limpo tudo e Connor me instrui para digitar e redigitar as minhas anotações até que elas afundam em minha cabeça. Eu e um computador, é uma combinação perigosa. Enquanto os minutos de silêncio vão passando, às vezes eu esqueço que Connor está ao meu lado. O impulso subconsciente para entrar em sites pornográficos se arrastam em meus dedos.

Quando eu era muito jovem, minha espiral descendente começou com pequenas compulsões, como reunir a coragem de clicar em um site pornô. Aos poucos, comecei a avançar. Sites de pornografia tornaram-se páginas de bate-papo sujos, cinco minutos tornou-se uma hora, e eu obcecada sobre a minha próxima oportunidade de navegar na internet, semelhante a fixação de um garoto com o Halo e Call of Duty. A pornografia roubou meu tempo, roubou meus dias, levando-me as tardes para funções da família e classe. Mesmo que eu temesse que minhas irmãs descobrissem, ou Deus me livre minha mãe, eu não dei nenhuma pausa.

Eu perco o sono com meu comportamento, e ainda assim, eu não posso parar.

—Eu não ouço digitação— Connor me repreende em um tom leve.

Eu bato as teclas em voz alta, esperando que isso o incite. Ele alegremente retoma, classificando um conjuntos de problemas, que apenas significa que ele está escrevendo um monte de marcas vermelhas em todo o papel.

O último vídeo que eu assisti envolveu meu casal preferido: Evan Meia Noite e Lana Love. Eles desempenharam o papel com Evan como o policial, Lana como o speeder. Ele saiu do carro dele em seu uniforme azul completo da polícia, com os dedos enganchados em seu cinto. E então ele colocou uma mão na janela do seu Lexus prata, curvando-se em seu espaço.

—Lily!— Connor me chama.

Eu pulo. —Sim?— Eu não chio e nem faço contato visual. Ele não consegue ler minha mente. Ele não pode ver onde eu estava. Eu afundo no banco do bar.

—Você parou de digitar novamente, e você estava respirando muito estranho. Tudo bem?

Espero raiva, mas ele balança a cabeça casualmente. —Não tenha pressa. Você é inútil até que você possa se concentrar.

Meu cérebro processa o insulto apenas como o caminho mais curto para o quarto de Lo. Esqueça bater. Eu entro pela porta e a fecho atras de mim. Eu mantenho a minha mão na maçaneta de latão, metade de mim ainda está indecisa sobre o que fazer. Meu lado covarde diz para voltar para a cozinha e esperar que ele fale, para pedir desculpas, fazer alguma coisa antes que eu o confronte com fogo brando calor em minha veias.

Mas aqui estou eu. Não sou capaz de seguir em frente. Não sou capaz de fugir. Lo encontra o meu olhar, esfregando uma toalha em seu cabelo úmido. Ele se parece com um membro da vida de novo, vestido de jeans limpos e uma

camiseta preta no pescoço, a cor está de voltar em suas bochechas, e seus olhos não estão vidrados.

Suas íris âmbar me seguram em uma armadilha, e eu esqueço o por que eu o interrompi, em primeiro lugar. Foi para sexo? Não, não quando nós ainda não discutimos o seu desaparecimento na noite passada.

—Acabou os estudos?—Pergunta ele e joga a toalha em sua cadeira de couro. Seus músculos ficam tensos.

—Não. Eu estou fazendo uma pausa. —Eu não consigo deixar o seu olhar sair. Também não posso fazer a pergunta purulenta.

Lo apenas olha para mim. Ele range os dentes e as veias pulam de seu pescoço, não por raiva. Eu vejo sua contenção, tentando não explodir em uma série de palavras não filtradas. Ele engole e olha para a parede de armários onde sua muleta se esconde. Eu quase posso vê-lo contando em sua cabeça antes que ele vira a sua atenção de volta para mim.

—Diga alguma coisa — ele respira.

Eu digo — Eu não transei com ele. Ou com qualquer outra pessoa.

Seu rosto quebra em um milhão de pedaços e seu peito sobe. Dolorido, ele coloca a mão em sua cadeira para firmar o golpe em seu corpo. Imaginei errado não é disso que se trata.

Ele segura a ponta de seu nariz, encolhendo-se. —Você pensou que eu estava obcecado com isso? Querendo saber se você fodeu seu tutor?

—Eu não tinha certeza.— Eu mordo minhas unhas. — Então... você não acha que eu fiz sexo com ele?

Seus olhos caem no chão, em seguida, muito suavemente, ele diz: —Eu não teria te culpado, se você tivesse feito.

Meus pulmões se fecham me sufocando. Lágrimas picam meus olhos. Ele não se importaria se eu dormisse com outra pessoa? Ele espera que isso aconteça.

—Eu deveria estar aqui.—explica Lo, mais para si mesmo. Ele continua

balançando a cabeça, provavelmente desejando reverter o tempo e estrangular a parte dele que decidiu passar a noite fora ontem, e que não respondeu às minhas chamadas. —Se algo aconteceu, foi por culpa minha, não sua.

—Por favor, não— eu digo, apoiando meu corpo contra a porta. Isso me mantém de pé, tanto quanto a cadeira o mantém. —Não me dê passe livre para enganar você. Se eu enganar, será real. Se você não estiver aqui, também será real. Você quer me salvar da culpa se eu dormir com outra pessoa? Bem, você não pode.

Seus olhos ficam vermelhos. —Eu não sou bom nisso.— Não é bom em um relacionamento? Em estar comigo? Ao tentar beber menos? Ele não explica o que isso realmente significa. Então, eu terei que adivinhar. Ele encontra uma cerveja em sua gaveta e torce a tampa, uma escolha surpreendente, considerando o baixo teor alcoólico. Estranhamente, é quase como uma oferta de paz, um pedido de desculpa, por Loren Hale. Só ele pode se desculpar com o álcool.

—Por que você não atendeu as minhas chamadas?

—Meu telefone morreu em algum momento durante a noite. Eu só vi suas chamadas quando eu acordei. —Ele faz um gesto para a mesa onde seu celular está no carregador. Então ele chega mais perto de mim e tira minha mão da fechadura da porta, entrelaçando seus dedos nos meus. Ele passa um tempo muito longo olhando para a maneira como eles ficam juntos.

—Onde você estava?— Eu respiro.

Ele tira a cerveja de seus lábios. —Num bar a algumas quadras daqui. Eu fui andando. —Ele me leva para o meio do quarto, meus pés deslizando com o dele. Algo está errado. Eu vejo dor, seus olhos estão frios, tão profundamente cortados que não pode ser tudo por minha culpa.

Ele vira-se uma balada pop e, em seguida, me olha de perto. Ele levanta os braços ao redor de seus ombros e em seguida, desliza suas mãos sobre meus quadris, fazendo com que eu me esqueça do que aconteceu. Mas eu caio na realidade, enquanto ele tenta esquecer:

—O que aconteceu?

Ele olha diretamente para mim e diz: — Nada.— Eu quase acreditei nele. Suas sobrancelhas ainda saltam um pouco, aparentando confusão.

—Talvez você vá se sentir melhor se me dizer— eu sussurro.

Ele para de se mover, e seus olhos se anuviam. Ele olha para o teto por um momento, balançando a cabeça antes de deixar as palavras deslizarem de sua língua. —Eu liguei para a minha mãe.— Antes que eu possa perguntar, ele diz: —Eu não sei por que. Eu não sei ... —Ele franze o nariz, segurando uma avalanche de emoção.

Espero que ele continue, mesmo que isso carregue um peso sobre mim e minha respiração fique perdida para o passado.

Ele sabe a pergunta que eu quero fazer.

Silenciosamente, ele diz: — Você estava na biblioteca, e minha mente começou a vagar. Eu só, eu não sei. Eu busquei por Sara Hale na internet e encontrei seu número. —Mesmo depois de seu divórcio discreto, ela manteve o sobrenome de Jonathan para segurar um pouco da sua fortuna. Ele constantemente se queixa sobre isso, mas não há nada que ele possa fazer agora. Ela saiu com um bilhão de dólares e um pedaço da empresa como acionista.

—Tem certeza de que era o número certo?— Por sua respiração escalonada, a ligação deve ter sido ruim.

Ele balança a cabeça, seu olhar voando ao redor da sala. Ele parece perdido. Eu mantenho a minha mão na sua, mas ele está em algum lugar longe, muito longe. —Eu não sei o que eu pretendia dizer— ele me diz. —Talvez eu devesse ter começado com: — Ei, obrigado por ficar grávida só para se casar com o meu pai e tomar o seu dinheiro —ou— Ei, obrigado por nada.

—Lo ...

—Você sabe o que eu disse?—Ele ri e as lágrimas brilham. —Oi mãe! Como se ela significasse algo para mim. — Ele esfrega a boca enquanto pensa e solta outra risada curta. — Depois de todos esses anos estando satisfeito em não

saber nada sobre ela, eu finalmente a procuro. E ela disse: — Quem é? Loren? Você nunca ligou para mim. Ela desligou na minha cara.

Minha boca cai. —Lo, eu estou...— o que eu posso dizer sobre isso? Uma mãe escavadora de ouro que voluntariamente entregou seu filho depois de um acordo de bilhões de dólares? —Vai ficar tudo bem. Você não está perdendo nada de bom. Ela é uma pessoa horrível.

Lo acena com a cabeça. —Sim... sim, você está certa.— Ele inala uma respiração profunda. —Eu não deveria ter ligado pra ela. Eu não teria ficado como um lixo. Eu só queria parar de pensar nisso.

Eu aperto a sua mão. —Eu sei.

—Venha aqui.— Ele me coloca em seu peito e em seguida, beija minha testa. —Eu vou ficar melhor. Vou tentar tornar tudo mais fácil para você. —Ele esfrega minhas costas, mantendo-me no abraço quente por algum tempo. Eu quero viver aqui. Em seus braços. Onde eu sei que é seguro. —Nós estamos bem?—Ele pergunta baixinho.

—Eu acho que sim.— Eu dou uma olhada no relógio. Connor deve estar esperando, contando os segundos, outro ponto fora de meu exame futuro.

Ele coloca suas mãos no meu pescoço e me inspeciona de perto. —Você está tremendo.

—Eu estou bem.—Eu olho hesitante para a porta, louca para transar com ele, mas não temos tempo. Não com o meu tutor na cozinha.

Lo de repente entende as minhas reservas. —Eu vou distraí-lo durante vinte minutos, e você pode ficar aqui e assistir algo. Vou trazer um DVD do seu quarto.

—Sério?— Meu rosto se ilumina.

Ele dá em um pequeno sorriso pela primeira vez hoje, estou realmente feliz com sua ajuda. —Sim, claro. O que você prefere? Inversão de papel, oral, BDSM? —Ele vai até a porta, prestes a buscar um dos meus vídeos pornográficos.

—Surpreenda-me.

Seu sorriso se alarga. Momentos depois, ele retorna com três DVDs. Seus olhos dançam maliciosamente quando ele os entrega. Eu leio os títulos e encontro a fonte de sua diversão.

—Anal?— Eu digo, batendo-lhe no braço com as caixas de plástico.

Ele me beija de leve no rosto e dá um tapinha na minha bunda. —Não terá muita diversão sem mim.— Ele pára na porta. —Qualquer coisa que eu deva saber sobre o seu tutor antes de me encontrar com ele?

Agora eu não posso deixar de rir. —Ele diz coisas levemente ofensivas. Ele pensa que é mais esperto do que todos no planeta, isto não é um exagero. E ele conhece Rose.

Suas sobrancelhas sobem. —De onde ele conhece Rose?

—Aparentemente, eles se encontraram em uma competição da Bacia Acadêmica. Eu não acho que eles se falaram ou nada disso, então você está a salvo.

—Bom saber.— Ele se arrasta para fora do quarto, deixando-me com meus próprios recursos.

E eu deixei todos os meus problemas de lado, mesmo a história de Lo, os acontecimentos da noite passada, e minha iminente reprovação, para este pequeno momento. Eu simplesmente me sinto bem.

* * *

Vinte minutos mais tarde, eu me sinto muito melhor. Tive que dar uma pausa nos meus estudos com meu tutor, para assistir uma sessão pornô. A única maneira que eu tenho de justificar minhas ações e não me transformar em um tomate de cereja é lembrar que eu não seria capaz de memorizar os estudos sem alimentar a minha compulsão.

Lavo as mãos, pego um Fizz Diet do frigobar de Lo, e fecho

cuidadosamente a porta atrás de mim. No corredor, ouço as vozes de Lo e Connor, me fazendo parar e encostar na parede para ouvir.

—Definitivamente B—diz Lo. —A, C, e D nem sequer fazem sentido.— Ele está estudando ou falando sobre tamanhos de peito?

—Isso é certo.— Connor soa orgulhoso, uma reação que eu não poderia tirar dele. Definitivamente estão estudando.

—Bom trabalho. Você sabe que não é muito ruim. Se você não fosse tão preguiçoso, você provavelmente atingiria a média da turma. —Alcançar a média da turma? Mesmo que ele apenas mencione suas notas, eu pensei que ele estava fazendo melhor do que isso. Como ser digno a estrela de ouro nas pontuações.

—Você acha que eu sou burro demais para perceber que você acabou de me chamar de idiota ou você apenas não se importa?— Lo pergunta.

—Honestamente, —diz Connor,—eu não me importo.

—Humm ...— Lo murmura. Eu imagino seu enrugamento da testa, enquanto ele tenta processar Connor Cobalt e sua contundente honestidade (às vezes incorretas).

—Lily estava muito preocupada ontem à noite. Perdemos um monte de horas de estudo por causa de você. Onde você acabou indo?

—Espere.—diz Lo em descrença. —Você a ajudou a me procurar?

Eu tive a mesma reação quando ele se ofereceu para procurar Lo. Ainda não entendi porque Connor acompanharia alguém que ele mal conhece para procurar o seu namorado bêbado, isso não é nada comum.

—Sim — diz Connor. —Nós tentamos na festa do marcador no campus, mas você não estava lá. Eu arruinei minhas calças por conta disto. As meninas sempre vão direto para minha bunda. Eu não entendo.

—Lily não ficou com ninguém, não é?

Eu deveria estar magoada por ele não confiar em mim totalmente. Mas estou feliz que por ele ser cauteloso com a minha fidelidade. Isso significa que ele se importa. E ele vai fazer com que eu me esforce mais para ser fiel.

—Por que ela faria isso?— Connor pergunta. —Vocês dois estão juntos, certo?

—Recentemente juntos. Nós estamos tentando trabalhar através de algumas coisas. —Uau, Lo não mente. Será que Connor Cobalt tem alguma poeira mágica que ele borrifa sobre as pessoas? Ou talvez seja muito difícil mentir por conta de sua honestidade brutal.

—Então, onde você foi?— Connor cutuca.

—Um bar no final da rua.

Eu gostaria de poder escutar por mais vinte minutos, mas eu preciso passar nessa matéria. Eu ando um pouco mais e faço minha presença ser reconhecida.

Lo gira ao redor no banco do bar, segurando uma garrafa de cerveja. Quando Connor se vira e eu percebo que ele também tem uma cerveja nas mãos. Ele consegue beber e estudar? Ele é um super-herói ou algo assim?

—Sente-se melhor?— Lo pergunta com preocupação, insinuando uma mentira que ele deve ter usado para o benefício de Connor.

—Foi provavelmente toda a cafeína,— Connor me diz. —Se você não está acostumada a Red Bull e café juntos, ele pode perturbar o seu estômago. Eu deveria ter trazido alguns antiácidos.

Os topos das minhas orelhas ficam quentes em um vermelho semelhante a uma erupção, não desejo ouvir alguém falar sobre a minha indigestão, sendo ela falsa ou não. E o fato de que os métodos de tutoria de Connor envolvem ciclos entre cafeína e antiácidos é levemente desconcertante.

—Você está corando estranhamente. Você está com febre? —Connor pergunta, sem um pingo de vergonha. Talvez ele pense que outras pessoas são imunes a esse sentimento também. Para mim, nem tanto. Encurvo meus ombros e rastejo como uma tartaruga que anda de volta para sua concha.

—Ela faz isso muito. Você a está envergonhando. —Lo diz com um sorriso afiado. Sua atenção a minha humilhação ilumina meu tom de vermelho.

—Podemos apenas... voltar a estudar?— Eu abro meu Fizz Diet e me sento no banco ao lado de Connor.

—Eu gosto do seu o plano.—diz Connor. Ele se vira para Lo e diz:— Você quer participar? Você provavelmente poderia aproveitar. Você está olhando para uma alta de sessenta. E alta ou não, um F ainda é um F. —A alta de sessenta? Eu franzo a testa. Eu deveria ter percebido que Lo não estava indo bem na classe e que ele frequentemente ignora os outros. Os sinais estão lá, mas estou muito preocupada em meu próprio negócio para perceber. Agora que eu percebi, eu não sei como ajudar. Eu nem tenho certeza de que ele gostaria da minha ajuda.

—Eu acho que eu não tenho nada melhor para fazer.— diz Lo.

Eu escondo minha surpresa, que rapidamente se transforma em orgulho. Eu não quero nada mais do que ele tenha sucesso, e que, na verdade, significa que ele tem de experimentar em seus próprios termos. Passos de bebê.

À noite, minhas habilidades para poder passar, estão na faixa de com um C, em estado sólido, e Lo está na faixa de B-. Connor parece satisfeito e realmente sorri quando percebe que estou indo bem. Lo termina a sua décima segunda cerveja, e não se preocupa em esconder o fato de que ele consome álcool muito regularmente. Quando ele muda para bourbon, ele rejeita a garrafa térmica e o derrama em um copo de vidro transparente. Eu pensei que Connor faria algum comentário sobre os hábitos de consumo de Lo, mas ele não diz uma palavra. A única vez que ele trouxe à tona o assunto sobre álcool foi quando ele pediu uma segunda cerveja.

Vinte minutos depois, Connor reúne os livros que estudamos juntos em seus braços, equilibrando uma grande calculadora gráfica na parte superior.

—Quanto lhe devo?— Eu pergunto, pegando meu talão de cheques.

—Guarde seu dinheiro. Eu prefiro que estas horas sejam voluntárias. Isso me dá mais créditos no serviço à comunidade.

Lo sorri dando um gole no seu bourbon, mais divertido do que irritado.

Na verdade, ele soube lidar com os comentários rudes muito bem. Talvez ele ache Connor cativante como eu. Ou como um cativo estudante

de honra pode ser tão pretensioso.

—O Dia das Bruxas é amanhã. — Lo aborda Connor. —Você sabe de alguma boa festa a fantasia? Lily quer ir em uma.

Lo me lança um olhar escuro, mas eu sorrio. Nada pode me derrubar. Não se finalmente estivermos juntos em uma festa como um casal.

Connor mostra seus dentes brancos e brilhantes. —Seu aniversário é no Dia das Bruxas? Isso é foda. Quanto as festas, eu sei de pelo menos cinco pessoas dando uma. —Não é de se estranhar. Connor deixou bem claro que ele tem muitas ligações, embolsando-os onde quer que vá. —Eu não estava pensando em ir já que a maioria dos anfitriões são idiotas ricos, mas eu vou fazer uma exceção e levá-los para a pior merda do grupo.

—Por que fazer uma exceção para nós?—Pergunto. Então, meu rosto se ilumina. —Eu sou sua aluna favorita?

Ele balança a cabeça. —De jeito nenhum. Mas você fez encher o meu currículo, por isso não procure por outro tutor. E honestamente... — Seus olhos dançam entre Lo e eu com um sorriso crescendo. —Fizzle e Hale Co., vocês dois ainda não perceberam quem eu sou. E eu tenho um bom sentimento que vocês não dariam a mínima se vocês soubessem. —Ele divaga, com os livros nos braços, indo em direção à porta. —Boa sorte amanhã. Eu ligo para você Lily, para falar sobre a festa.

Lo se vira para mim e inclina sua cabeça, dizendo: — Quem diabos é Connor Cobalt?

Eu sinto que eu deveria saber.



Capítulo Vinte

Uma pesquisa do Google mais tarde, encontramos informações sobre o nosso novo amigo.

Richard Connor Cobalt é herdeiro de uma empresa multi-bilionária, e dono de empresas menores envolvidas com tintas e ímãs. Ao contrário de Hale Co., as Indústrias Cobalt leva as marcas de seus produtos com nomes subsidiários menores como a Magnética e Smith & Keller Tintas. Então, eu me sinto um pouco menos estúpida por não perceber o prestígio de sua família.

E Connor está certo. Sua riqueza não muda a minha percepção dele. Ele pode estar nos usando para solidificar um ponto da Wharton, mas ele o faz por meio de tutoria, não me atormentando para uma referência de meu pai. Se qualquer coisa, eu acho mais digno dele. Ele poderia montar seu nome pelo caminho até o topo. Tenho certeza de que ele não tira proveito de suas conexões, mas há muito trabalho genuíno e único para ser o melhor.

Além disso, se Connor gasta voluntariamente 48 horas estudando com uma garota aleatória, sem qualquer compensação monetária, gostaria de saber quantos amigos próximos ele realmente tem. Talvez nenhum.

Depois do meu teste, eu me sento confortável no sofá, um pouco cansada de tanto falar e estudar.Eu disco o número da minha irmã.

Um ano se passa antes que ela atenda. —O que foi?— O ruído de fundo crepita através do alto-falante.

—Ei, cuidado!— Rose grita com alguém. Ela coloca o telefone de volta ao seu ouvido, sua voz mais presente.

—Desculpa. Eu estou andando no campus, um idiota jogou um frisbee para mim. Eu estou usando saltos e um casaco de pele. Isso já diz a ele que não quero jogar.

—Ele provavelmente achou você bonita—eu digo com um sorriso.

—Sim, mas eu não sou como um cão que vai saltar para cima com a visão de um brinquedo.— Ela suspira pesadamente. —Por que você ligou? Deve ser importante.

—Não é nada.—eu digo.

—Posso assumir que sim, desde que foi você quem ligou. — Ela parece um pouco distraída.

—Se agora for um momento ruim, eu posso ligar mais tarde.

—Não, não, não. Eu só estou cruzando o tráfego. Os carros querem nos atropelar, mesmo que nós usemos as faixas de pedestres. Você sabe como é. — Isso eu sei. Condução imprudente e muitos corpos tentando chegar ao outro lado da rua é uma combinação muito perigosa.

—Bem, eu decidi contratar um professor para economia.

—Oh isso é ótimo. Como acha que vai se sair no exame?

—Eh, não tenho certeza. Espero que eu consiga. —Eu coloco meus pés em cima da almofada da cadeira. —Você conhece meu tutor.

—O que—ela mortifica. —Quem é?

—Connor Cobalt.

Ela grita. Eu tenho que segurar o telefone longe da minha orelha. —Ele é um filho da puta!— Ela continua sua sequencia de palavrões que terminam com idiota. —Ele está tutorando você?

—Sim.

—Ele é o cara que a minha equipe venceu no último torneio de Bacia Acadêmica, mas ele estava obcecado com o fato de que ele sabia sobre que algum filósofo britânico do século 18 que influenciou Freud. Ele não queria calar a boca sobre isso. —Ela está espumando pela boca. —Ele é tão chato, mas você provavelmente já sabe disso.

—Mmm-hmm.— É melhor não tomar partido desse assunto.

—Você deve dispensá-lo e encontrar outra pessoa.— Ela faz uma pausa. —Você provavelmente vai fazer maravilhas para o ego dele. E você sabe, eu estou sempre disponível.

Com isso, uma chamada começa a tocar, interrompendo minha conversa com Rose. Eu olho para a tela e vejo CONNOR COBALT em letras grandes. Uh ... —Ei, Rose, eu tenho que desligar agora. Depois nos falamos mais. Alguém está na outra linha.

—Lo? Você está indo seriamente para pendurar em cima de mim para ele agora.

—Não, na verdade é ele.

Ela engasga. —Não. Você não está me dispensando para falar com Richard.

Eu rio de seu primeiro nome. —Eu vou falar com você mais tarde. Ele provavelmente só quer saber como me saí.

—Lily!—ela adverte.

—Tchau Rose.— eu digo rapidamente e atendo a outra linha.—Oi, Connor.

—Qual foi sua nota?

Eu suspiro. O exame foi difícil, e eu não tenho idéia se eu passei ou me ferrei. —Um A!— Eu brinco.

Ele soa como se estivesse andando apressadamente no campus, lugares para ir, pessoas para ver. Hey, igual a Rose. Eu sorrio interiormente.

—Você só vai tirar um A em Economia, quando eu mijar brilhante, mas

se você se sente confiante, é isso que importa.

—Obrigada, Connor.

—Sobre esta noite, eu vou chegar no seu apartamento em torno das dez, e de lá meu motorista pode nos levar para a festa...— Sua voz diminui, distraído. —Ei, Lily, sua irmã está me ligando— Oh meu Deus, ela não está.

—Eu desliguei a chamada dela para falar com você—, eu digo rapidamente. —Como ela tem o seu número mesmo?

—Ela provavelmente pegou com alguém que tenha.—diz ele, não parecendo surpreso em tudo. —Eu deveria responder a chamada dela.

—Boa sorte.

—Eu não tenho medo dela.—ele ri. —Vejo você à noite, Lily.— A linha fica muda.

Lo sai da sala de aula do outro lado do corredor e olha para mim. Eu o estou seguindo para fora do prédio. Nós fazemos um esforço consciente para não falarmos sobre as notas ou as provas, não quero arruinar o humor nem o aniversário dele.

Quando chegarmos ao Drake, eu me escondo dentro do quarto de hóspedes, e desajeitadamente coloco o meu traje do super-herói de idade.

Eu evito todos os espelhos. O couro encaixa com mais força do que me lembro e toda a minha barriga está exposta para o mundo.

Sento-me na cama, debruçada para esconder minha pele.

A porta range e Lo enfia a cabeça para dentro. —Hey!— Ele entra, adornando orgulhosamente seu spandex vermelho com os lados negros, um grande cinturão em torno de sua cintura, e um X gigante em seu peito. Ele parece um daqueles durões, especialmente porque as mangas são cortadas no bíceps, mostrando seus músculos afiados.

—Você parece uma flor murcha.— ele me diz. Antes que eu possa protestar, ele me levanta pelos quadris para fora da cama e prende meus pulsos cobrindo meu estômago nu. —Você está quente, Lil.—ele sussurra em meu

ouvido e, em seguida, beija minha testa.

—Onde está minha capa?— Apesar dos beijos suaves na minha nuca, eu não consigo pensar em nada, quem dirá em sua capa.

—X-23 não tem uma capa.— Ele suga o lóbulo da minha orelha, e sua mão desliza para baixo do couro, na minha coxa e, em seguida, ...

Eu suspiro. —Lo ...— Seus braços apertados me agarram com firmeza e eu mordo o lábio.

Ele me gira em volta e me aponta para meu espelho, devagar. —Se você estiver desconfortável, você pode mudar. Eu não vou te forçar a usá-lo, mas você está linda. Olhe.

Eu fico olhando para as longas faixas de plástico cutucando entre meus dedos. Eu não consigo ver minhas costelas, o que é um bônus.

Como se eu precisasse de alguma piada sobre esqueletos durante o Halloween. Suponho que a roupa faz meus seios parecerem um pouco maior do que o normal. Mas eu ainda não gosto da maneira como o couro se molda até a minha virilha. Não há nada que eu possa fazer sobre isso agora, e eu quero tentar ser confiante para Lo. É seu aniversário, afinal.

—Eu suponho que uma capa seria um sacrilégio.— eu digo.

Ele me gira para trás e me beija com fome, seus dedos levam um rastro de fogo no meu estômago nu. Eu me afasto quando eles mergulham abaixo das minhas calças de látex novamente.

—Lo —eu digo com uma respiração irregular. —Demorou uma hora para vestir seu terno. — Lo ganhou músculos nos últimos anos, e enquanto eu estava olhando para o meu traje no cabide, ele me perguntava se eu tinha qualquer óleo para que ele pudesse deslizar sobre sua roupa mais facilmente. Ele acabou esfregando óleo de bebê Hale Co., mas deslizou bem, seu truque deu certo.

As alterações nas áreas baixas também se mostram mais proeminentes. Ou talvez eu tenha me recusado a olhar na última vez. Tento desviar os olhos, mas não posso deixar de olhar de vez em quando.

Como agora.

Ele sorri. —Com medo que possa desaparecer?

Meus braços coram. —Hum... não.— murmuro. —Eu estou realmente com medo que seu terno se rasgue se você começar a... uh...você sabe.

—Ficar duro. —Oh Deus.

Seu sorriso se alarga quando eu viro minha cabeça, tentando desesperadamente conter qualquer desejo que pulsa dentro de mim. Eu quero pular em cima dele agora. Eu faço. Na verdade, eu adoraria arrancar sua roupa, mas suponho que Connor estará aqui em menos de uma hora e tenho pouco tempo para forçar o corpo de Lo de volta para o tecido indisciplinado.

—Vou tentar me conter.—diz ele com um sorriso persistente. —Mas há algo que eu posso fazer sem tirar minhas roupas.

Hum? Minhas sobrancelhas sobem quando ele cai de joelhos. Suas mãos deslizam para baixo dos meus quadris em seu caminho. Puta merda.

Ele olha para cima com os olhos semicerrados, sua língua lambendo seu lábio inferior, e seu olhar inebriante eletrifica meu corpo. Ele põe suas mãos no cós da minha calça e em seguida, dobra minhas calças de látex para baixo e para baixo e para baixo.

Oh meu…

Ele empurra minhas pernas, e então eu caio no meu colchão, e ele espalha meus pés bem abertos. Ele ainda está ajoelhado aos pés da minha cama, e eu aperto um punhado de seus cabelos, puxando sua cabeça para trás. Suas mãos firmes ficam em meus joelhos, e nenhum de nós faz um movimento se quer.

Eu sei o que ele está prestes a fazer. Ele se recusa a tirar os olhos dos meus, quase desafiando-me a ser a única a desviar o olhar. Eu não desvio. De todas as minhas interações sexuais com ele, essa é a que eu mais amo, o olhar fixamente, os olhos fechados, a sensação de estar conectado para além dos membros entrelaçados. Eu nunca tive isso antes.

Não com qualquer um, mas ele.

—Respire —ele me diz.

Eu me concentro em respirar direito, enquanto ele corre as mãos para cima minhas das coxas, meus quadris, e eu gemo com seu toque. —Lo ...

Eu tremo, e ele quebra o olhar para beijar o meu lugar latejante.

Eu dou outro puxão no cabelo dele, perdendo ar por conta de tudo que estou sentindo.

Eu não vejo como isso pode se tornar velho.



Capítulo Vinte e Um

O motorista de Connor, Gilligan, parece muito com um personagem de televisão famoso. Grande, forte, calvo e mais adequado para ser um guarda-costas do que motorista pessoal, ele nos leva passivamente pelo bairro de Philly, sem dizer muita coisa.

Connor abre a segunda garrafa de champanhe e reabastece o meu copo. Toda vez que eu tomo um gole, o copo de plástico bate no meu nariz. Lo está muito mais confortável com uma garrafa cheia de uma bebida que não borbulha.

O presente de aniversário que eu dei a ele se choca com seu traje Hellion. Independentemente disso, ele usa o colar que quase se parece com um rosário de contas, exceto que no final tem uma seta.

Algo que eu encontrei quando estávamos em uma viagem para a Irlanda, tínhamos apenas doze anos na época.

Lo, subconscientemente toca o colar enquanto andamos pelas ruas. Eu sorrio, feliz que tenha um significado pra ele, tanto quanto tem pra mim.

Eu olho para Connor e pergunto:—Você sempre anda de limusine?— Eu passo minhas mãos pelo o assento de couro preto polido.

—Você não?

Lo segura minha cintura, tocando meu quadril nu enquanto ele me puxa

para o seu corpo. Ele entra na conversa: —Ah, sim, nós passeamos de limusine pelo estacionamento do Wal-Mart apenas para mostrar as pessoas comuns o que o dinheiro pode comprar. Não é querida?

Meu olhos saltam com o sarcasmo de Lo. —Temos Escalades.— Eu tento me recuperar, e tirar a mão dele do meu quadril, mesmo se ele me mata. Soa lúdico e incrivelmente sexy, definitivamente, mesmo que isso deixe Connor desconfortável. Ele é o nosso primeiro amigo real, e Lo está prestes a atirar essa chance pro espaço.

Connor estica seu braço em toda a parte superior do assento, usando uma capa, uma máscara de pano sobre os olhos e uma espada de plástico. Zorro. — A maioria das pessoas desaprovam a limusine, mas essas pessoas não são as que eu estou tentando impressionar. Você vê muitas pessoas podendo fazer isso? Além disso, eu estou com vocês. Eu nem sequer preciso esticar o pescoço para falar. Essas coisas são importantes para mim.

—Eu posso conviver com isso.— Lo define seus olhos travessos em mim. —E você, amor?— Eu pensei que a provocação iria parar depois que nosso relacionamento se tornou real. Eu gosto demais desse tipo de provocação, e ele sabe disso. Ele serpenteia a mão no meu joelho, e a sobe pela minha perna, muito casualmente para ser tomada como abertamente como sexual. Para mim, ele poderia muito bem cair de joelhos uma segunda vez.

Eu mexo a boca, pedindo pra ele parar.

Ele responde também sem som: —Por quê? E ele abre um sorriso lindo. Ele olha para Connor e aperta os dedos na minha coxa. —Você quer ouvir uma história?— Onde é que ele quer chegar com isto?

Connor levanta seu copo. —Sou todo ouvidos.

Os olhos de Lo piscar para mim, também brevemente para dar sentido a suas intenções. —As empresas Fizzle permitem passeios pela empresa o tempo todo, você sabe, aqueles onde eles mostram a história do refrigerante e, em seguida, os deixa experimentar todos os sabores importados.

—Claro, eu visitei a fábrica com a minha turma do nono ano.

—Não é real, aquele lugar. Não é onde eles realmente fazem as bebidas.

Connor responde: —Eu suspeito disso.

—Bem, Lily e eu tínhamos doze anos quando seu pai nos deixou ir na área de museu.

A memória flutua à minha mente. Eu sorrio e acrescento: —Ele pensou que nos manteria ocupados degustando todos os refrigerantes.

Lo olha para Connor. —Mas Lily teve uma ideia melhor. Ela disse que a fábrica verdadeira ficava na rua de cima.

As sobrancelhas de Connor sobem: —Vocês foram para a fábrica verdadeira sozinhos? Como vocês entraram?

Lo inclina a cabeça para mim. —Quer falar disso, amor? Sua mão afunda no interior da minha coxa.

Minha respiração engata, não sou capaz de formar palavras.

—Não?— Ele sorri e acrescenta a Connor:—Nós dissemos ao segurança o seu último nome, e que seu pai queria que ela desse um mini-tour. Quando entramos, nós corremos em outra direção. Ele correu tão rápido. Ele corre muito. Eu lutava para correr rápido, para que ele ficasse cansado de tanto dar voltas atrás de mim. Quando o segurança começou ganhando de nós, ele levantou-me nas costas. Eu segurei firmemente ao seu pescoço, e ele acelerou em direção a um gigante barril de líquido escuro. Nós nos escondemos por um tempo, e quando os passos morreram na distância, ele inventou um plano magistral.

—Será que vocês ficaram em apuros?

Lo balança a cabeça. —Não, o pai da Lily tem um coração de ouro. Ele ficou realmente lisonjeado que queríamos ver a fábrica. Se ele soubesse o que eu fiz, talvez ele não teria sido muito gentil. Eu encontrei um pouco de álcool em torno do lugar — Correção:. Ele levou o frasco. —E eu despejei no xarope.

—Cale a boca—, diz Connor. —Você batizou a receita do refrigerante?—

—Eles provavelmente não poderiam prová-lo. Não houve realmente

muito em comparação com a quantidade de xarope, mas tenho orgulho no fato de que um punhado de pessoas tem um pouco de algo extra por causa de nós naquele dia. —Ele se vira para mim, e eu acho que, talvez, ele queira me beijar. Ele me olha nos olhos, o que arrasta a plenitude dos meus lábios, o olhar que poderia me tombar no assento e me entregar a ele. E então seu telefone emite um bipe, quebrando a conexão.

Eu suspiro, um pouco. Não é mera coincidência que o seu telefone de repente toca. Meus pais e minhas irmãs estão tentando lhe desejar um feliz aniversário desde esta manhã, mas Lo preferia ouvir o sinal sonoro incessante do que confrontá-los, ou ter uma conversa prolongada com Rose.

—Basta responder-lhes: —intrometo.

Lo olha para a tela, e eu espreito por cima do ombro, vendo uma foto de seu pai.

Seu rosto aguça. Ao contrário de minha família, ele nunca rejeita chamadas de seu pai. Às vezes eu acho que é mais do que temendo a ira do Jonathan Hale. Sei que, em algum lugar lá no fundo, ele ama o seu pai. Ele só não sabe que tipo de amor é ou até mesmo como processá-lo. Lo coloca o telefone no ouvido: —Ei.

No silêncio da limusine, ouço a voz áspera de Jonathan através do alto-falante. —Feliz aniversário. Você recebeu meu presente? Anderson disse que ele deixou no hall de entrada com o pessoal.

—Sim. Eu queria ter ligado. —Lo olha com desconfiança para mim e leva a mão na minha perna. —Eu me lembrei de você me dando uma bebida quando eu era mais jovem. Foi ótimo. —Seu pai lhe deu uma garrafa de scotch cinquenta anos, Decanter ou Dalmore ou algo assim. Lo tentou explicar o valor do mesmo para mim, mas essa informação passou zunindo por minha cabeça. Eu não conseguia parar de pensar sobre como perfeito e errado era o presente e se o seu pai sabia disso também.

—A próxima vez que você vir, podemos abri-lo.— ele diz. —Eu tenho

um par de charutos aqui também.

—Parece bom.— Lo desloca o ombro, me fechando.

—Como foi o dia para você até agora?

—OK. Eu rebati um exame de economia.

Uma das sobrancelhas de Connor se ergue, incrédulo.

—Verdade?— Seu pai também soar convencido. Devo ter sido a única que tinha alguma fé nas notas de Lo.

—Eu realmente não posso falar agora— Lo diz a ele. —Estou com Lily. Nós estamos indo para uma festa de Halloween.

—OK. Parece ótimo... —Ele faz uma pausa, como se ele tivesse algo mais a dizer. Depois de um longo momento, ele acrescenta—Tenha um ótimo vigésimo primeiro aniversário, filho.

—Obrigado.

Seu pai desliga, e Lo age casualmente, como se ele tivesse encaçapado uma bola. Ele aperta o braço em volta do meu ombro, me trazendo para mais perto. Mas seus músculos estão tensos, uma diferença sutil que também perfura a diversão em sua voz. —Talvez você devesse simplesmente dizer as suas irmãs que eu disse obrigado. Mande um mensagem de texto em grupo, ou algo assim.

—Porque você não pode fazer isso com o seu próprio telefone?

—Porque elas vão responder de volta e em seguida, eu vou ter que responder, o que soa cansativo.

—Ele tem um ponto —Connor me diz.

Uh, ele não deveria estar do meu lado? Ele é meu tutor. —Não me diga que você encontrou uma pequena ruptura nessa conversa. Essa é a sua coisa.

Connor enche as taças com champanhe. —Parece cansativo pra ele. Eu desfrutaria de uma conversa com suas irmãs.

—Passo longe.— eu digo. —Como foi sua conversa com Rose? Você ainda está inteiro, então eu presumo que correu tudo bem.

Lo engasga com tudo o que está em seu copo, e eu dou um tapinha das

costas. —Desculpe.—diz Lo.—Você falou com Rose? Como se fosse uma conversa totalmente normal?

Connor assente. —Eu mesmo a convidei para hoje à noite.

Lo geme. —Você não convidou a rainha do gelo pra vir aqui.

—Hey.— eu digo de volta. —Ela é a minha irmã. Ela tem um bom coração. —Faço uma pausa. —Você apenas tem que aprecia-la primeiro.

—Ou algo que esteja relacionado a ela— Lo ressalta. Ele está certo.

—Então ela vem?— Eu pergunto, um pouco nervosa. Eu prefiro não explicar a intoxicação de Lo para ela, especialmente desde que ele deveria estar numa reabilitação por conta de sua bebedeira. É seu aniversário, e ela vai acrescentar que a sua lista de atributos negativos e razões pelas quais ele não é bom para mim.

Connor diz: — Ela não vem.— Isso é decepção em sua voz? —Ela disse que preferia a pele do meu gato.— Ele sorri. Como ele pode sorrir por causa disso. Oh meu Deus, eles estavam flertando um com o outro no telefone?

Lo relaxa e resmunga: — Graças a Deus.

Connor acena para mim. — Senhorita passo longe, qual é a sua fantasia?

Será que vão me perguntar isso a noite toda? Eu acho que deveria me preparar. Eu mostro minhas garras plásticas. —X-23

Ele aperta os olhos, confuso.

—A namorada de Wolverine, tecnicamente seu clone feminino.

—Oh. OK legal. Você parece como uma prostituta com facas embora. —O que?! Isso não está ajudando na minha confiança. —Lo, você precisa se preparar para esta festa. Muitos caras vão dar em cima dela.

Agora que eu pensei estar me sentindo mais segura.

Lo me dá um aperto encorajador no ombro. O pensamento de rapazes em todos os lugares usados para ser um playground emocionante, mas agora, eu não poderia estar mais assustada. Talvez um partido é uma má ideia.

Lo diz para Connor:— Bom, eles vão dar a ela a prática de dizer não.—Oh, que foi média. Eu o empurro, soltando seus braços dos meus. Ele se

concentra em beber o seu bourbon pelo gargalo da garrafa, sem se importar de qualquer maneira. Ele teria, antes de ter falado com seu pai. Ele poderia ter me puxado para trás e sussurrado algo sujo no meu ouvido. Agora, sua mente mudou as faixas.

—Eu posso dizer não. — Eu me defendo com um murmúrio pouco convincente. Eu não testei esta teoria desde que nós começamos a namorar.

Lo tampa sua garrafa e olha para Connor.—Se você vê-la flertando com alguém, basta puxar ela pra longe do cara.

—Lo.— Eu o advirto com olhos selvagens. O que diabos Connor vai pensar? Que eu realmente sou uma prostituta com garras ?! Todo o meu corpo se aquece e eu me esforço para não enterrar meu rosto em minhas mãos.

—Vocês dois são tão estranhos. —diz Connor, muito casualmente.

Ser chamado de estranho por Connor é como um unicórnio chamando um cavalo de mágico. Não faz o maldito sentido, razão pela qual Lo e eu sorrimos, mesmo se o humor de Lo mudou um pouco desde o telefonema.

De repente, o carro para. Gilligan murmura um "nós chegamos", e destrava as portas. Eu pressiono o meu nariz na janela a direita e vejo os subúrbios chiques. Uma mansão brilhante no topo de uma colina íngreme, iluminando o céu escuro. Connor disse que das opções que teríamos, ele escolheria a que tivesse a melhor comida. No mesmo dia ele mencionou que eu precisava de uma boa refeição.

Mais carros circulam até a mansão, e nós saímos para enfrentar a polêmica. Há Uma fonte vermelha bem no centro, jorrando água sangrenta da pedra. Zumbis estão em todo o gramado verde, tão realistas que eu pensei que os membros sangrentos com as bocas caídas fossem a facilidade dos modelos pagos. Após uma inspeção mais de perto, eles não são de verdade, apenas próteses de silicone pintados.

Seguimos Connor até a varanda de pedra, e ele bate num batente de bronze. Enquanto esperamos por uma resposta, mais pessoas se reúnem atrás de

nós.

As portas se abrem rapidamente, a música alta crescendo vinda lá de dentro. George Washington ou, eventualmente, Mozart espera no arco, segurando uma taça de champanhe, com um um comprimido branco efervescente na parte inferior do líquido dourado.

—Connor Cobalt!— Ele sorri e vem até nós, com sua peruca branca e ligeiramente fora de forma.

—Hey.— Eles se dão o "abraço amigo".—Quem diabos você é?

—Thomas Jefferson, porra.

—É claro.—diz Connor, com um sorriso sarcástico. O Thomas Jefferson não pega, e antes de pendurar em torno de Connor, eu me pergunto se eu teria notado. Movimentos de Connor, Lo e eu, e eu me aperto no quadril de Lo, escondendo minha barriga exposta por trás da metade de seu corpo. —Esses são meus amigos. Lily e Lo.

Thomas Jefferson estreita os olhos para Lo e eu passo ainda mais para trás de suas costas. —Quem você é?— Ele pergunta. —Senhor Spandex?

—Inteligente. —diz Lo com um olhar.

—Eles são X-Men.—esclarece Connor.

Com isso, Lo agarra meu pulso e me puxa para frente. Ele planta uma mão firme na minha cintura, como se fosse para ele entender que somos o novo casal Mutante.

Thomas Jefferson olha para as minhas garras longas. —Certo!— Ele bate as mãos em reconhecimento. —Garota Wolverine.

—Não existe tal coisa. —eu o corrijo. Ele me dá um olhar engraçado, e Connor suspira, a ligeira impaciência estalando no exterior controlado.

—Podemos ser apenas convidados a entrar, se você já entendeu quais são nossas fantasias?— Connor pergunta. Ele estica o pescoço para olhar o anfitrião sobre o ombro. —Porque manchar um Sweeny Todd lá, e eu sei de um fato, que você nunca ouviu falar dele.

—Huh. Connor Cobalt está sempre certo. —Ele fecha a porta e

zombando de nós faz um gesto para dentro.

Sua equipe deve ter evacuado para este partido da faculdade, não querendo ser varrido por um furacão de vômito e milho de doces.

Sem se incomodar com o insulto, Connor entra no Grande salão, onde lustres de cristal cintilam do teto. Os frequentadores sobem e descem a escadaria de mármore e mais em salas de incandescência, teias de aranha estão espalhadas nas molduras das portas. Pessoas tropeçam em volta e dançam com a música hipnótica.

Eu passo pela porta, e em seguida, blocos de Thomas Jefferson ao largo da entrada antes de qualquer outra pessoa pode atravessar.

—Eu não conheço você, — ele diz às pessoas atrás de nós. —Ou você.— A porta bate. Ele caminha de volta e passa Connor. —Sanguessugas— eu o ouço dizer, como se Connor fosse acenar com a cabeça em concordância. Ele não faz nada, mas arranca uma caneca fumegante de abóbora para fora da bandeja de um gnomo. Agora, essas coisas cabeludas são modelos, gingando com seus rostos enrugados.

Ao contrário da festa do marcador, os copos são substituídos por vidros de champanhe e abóbora canecas. Pequenos saquinhos de comprimidos e em pó são passados clandestinamente de mão em mão. Eu cresci vendo isso. Adolescentes ricos que necessitam de drogas para saciar a sua falta do que fazer. Como se eles fossem reanimados diretamente das páginas de Bret Easton Ellis.

Drogas nunca foram o meu problema, e talvez eu deveria ter um sentimento de gratidão que a minha compulsão é menos perigosa do que o tiro do fogo líquido em minhas veias. O sexo é parte da vida de todos, viciado ou não.

As drogas não são.

O álcool não é.

Você pode passar anos sem ambos, mas a maioria das pessoas nunca se tornam celibatários ao longo da vida. Toda vez que eu via uma garota colocando

um desses em seu sutiã, os olhos vidrados com o que se foi, eu sentia uma pontada de ciúme. Por que eu não podia ter um vício no qual as pessoas entendam? É um pensamento idiota desejar um vício que muitos morrem fazendo. Eu preferia não ter nenhum, mas por alguma razão, nunca me permiti essa opção.

Antes de fazer sentido as minhas compulsões, gostaria de passar horas deitada na cama, emocionalmente esgotada dos meus pensamentos indo e vindo. Um minuto, eu defendia com veemência minhas ações dentro da minha mente. Era o meu corpo.

O sexo me fez sentir melhor e sem ele eu poderia causar mais problemas do que continuar no caminho destrutivo. No minuto seguinte, eu chorei durante horas e me convenci de parar. Eu disse a mim mesmo que eu não tinha um problema. Eu era apenas uma prostituta em busca de uma forma de justificar os meus pensamentos sexuais constantes. Às vezes eu tentava parar. Eu jogava meu pornô no lixo e me recusei de levar meu corpo ao luxo de chegar ao clímax.

Mas eu não podia tolerar as retiradas, e essas metas infrutíferas rapidamente terminou. Eu sempre encontrei uma razão para começar de novo. Talvez esse seja o meu maior medo, que eu encontre uma desculpa para passar de Lo. E eu vou ser obrigado a toma-lo .

Lo sai correndo na minha frente, e eu corro junto para continuar me escondendo atrás de suas costas. Um bando de hippies em mini-vestidos floridos bombardeiam Connor. Ele balança a cabeça e sorri superficialmente, e isso desencadeia uma onda de risos.

Ele vai ter que cuidar de si mesmo. Eu sigo Lo até a cozinha onde estão várias pessoas perto do fogão de prata.

Eles acendem o fogão para acender seus cigarros na luz das chamas. A porta de vidro fica entreaberta, a fumaça flutuando para fora na noite fria. Algumas meninas vestidas com biquínis gritam e riem em voz alta enquanto competem para entrar dentro da casa.

Lo abre alguns armário de vidro e há cerca de sete prateleiras de garrafas de cristal, cheias do líquido âmbar. Cada partido pródigo começa o mesmo. Lo pega um shot do álcool mais caro da casa e impulsivamente anseia o sabor das diferentes marcas.

—Está trancado.—digo a ele. —Você não pode tomar a sua própria bebida hoje à noite?— O seu frasco permanece em sua cintura, preso em seu terno vermelho e preto.

—Espere.— Ele parte para uma segunda tentativa, desaparecendo ao virar a esquina e eu finjo estar interessada em uma pintura que da vida na parede. Melhor olhar fascinada por maçãs e peras do que ficar como uma perdedora solitária.

Lo retorna momentos depois com uma chave de segurança.

—Lo— advirto e ele começa a mexer no buraco da fechadura. —Acabamos de ser recebidos aqui. Eu não quero ser chutada para fora.

—Você está me distraindo. —diz ele.

Visões de festas da escola nadam para mim. Lo rastejando para baixo do porão da casa de um garoto que convidou a todos da sua sala. Estas partes aconteciam muitas vezes. Lo beberia os vinhos vintage e os uísques importados, o anfitrião irritado o arrastando pela camisa. Lo tropeça para ficar na posição vertical. Eu, saindo do banheiro com as bochechas coradas, apenas para me apressar e salvar o meu único amigo.

Eu não gosto da repetição de erros, mas às vezes, eu acho que nós dois estaremos sempre preso em uma plataforma giratória.

Mesmo com a tagarelice dos fumantes ao lado do fogão, eu ouvi o clique da fechadura. As portas de vidro se abrem, e os olhos de Lo acendem. Observando-o delicadamente tocar as garrafas com antecipação e fome me faz lembrar dos meus desejos.

E então eu deixo escapar: — Você quer beber no banheiro?— Minha voz continua pequena e tímida, ainda não confiantemente sexy, da garota que eu

tenho certeza que preenche os sonhos de Lo. É difícil ser ela quando Lo não é uma conquista, eu durmo com ele em seguida.

—Hum?— Distraído, ele reúne os melhores licores em seus braços e os coloca no balcão de granito ao meu lado.

—Depois que você beber, você quer ir até o banheiro para...— Eu paro, temendo o golpe fatal da rejeição.

Ele aparece o êmbolo de cristal em uma garrafa e dicas do líquido em um vidro. —Eu pensei que o que eu fiz hoje mais abalou seu mundo,—ele diz. —A menos que eu tenha imaginado que você tenha gritado. Você estava fazendo todos os tipos de ruídos, por isso era difícil de dizer.

Meus cotovelos coram quando eu me lembro dos atos escandalosos antes de sairmos. —Você ouviu incorretamente. Eu não acho que foi possível formar palavras.

Ele sorri e, em seguida, toma um gole de sua bebida alcoólica lânguida.

—Mas—eu continuo — nós fizemos isso apenas no apartamento ou no iate.

Ele olha de volta para as profundezas de sua bebida. —É algo que você precise ter?—Ele pergunta. —Eu não acho que onde estávamos seria um bom negócio para foder.— Ele faz uma careta por seu tom cortante e, em seguida, joga o resto do licor de volta em sua garganta. Ele enche o vidro rapidamente.

Eu abro minha boca, mas acabo parecendo um peixe tentando respirar. Onde nós fazemos sexo não deveria importar, porque não existe um fascínio para fazer em algum lugar desviante. Sempre foi assim. —Ok.— Essa única palavra não responde corretamente a sua pergunta ou sua grosseria.

Ele aperta sua mandíbula, os dedos se apertando sobre o vidro. —Eu estou preso nesta ação de qualquer maneira. A menos que você queira cortar um buraco para meu pau.

—Não.— Eu ergo minhas mãos. —Você está certo.

—E caso você tenha esquecido, Laura— ele enfatiza o verdadeiro nome de X-23. —É a porra do meu aniversário.

Ele ergue seu copo. — O que significa: supere isso — Ele olha minha região inferior.

—Você é tão parecido com Logan, é assustador. — Eu uso o nome verdadeiro de seu super-herói. Ambos podem ser temperamental, irritáveis e, em seguida, fazer um miado e ser as pessoas mais doces do mundo. Você apenas tem que pegá-los no momento certo..

—Errado. Eu tenho meus dois braços —Hellion perdeu seus braços lutando com Sentinelas em X-Men:. Segunda Classe

Madison Jefferies criou mãos metálicas para Hellion, agora uma peça nova na assinatura de seu guarda-roupa, mas Lo não vai colocar por que não consegue segurar a garrafa.

Meus olhos varrem nervosamente ao redor da cozinha, esperando que Thomas Jefferson apareça e repreenda Lo.

—Se você não precisa ficar aqui, vá atrás de Connor.

—Você confia em mim?— Eu me pergunto.

—Eu sinceramente acho que Connor é assexuado. Como uma esponja. Ele provavelmente nem notaria se você se agarrasse a ele.

Quero falar da minha teoria sobre Connor esmagando Rose, mas ele provavelmente fará uma observação sarcástica sobre ela. Eu prefiro não começar uma briga por ter de defender a minha irmã quando ela não está aqui.

—E as outras pessoas? Você confia em mim com elas?

Ele me dá um olhar afiado. —Eu não sei. Agora você está me fazendo pensar que eu deveria ficar preocupado porra. Ele está de mau humor. Eu não sei o porque. Talvez o ambiente familiar traga lembranças ruins e ele desejaria estar em casa. Ou talvez ele gostaria de estar bebendo com o pai e fumando um charuto do que estar aqui, comemorando em uma casa estranha com gente estranha que nada significam para ele.

—Eu estou irracionalmente pirando— eu digo. —Do mesmo jeito que você está tipo sendo um idiota.

Ele engole sua bebida, tragando o álcool de fogo em um gole. Ele limpa a boca em seu braço, escondendo toda e qualquer expressão e gestos para mim com os dedos. Hesito e ando ao seu lado. Antes de alcançá-lo, ele dá um beijo bem no meu nariz, e então no meu rosto e no meu pescoço.

Eu sorrio pelos seus gestos, suas bicadas rápidas. Seus braços rapidamente me arrebatam, me puxando totalmente ao seu corpo, seus movimentos mais leves que o ar, balançando em nossos pés como se não tivéssemos equilíbrio. Seus lábios finalmente encontram os meu, e o beijo dura mais tempo, mais doce. Depois de um momento longo no qual ficamos tontos, ele se retrai e coloca seu polegar no meu lábio inferior. —Como sobre isso?— Sua voz baixa e rouca toma meu fôlego. —Basta repetir esta frase sempre que você sentir vontade de saltar nos ossos de outro cara.— Sua boca escova meu ouvido. —Loren Hale fode melhor.

Eu escancaro minha boca.

—Bom, né?— Ele pisca e sai. Eu imediatamente o quero de volta, segurar sua mão e puxá-lo para o meu peito. Em vez disso, ele pega seu copo.

Eu não posso acreditar que estou com inveja de uma louça. Eu limpo minha garganta, recolhendo meus pensamentos. —Isso vai funcionar, estou praticando um mantra diferente.

—E qual seria?— Suas peculiaridades de lábio, mas as garrafas. E os seus olhos piscam para longe de mim.

—Eu não vou trair Loren Hale.

Lo inspeciona o gabinete. —Eu acho o meu jeito muito melhor— diz ele distante. Ele arranca uma garrafa triangular da prateleira, e apesar de meu desejo por ele e minha preocupação por seu estado mental, deixo-o em sua bebedeira.

Vou até a sala de estar lotada, onde as luzes se apagam e a cores gritam Halloween. Eu vejo Connor ao lado da lareira crepitante, cercado por um grande grupo de pessoas conversando uns sobre os outros, como se ele fosse o foco da festa. Ele interrompe um par de vezes, mas as pessoas continuam falando com

ele como se ele não precisasse falar de volta. Todos os planos evaporam fora de minha cabeça, e até mesmo a ideia de disputar a atenção de alguém soa tanto cansativa como aterrorizante.

Antes que eu possa olhar para longe, Connor me vê e tenta vir até a mim. Eu olho para os hippies que se desconcertam, com os seus pés descalços, e eu balanço minha cabeça. Eu fico nas sombras com as teias de aranha. Connor claramente vive no centro das atenções.

Com vincos na testa e linhas de expressão, e ele murmura algo rapidamente para seus amigos antes de surpreendentemente destacar seu rebanho ir e em direção a mim. Sua capa ondula atrás dele, e ele empurra sua máscara para o topo de seu cabelo castanho ondulado e espesso.

—Você sabe—diz Connor— eles não mordem. É uma gangue terrível, mas relativamente inofensiva.

—Eu sei— eu digo.—Eu só não gosto de grandes grupos. Normalmente eu só... danço quando eu vou as festas. — O que é uma grande mentira, mas eu prefiro não comentar que tenho relações sexuais com os convidados.

—Nunca se sabe se um desses piratas pode ser um futuro investidor que você precise ter por perto.

—Não precisa deixá-los.—faço um gesto em direção ao grupos de falantes. —Vá encontrar um futuro milionário.

Ele não se mexe:—Onde Lo está? Você o perdeu de novo?

—Ele está na cozinha e provavelmente seremos expulsos. Eu pensei que eu poderia dar um tour pela casa antes disso. —Espero não ter soado tão amarga como eu me sinto.

—Por que poderíamos ser expulsos?

Eu balanço minha cabeça, me esquecendo do súbito julgamento. —Por nada. Ele está bem.

Um bombeiro sem camisa passa por nós, o suor brilhando em seu peito nu como se ele tivesse salvado alguém de um prédio em chamas. Eu não vou

trair Loren Hale. Não, nem mesmo com um bombeiro sexy.

—Ei Connor.— Batman caminha carregando uma cerveja, coisa rara nesta festa. —Eu não achei que você viria. Ouvi dizer que terá passeios livres de helicóptero na festa de Darren Greenberg.

—Vômito voando, vômito não me atrai, além do mais, eu pensei que a comida daqui seria melhor.

—Sim, Michael economizou este ano. Eu pensei que ele recriaria uma cena de Evil Dead no jardim da frente. Em vez disso, ele recriou D-lista zumbis. —Batman olha para mim. —Você me parece familiar. Eu te conheço?

Eu realmente olho para ele neste momento, mas minha mente está em branco. Normalmente, as únicas pessoas que me reconhecem e eu não, são os que eu já dormi.

—Não, eu não acho que nós já nos conhecemos.—digo a ele.

—Esta é Lily,— Connor diz. —Ela é uma amiga.

Batman bate no ombro de Connor. —Bom trabalho, cara.— O que isso significa? Ele olha para a minha barriga nua com um olhar faminto. Oh. Eu cruzo meus braços. Ele então percebe meu traje. —Hey, Wolverine!

Eu nem sequer tento corrigi-lo.

—Deveríamos encontrar todos os super-heróis aqui e tentar lutar contra alguma porra do mal juntos.

—O namorado dela está por aqui em algum lugar. Ele é parte do X-Men também.

Batman parece um pouco cabisbaixo. —Namorado, hein?— Seus olhos se estreitam em fendas. —Eu acho... Eu acho que eu te conheço. Você já foi na Nuvem? É um clube no centro.

Antes de dizer uma palavra, eu o vejo formular uma resposta, flashes de diversão em suas feições.

Imediatamente, minha reação instintiva entra em ação e eu tranco longe de ambos, esperando que Connor me seguirá. Um cara me olha e dá a entender

que já fizemos sexo é uma coincidência estranha. Dois caras! Connor vai pensar que algo está errado comigo.

Eu paro ao entrar na sala, estamos bloqueados por um bando de pessoas assistindo Fred Flintstone deslizando pela curva do corrimão.

Connor toca meu ombro, e eu o encaro, feliz por não ver Batman a seu lado. —Eu iria adotar seus métodos de evitar babacas, mas eu estou supondo que fugir não faz muitos amigos.

Relaxo. Ele acha que eu fujo para evitar flertes dos caras como aconteceu com Kevin e Batman. Verdade seja dita, eu nem tenho certeza se esses caras são os idiotas da situação. Eu dormi com eles, agindo exatamente como eles me consideram ser. Inútil.

—Eu não estou no mercado para muitos amigos. —digo a ele.

—Eu imaginei. Devemos procurar o seu namorado? Melhor a gente nos certificar de que ele não vomite em alguém.

—Ele raramente vomita.

—Isso é bom. Ele te larga muito nas festas?

—Ele não me abandonou. Eu o deixei na cozinha.

Ele levanta as mãos, como quem diz, tudo bem, então eu lidero o caminho, e quando chegamos ao armário de vidro, um cara em nada, mas um branco de botões e meias realinha as garrafas com uma careta irritada.

Uh oh.

—O que aconteceu?— Connor pergunta, embora eu tenho certeza que ele deduziu o óbvio.

Tom Cruise de Risky Business pega uma chave de esqueleto. —Eu encontrei um idiota bebendo o licor do meu tio. Aquela merda custa mais do que um carro. —Tio. Ele deve ser o primo de Thomas Jefferson.

—Você quis expulsá-lo?— Connor mantém a calma enquanto os meus pulsos saltam. E se eles puxarem Lo fora para espancá-lo ou humilhá-lo... ou pior?

—Não, meus irmãos queriam saber seu nome em primeiro lugar. Eles estão todos lá fora. —Tom Cruise mantém um frasco com um líquido âmbar residual. —Ele está surpreendentemente sóbrio. Gostaria de ser capaz de ficar igual a ele quando eu bebesse.

Eu não esperaria qualquer outra coisa. Eu olho para a porta dos fundos, rezando para que Lo mantenha sua boca fechada. Ele tem uma mania de dizer as coisas erradas nos momentos certos para começar uma briga. Na maioria das vezes, ele faz isso de propósito.

Eu não deveria ter insistido comemorar seu aniversário em uma festa. Quando eu percebi a mudança no seu humor, eu deveria ter oferecido para voltar para casa. Ele não queria estar aqui.

Minhas botas afundam na grama molhada, e eu passo pela piscina que brilha com um tom profundo de laranja. Meninas seminuas se penduram dentro e fora da água. Lo não está entre as multidões de grupo, fora em pequenos grupos com bebidas aninhado firmemente em suas mãos.

Connor toca meu ombro e acena com a cabeça para o lado da casa. —Por aqui. — Será que ele já o viu? Ou será que ele sabe onde eles interrogam os hóspedes indisciplinados? Eu me esquivo das teias de aranha e das flâmulas pretas, andando para o lado leste da mansão.

As pessoas são poucas aqui, e os assobios do céu noturno gritando sobrepõe o zumbido suave da música.

—Pela porra da centésima vez, o gabinete estava aberto! Talvez você deve verificar seus bloqueios antes de uma festa. —Lo. O encontramos, mas suas palavras grosseiras só me fazem ficar com medo em meu coração.

—Nós não damos a mínima para suas desculpas!

Outro cara acrescenta: — Quem diabos é você e quem convidou esse bastardo para vir aqui?

—O desgraçado seria eu.—diz Connor quando chegamos mais perto deles.

Uma rocha se aloja na minha garganta. Lo está encurralado contra os tapume de pedra da casa. Quatro rapazes vestidos de verde-escuro, manga longa Under Armour camisas leves e tanques surfista verdes, estão com uma carranca, indignados bem como cascas duras em suas costas, vestidos de Tartarugas Ninja.

Mesmo com a luz laranja, eu consigo ver que suas bochechas estão vermelhas. Alguém bateu nele.

Eu corro em sua direção, com a sensibilidade voando para fora do meu cérebro.

Um dos primos Tartaruga Ninja de Thomas Jefferson me agarra pela cintura antes que eu consiga chegar ao meu namorado.

—Hey!— Lo e Connor gritam em uníssono.

—Por que diabos você traria esse lixo para a casa do nosso tio?— O de bandana roxa, Donatello, pergunta enquanto eu me esforço para sair do seu aperto. Eu chuto, minhas pernas balançando no ar, mas ele me segura firmemente como se eu fosse um saco de ossos.

Connor dá um passo à frente. —O que você está fazendo, de volta a bandidos Alley? Deixe-a ir, Matt. Então, podemos conversar.

As poucas pessoas que se aglomeram no quintal começam a assistir. Através da minha luta, eu vejo uma Tinker Bell, um Peter Pan, uma super-heroína vestida de verde e Dobby, o elfo doméstico. O super-herói verde quando eu penso que ele está vindo em meu socorro, Matt libera seu poder sobre mim, e eu termino a distância até Lo.

Ele rapidamente coloca as duas mãos nas minhas bochechas, inspecionando o meu corpo com seu olhar.

—Eu estou bem. — digo-lhe, mais preocupada com o seu estado. —Pare de irritá-los.

Seus olhos endurecem, suas maçãs do rosto estão nítidas e seus lábios se transformam num biquinho. —Basta eles virem atrás de mim.

—Lo.—eu entro em pânico, meu peito constritivas.

—Se algo acontecer,— Lo respira me empurrando para trás. —Corra para a limusine de Connor. Não espere por mim, ok?

—Não.— eu digo aborrecida. —Lo, por favor.

—Esse garoto nos deve quarenta mil.—Matt zomba, voltando os holofotes para trás em Lo e esquecendo Connor. Por que Connor está nos ajudando? Isso pode estragar sua reputação para sempre.

—Eu não vou te dar um centavo,— Lo cospe. —Como diabos eu deveria saber que o licor estava fora dos limites? Não tinha um sinal.

—Ele estava trancado— diz o primo azul-bandana.

Lo abre a boca novamente, e eu aperto seu braço, atirando-lhe um olhar. Precisamos ir, de preferência juntos. Ele aperta a mandíbula e felizmente se cala.

Matt dirige seu olhar furioso para Connor. —Você acha que nós vamos ignorar isso porque você é Connor Cobalt? Você entende que ninguém estaria na lista negra por agora. —Oooh, na lista negra. Lo e eu provavelmente estamos atravessado fora todas as listas no círculo afluente Philly. Se não fosse por Connor, não teríamos sequer passado pelas portas.

—Estou na lista negra então —diz Connor. —Esta festa está horrível. Você até mesmo nem se incomodou em servir comida.

Matt joga a cabeça para trás surpreso. —Você está escolhendo eles ao invés de nós?

Connor balança a cabeça, seus músculos tensos. —Sim. Vamos ver o que temos aqui. Patrimônio líquido de talvez —ele varre a mansão atrás de mim— vinte e cinco milhões.—Ele aponta para Lo e eu. —Calloway e Hale. Eles são cada lata da porra do refrigerante que você tem na sua casa, e todas as fraldas de seus sobrinho e sobrinhas. Bilhões. Então sim, eu escolho o lado com as duas pessoas que fazem suas heranças parecerem fichinha.

Eu fico de boca aberta, não esperava nada disso, principalmente Connor

sendo nosso amigo em poucos dias. Ele diminui as pessoas, e Lo e eu somos pepitas de ouro em seu frasco. Tem sido assim por muito tempo e ninguém foi preso, até para nós que deslizam a superficialidade em seus motivos. Ter um aliado é bom. Desesperador, sim, mas ninguém disse que Lo e eu éramos perfeitos.

Matt e os outros Tartarugas Ninja olham estupefatos, tentando processar a nossa riqueza e os nossos sobrenomes. Em seguida, ele ri em diversão cruel. —Bem, então, acho que com os seus meios você não terá nenhum problema, tendo que tirar a chupeta fora de sua bunda e reembolsar-nos pelo que você bebeu.

A expressão de Lo cresce escura. Eu coloco minha mão na sua, esperando que ele não argumente de novo e comece outra briga. Confio nele enquanto estiver aqui comigo, mas quando eu sair, tudo pode acontecer.

—Foda-se!— Lo amaldiçoa.

Connor interrompe antes de um dos primos levantar o punho para apagá-lo. —Será que o seu tio realmente se importaria? Quarenta mil não é nada.

—Ele bebeu um carro, Connor!— Matt diz, incrédulo.—Isso é mais do que algumas pessoas ganham em um ano, maldito! Sim, ele vai ficar puto, e prurido do tecido lá pode facilmente pagar. Pague, ou nós vamos te bater até você pegar a porra do seu talão de cheques. —Eles me olham, e eu volto a ficar dura feito pedra. Lo olha por cima do ombro, todas suas linhas afiadas, e quando ele sente que eu estou segura, ele pisa para a frente.

—Não!—Eu pulo e agarro seu pulso.

—Líly!

—Ele não pode pagar!— eu defendo.

—Lily!— Lo adverte. —Não.

Selo meus lábios, eu não vou abrir a vida pessoal dele com estranhos. Seu pai o restringiu numa situação rigorosa, amarrando a sua conta bancária,e a sua partilha em dinheiro virou mesada. Ele supervisiona todas as transações, chamando Lo quando há qualquer grandes compras. Aqueles quatro mil dólares

no champanhe do restaurante italiano e suas outras despesas atingiu a cota deste mês.

E se ele exagerar, Jonathan Hale vai ter um ataque.

—Você realmente espera que eu acredite nisso, querida?—Diz Matt. Não, ele não acreditaria.

Connor, pela primeira vez, olha em causa. Ele continua olhando pra trás, tentando encontrar reforços no caso de isso ficar feio.

—Eu posso pagar por isso Mas meu talão de cheques está no carro dentro da minha bolsa —eu digo. Se eu tiver que tomar o calor para uma grande carga de quarenta anos, então eu vou. Eu posso facilmente dizer que comprei um vestido para a Charity Gala de Natal, citando que eu manchei o que eu já comprei. O único problema: Eu não trouxe nenhum dinheiro. Sem bolsos e uma afinidade de acessórios nessa fantasia, eu não tinha como trazer uma, então eu sai de casa sem nada, só com minha garras de plástico e minhas botas de couro de cano alto.

—Matt!— Um cara alto e bronzeado caminha até nós. Ele veste uma jaqueta de couro verde e carrega um arco com uma aljava de flechas amarradas às costas. Eu o reconheço como o super-herói verde do lado de fora. Ele tem manhas escuras de tinta verde sobre os olhos, como uma máscara e o cabelo castanho desgrenhado acentuam as linhas duras em sua mandíbula. Ele olha viril, poderoso e irritado. Seu traje provavelmente ajuda, mas eu tenho um sentimento que a autoconfiança é tudo nele.

Ele para a poucos metros de nosso reservado com os Tartarugas Ninja e centra-se no primo da bandana roxa. Eu estou pronta para ele para agitar os punhos em Matt, ameaçá-lo com a sua construção forte, algo que tem evitado Lo.

O super-herói vestido de verde diz, —Ei, eu acabei de falar com uma garota. Ela disse que Michael quer vocês dentro da casa. Ele precisa de vocês para apartar uma briga lá dentro. Eles estão batendo a merda um do outro.

Minha boca lentamente cai. Então... ele não está aqui para nos ajudar. Eu sou uma idiota.

Matt esfrega a parte de trás do seu pescoço, seus olhos piscando para nós antes que ele acene para as outras tartarugas. —Vão. Eu vou cuidar disso. —Os primos saem em direção à piscina.—A menina disse que Michael queria vocês quatro.

Matt bufa. —Você pode me fazer um favor, Ryke? Estes dois devem ao meu tio quarenta mil. —Ele aponta para mim.—Esta menina disse que seu talão de cheques está no carro. Siga-os e obtenha o dinheiro dela.

—Sim, sem problemas.

Meu estômago cai ainda mais. Agora nós seremos atados por um amigo de Matt super-herói que parece em forma o suficiente para me enfrentar e me jogar na grama. Talvez não Lo. Definitivamente eu. Provavelmente Connor... Grande.

A tartaruga mal desaparece ao virar da esquina e Ryke muda sua atenção para nós. —Onde está o carro?— Ele vira a cabeça, e eu analiso o seu perfil: mandíbula com barba por fazer, nariz fino, olhos castanhos que derretem em mel. Ele é alguém que eu normalmente transaria sem dúvida. Eu sacudo o pensamento, especialmente porque ele é amigo dos primos de Thomas Jefferson.

—Por aqui.— Connor nos leva a sua limusine.

Lo desliza a mão na minha cintura, trazendo-me para perto. Ryke caminha à nossa frente com Connor, e Lo queimando buracos em suas costas. Além do fato de que Ryke está trabalhando como moço de recados de Matt, eu me pergunto se Lo se sente ameaçado. Será que ele me vê o olhando? Eu não tenho tanta certeza. Ryke também tem uma boa polegada acima de Lo, provavelmente de seis pés e três anos a mais, e se aproveita dessa garantia extra, exalando um forte senso de masculinidade. Lo também, mas há uma pequena diferença. Eu mal posso alcançá-lo. Onde Lo é toda a nitidez, esse cara é duro e

alinhado. Como o gelo contra pedra.

Eu pisco, tentando não me concentrar na beleza de Ryke. Não em um momento como este.

Cinco passos a frente e Lo arranca seu frasco de seu cinto, bebendo novamente.

—Essa bebida é sua mesmo?— Eu pergunto, chateada que ele esteja se afogando nesta situação com licor. Mas a poucos minutos eu estava imaginando como seria o abdômen de Ryke. Então eu não posso ser muito crítica.

Ele limpa a boca com a mão. —Pode ser.

Ryke olha por cima do ombro de vez em quando. Seus olhos em nós, sua expressão enigmática também de entender. Se Matt confia nele, ele não pode ser melhor do que as Tartarugas Ninja.

Talvez eu possa chorar em vez de pagar-lhe. Os caras não ficam desconfortáveis quando as meninas começam a chorar?

—Então o que você deveria ser? Robin Hood? —Connor pergunta.

—Arqueiro Verde.—eu o corrijo antes que Ryke lata.

Ryke olha para trás, e ele examina meu traje, seu olhar intruso aquecendo meu corpo. —Você conhece o Arqueiro Verde?—Ele pergunta finalmente, encontrando meus olhos.

—Um pouco.— murmuro. —DC comics não são realmente meus preferidos.— Eu gosto das histórias do underdog, o tipo onde qualquer pessoa pode ser um super-herói. Peter Parker, mutantes eles sabem um pouco sobre isso.

—Somente os vencidos leram DC,— Lo acrescenta. Ok, eu não iria tão longe.

—Eu não leio quadrinhos.— Ryke confessa. —Eu acabei de ver na televisão, Smallville. O que isso faz de mim?

—Um perdedor.

As sobrancelhas de Ryke atirar para cima, surpreso com a hostilidade. —

Entendo.

—Para que você saiba, — Eu digo: —eu não concordo com ele. Eu não sou uma fã de quadrinhos. —Qualquer um pode ler quadrinhos, e se você não gosta é perfeitamente aceitável para gostar de personagens em outras mídias.

Lo revira os olhos para mim.

Ryke ignora o meu comentário e se vira para Connor que está tranquilo. —Por que você está com esses dois? Você não está sempre rodeado por um bando de pessoas que tentam beijar sua bunda?

—Eu estou ampliando meu alcance social.

Quando estamos perto do carro, eu percebo que eu preciso formular um plano. Mas meu cérebro entra em curto-circuito a cada respiração em pânico. Damos um passo para a rua e o vento agita, soprando meu cabelo. A Limusine de Connor está parada no meio-fio.

—Onde diabos está o seu carro?— Ryke pergunta, olhos cintilando com cautela para a casa.

—Bem aqui. — Connor bate na porta e Gilligan, seu motorista, abre a porta.

Eu proponho a Lo para entrar antes de mim, ele oscila em seus pés, sem precisar de nenhum outro incentivo. Quando ele está em segurança no assento de couro, eu começo a relaxar, um pouco.

—Onde está sua bolsa?— Connor pergunta. E então seus olhos gradualmente aumentam. —Espere, você não trouxe uma bolsa, não é?

—Eu-eu ...— Eu evito olhar para Ryke. Será que ele vai me chacoalhar? Bater em mim? Seus grandes músculos estão tensos, e eu encolho para trás com medo.

—O que você fez?— Connor pergunta, horrorizado.

Abro a boca, mas quando eu olho pra ele, percebo que ele não está falando comigo. Ele olha de Ryke para o gramado, onde os Tartarugas Ninja correm a toda velocidade fora da porta, se esquivando dos zumbis imóveis e

vindo direto para... nós.



Capítulo Vinte e Dois

—Entre no carro!— Ryke exorta.

Eu pulo muito rápido e bato minha cabeça contra a moldura de metal. Eu amaldiçoo sob a minha respiração e esfrego o vergão, abaixando ainda mais para dentro. Lo está no banco de trás, com os olhos fechados e segurando seu frasco como se fosse um ursinho de pelúcia. Sento-me ao lado dele e descanso minha mão em seus tornozelos.

Connor entra e surpreendentemente, Ryke também. Ele bate a porta e a trava. —Dirija!—Ele grita.

Gilligan apressa-se abaixo da rua suburbana, e as Tartarugas Ninja correm atrás da nossa limusine, suas figuras visíveis no brilho das luzes traseiras. Quando ganhamos mais e mais distância, eles abrandem até parar e desaparecer na escuridão.

Eu giro para trás, olhando para Connor e Ryke.

Connor diz: — Deixe-me adivinhar. Não houve briga dentro da casa.

Ryke olha Lo chiando em um sono inconsciente. —Eu menti.—ele admite, soando destacado. —Ele está bem?

— Espere.— Eu ergo minhas mãos. —O que está acontecendo? Por que você nos ajudou? —Ele estava parado à margem assistindo o desfecho do drama.

Ele poderia facilmente ter ficado lá, mas não fez um movimento, não interveio. Em vez disso, ele criou uma mentira elaborada para manter as Tartarugas Ninja dentro da casa e nos deixar em segurança. Atos aleatórios de bondade não existem no meu mundo. A única resposta que faz sentido, é que ele quer ser nosso amigo, a escolha de um valor líquido de bilhões de dólares ao longo de vinte e cinco milhões, como Connor disse.

Pela primeira vez, Ryke tira seus olhos de Lo. —Você acha que eu poderia ficar olhando Matt pegar um bêbado e uma menina?

—Muita gente poderia.— murmuro. Suas feições transformam-se em algo duro e escuro, me deixando mais reservada e cautelosa.

—Sim? Então, as pessoas sugam porra. —Ele olha para Lo que abraça seu frasco. De repente Ryke se inclina para frente e pega o frasco da mão dele. Ele desenrosca a tampa e joga fora todo o líquido.

—O que você está fazendo?— Eu digo, frenética. Eu pulo para o outro assento e tento erguer o frasco de volta. —Isso não é seu!— Eu me esforço para alcançar o álcool, para que ele não despeje todo o líquido sobre as estradas sujas.

Ryke se esforça e tira o frasco de longe de mim, mas eu direciono meu corpo contra a janela aberta, impedindo-o de terminar. Ele olha para mim como se eu tivesse de repente me transformado em um lagarto. —Qual é o seu problema?

—Isso não é seu para jogar fora!

—Sim? Entendo que ele deve ser seu namorado?

Eu olho, sem dizer uma palavra de outra forma.

Connor olha curiosamente, mas apenas observa.

Ryke balança o líquido: —Isso, causou toda a porra do drama de hoje. Então, eu estou fazendo um favor, um favor a você, e todos os outros nesta porra desse carro, um favor ao jogá-la fora. —Ele vai para a janela novamente, e eu me debruço sobre a porta, com os braços estendidos para detê-lo. Ele coloca uma

mão acima das minhas, seu corpo está tão perto que eu sinto o começo e o fim de suas costelas contra o meu peito. Oh, Deus…

Ele tenta me passar, estendendo um braço em direção à janela, mas eu bato em sua mão. O liquido âmbar salpica sobre nós. E eu luto contra ele para pegar o frasco, mas eu acabo derramando mais.

Para terminar a luta, ele prende meus braços para a almofada. —Pare — ele força.

Eu olho para a ele e digo: —Como isso pode ser diferente do que Matt fez?

Sua mandíbula endurece como pedra. —Eu estou tentando ajudar o seu namorado.— Com isso, ele facilita fora e descansa suas costas contra o banco.

Minha barriga nua está lisa por conta do álcool, e o calor sobe para o meu rosto com a lembrança de minhas ações. Eu pego o frasco vazio de Lo e sento no meu lugar, meus olhos ainda estreitam com desconfiança em Ryke. —Quem é você?

As sobrancelhas de Connor atiram para cima. —Você não o conhece?

Eu olho. —Eu deveria?

—Este é Ryke Meadows, capitão da equipe de atletismo. Michael e Matt estão nela também.

Eu inalo uma respiração tensa. —Então,— eu viro meu olhar aquecido em Ryke:—eles são seus amigos de trilha?

—Sim —diz Ryke. Ele olha para Lo de novo e deixa seu lugar para sentar-se no outro lado perto do meu namorado.

—Ele está bem!—eu quase grito. Eu sei como cuidar de Lo. Eu estive nesta situação muitas vezes para entender quando ele precisa de um hospital e quando ele precisa de água e uma cama.

Não Ryke, ele não acredita em mim. Ele coloca dois dedos no pescoço de Lo, verificando seu pulso.

Connor acena para mim. —Você sabia que ele estava bebendo toda

aquela bebida cara o tempo todo, não é?

As sobrancelhas de Ryke se mexem, como uma pintura em seus olhos, sua expressão parece ainda mais escura e mais irritada do que antes. —Você não o impediu?— Ele balança a cabeça em desaprovação.

Uma onda de culpa me assalta, e eu odeio isso. Eu o odeio por me fazer sentir isso. Eu tenho feito tudo o que posso para proteger Lo de si mesmo sem ser hipócrita. —Eu tentei.— Eu o avisei, mas eu não podia forçá-lo a parar. Não quando eu queria sexo tanto quanto ele desejava álcool.

—E ele sempre bebe tanto assim?

—Isso é besteira.—diz Connor. —Lo não tentou esconder o seu problema de mim. Eu nunca o vi sem beber.

Viro a cabeça sobre o seu julgamento e aperto minha mão no tornozelo de Lo. —Eu só preciso levá-lo para casa.

A limusine solavanca silenciosamente ao longo das ruas da cidade mal pavimentadas. Eu sinto as emoções sufocadas de Ryke, sua respiração pesada enquanto ele tenta chegar a alguma saída para a situação. Toda vez que eu pego um vislumbre dele, parece que ele poderia perfurar uma parede. Ou, mais precisamente, disputar uma corrida.

Quando a limusine chega no Drake, eu rastejo ao lado de Lo e engancho meus braços por baixo dele, erguendo o corpo pesado contra o meu.

—Lo, Acorda!—eu sussurro. Eu mal posso carregá-lo até o chuveiro. Como no inferno eu vou conseguir arrastá-lo para o elevador? Pedir ajuda passou a ser uma frase desconhecida para mim, então eu passo os próximos minutos lutando para que ele fique ereto e fugir com ele para a porta.

Connor e Ryke saem da limusine e depois minha porta se abre. Connor coloca a cabeça para fora. —Lily, saia daí. Vamos levá-lo.

—Não, Lo não iria querer isso.

Ryke abaixa a cabeça em vista. —E a maioria dos caras não gostariam de serem levados pela namorada também.— Eu tomo isso como um insulto pessoal,

mesmo que ele não tenha dito desta maneira.

—Ele não está mesmo coerente para saber o que quer. — diz Connor, como se isso resolvesse o assunto. Eu posso ver que eu não vou ganhar esse impasse.

Eu deslizo do assento e saio no frio de Philly. E Connor mergulha na limusine. —Você segura seus pés.

Ryke se posiciona fora da porta, e eles trocam indicações um para o outro até que Ryke seja capaz de segurar Lo em seus braços, carregando-o com bastante facilidade. Desejaria que Connor fosse o único a ajudá-lo. Alguma coisa sobre Ryke me coloca no limite.

No entanto, ele embala Lo. A imagem deveria ser cômica porque Lo está usando seu spandex vermelho e preto, parecendo um X-Men ferido. Mas imagino Lo acordando e vendo o Arqueiro Verde o segurando em seus braços. Ele surtaria. E não em uma espécie de fã-boy.

—Cuidado com a cabeça.— Eu instruo enquanto caminhamos pelas portas giratórias.

—Eu o estou segurando.— Ryke marcha no lobby sem suar a camisa.

Mesmo no elevador, eu assisto Lo de perto, chateada com o curso dos acontecimentos. Eu nunca permiti que alguém o transportasse ou o ajudasse. Esse trabalho foi meu por tanto tempo quanto posso me lembrar. E talvez eu tenha sido horrível para ele, mas pelo menos ele ainda está vivo, respirando. Aqui. Comigo.

Na porta, eu encontro minhas chaves e os encaminho para nosso quarto. Meus nervos saltam novamente quando eu percebo isso, é o máximo de testosterona no limiar do meu apartamento. Talvez não. Teve aquele momento em que eu trouxe dois caras pra casa.

—Você pode colocá-lo na cama.— Eu levo Ryke pelo quarto para que eles o coloquem no edredom champanhe. Ele o coloca na cama, enquanto eu desamarro as botas de Lo, ele olha a decoração, os pôsteres da Comic-Con, as

fotografias e os armários escuros. O jeito que ele olha é estranho, como se ele nunca tivesse visto o quarto de um cara antes.

—Vocês dois vivem juntos?— Ryke pega um porta-retratos da mesa.

—Ela é uma Calloway.— Connor encosta seu quadril na moldura da porta, os braços cruzados sobre o peito.

Ryke diz: — Isso não significa nada para mim.

—Meu pai criou o Fizzle.— eu explico.

—Eu sei, isso explica por que Connor se arriscou tanto por vocês dois, mas isso não quer dizer nada sobre vocês dois estarem juntos.— Ele coloca o porta-retratos de volta.

Connor levanta a mão. —Só para esclarecer, eu realmente gosto de estar com estes dois. Nunca é um momento tedioso.

Ryke dá de ombros em sua jaqueta de couro que está embebida de álcool. —Então você está em um relacionamento sério com Lo?

—O que importa para você?

Ele torce sua cara de irritação. —Você é sempre tão defensiva com pessoas que salvam sua bunda? Isso vai dar merda.—diz ele, pegando outro porta-retratos.

Connor pergunta:—A que horas você acha que Lo vai acordar? Ele me prometeu que nós iríamos para a academia amanhã.

Eu suspiro. —As promessas de Lo são a mesma coisa que prometer que os bares estarão vazios as 2 da manha.— Eu abro a gaveta da mesa e encontro três cartelas de Advil. Eu jogo o vazio no lixo e despejo quatro comprimidos da outra cartela na minha mão. Apressadamente, eu encho um copo de água do banheiro e o coloco ao lado da cama com as cápsulas.

—Você faz muito isso.— Ryke diz.

Eu desligo as luzes, não encontrando os olhos e os levo para a sala de estar. Eu envolvo meu corpo em um cobertor creme de algodão, escondendo minhas mãos que começaram a tremer. Enquanto eles escolhem o sofá, eu me

enrolo na poltrona de camurça vermelha.

Ryke se embrenha nas almofadas, inspecionando as luminárias, a lareira não utilizada e as impressões do urso polar de inspiração Warhol. É como se ele estivesse nos analisando pela decoração que temos em casa. Eu não gosto disso.

—Vocês devem ir embora. Estou um pouco cansada. —Eu digo suavemente.

Connor diz. —Ok, mas eu vou estar aqui amanhã de manhã para pegar Lo para a academia. Ele pode não manter suas promessas, mas eu cobro todas oferecidas para mim.

Ryke fica mesmo quando Connor sai pela porta. Ele continua a olhar ao redor, seus olhos voando sobre a cozinha, os bancos do bar, as estantes...

—Você está pensando em roubar alguma coisa?—Pergunto. —Nós realmente não temos muitos objetos de valor aqui. Você deveria tentar a casa dos meus pais.

O rosto de Ryke contorce. —Você é uma coisa, você sabia disso?— Seus olhos se estreitam. —Só porque eu estou olhando para a porra da sua lâmpada, não significa que eu quero roubá-la.

—Se você não está tirando fotos mentais para voltar mais tarde, então o que diabos você está fazendo?

Ele inclina a cabeça para o lado e olha para mim como se eu realmente fosse uma idiota. —Eu estou tentando obter um senso de quem você é.— Ele aponta para a lareira, onde um vaso de cristal descansa, um aquecimento para a casa, presente de Poppy. —Rich.— Ele acena para as garrafas de licor desarrumadas no balcão da cozinha. —Alcoólatra. — Como ele pode tirar essa conclusão a partir de algumas garrafas?

Meu nariz franze. —Saia.

Seus olhos continuam estreitos. —Dói ouvir a verdade? Alguém já disse a você antes?

Eu raramente me sinto assim,mas meu peito sobe com algo estranho e

furioso. —Você não pode olhar para as coisas e tentar saber como somos!

—Sério? Parece que atingi seu ponto fraco. E eu tenho certeza que é porque eu estou certo.

—Qual é o seu problema?— Eu cuspo. —Nós não pedimos sua ajuda. Se eu soubesse que você seria tão...

Eu rosno, não sou capaz de formar palavras completas neste momento.

—Um gorila?— Ele zomba —Um macaco? Um macaco? —Ele dá um passo mais perto de mim. Eu poderia socá-lo. Eu nunca senti tanta hostilidade com alguém antes.

—Me deixe em paz!— Eu grito, quase me lamentando. Eu também odeio o tom da minha voz.

—Não —ele diz com firmeza.

Eu cerro os dentes, reprimindo o desejo de chutar ele. —Por quê?

—Porque você sabe que Lo está em sérios apuros, eu não acho que você vá fazer alguma coisa sobre isso. Isso é o que me irrita, porra. —Ele me olha por cima. —Então aprenda a lidar com isso!— Ele se move para trás para a porta. Há uma enorme parte de mim que concorda com Ryke. Eu não sei como ajudar Lo sem me machucar. E eu sou muito egoísta para encontrar uma solução para seus problemas.

—Eu não quero nunca mais te ver novamente. —eu digo, honesta e verdadeira.

—Bem, isso é uma merda para você.—Ryke me diz, girando a fechadura. —Vai ser muito foda se livrar de mim.— Com isso ele sai. E eu quero gritar. Ele está preocupado com o bem-estar de Lo e está disposto a nos ver uma segunda vez?

A porta se fecha, e eu tento não pensar sobre ele. Talvez ele tenha dito ameaças vazias para forçar a culpa em mim. Ninguém iria se envolver nos problemas de outra pessoa, ainda mais como este problema.

Então, novamente, ele terminou uma luta que não era dele para terminar.

Claramente, ele é o tipo de cara que mete o nariz onde não é chamado.



Capítulo Vinte e Três

Quando Ryke continua a afligir minha mente, eu perco o resto da noite na pornografia e nos brinquedos me afogando em suor e elevações naturais. Devíamos ter ficado em casa para passar o aniversário de Lo como ele queria. Eu gostaria que tivéssemos, e eu não vou cometer o mesmo erro no próximo ano.

Toda vez que eu abraço meus lençóis, disposta ao sono, as lágrimas saem descontroladamente. Estou em um relacionamento real que era para corrigir as diferenças em nossas vidas. Ele deveria tornar os nossos problemas mais fáceis. Nós já não temos que fingir. Nós podemos ser nós mesmos. Nós estamos livres de uma mentira. Não é esta a parte onde o nosso amor supera nossos vícios? Onde os nossos problemas magicamente se resolvem com um beijo e uma promessa?

Em vez disso tudo escorreu pela sarjeta. Lo bebendo. Eu entrando em parafuso. E nossos vícios sobrepõem muitas vezes, tornando-se mais destrutivo do que saudável.

Ninguém me disse que você pode amar alguém e ainda ser miserável. Como isso é possível? E no entanto, o pensamento de estar longe de Loren Hale

desmorona meus pulmões. Nós somos amigos, aliados, por tanto tempo que eu não sei quem eu sou sem ele. Nossas vidas se cruzam em cada junção possível, e uma separação parece, um corte irreparável e fatal.

Mas algo está muito errado.

Meu pulso dói pelo final da manhã, mas eu ainda assisto outro DVD. A campainha toca e eu pulo do meu colchão. Eu não estou com humor para entreter Connor. Além disso, eu pulo em cima dele. Meu corpo fica irritado, me fazendo precisar desesperadamente de Lo. Mas suas ações na noite passada merecem pouca recompensa. Mesmo retenção me dói mais do que ele, ele não estará recebendo qualquer momento em breve.

A campainha toca de novo. Ótimo. Lo ainda está desmaiado.

Eu rastejo sob os lençóis, jogo uma camiseta e calças de corrida antes de atender o interfone:—Olá?

—Senhorita Calloway, o Senhor Cobalt está aqui.

—Mande-o subir.

Eu faço café, esperando que a cafeína faça com que Connor me olhe como um hobbit feio que seja muito medonho de agarrar. Embora, eu ache Frodo bonito.

—Isso foi a campainha?

Eu quase derrubo o creme.

Lo esfrega os olhos enquanto anda cansado até os armários, lutando para pegar o mix para fazer seu Bloody Mary. Seu cabelo está molhado do chuveiro, e ele só usa um par de calças que se penduram muito bem em seus quadris.

Meu corpo aperta, e eu me afasto assim que seus olhos encontram os meus.

—Hey.— Ele coloca a mão sobre a nudez do meu pescoço, escovando meu cabelo para trás.

—Pare.— Eu engasgo. Eu alongo a distância entre nós, vendo o familiar remorso em suas feições. Ele me olha de cima a baixo, a partir de minhas pernas

suadas para minhas roupas, furando meu corpo, meu cabelo está emaranhado e úmido. É preciso olhar como se eu estivesse fazendo sexo.

Ele coloca a mão sobre o balcão para manter seu corpo na posição vertical, como se o vento desse os golpes nele. —Líly.

Um punho bate na porta. —Loren Hale!— Connor chama. —É melhor você acordar. Você me prometeu ir treinar. Eu quero treinar.

Lo relutantemente sai do meu lado e abre a porta. —Você chegou na hora. —diz ele sem rodeios, indo de volta para a cozinha.

—Sempre chego.— Ele observa Lo pegar uma garrafa de vodka do congelador. —Você sabe, é quase meio-dia. As células do cérebro geralmente não respondem bem ao álcool tão cedo. Gatorade é a melhor opção.

—Ele está fazendo um bloody mary para a sua ressaca.— Minha defesa saiu antes que eu pudesse detê-la.

—O que ela disse: — Lo acrescenta, não me fazendo sentir melhor encobrindo o seu problema. Não pense sobre isso. Ele abre um V8 e começa a fixação da bebida. Connor diz algo sobre eletrólitos.

Eu olho fora e imagino mãos me pressionando no balcão, me enjaulando. O rosto de um cara sem nome, tocando seus lábios quentes no meu pescoço, sugando. Dedos deslizando debaixo da minha camiseta, e, em seguida, chegando perto, formigando..

—Lily, tudo bem com o nosso plano?— Lo pergunta, a preocupação vincando sua testa.

Eu pisco. —Hum?— Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço, tentando me refrescar, mas meus pensamentos me incendeiam.

Lo bebe um Gatorade azul. O que aconteceu com seu Bloody Mary? Será que Connor realmente o convenceu a mudar? Ele o coloca no balcão e vem a mim, observando minhas mãos trêmulas. —Você está bem?— Ele estende a mão para tocar meu rosto, mas eu viro minha cabeça e o empurro. Todo o seu corpo fica tenso com a rejeição.

—Tudo bem. — eu digo. —Estou indo tomar um banho.

—Você vem para o ginásio com a gente?— Ele parece preocupado.

—Eu não estava planejando isso.— Cada passo de Lo faz pulsar meu corpo. Minha força de vontade começa a morrer. Eu preciso dele. Eu quero ele. Estou a segundos de ruir e levá-lo comigo.

Rapidamente, ele segura meu rosto com as duas mãos, e se inclina para o meu ouvido. —Por favor, venha. — Sua voz rouca me envia para lugares ruins. —Eu vou fazer isso para você lá.— Ele sussurra exatamente o que ele quer fazer comigo no ginásio. Eu não posso dizer não a isto. Eu mal consigo dizer não para nada. Ele está comprando seu perdão pela minha fraqueza. É como me enroscar, enviando-lhe uma cesta cheia de uísque caro.

Concordo com a cabeça e murmuro algo sobre um banho primeiro. Meus pés me levar para o meu banheiro, e eu lavo meu cabelo e o suor.

Lo bate na porta. —Você precisa de mim?

Eu o sinto persistente na porta. Ele não vai pedir desculpas por ontem à noite, mesmo que ele deva saber que fodeu com tudo. Eu espero que ele me pergunte se eu dormi com outro cara, mas ele nunca faz. E então eu ouço seus passos. Após o banho, eu visto um par de calças de nylon e uma camisa folgada.

Quando chegamos ao ginásio, Connor escolhe gastar seu tempo nas máquinas inferiores do corpo ao lado de uma série de televisores de tela plana. Ele empurra pesos para baixo com os pés, usando seus músculos da coxa para fazer força.

Do outro lado da sala aberta, eu me afundo no chão ao lado da máquina pec deck. Lo prende duas alças anexadas aos pesos e os leva até seu peito e voltam.

Eu estou meio que tentando evitar o toque de Lo. No carro, passei todo o tempo debruçada na porta, para fazer um ponto, e os borrões na estrada praticamente vibravam os lugares, me matando. —Podemos fazer isso agora?— Eu pergunto, revirando os meias altas, que sobem desajeitadamente acima dos

meus tornozelos.

—Não é a antecipação uma parte da diversão?

—Às vezes. — Eu puxo meus joelhos no meu peito e pego Connor parando seu treino para discutir com outro cara sobre o controle remoto da televisão. —Devemos abandona-lo.— É a solução mais fácil para os nossos problemas. Ele é o intruso, o cara forçando-nos a enfrentar nossos problemas, para que olhemos realmente pelo que são. Eu não quero pensar em nada disso. Eu também culpo Ryke por plantar sementes cheias de culpa na minha cabeça.

—Ele está bem. —diz Lo, trazendo as alças para seu peito novamente. Ele deixa escapar um longo suspiro e se lança novamente.

—Ele provavelmente é o maior idiota que eu já conheci, mas ele não é perfeito, mesmo se ele pensa que é.

—E ele é assexuado.

—Isso também.

Eu pego um par de halteres, evitando olhar duas meninas em mestres da escada. Eu acho que acompanhar o seu namorado para malhar e vê-lo trabalhar é considerado insatisfatório. Então eu trituro os meus braços, porque são os mais fracos dos meus membros. Minutos passam e eu os deixo cair de minhas mãos.

Tomo outro assento. —Algum dia vamos falar sobre ontem à noite?

Ele faz caretas enquanto traz o peso para o seu peito mais uma vez. Em seguida, ele leva seus dedos fora das alças e enxuga a testa com uma toalha. Eu vejo as rodas girando em sua cabeça. —O que há para dizer?

—Você bebeu o licor daquele cara.

Lo revira os olhos dramaticamente e sobe a partir do banco para adicionar mais peso. —Eu já fiz isso antes. O que agora faz ser tão diferente, Lil?

—Você não está mais na escola.—eu digo. —E... e você está comigo.

Os pesos tilintam juntos e ele se senta novamente. —Você quer que eu pare de beber?—Ele pergunta a sério. Eu quero. Por que eu iria querer que ele continue sua descida em direção a algo horrível? Ele pode morrer com isso. Ele pode dormir e nunca mais acordar. Antes de reunir a coragem de dizer as

palavras, ele acrescenta:—Você quer parar de fazer sexo? —Olha. —diz ele, percebendo que eu não posso responder. —Eu bebi muito. Você se masturbou durante toda a noite. Quer dizer, eu suponho que você não me traiu. —Ele espera por mim para eu responder, eu balanço minha cabeça, dizendo-lhe que não. Ele balança a cabeça e olha um pouco aliviado. —Foi uma noite ruim. Nós tivemos muitas dessas. Ok? —Ele volta para as alças.

Eu fico olhando atordoada para o chão. —Às vezes eu acho que somos melhor sendo um casal falso.

Ele enrijece. —Por que você acredita nisso? Sou ruim no sexo?

—Não ... Eu só acho que é mais fácil.— Devemos voltar para o modo como as coisas eram. Nós não brigávamos tanto. Na maior parte do tempo conseguíamos separa nossos vícios, e agora eles se entrelaçam muito para fazermos malabarismos.

—Ninguém disse que estar em um relacionamento é fácil.— Ele volta para as alças.

Eu gostaria de ter o fogo em meu coração, para levantar-me e caminhar até ele, colocar minhas mãos em seu peito e enrolar uma perna ao redor de sua cintura, em cima dele no banco. Sua respiração fica aquém e ele pergunta: —Lily?— Mas ele não me impede. Ele me deixa inclinar, afundando meus quadris nos dele. Eu beijo a base de seu pescoço enquanto sua contenção diminui, e ele geme. Ele se anima debaixo de mim e com a voz rouca me diz para encontrá-lo no vestiário.

Uma toalha úmida bate no meu rosto, e eu sacudo de volta para a vida. Lo levanta os olhos em tom acusador. —Sonhando comigo?

Meus braços coram. —Talvez.— Espero só ser transparente com ele.

—Você deveria dizer sim.— Seus olhos brilham com diversão.

—Sim.—eu digo com um sorriso. —Podemos fazer isso agora?

Ele move as pernas para fora do banco e pega seu Gatorade. Excitação incha dentro do meu corpo e imediatamente apaga quando ele fica sentado. —

Vai ser melhor esperarmos Lil.

Eu franzo a testa. —Você... você está com medo de fazer em público? Nós não seremos pego. Vou me certificar de que...

—Eu não estou com medo. —ele me assegura. Só para provar seu ponto, ele amassa a mão no meu cabelo e, em seguida, me beija de forma agressiva, cheia de entusiasmo e promessa de algo mais. Sua língua desliza em minha boca, e um pequeno ruído me escapa.

Ele se afasta com um sorriso satisfeito. — Logo.— Sim.

Ele caminha para as máquinas inferiores do corpo perto de Connor, mas pára quando percebe que estou permanentemente congelada no chão. Seu beijo me transformou em pedra.

—Você vem?— Logo, aparentemente.

—Eu não deveria deixá-lo ter um tempo de menino?— Eu sou a intrusa, a namorada necessitada que fica no pé. É difícil saber o protocolo apropriado para momentos como este desde que nós estivemos sempre, unicamente como amigo um do outro.

Lo considera isso por cerca de dois segundos antes de fazer uma careta. —Foda-se. Vamos lá. —Ele faz um gesto para mim com dois dedos. Eu não acho que ele está sendo abertamente sexual, mas meu bom Deus, ele não pode fazer isso comigo agora.

Eu olho para cima, quando ele olha ao redor, e vislumbro o fragmento de um sorriso.

Lo leva uma máquina ao lado de Connor, e eu pego um tapete de yoga e o espalho no chão, perto deles, mas longe o suficiente para que eu não esteja sufocando Lo.

Eu não sou uma idiota completa. Eu observo a maneira como ele está evitando fazer sexo comigo, e uma parte de mim se pergunta se é para aumentar a tensão ou para me limitar, para tentar ver se eu posso ter menos sexo durante todo o dia, para me ajudar a lutar contra o meu vício.

Eu não tenho idéia do que, mas eu acho que seja a segunda opção.

Os caras no ginásio estão paralisados por um jogo de futebol nas telas planas. Eu vagamente presto atenção a ela, mas afundo em tédio. Meu olhar deriva para um homem de pele dourada em uma máquina de quarenta e cinco graus. Ele possui um bar acima de sua cabeça e traz seus pés acima em uma posição, estou em crise.

Eu finjo não perceber a esteira de ioga, olhando para o teto e fecho os olhos. Ele descansa uma mão ao lado de minha cabeça, pairando.

Seu peso corporal suspende acima de mim. Ele tira minhas calças com a minha calcinha e se ajoelha entre minhas pernas. Suas mãos rastejam em direção a minha coxa e ele as pousa no lugar entre...

Meus olhos se abrem com os tremores no meu corpo. Oh meu Deus.

—Siiiiiiim!— Os gritos e gritos deixam meu rosto em chamas, mas os gritos foram porque um dos times do jogo de futebol marcou outro gol.

O olhar de Connor está petrificado no Bloomberg Television, um canal de negócios. Pelo menos ele não me viu delirando como uma aberração. Mas Lo tem os olhos postos no meu corpo. Há quanto tempo ele esta me encarando? Será que ele sabe que eu não estou sonhando com ele mais?

Eu salto para os meus pés, incapaz de esperar mais. Ele terá que me seguir para o vestiário ou eu vou encontrar uma maneira de me apaziguar sem fazer merda.

—Eu já volto.—diz Lo para Connor. Ele vem depois de mim.

Relaxo. Talvez isso não seja fácil, mas nós vamos ter que fazer o trabalho.



Capítulo Vinte e Quatro

É desumano exigir um crédito de ciência geral para todos os majores. Em dois anos eu vou esquecer tudo o que eu aprendi de qualquer maneira, e meus planos não envolvem entrar no negócio em alguma empresa farmacêutica. Quando eu vou precisar saber sobre a mitose? E se eu tiver que ler mais um estudo de caso sobre Drosophila, a palavra chique para moscas de frutas, eu poderei considerar seriamente a mudança dos Fungos,de inimigos para amigos.

E meu cérebro mal consegue manter os nomes dos meus vizinhos. Agora eu estou presa em um outro anel do inferno: Biologia 1,103 para não-Bio Majors, significando que é cientificamente contestado. Não faz a aula mais fácil; ele apenas permite que mais estudantes compartilhem de sua miséria.

Biblioteca, luzes maçantes com o tempo correndo, puxando minhas pálpebras para baixo e para baixo e para baixo. Eu bocejo, sobre empregar a técnica de estudo de Connor ou comprar um Red Bull. Talvez eu devesse fazer fichas.

Até agora eu só me distraí uma vez, e não foi mesmo por fantasiar com um cara bonito de óculos a duas mesas de distância. Um estudante esmurrou a máquina de Fizzle até a morte quando ela se recusou a entregar sua Fizz Cherry. Ele desistiu, depois de perceber que a grande caixa de plástico é indestrutível, pelo menos contra um par de mãos

Lo me mandou uma mensagem duas vezes. A primeira para perguntar se eu vou estar em casa para levá-lo para a loja de bebidas. A segunda para me dizer para pegar preservativos. Eu quase engasguei com meu Fizz Diet com esse comentário, não acreditando que estaríamos tão íntimos e confortáveis sobre isso.

No final da minha mesa longa, uma menina com uma camiseta da Marinha de Penn inclina-se sussurrando para sua amiga.

—Você saiu com ele?—Ela sussurra. —Por isso que ele está andando dessa maneira. Oh meu Deus.

A pequena loira muscular, com um capuz de ginástica em seu pescoço, tentando olhar às oito estantes em pé.

—Não seja tão óbvia, Katie.— a menina hiperventila.

Quem diabos poderia ser bem parecido o suficiente para incitar tais diálogos? Agora estou curiosa. Eu mordo o fim do meu lápis e olho ao redor, não vejo de quem elas falam. Droga. Sutilmente, elevo a minha bunda da cadeira de madeira desconfortável e ângulo meu corpo para espreitar em torno da estante. A menos que esse cara seja um fantasma, ele adquiriu minha superpotência favorita e literalmente desapareceu de ar.

—Quem é que você esta procurando?

Eu salto, minhas costas batem nas chapas de madeira com uma conversão. Uh ... Eu me inclino para trás e olho para cima enquanto ele se eleva acima de mim. Elas não podem estar falando sobre ele.

Ryke, o Arqueiro Verde, tem uma mão na minha mesa, um olhar presunçoso tatuado em seu rosto. Ele deve saber que eu estava tentando espioná-lo, mas isso foi antes de saber que o misterioso cara quente era o mesmo que levou meu namorado para o meu apartamento.

As meninas atléticas pressionam seus narizes para os seus notebooks, dando olhares bastante óbvios para ele. Ele segue o meu olhar e preenche a lacuna entre nossas cadeiras, mas ele vira as costas para elas. Elas me atiram o

pior olhar que se possa imaginar.

—Eu acho que suas amigas querem falar com você.— eu digo a ele, olhando para o meu livro.

Para me acalmar, ele realmente as cumprimenta. —Katie, Heather.

Katie age surpresa. —Oh. Hey, Ryke! Eu não percebi você ai.

—Vocês têm prática hoje?

—Sim, condicionamento físico. Você vai pro ginásio?

Ah, sim, eles se conhecem através do atletismo; Tudo faz sentido agora. Desde que eu não necessariamente pertenço a nenhum grupo em Penn, especialmente um que envolve bolas quicando ou caindo no ar, a fascinação em Ryke é bastante desconhecida pra mim. Talvez ele as deslumbre quando estica os quadríceps.

Eu olho para seus músculos da panturrilha, infelizmente escondido debaixo do jeans. Eu não vou trair Loren Hale, especialmente não com ele. Eu realmente preciso parar de pensar em outros caras. Não é como se Lo não fosse o suficiente. Ele é, até agora, mas quando não há outra pessoa persistente, minha mente começa a vagar a lugares pecaminosos.

—Eu estarei correndo fora hoje.

—Isso é ruim. Bem, se você quiser trabalhar com a gente, você sabe onde estaremos.

Ele balança a cabeça e, em seguida, muda de volta para mim. Não vá embora. Ele contorna para o outro lado da mesa, e por alguma razão, eu acho que ele pode obedecer minha ordem mental. Em vez disso, ele puxa uma cadeira e senta-se. Ele se inclina, definindo os cotovelos sobre a madeira.

E eu levanto o meu livro para bloquear sua visão.

Segundos passam e ele coloca sua mão sobre a mesa, as costelas batendo nela. —Eu preciso falar com você.

—E eu não quero falar com você.— Eu vou para levantar o livro novamente como um cego, mas ele o desliza para o seu corpo, tomando meu

livro de refém.

—Eu tenho que estudar.—eu digo naquele tom estridente.

—Você sempre lamenta?

Eu o olho. —Você sempre insulta as pessoas quando você quer alguma coisa?— Eu gostaria que Lo estivesse aqui. Ele seria capaz de espantar esse cara sem nenhum problema. Por que as minhas palavras não têm o mesmo efeito?

—Só você.—ele brinca, folheando meu livro e o fechando. —Biologia? Você é uma caloura ou algo assim?

Eu coro. —Eu adiei alguns de meus créditos do núcleo.— Eu estendo a mão para pegar meu livro, mas ele o empurra para longe de mim novamente.

—Eu vou te dar isso de volta depois que você me ouvir.

—É sobre o álcool?

—Não.

—É sobre Lo?

—Não inteiramente.

—Você vai ser mau?

Ele se inclina para trás, sua cadeira range e solta uma risada curta. —Eu não sei. Eu poderia ser, dependendo da direção da conversa. Tá bom assim?

Bom o bastante. —Tudo bem.— Eu movimento para ele continuar e, em seguida, cruzo os braços sobre o peito.

Ele pega o movimento altivo e consegue abafar um comentário espertinho, cortando ao ponto.

— Quando eu estava no seu apartamento, eu vi seus cartazes da Comic-Con. Eu sou um escritor freelance para o Philadelphia Chronicle e eles estão me pagando para ir a convenção. A coisa é, eu não tenho nenhuma ideia do que esperar ou o que isso implica, ou mesmo o que fazer.

Eu já sei o que ele vai dizer:—E você pensou que talvez nós saberíamos? — Eu não esperava que ele me perguntasse isso.

—Eu estava pensando que eu poderia falar com Lo sobre isso.

Minhas sobrancelhas atiram para cima. —Você quer falar com o meu

namorado? Sobre Comic-Con? —Isso é muito estranho. —Isso é realmente sobre quadrinhos, Ryke?

—Você acha que eu estou mentindo?

—Sobre isso, sim.

Ele revira os olhos. —Olha, eu sou um grande jornalista. Eu prefiro falar com uma fonte primária sobre Comic-Con de citação do que Wikipedia e os blogs.

—Eu pensei que você diria que precisava de ajuda para aprender o que Comic-Con implica, não um orçamento.— Ha! Eu peguei ele na sua mentira.

Ryke nem sequer pestanejou. —Isso também.— Ele esfrega os lábios em pensamento. —Olha, talvez eu possa, pelo menos, emprestar algumas de suas histórias em quadrinhos e ele pode me dar alguns destaques de personagens e conflitos.

Encaro-o, ainda cética. —Você disse que isto não era sobre o problema de Lo, certo?

—Você quer dizer a sua dependência do álcool.

Eu o olho furiosa. Ele o está obrigando. Eu me levanto para sair. Parafuso a bio-livro, ele pode tê-lo. Ryke estende rapidamente as mãos para me parar.

—Sinto muito. Eu posso ser insensível às vezes.

Eu fico no meu lugar, esperando.

—Isto não é sobre o álcool.

—Você tem uma queda por ele ou algo assim?

Ryke empurra para trás em surpresa e se encolhe. —O quê? Por que diabos você acha isso?

—Eu não sei.—eu finjo confusão. —Você continua perguntando sobre seus quadrinhos. Seu conselho sobre Comic-Con. Você percebe, eu tenho quadrinhos também e eu fui a Comic-Con com ele.

Ele geme. —Por que você tem que fazer isso tão difícil? Eu estou

pedindo ajuda. De você, de Lo, de quem souber a diferença entre o que você estava vestindo na festa Wolverine.

—Há um monte de outras pessoas que podem ajudá-lo.— Eu continuo a desconfiar de Ryke. Literalmente, suas respostas irritam cada nervo do meu corpo. É impossível ser atraída por alguém que encolhe minhas entranhas.

—Eu não quero sua ajuda. Eu quero que você vá comigo.

Antes de eu entender o que ele disse, meu telefone vibra sobre a mesa. Ryke olha para o nome na caixa de texto.

—Lo.—diz ele. —Talvez você possa perguntar a ele se está tudo bem.

—Ele vai dizer não.—eu atiro de volta.

—Você não sabe disso.

—Você não conhece Lo.— Eu respondo e abro o texto.

—Você está ficando vermelha.

—Está quente aqui.—murmuro e limpo minha garganta. —Eu não sei mais o que dizer.

—Diga 'sim, Ryke, eu vou ajudá-lo neste problema até porque você impediu Matt de bater no meu namorado.

Meus olhos se estreitam. —Há quanto tempo você continuará segurando a minha cabeça?

—Para sempre.

Eu suspiro pesadamente, percebendo que isso não vai acabar como eu quero. —Lo pode gritar com você. Ele pode xingar você de nomes rudes até você sair.

Ryke solta outra risada curta. —Sim, eu acho que posso lidar com ele.— Ele inclina a cabeça. —Você acha que ele pode lidar comigo?

—Você percebe que isso soa sexual?— Eu digo, meus olhos arregalados de arrependimento. Por que eu acabei de dizer isso?!

—Ou talvez você tenha uma mente pervertida.

Eu não posso discutir com isso, mas eu oficialmente estou assando em

um novo tom de vermelho. Para ignorar o meu embaraço, eu volto para o assunto em questão. —Você não está autorizado a mencionar o álcool. Se fizer isso, você vai embora.

Ele balança a cabeça. —Justo.—

Talvez Lo encontre uma maneira de dissuadir Ryke. Se tem alguém que pode habilmente chutar qualquer um para fora do nosso apartamento, é ele.

Eu percorro o calendário no meu telefone. —Que dia você estava pensando?

Ele se levanta e guarda o meu livro de biologia em sua mochila. —Agora.

Eu escancaro a boca:—Eu estou estudando, Ryke.

—Realmente. Era isso que você estava fazendo? —Ele esfrega o queixo. —Eu podia jurar que você estava observando as pessoas e comendo o final do seu lápis.

Eu olho. —Você estava me espionando?

Ele joga sua mochila sobre o ombro. —Eu estava observando você. Não fique tão irritada com isso. Eu só precisava ter certeza de que você estava em um clima bom o suficiente para ouvir o meu pedido. —Ele acena para a saída. —Vamos?

Levanto-me num acesso de raiva, reunindo meus cadernos e empurrando-os em minha mochila. —Eu não entendo por que nós temos que fazer isso agora.

Ele sai de sua cadeira. —Porque Lily Calloway, você parece o tipo de garota que nunca retornará minhas ligações.— Ele faz um gesto com os dedos para eu o seguir, como se eu fosse um cão de estimação. —Vamos lá.

Eu inalo uma respiração tensa, em silêncio, lançando dardos no rosto de Ryke Meadows '. Sua arrogância e auto-confiança me irritam. Na verdade, eu prefiro não ser pressionada por ele em tudo. Pelo menos Lo vai saber o que fazer com ele. Isso, eu tenho certeza.



Capítulo Vinte e Cinco

Combinamos de nos encontrar no saguão do Drake porque fomo em carros separados. Quando eu entro, eu não fico surpresa de vê-lo me esperando nos elevadores dourados. Meu livro de bio descansa debaixo do seu braço, e pela primeira vez eu me permito dar uma boa olhada em Ryke. Sem o seu traje do Green Arrow, ele parecia um pouco mais velho, especialmente com uma mandíbula coberta e a pele bronzeada. Debaixo de sua camisa branca, eu tenho certeza de que ele é muito tonificado e tem músculos muito magros. Ele tem um rosto que poderia forçar as meninas a seus pés, mas o mesmo acontece com Lo.

Eu não posso imaginar os dois... Ice vs. Stone. Nitidez versus Dureza. Frio versus Quente.

Eles são diferentes, mas de alguma forma, eles ainda são iguais.

Ryke pressiona o botão quando ele me vê chegando. —Você parece como se estivesse indo vomitar.

—Eu não vou—murmuro uma resposta estúpida, grata que as portas do elevador se abrem e cortam o constrangimento. Eu deslizo para dentro e bato no piso superior. Quando elas fecham, Ryke gira ao redor e enfrenta-me, posicionando-se na em frente das portas, como se esperasse que eu

não saísse quando elas se abrirem novamente.

—Eu menti.—ele começa.

Meu queixo cai.—O que ...— Esta foi uma má idéia.

—Eu não vou de verdade para Comic-Con.

—Eu sabia!— Eu deveria ter escutado meu instinto. —Saia.

Ele inclina a cabeça com um olhar severo e assassino em minha direção. —Nós estamos em uma porra de um elevador. Na verdade ... —Ele aperta a paragem de emergência, e ele pula a um impasse. Oh meu Deus. Ele vai me matar! Eu salto para apertar os botões para reiniciar o elevador, mas ele protege a minha passagem estendendo os braços e em seguida, me empurra levemente para trás.

—Deixe-me sair!

—Eu preciso que você me ouça.—Ryke começa. —Eu sou um grande jornalista. Eu escrevo para The Philadelphia Chronicle. Mas eu não tenho nenhuma intenção de ir para a Comic-Con.

—Então por que...

—Porque eu quero ajudar o seu namorado, e eu precisei de você para pelo menos me trazer até aqui para que eu pudesse explicar o resto.

Minhas barreiras defensivas começam a subir dez vezes. —Nós não precisamos de sua ajuda! Eu posso cuidar dele. —Eu aponto para o meu peito. —Eu cuidei dele toda a minha vida.

—Sério?— Os olhos de Ryke estreitam acaloradamente. —Quantas vezes você já o viu passar por aquilo? Dar-lhe algumas aspirinas não o está ajudando, Lily. Ele tem a porra de um problema.

Minhas bochechas queimam, e eu absorvo suas palavras com muito cuidado. Dói ver Lo beber tão excessivamente. Dói vê-lo depender de uma bebida depois da próxima, e eu temo constantemente o dia em que tudo isso se tornar muito.

Mas eu sempre enterrei essas preocupações com prazeres carnais, é uma

elevação natural. Minha voz suaviza. —Por que você quer consertá-lo?

Ryke olha para mim com mais empatia do que eu pensei que ele seria capaz. —Meu pai é um alcoólatra, e eu não quero que Lo fique como ele. Eu não desejo isso para ninguém.

Faço uma pergunta que me assola a algum tempo. —Como você pode saber que Lo é um alcoólatra? Você não o conhece. Você o viu uma vez em seu vigésimo primeiro aniversário, e ele estava desmaiado mais do que ele estava acordado.

Ryke dá de ombros. —Eu posso apenas dizer, especialmente com a maneira que você se tornou possessiva com seu frasco. Ele ficaria realmente chateado se alguém desperdiçasse seu álcool caro, não é?

Ele ficaria. Eu mordo minhas unhas. —Eu não sei o que você quer que eu faça.

Ryke da um passo a frente. —Deixe-me tentar ajudá-lo.

Eu balanço minha cabeça. —Lo não vai deixar você fazer isso.

—Eu já imaginava, e é por isso que eu comecei a ficar por perto, para conhecê-lo.

As peças começam a se encaixar. —Comic-Con. Você quer manter a mentira para ficar perto dele, de modo que você possa tentar influenciá-lo. Você quer que eu minta? —Eu não tenho certeza se isso vai funcionar. Nós já permitimos Connor na nossa vida, outra pessoa pode perturbar um equilíbrio já fora de ordem.

—Sim—diz Ryke. —Eu quero que você minta para o seu namorado para que ele tenha uma chance de ficar melhor. Você acha que pode fazer isso, Lily? Ou você vai ser uma foda de uma egoísta e deixá-lo continuar neste caminho destrutivo? Um dia, ele pode nunca mais acordar. Um dia, seu corpo pode se desligar. E você vai pensar neste momento e se perguntar por que você não concordou com esta proposta, por que você não tentou algo a mais para ajudar o seu namorado.

Eu tropeço para trás, como se tivesse tomado um soco no estômago. —Eu não quero que ele morra.—sussurro.

—Então, você vai fazer algo sobre isso.

Concordo com a cabeça, mas eu ainda não processei o que isso significa a longo prazo, sobre eu mentir para Lo. Posso fazer isso? Minhas sobrancelhas amassam meu pensamento. Eu acho que eu posso. Lo tem mais a perder se eu não tentar. Sobrevivendo a outro fiasco como o Halloween me parece cada vez menos provável, e eu me esforço para ajudá-lo por causa do nosso relacionamento e meu vício. Nenhum segundo partido já ofereceu ajuda antes. E se fosse dado a ele a mesma chance para me ajudar, ele faria? Eu sei que ele faria.

Eu olho para Ryke. —Eu ainda não gosto de você.

—Eu não gosto muito de você também.—ele admite e me entrega o meu livro de bio.

—O que eu fiz para você?— Eu franzo a testa. Por que ele não gosta de mim?

Ele aperta o botão e o elevador geme subindo.—Você está muito magra. Você lamenta muito. E você é conivente com um alcoólatra.

Eu franzo os lábios. —Eu já estou lamentando isso.— Mas eu vou sofrer com os comentários medianos de Ryke se não der a Lo uma chance de obter o melhor.

—Eu avisei que eu não sou fácil de se livrar.

Eu pensei que ele estava exagerando. As portas do elevador deslizam abertas, e eu o levo para o meu apartamento, embora ele saiba o caminho. O pensamento é tão inquietante como a situação que se aproxima. A última vez em que ele esteve aqui, Lo estava inconsciente para o mundo. Momentos atrás, eu esperava que Lo encontrasse uma maneira de expulsá-lo, agora eu tenho que defender Ryke, que provou ser uma força irritante na minha vida.

Eu destranco a porta e atiro minhas chaves com um barulho estridentes na

cesta.

Lo me chama do quarto. —Lil, vamos assistir duro golpe, e eu vou te foder melhor do que ...— Ele sai para ler a etiqueta na parte de trás do DVD enquanto meus olhos se irritam, não querendo olhar para Ryke ao meu lado. —... É um grupo de bandidos furados. Huh…

—Lo!— Eu grito.

—Eu não gosto de nenhum desses.— ele diz. Eu ouço o som de caixas de DVD's se batendo.

Ryke limpa a garganta ao meu lado, e eu olho para ele por um milésimo de segundo, avistando as sobrancelhas levantadas para mim. Isso pode ser mais complicado?

—Ou você prefere que eu chupe cada parte de você, amor?

Oh meu Deus.

Se Ryke está desconfortável, ele não deixa transparecer. Entre nós dois, eu sou a única encolhendo. Depois de apenas um segundo, Lo sai do quarto. Ele não usa nada além de um par de jeans com sua cueca aparecendo pela bainha. Em um dia normal, eu correria para seus braços, para curva de seus músculos abdominais que parecem levar em direção a algo muito melhor e muito mais pecaminoso. Eu teria um lampejo daqueles olhos me provocando por uns por trinta minutos. Então ele me levantaria em seus braços e me levaria para o sua cama. Ele usaria cada movimento, cada olhar, cada coisa para excitar o meu corpo e eletrificar os meus nervos.

Em vez disso, ele congela no espaço entre o corredor e a cozinha. Seu rosto aguçado, e seus músculos cortados em linhas rígidas.

Abro a boca para introduzir Ryke, mas Lo me ignora e define um olhar gelado sobre ele. —Quem diabos é você?

Ryke toma as palavras com facilidade. —lanterna Verde.

O rosto de Lo contorce em confusão.

Ele não se lembra do que aconteceu. Eu passo a frente e chego a seu lado.

—Ele é da festa do Dia das Bruxas.— eu digo. —Ele ajudou a parar a briga.— E ele te trouxe para casa.

Lo acena com a cabeça. —Obrigada então.— Ele se desloca para mim, mantendo as costas para Ryke. Sua voz diminui de modo que Ryke não possa nos ouvir. —Estamos em uma agenda, Lil. Você não deveria tê-lo trazido para o apartamento.

Eu franzo a testa. —Você não vai me perguntar por que ele está aqui?

Seus olhos piscam hesitantes para Ryke. —Agora.—ele sussurra:—Estou mais preocupado com a sua satisfação.

—Eu estou bem.—digo a ele. —Esta manhã foi boa o suficiente.

—Você tem certeza?— Suas sobrancelhas levantam.—Eu só entrei dentro de você duas vezes.

Eu engulo em seco, meus pontos sensíveis latejam. Bem, agora eu não tenho tanta certeza. Mas eu tenho que tentar esperar. —Eu posso aguentar.

Ele coloca dois dedos debaixo de meu queixo e inclina a minha cabeça. —Eu não sei se eu acredito em você. — Ele dá um passo para a frente, levando-me junto, repetindo os movimentos até minha espinha atingir um banco. Eu seguro no banco atrás de mim, e ele me prensa contra ele com as duas mãos sobre o balcão.

—Temos companhia. — eu o lembro.

—Não dou a mínima para isso.— Lo sussurra. Ele me beija, roubando minha respiração e me prensa contra sua pélvis. Sua mão desliza no bolso do meu jeans.

Ryke diz:—Lily.

Eu imediatamente separo meus lábios de Lo, e me inclino de volta para o banco para tentar evitar seu toque.

Lo cerra os dentes, e sua cabeça chicoteia para Ryke. —Claramente, eu estou tentando transar com a minha namorada. Então, saia.

—Olha, você pode fazer o que quiser com ela mais tarde.— Ele define

seu olhar duro pra mim para reforço extra. Aqui é onde eu deveria concordar e descascar longe de Lo, mas seus dedos escorregam para o cós do meu jeans, deslizando por baixo da minha calcinha na parte de trás. Ele tem uma mão firmemente plantada na minha bunda.

—Lo.— eu o advirto. —Ele nos pediu ajuda, e devemos a ele um favor ...

Ele me aperta e meus joelhos quase cedem ao chão. Ele me mantém em pé fixando o seu peso contra mim.

—Você realmente quer entreter esse cara?

Obviamente que não, mas é a coisa certa a fazer. Se fosse antes nós o teríamos o enxotado daqui, nos distanciando de todos à vista. Estar sozinhos e juntos é a nossa coisa. Adicionar uma nova pessoa na mistura disso é algo que não entendi bem ainda.

Com a outra mão, ele desabotoa meu jeans.

—Lo!— Eu grito. Ele está tentando deixar Ryke tão desconfortável para que ele fuja, mas pelo o que eu entendi desse cara, ele é impenetrável entre todas as infrações. De alguma forma, eu separo Lo do meu corpo e do botão do meu jeans, meu pescoço queima enquanto eu crio uma distância dele.

Eu estou na cozinha entre Lo e Ryke pelo vestíbulo, me perguntando o que diabos eu tenho que fazer agora.

Lo angula seu corpo para que ele tenha uma boa visão de Ryke. —Você ainda esta aqui.

Ryke examina Lo, tentando entendê-lo de longe. —Lily disse que me ajudaria com a investigação sobre Comic-Con.

Lo leva isso. —Ela concordou com isso?— Ele olha para mim. —Isso é diferente de você.

—Eu devo a ele.

A mandíbula de Lo se fecha quando ele olha nos olhos de Ryke. —E você não pode voltar mais tarde?

—Estou aqui agora. Qual é o problema?

Lo faz uma carranca para ele mostrando como ele é um idiota. —Você está bloqueando meu pau, que é o grande negócio do caralho.

Eu quero desaparecer. Como agora.

Ryke olha para mim e em seguida, inclina a cabeça para Lo sem sombra de insegurança. —Tenha relações sexuais com ela mais tarde. Eu não vou parar você. —Ele chega mais perto. —Lily, você quer me mostrar seus quadrinhos ou devo encontrá-los eu mesmo?

Lo lança de súbito:—Ei, eu não te conheço. Não há nenhuma maneira no inferno que você vai ficar sozinho com ela.

—Lo, está tudo bem.—digo a ele. Realmente, eu tenho zero desejo de fazer qualquer coisa sexual com Ryke, e eu tenho certeza que o sentimento é mútuo.

Ryke inspeciona Lo mais uma vez e em seguida, ele concorda. —Se eu fosse você, eu provavelmente estaria da mesma forma. Um cara estranho se arrastando com a sua namorada, eu entendo. É estranho.

—Isso é um eufemismo.— Lo afirma categoricamente. —Eu digo que quero transar com a minha namorada, você continua aqui. Eu coloco minha mão dentro da calça dela, você continua aqui. Eu digo a você que eu vou transar com ela e você continua aqui. O que eu devo fazer com você?

Meu coração bate descontroladamente, e eu perco a capacidade de respirar. Eu devo estar sonhando. Sim, isto é um sonho.

Vou acordar logo, mas, obviamente, não em breve.

—Que eu sou um cara autoconfiante que gosta de conseguir o que quer, e agora isso é sobre obter informações sobre Comic-Con. Muito simples, certo?

Lo leva isso.

Para deslocar seus pensamentos, eu digo: —Eu vou pegar alguns quadrinhos do Novo X-Men. Fique aqui. —Eu não dou a Lo a opção de recuar. Eu desapareço em seu quarto, correndo ao redor para tentar reunir algumas

coisas. Depois que eu recolho um punhado, eu corro para fora do corredor.

Lo tem se arrastado para a cozinha, onde ele abre um armário e pega um copo. Quando eu passo por Ryke na pia, o cara me dá um olhar, como me ajudando.

Eu o olho em uma reação instintiva, e ele revira os olhos. Eu coloco os quadrinhos no balcão ao lado dele e, em seguida, preencho o espaço na cozinha entre Lo e Ryke.

Lo fecha a geladeira, estatelando um cubo de gelo em seu uísque. Quando ele se inclina em um cotovelo no balcão, ele me olha gostando do que vê. Ele provavelmente vai envolver um braço em volta da minha cintura e me deixar afundar o corpo contra o dele.

Seu rosto se aguça com a rejeição, e ele dirige seu ódio para Ryke. —O que você precisa saber?

Ele dá de ombros. —Qualquer coisa.

—Já ouviu falar no Google?

—Você quer dizer aquele mecanismo de busca nessa coisa chamada internet? Não, eu nunca tinha ouvido falar dele antes. Você pode explicar isso para mim também? —Ele abre um sorriso seco.

Lo cerra os dentes e olha para mim. —Por que ele está aqui de novo?

—Ele está escrevendo um artigo sobre Comic-Con, e devemos a ele um favor.

Lo inala acentuadamente. —Tudo bem.— Ele começa despejando personagens de X-Men, poderes mutantes e como eles se encaixam em terra 616, rápido demais para qualquer um entender.

—Espere, espere.— Ryke ergue as mãos. —O que é no inferno a Terra 616?

Lo já parece frustrado. Ele bebe metade de sua bebida, e Ryke aperta o corpo, como se cada vez que Lo tomasse um gole fosse uma bala em seu peito. Sua reação realmente me faz andar ao lado de Lo e tentar outra coisa.

Eu estou na ponta dos meus dedos dos pés e sussurro em seu ouvido:—Abraça-me.

Gentilmente, Lo estabelece sua bebida e envolve dois braços em volta dos meus quadris, apoiando minhas costas em seu peito. A exibição pública deveria me envergonhar, mas Ryke ignora nossa afeição como se nós estivéssemos apenas em pé.

Eu interrompo: —Terra 616 é o universo Marvel.

—Isso não é muito difícil de entender— diz Ryke.

Uma das mãos de Lo entra em minha camisa e permanece na minha barriga, me causando arrepios. Sou uma pessoa horrível, horrível. Eu deveria empurrá-lo e manter o foco na conversa, mas se isso lhe impede de beber, então talvez esteja tudo bem.

Lo diz: —Nem todos os quadrinhos da Marvel tem lugar na Terra 616.

Ryke inclina a cabeça. —Agora eu estou confuso.

Eu tento explicar. —Ele é usado para denotar a continuidade principal da Marvel. Há uma série de quadrinhos que todos se encaixam no tempo sequencial... —Eu sinto algo frio na parte inferior das minhas costas e abafo um suspiro.

Lo corre um cubo de gelo em minha pele, provocando... e provavelmente esperando que Ryke vai levar uma dica e sair.

Concentre-se, Lily.

Eu limpo minha garganta. —Depois, há outros quadrinhos que levarão os personagens e de parafuso ao redor com eles. Estes quadrinhos não se encaixam na Terra 616. —Ele desliza o cubo pela minha espinha, minha pele esfria e formiga. Oh Deus... —Como Ultimate X-Men ... é ...

O cubo se derrete e Lo lança os dedos ao longo da mesma trilha molhada. Jogo um punhado do meu cabelo para trás.

—... Ele não se encaixa com qualquer um dos outros quadrinhos X-Men. Da mesma forma que o Ultimates não se encaixam com a linha Vingadores,

mesmo que sejam sobre os Vingadores.

Lo bebe um pequeno gole de sua bebida, e em primeiro lugar, eu acho que meus esforços não estão ajudando, mas ele mostra um cubo de gelo em sua boca, nem mesmo escondendo o que está fazendo de Ryke. Uma mão voa para os meus olhos, me deixando cega para o meu julgamento e constrangimento. Lo diz a Ryke, — Eles são de universos alternativos.

—O que é melhor, a linha principal ou os universos alternativos?

—Eles são apenas diferentes.

O gelo se choca contra mim, e eu recuo dele. Eu me viro e pouso minhas mãos em seu peito. Pare, eu digo sem produzir som.

Seus lábios encontram meu ouvido, e eu tenho uma sensação de que ele está olhando para Ryke quando ele sussurra para mim:—Eu vou te foder tão forte, e você vai responder a cada impulso. E quando você estiver inchada e molhada, estarei dentro de você, e você não vai conseguir se mexer nem mesmo para gritar. —Sim.

Não! Eu tento me concentrar, embora as minhas pernas tremem de desejo. Eu mantenho minhas mãos em seu peito e o empurro de volta para o balcão, longe de mim.

Ele aperta meus pulsos e me devora com seu olhar. Eu teria colocado a mão em seu ombro e o obrigado a ficar de joelhos agora. E ele estaria disposto a agarrar minhas coxas, espalhando as minhas pernas abertas.

Foco.

Ryke vai para a geladeira. —Que é que vocês leem?

A boca de Lo diz, Ignore-o.

Eu balanço minha cabeça e quebro seu domínio sobre meus pulsos. —Nós dois lemos Terra 616.

Assim quando Ryke retorna com uma Fizz Diet, Lo pega seu copo de novo. Eu acho que agora que eu soltei seus braços, ele está livre para beber. Ótimo. Se eu lhe dissesse para parar, ele me atiraria um daqueles olhares como

quando alguém pede ´para você parar no meio de uma transa. Agora, isso soa perto de tortura.

—Você pode levar essas histórias em quadrinhos.— eu digo a Ryke, pensando em uma nova solução rapidamente. —E você pode nos devolver quando estiver pronto.

Ryke olha realmente impressionado que eu criei uma mentira decente para ele voltar.

Lo olha pra mim, seus dedos apertando em torno do vidro. —Eu não acho que é necessário ele levar os nossos quadrinhos. Ele pode se inscrever em uma assinatura online. —O plano mestre de Ryke envolve tornar-se amigo de Lo. Segundo ele, o relacionamento vai de alguma forma ajudá-lo a parar de beber. Eu não entendo completamente, mas se ele tem estado em torno de um alcoólatra, então eu confio que ele sabe mais do que eu sobre boas soluções.

—Não seja rude, Lo.—eu digo.

Ele toma o resto de sua bebida. Não, não, não. Antes que ele possa preparar outra, eu agarro seus pulsos.

Suas sobrancelhas amolecem. —Lily ...— Eu nunca disse a ele como me sinto sobre seu vício, e eu posso ver as rodas girando em sua cabeça, me perguntando se eu estou prestes a foder com o nosso sistema bem oleado.

Eu não. Eu coloco uma de suas mãos sobre meu seio, e a outra nos meus lábios e recupero seu sorriso torto. Ele muda as duas mãos. Uma vai debaixo da minha camisa, e a outra enganchando em volta dos meus ombros, me puxando para o seu corpo. Permaneço de costas para Ryke, e quando Lo amassa meu peito, minha força de vontade explode em nada.

—Eu vou trazê-los de volta amanhã—diz Ryke. —Divirtam-se fodendo. — Oh meu Deus.

Lo diz: —Você pode ficar com esses. Pense nisso como um presente por nos ajudar na festa —. Tradução: Nós estamos quites.

—Eu me sentiria melhor se os devolvesse. Obrigado pelo convite, Lily.

— Uma maneira de me jogar debaixo do ônibus. A porta se fecha, e ele se foi.

Por um segundo, eu percebo que Lo pode ter brincado comigo na frente de Ryke só para chutá-lo para fora. E agora que ele se foi, ele pode ir para o seu vício e parar de alimentar o meu. Meu medo dura um único momento. Lo começa a fazer bem a sua promessa e me joga contra a geladeira. Ele vai me levar duro.

Ele joga meus pulsos acima da minha cabeça. Eu tento mover meu corpo para cumprir o seu, mas ele coloca uma distância considerável entre nós.

—Lo.—eu lamento, respirando pesadamente.

—Você quer que eu te foda?

—Sim!—eu gemo e tento recuperar minhas mãos. Me toque!

Ele chega mais perto, seu corpo fundindo no meu, mas ele estica os braços ainda mais acima da minha cabeça.

—Lo.— Eu quero tirar suas calças. Eu quero que ele arranque minha camisa. Em vez disso, ele me provoca nesta posição de bloqueio.

—Eu entendo que você se sinta como se você devesse algo para esse cara, mas depois disso, nós não devemos a ele mais nada, ok?

Eu tento encontrar palavras para refutar como ele é legal. Ele não é. Ele é solitário. Ele não é. —Ele tem boas intenções.— Eu pouso em uma verdade e me contorço debaixo dele. —Lo, por favor.— Eu preciso dele. Agora.

—Você fantasia com ele?

Eu tremo. —O quê? Não. —Ele está preocupado que eu goste dele? —Eu acho que cada palavra que sai de sua boca me faz secar como uma secadora de roupas.— Como é que para desagrado?

—Então o que é isso, Lily?— Ele usa uma mão para segurar meus pulsos juntos acima da minha cabeça e depois a outra desabotoa minha calça jeans.

—Ele ... uh ...— Eu não consigo me concentrar! —Ele me perguntou sobre quadrinhos... e ...

Lo puxa meu jeans para baixo, e eu facilmente saio deles. O frio atinge a

minha carne e eu sofro pelo calor de Lo. —Isso é realmente sobre quadrinhos?— Ele questiona, incrédulo.

—Eu ... uh ... esqueci... preservativos —eu digo, minha mente revertendo para o sexo.

—Se você está tomando a pílula e não tiver fodido qualquer outra pessoa, ficaremos bem.

Concordo com a cabeça rapidamente. —Posso por minhas mãos para trás?

—Não.— Ele esfrega os dedos do lado de fora da minha calcinha, não empurrando. Eu me agito abaixo dele. —Então, quando ele retornar— Lo diz: — você vai expulsá-lo?

—O quê?— Ele pára o atrito entre as minhas pernas. Não, não, não. —Lo ...

—Eu quero saber se ele realmente estava aqui pelos quadrinhos, Lily. É a última vez que vamos vê-lo?

Eu mordo meu lábio, e ele vê direto através de mim.

—O que você fez?—Ele respira, apertando as mãos em meus pulsos. A pressão é melhor do que deveria ser.

Dizer a verdade será uma derrota. Eu não quero dizer ainda. Então eu acho que dei um tiro no meu pé. —Ele quer escrever um artigo sobre nós... sobre o que é ser os filhos de magnatas do consumo. E eu disse que sim, porque eu lhe devia, e eu sabia ... Eu sabia que você não concordaria, porque ele vai nos seguir para onde a gente for. Então eu pensei que a mentira do Comic-Con ajudaria a apresentá-lo a você ...

Lo olha para mim com olhos frios e apertados, e ele deixa cair as minhas mãos, dando quatro passos para trás de mim. —Ele nos seguirá para onde a gente for?

Eu concordo. —Sinto muito. Eu deveria ter perguntado a você antes.

—Você sabe porque eu teria dito não?— Ele aponta para o peito. —Eu

odeio ter que esconder o álcool. Você não entende, porque o sexo é algo que fazemos em privado.

Eu franzo a testa. —Como você me maltratou na frente dele? Isso foi privado?

Lo balança a cabeça. —O máximo que ele vai pensar é que eu sou um cara cheio de tesão, Lil. Ele não vai ligar que você é uma viciada em sexo. E eu não preciso dele para escrever sobre nossos problemas na porra de um artigo publicado para o meu pai para ver.

—É para uma nota de classe.— eu minto. O artigo não existe mesmo! Mas é a melhor desculpa que eu tenho para validar Ryke pendurado em nosso pescoço. —Ele não vai publicá-lo.

—E você acreditou nele quando ele te disse isso? É besteira.

—Não é!— Eu respondo, meus olhos cheios de lágrimas. Eu nunca teria feito desse jeito para guiá-lo em direção a um bom lugar, e isso está me quebrando por dentro. —Me desculpe, me desculpe, me desculpe!— Eu lamento.

Seu rosto se quebra e ele fecha o espaço entre nós. —Ei...— Sua voz suaviza. Ele segura meu rosto e enxuga as lágrimas com o polegar. —Nós podemos lhe dizer que não estamos mais interessados.

Eu balanço minha cabeça e engasgo com um soluço. —Não ...— Por que não pode ser mais fácil? Eu quero ser capaz de dizer a Lo para parar, mas ele não vai. Não importa o que eu diga, ele vai continuar bebendo. Isto parece a minha única opção.

—Por que não?

—Eu prometi. — eu digo. —Por favor... deixe-me... deixe-me manter a promessa.— Estas emoções precisam acabar. Eu começo a me afogar nelas, e por isso eu me concentro em coisas que sempre me fazem sentir melhor. Eu o beijo de leve nos lábios.

Ele me beija de volta. E então seus lábios deixam os meus. Ele tem uma mão na parte de trás da minha cabeça, e ele olha para mim como se devesse falar

mais, mas eu prefiro fazer outras coisas.

Eu desabotoo sua calça jeans.

—Lily...— ele diz, muito suavemente.

Eu a abro e a arranco para baixo. —Não fale. — Eu estou prestes a cair de joelhos, mas ele agarra meu cotovelo.

—Lily...— seus olhos âmbar estão em mim. Ele está prestes a me dizer para parar?

Eu franzo a testa em confusão. —O quê?

Depois de um longo momento, ele sussurra: — Nada.— Ele abraça, e vejo seu rosto se aguçar como gelo. Meus joelhos batem o assoalho, e eu puxo para baixo suas cuecas boxer em uma rotina sistemática. Ele mantém sua mão na parte de trás da minha cabeça, e eu tento esquecer a tristeza em seus olhos, o tipo que pode me deixar em lágrimas silenciosas.

Tento lembrar-me da paixão, do fogo, e neste momento, eu me certifico de afogá-lo em prazer.



Capítulo Vinte e Seis

Nosso relacionamento está pendurado em cordas finas que ameaçam se rasgar. Eu sinto. Tenho certeza que ele sente isso também. Sua maior preocupação foi ser capaz de me satisfazer, mas isso é quase um problema. Nosso egoísmo paira entre nós. Não estamos disposto a entregar o que nós amamos um ao outro. Ainda não. E eu não tenho certeza que ele vai deixar ir nossos vícios.

No domingo, um temporal nos confina dentro de casa, e Connor aparece sem avisar, por nenhuma razão em tudo o que não seja para compartilhar uma cerveja com Lo. Estou começando a acreditar que ele gosta de ficar com a gente. Depois de discutir quem iria ganhar um jogo de xadrez, Lo e Connor pegam o tabuleiro e jogam entre conversas e goles de cerveja.

Eu folheio uma revista Cosmo na cadeira, lendo sobre as novas posições sexuais. Eu percebo que o que é importante para mim pode não ser importante para outras garotas. E eu estou bem com isso. Sexo é algo que eu realmente amo. No meu caso, provavelmente demais.

A chuva cai pelas janelas, e eu ignoro as mensagens de textos de minhas irmãs sobre ter faltado no almoço. Eu também acho Ryke no Facebook e lhe envio uma mensagem rápida sobre a nova mentira. Quando eu pego o meu

telefone, eu vejo sua resposta.

E ele acreditou? -Ryke

Eu escrevo de volta: ***Sim***. Acho que sim.

—Você não deveria fazer esse movimento. —diz Connor para Lo, apontando para sua torre. —Há claramente um melhor.

Lo leva os dedos fora da torre e examina o tabuleiro definido na mesa de café. Uma nova mensagem aparece.

Ele está bebendo agora? - Ryke

Eu respondo: ***Cerveja.***

Connor se inclina para frente na cadeira em frente ao sofá, curvando as peças. Ele aponta para o bispo. —Essa é a melhor jogada.

—Que tal você jogar seu próprio jogo, e eu vou jogar o meu?— Lo desloca a torre.

Olho para mensagem de Ryke.

Estou chegando. - Ryke

Meu estômago se agita. Lo realmente nunca aceitou a idéia de Ryke em nosso meio, mas eu comecei a chorar, então ele não negou a idéia por minha causa. Tudo isso só porque ele se sente tenso e confuso.

Eu envio: ***Agora?***

Te vejo em vinte. - Ryke

Eu gemo internamente.

Connor desliza sobre um peão com sarampo. —Verifique.

—O quê?—Lo está embasbacado. —Mas isso... Oh.— Ele revira os olhos. —Não há nenhuma maneira de eu ganhar, não é?

Connor sorri quando ele pega sua cerveja. —Eu diria que você poderia ganhar o próximo, mas você não vai.

Lo perde passando rapidamente sobre seu rei.

E, em seguida, a campainha toca. Eu endureço. Ele pode estar aqui já? Não. Ele disse que levaria vinte minutos, não vinte segundos. Certo? Eu olho para as mensagens e percebo que ele nunca especificou o tempo. Oh, eu não

estou pronta para isso.

Eu sacudo o nervosismo e vou até a entrada. Sinto os olhos de Lo em mim durante todo o caminho até lá.

—Quer outra cerveja?— Lo pergunta a Connor.

—Sim.

Lo está agindo casualmente quando ele abre a geladeira na cozinha.

Eu pressiono o botão na caixa do alto-falante. —Olá?

—Senhorita Calloway, Rose está aqui para ver você.

Eu relaxo e pressiono o botão. —Você pode mandá-la subir.

—Rose?— Connor ouviu a voz do atendente de segurança.

Meus olhos se arregalam. Esqueci que Rose não gosta de Connor. —Uh ... sim.

Nada de diversão nos olhos azuis brilhantes de Connor. —Ela não vai ficar feliz em me ver.

Lo entrega-lhe uma cerveja e encontra seu lugar no sofá. —Junte-se a porra do clube. Ela me odeia, e ainda assim ela continua torturando a si mesma vindo até aqui.

—Não sejam rudes. — eu advirto ambos. No final do dia, ela ainda será minha irmã e eu a amo não importa o que qualquer garoto diga.

Lo murmura algo em seu... uísque. Ela devia ter apenas ligado. Me preocupa eu não estar sendo dura o suficiente com o que Ryke disse, mas a única maneira de impedi-lo de beber é tornar-me uma namorada necessitada e fazer com que ele se concentre no meu vício. Até agora, ele só colocou tensão em nosso relacionamento.

Tenho medo de que ele comece a se ressentir comigo por mantê-lo longe de algo que ele gosta.

Então eu o deixo beber seu uísque até que ouço o som das batidas na porta. Com duas respirações profundas motivacionais, eu giro a maçaneta. —Ei.

Rose está com um guarda-chuva encharcado. Ela tira o seu casaco de

pele, revelando um vestido preto e branco de gola alta que se encaixa perfeitamente no seu corpo esguio. Seu cabelo normalmente reto, ondula nas laterais e sobressai em lugares estranhos.

—É um chuvisqueiro—, diz ela com desdém.

—Realmente? Eu pensei que fosse apenas a chuva.

—Ela foi até que eu saí do carro.— Ela entra e coloca o guarda-chuva no canto e pendura seu casaco em um gancho. Gostaria de saber quanto tempo eu posso ficar parada aqui na entrada antes que ela dê sua opinião inevitável sobre Connor.

Ela passa os dedos pelo cabelo. —Você tem café?

—Sim, eu vou te dar uma xícara. — Eu a levo para a cozinha, mas ela para no meio do caminho, sua cabeça vira em direção a sala de estar.

—O quê?!—ela grita. —Lily Calloway, você não o convidou para vir aqui sem me dizer em primeiro lugar.

Lo interrompe, —Da última vez que chequei Rose, seu nome não estava no contrato de locação. Você não tem que dizer quem pode frequentar o nosso apartamento.

Rose vira as costas para eles. —O que Richard está fazendo aqui?—Ela sussurra.

—Ele simplesmente apareceu.— Eu lhe entrego uma caneca fumegante e coloco minha mão nas costas dela, orientando-a para a sala de estar.

Lo lhe dá um sorriso seco. —Por que será que ele me lembra tanto alguém?

—Cale a boca!— Rose diz. —Não me compare com ele.

Connor se ergue como um bom menino de escola preparatória, enquanto eu pego a minha revista e fujo para o lado de Lo. Eu circulo algumas das posições que eu quero tentar com marcador mágico vermelho, o Spank Me Maybe, Mission Control e Wild Ride. Lo aponta para o mais submisso dos três, uma foto de um cara puxando o rabo de cavalo da garota quabdo ela atravessa-o

para trás, e Lo sussurra: — Mais tarde.

Se apenas Ryke não aparecer hoje.

Lo bebe seu uísque.

Pensando bem, talvez seja uma coisa boa que ele venha.

Eu olho para Connor e Rose e percebo que eles estiveram praticamente em silêncio. Eles só olham um para o outro por um tempo muito, muito longo como se falassem através de seus olhos.

—É isso que as pessoas inteligentes fazem?—Eu sussurro para Lo.

—Eles devem ter algum poder telepático sobre-humano que não temos.— Ele deita minha cabeça na dureza de seu peito, o calor envolvendo-me ainda mais. Eu estou meio absorta, querendo de verdade que eles vão logo para que Lo me mostre sua surpresa.

—Isso ainda é sobre o ano passado?— Connor pergunta com um sorriso crescendo. —Só porque você não sabia que Williams escreveu Ética e os Limites da Filosofia e Problemas do Self não faz de você uma pessoa estúpida. Muitas pessoas não o conhecem.

Seu peito incha para fora, ela está mais nervosa do que quando Lo a irrita. —Eu sei quem foi Freud, Connor. Eu sabia que Williams o influenciou. Alguém no meu time espirrou e me distraiu.

—Um espirro? Você está justificando sua derrota em um problema de alergia?

Rose leva sua mão ao rosto, como se estivesse pensando em argumentar, e define seu olhar gelado em nós. —Vocês dois realmente não podem ser amigos deste idiota. Quer dizer,—ela olha para Lo— eu acredito que você possa, mas você Lily, de verdade?

Lo sorri. —Venha sempre, Rose. Você só está me fazendo amar mais o cara. —Oh caramba. E para tornar as coisas mais complicadas, Connor parece se divertir com a continuação desta loucura. Ele põe as mãos nos bolsos, à vontade.

—O que aconteceu com Charlie e Stacey?—Ela questiona. Eles nunca existiram.

—Eles se mudaram. — Lo mente facilmente. —Foram transferidos para Brown há um mês. Eu gostaria de dizer a eles que você disse adeus, mas eles não se importariam. Eles realmente não gostam de você. —E lá se vai o nosso bode expiatório com uma nova mentira.

Rose explode. —Isso é muito bonito, Loren, considerando que eles nem sequer me conheceram.

—Espere, Charlie quem?— Connor perguntou.

— Você não os conhecia. —eu digo.

Ele me olha ofendido. De verdade? —Eu conheço todo mundo.

Abro a boca, sem saber ao certo como responder a isso.

Rose bufa. —Você é sempre o mesmo Connor, se eleva a um prodigioso. Eu aposto que seu maior sonho é beijar a bunda de Bill Gates.

Quando eu penso que o comentário de Rose perturbou o frio e calmo sabe tudo Connor, seu sorriso de mil dólares se alarga. Ele dá um passo a frente, ameaçando romper o espaço seguro de Rose.

Lo sussurra baixinho: —Proteja suas bolas, Connor.

Eu concordo. Ele inclina a cabeça para ela. —Diz a garota cuja a linha de roupas acabou de ser descartada pela Saks.— Ele inspeciona o vestido sob medida. —É aquele pedaço extinto ainda? Ou pode ser que seus dois clientes o compre no armário de Platão?

Lo cai na gargalhada, e eu afundo em seus braços. Isso não vai ser bom. Rose tem as unhas mais longas e mais nítidas do que as minhas, capaz de se defender sem o maior esforço.

—Cale a boca, Loren.—diz ela em primeiro lugar. Em seguida, ela coloca a mão em seu quadril. —Então você lê jornal, Connor. Parabéns, um cidadão bem informado da Pensilvânia. Vamos jogar confete e ter uma parada.

—Ou você poderia sair comigo esta noite.

Ele morde meu ombro e murmura: — Ela não disse sim ainda.

Oh. Eu gostaria que Rose desse uma chance a Connor. Se alguém pode se manter verbalmente, é ele. Mas ela empurra homens para longe, tanto quanto eu costumava os trazer pra mim.

Sua linguagem corporal e seu rosto permanecem fechados como antes. — Isso é muito engraçado. Uma piada agradável. —Oh não Rose, ele não está brincando. Eu quero dizer a ela que isso não é um truque cruel para tirar sarro dela. Que ela pode ficar tranquila que não vai se machucar. É mais fácil ser fria do que sentir a dor da decepção.

—Não é uma piada. —ele diz a ela, dando mais um passo. Os pés dela ficam encimentados no chão, um bom sinal. —Eu tenho ingressos para The Tempest.

Eu grito:—Rose, você ama Shakespeare.

Ela me lança um olhar para que eu fique de fora. Eu fecho minha boca, mas eu vejo sua mente considerando a proposta. Rose examina Connor. —Então você tem dois ingressos para esta noite? É obviamente uma pena me convidar.

—Como você pode pensar isso?—Ele rebate. —Eu não tenho pena de você, no mínimo. Estou convidando você, porque eu tenho dois ingressos que não serão utilizados se você não me acompanhar. Eu comprei para minha mãe, mas o trabalho veio à tona e ela não poderá ir.

—Por que quer me levar?—Ela pergunta. —Você conhece todos. Tenho certeza que você pode encontrar um homem rico para os vender.

—É verdade, mas isso não é como uma empresa que eu sinto como se partilhasse esta noite. Eu prefiro levar uma garota bonita e inteligente de Princeton.

Rose examina Connor com olhos redondos. —E isso não é uma pena convidar?

—Eu já disse que não. Talvez você devesse checar sua audição. Eu não quero ganhar de você injustamente no próximo torneio Bowl.

Ela revira os olhos. —Por favor, você não seria capaz de vencer Princeton

mesmo se tivesse uma folha com as resposta.

—Diz a menina que se distraiu com as sensibilidades nasais de alguém.

—Você é tão estranho. —diz ela. Seu braço cai em seu quadril e sua postura finalmente se solta. Sim! Ele dá mais um passo, oficialmente bem próximo dela, o mais próximo que eu a vi com um homem, criança ou em um longo, longo tempo.

Lo sussurra para mim: —Estamos em um universo alternativo?

Eu concordo. —Sim, nós definitivamente deixamos a Terra 616.— E eu adoro isso.

—Então aqui estou eu. — Connor continua. —a ponto de perder os assentos na primeira fila.

—Espere, você não pode ver nada na primeira fila. Os blocos de palco a sua visualização. Todo mundo sabe disso.

—Eu disse primeira fila? Eu não acho que eu disse. —Ele inclina a cabeça. —Você realmente precisa marcar uma consulta para checar seus ouvidos, senhorita Calloway.— Oh, que sexy. Eu serei a primeira a admitir isso. Ele pega a carteira e lhe entrega os bilhetes, que presumo são rotulados pela terceira ou quarta fila, não a primeira.

Rose mal o olhou desde que Connor se infiltrou em seu espaço seguro. Ela respira fortemente e suas bochechas começam a ruborizar. Ah, minha irmã está realmente afetada pela cara. É como duas pessoas assexuadas ligando-se juntas uma vez na vida.

Ela entrega um bilhete de volta para ele. —Me pegue às sete. Não se atrase.

—Eu nunca me atraso.

Rose revira os olhos e então se vira para mim. —Eu tenho que fazer uma visita na casa de Poppy, mas eu queria ver como você foi no teste.

—Tudo bem.—eu digo a ela. —Eu não recebi meu teste de economia ainda, então eu não tenho certeza o quão bem eu fui.

Ela toma seu café e o coloca sobre a mesa. —Com a minha ajuda, você vai fazer melhor na próxima.

—Eu ainda sou seu tutor.—diz Connor.

—Não, você não é.—Rose diz a ele. —Eu tenho direitos familiares para isto.— Ela aponta para Lo. —Você pode ter aquele roedor.

Lo a olha.

—Muito maduro. —diz ela sem rodeios e olha para o relógio cor de pérola. —Eu preciso ir. Eu vou ter que dizer a mamãe e papai que você não poderá aparecer, mas seria melhor se você participasse do almoço do próximo domingo. Eles estão começando a fazer perguntas que eu não posso responder. —Ela beija minha bochecha e surpreendentemente encontra o olhar de Lo. —Você também, esteja lá.

Com isso, ela sai de uma forma digna de Rose.

Conseguiu amá-la.

—Você está louco. —Lo diz a Connor. —Eu pensei que você fosse apenas um pouco louco para querer sair comigo e Lily, mas agora você tirou o certificado da loucura.

A campainha toca.

O silêncio está pesado e insuportável. Se Rose acabou de sair, apenas uma outra pessoa poderia estar esperando no saguão.

—Será que ela esqueceu alguma coisa?— Connor perguntou.

Eu deixar Ryke entrar em nossas vidas vai complicar as coisas. Vai ser mais difícil para mim desaparecer sem perguntas. Vai ser mais difícil para Lo beber sem ser punido como uma criança. Mas é tarde demais para voltar atrás agora, e eu não quero fazer isso.

—Quem é?— Connor pergunta.

—Ryke.— Eu explico sem entrar em detalhes, e quando a porta se abre, eu calo a boca sobre isso.

Ryke entra, os olhos pousam em cada um de nós. Ele selou os quadrinhos

em um saco plástico para evitar a chuva, mas ele precisava de proteção contra a tempestade. Ele goteja sobre o tapete como um cachorro molhado, sua camisa branca colada em seu peito. Sua calça jeans está grudada nas suas coxas, e ele passa a mão pelo cabelo encharcado, empurrando para trás os fios castanhos.

—Posso usar sua secadora?—Pergunta ele, já tirando a camisa.

Oh meu Deus. Eu olho para longe, e Lo fecha a revista Cosmo e a joga em meu rosto para que eu não fique de boca aberta. Ele está de pé. —Eu vou te mostrar onde fica a máquina.

Quando Lo passa para a lavanderia, Ryke levanta as sobrancelhas para mim como se eu pudesse ver como ele é bom em fazer progressos. Sim, eu não sou tão otimista. Ryke acena para Connor. —Como está indo?

—Indo.—diz ele.

Com isso, Ryke segue Lo fora de vista.

Connor está mexendo em seu iPhone e minha mente está à deriva com o que aconteceu com a minha irmã. —Sobre Rose...

—Sim?

—Eu gosto de você, Connor. De verdade, mas eu também sei que você é um alpinista social. Eu posso olhar pequeno e não colocar muita luta quando se trata de palavras, mas eu encontrarei uma maneira de te ferir se você machucá-la. Ela deve significar mais para um cara do que um salário e um sobrenome.

Connor coloca as mãos no bolso e diz:—Lily, se eu quisesse um encontro para um último nome, eu teria uma menina no meu braço a cada dia. Eu nunca seria fiel. —Ele se inclina para frente. —Eu prometo a você, que minhas intenções são puras. E eu acho muito doce que você esteja protegendo Rose, mas ela é mais do que capaz de cuidar de si mesma, que é uma das muitas razões pelas quais eu quero persegui-la.

—Qual é outra razão?—Eu o testo.

Ele sorri. —Eu não precisarei explicar todos os intens de menu quando levá-la a um restaurante francês.— Ele sabe que ela é fluente? —Eu não terei

que explicar demonstrações financeiras ou dividendos. Eu vou ser capaz de discutir tudo e qualquer coisa no mundo, e ela vai ter uma resposta.

—E quanto a sua filosofia de garotas ricas? Não somos todas iguais? Queremos encontrar alguns caras das Ivy League e não fazer nada com as nossas vidas?

Seus lábios se contraem, suprimindo um sorriso. —Eu também disse algo sobre provavelmente me casar com esse tipo.

Eu não vejo onde ele está indo com isso. —Rose não é esse tipo de garota. Ela é talentosa, conduzida e determinada...

—Eu disse que provavelmente iria me casar com o tipo, não que eu não queria.

Oh. Eu percebo que Connor Cobalt vai além de gelo pra qualquer teste que dar a desvantagem interrogando um estudante da honra.

Ryke e Lo retornam, e surpreendentemente, uma das camisetas pretas de Lo se encaixa perfeitamente em Ryke. E ele usa um par de jeans de Lo, as coxas um pouco apertadas, mas tirando isso, eles são bem parecidos. Nenhum deles dizem uma palavra, a tensão aumenta suas posturas rígidas. Lo resolve voltar ao meu lado enquanto Connor oferece sua cadeira para Ryke.

Ryke acena com a cabeça em agradecimento e se senta. Connor arrasta a cadeira vermelha mais perto do nosso pequeno grupo, e o barulho da secadora preenche o vazio de curta duração.

Connor volta sua atenção em Ryke e diz: —Então você está escrevendo um artigo sobre filhos de magnatas. Eu suponho que você se esqueceu de me perguntar.

Ryke oscila sobre sua cadeira. —Devo ter esquecido de você.— Ele abre um sorriso seco, evitando o meu olhar.

—Então, eu aceito.

As sobrancelhas de Ryke atiram para cima. —Você aceita?

Lo interrompe—Isso soa perfeito. Você deve apenas escrever sobre

Connor. Ele é um participante voluntário, e sua história vai ter um final feliz. Todo mundo ganha. —Ele aperta meu ombro, e eu endureço, não sei como Ryke vai sair desta.

—Não, eu não gosto disso.— Essa é a sua mentira? Eu rolo meus olhos. Eu não deveria ter esperado algo melhor.

Lo esfrega os lábios. —Então, você não estará seguindo Connor para todo lugar também?

Ryke analisa brevemente Connor que se senta com o tornozelo obre o joelho, de modo formal que você poderia tirar uma foto e colocá-lo em um catálogo J. Crew. —Sem ofensa, Connor, mas eu prefiro não ficar beijando seu rabo todo o caralho do dia. Se você estiver com Lo e Lily, vou escrever sobre você. Isso é tudo o que eu preciso.

—Eu já aceitei. — Connor diz a ele.

Lo não. Ele entrelaça sua mão na minha: —Você vai me fazer perguntas?

—Você tem algo contra elas?— Ryke pergunta. —Pergunto-fóbica?—

Lo enrubesce. —Eu só não tenho um lugar especial em meu coração para as pessoas que se intrometem na minha vida.

—Sério? Bem, isso meio que vai contra a minha profissão. —Ele aponta para o peito. —Major em Jornalismo. Fazer perguntas desconfortáveis é o meu forte. —Eu posso acreditar nisso.

Lo olha furioso para o teto. —Então eu tenho total liberdade para lhe perguntar sobre qualquer coisa pessoal. Como se isso fosse uma estipulação?

—Parece justo.

Lo não precisa me dizer que ele está odiando a situação. Sua postura gelada diz tudo. Eu entendo a sua hesitação. Há um julgamento subjacente que vem nos rodeando com outras pessoas.

Temos sido cortados de olhares maliciosos e palavras de ódio como vagabunda, bêbado, perdedor por tanto tempo que ele teme voltar a ser chamado assim. Aquela vez em que seu pai cheirou a parte de trás de sua cabeça, se perguntando por que seu filho quer tanto se foder ficando fora toda a noite

bebendo. Aquele em que uma menina da escola preparatória me caluniou como doente, imunda e estúpida.

Eu não posso avaliar a minha força. Eu só espero que eu seja resistente o suficiente para ficar contra o ridículo, a fim de ajudá-lo.

—Vai ser apenas por uns meses—digo a ele. —O semestre está quase no fim.

—Está tudo bem.— Ele termina seu copo de uísque e vai fazer outro.

Ryke me dá um olhar duro que eu não posso responder, uma vez que Connor está na sala. Pelo menos Connor está ocupado mandando mensagens de texto em seu telefone. De repente, ele para, desliza-o em seu bolso do casaco: — Vejo vocês mais tarde.

—Onde você está indo?— Lo pergunta da cozinha.

—Eu tenho que descobrir o que eu vou vestir hoje à noite.

—Você está falando sério?— Lo diz. —Você vai a um encontro com o diabo. Tudo que você precisa é de algum spray de pimenta e um extintor de incêndio.

Ryke acena para mim. —De quem é ele está falando?

—Minha irmã, Rose.

—Hum.— Ele observa Connor ir para a entrada.

—Ela é uma designer de moda.— Connor diz. —Ela vai me julgar pelo o que vou vestir. — Com isso, ele se despede e vai embora.

Eu ouço o tilintar de garrafas, não tenho o que fazer. Ryke sussurra para mim: — Então, você o distraiu com sexo?

Eu coro. —Isso é ruim?

—Não.—ele admite.—mas não será inteiramente o trabalho, considerando que ele está fazendo.—ele inclina suas pernas mais para trás na cadeira para espreitar a cozinha:—Uísque puro.— Eu meio que gostaria que Ryke caísse. Mas ao invés disso, ele volta suas pernas por baixo da madeira de volta no tapete.

Meu peito dói de tanto segurar o riso.

—Ele não está transando engraçado—, ele me diz, levantando-se e estendendo os braços.

—Sim.

Lo volta com um copo cheio de uísque. —O que é?— Ele se senta do outro lado do sofá, uma almofada inteira nos separando.

—Ele caiu da cadeira. —eu digo.

Ryke muda para a cadeira, uma escolha muito mais segura. E então ele acena para Lo. —O que tem no seu uísque?

Posso dizer que Lo quer olhar para mim por colocá-lo nessa posição, mas ele resiste. —Eu não vejo como isso se relaciona com a sua pergunta para o artigo.— Ele bebe o líquido âmbar escuro.

—Conhecimento. —diz Ryke evasivamente. —Você não me respondeu.

—Eu não estava planejando isso.— Ele dá outro gole enorme, nem mesmo fazendo caretas enquanto o álcool afiadado desliza para baixo na sua garganta.

Ryke esfrega os lábios. —Quem é o seu pai?

—Será que estamos realmente começando isso agora?— Lo responde.

—Não há tempo melhor como o presente.

Ele baixa seu copo muito rápido na bancada:—Você quer uma cerveja ou algo assim?

—Eu quero tomar uma cerveja.—eu digo quando Lo desaparece na cozinha.

Ryke balança a cabeça para mim como se isso fosse uma má jogada.

—Cancela a minha encomenda. —eu digo a Lo.

—Ryke?— Lo pergunta. —Última chance.

—Estou bem.

Eu sussurro muito baixinho para Ryke:—Você está o irritando tanto que ele está bebendo mais.

—Eu vejo. Me deixe lidar com isso.

Eu tento confiar nele, mas ele está fazendo um trabalho ruim ao tentar romper o exterior resistente de Lo. Quando Lo retorna à sala de estar, ambos olhamos para o vidro recém-preenchido na mão, o líquido quase preto.

Lo toma seu lugar. Bem longe de mim. Eu não gosto imensamente disso.

Ele observa Ryke enquanto bebe o licor. Ele lambe os lábios e diz: —Você parece muito interessado em meu uísque. Você tem certeza que não quer um copo?

—Não, eu não bebo.

Os músculos da mandíbula de Lo se contraem. —Você não bebe? Nem mesmo cerveja?

—Não. Eu tive uma fase difícil na escola. Eu bebia e dirigia, que terminou totalizando um carro, uma caixa de correio quebrada, e os vizinhos irritados. Eu não bebi nenhum tipo de álcool desde então.

—Dirigir foi o seu primeiro erro.— Lo diz.

—Eu discordo. — Ryke acena para o licor na mão de Lo. —Aquilo foi.

—Bem, eu não sou você, sou?—Diz Lo como uma mordida. —Se você está esperando algum tipo de história onde eu voltarei para vós, então você vai se decepcionar. O que você acredita sobre mim provavelmente está certo. Eu sou um babaca rico que tem tudo. E eu gosto disso. —Eu ouço seu pai em sua voz, e isso me assusta. Talvez esta não foi uma boa idéia.

O rosto de Ryke endurece como pedra. E seus olhos se estreitam em empatia, que eu tenho certeza que Lo não aprecia.

—Vamos começar com uma pergunta mais fácil então. Como vocês se conheceram?

—Amigos de infância. — Lo diz a ele. —Você quer saber se eu tirei a virgindade dela também? Eu não tirei. Alguns fodedores chegaram antes de mim.

—Lo!— Eu pego um travesseiro, a ponto de me esconder atrás dele.

Ryke mantém seu olhar desafiador em Lo. — Isso é interessante.— Ele

encontra a perda da minha virgindade interessante, isso é ótimo! —Você perdeu sua virgindade com ela?

Lo bebe um gole com nesta pergunta.

Ryke revira os olhos. —Vou levar isso como um sim. Ela é a única garota que você já esteve?

Eu digo: — Eu não vejo o que isso tem a ver com qualquer coisa.

—Não.— Lo me ignora. —Eu dormi com outras garotas.

—Eu não estava falando sobre sexo.

Lo prende o olhar em Ryke. —A longo prazo, sim. Mesmo ela.

Eu me pergunto se Ryke está adicionando todos os anos que eu conheço Lo, ajudando a facilitar o seu vício. Quando seus olhos piscam para mim com uma lasca de desprezo, eu sei que ele provavelmente sabe. Eu posso mudar as coisas agora. Pode ferir nossa relação, mas eu encontrei uma maneira.

Eu rastejo até Lo e pressiono o meu ombro contra o seu. Ele termina sua bebida, e antes que ele mesmo faça, eu o abraço, mantendo ele perto de mim.

Seus olhos frios me cortam, e ele sussurra humilde: —Eu não estou de bom humor.— Ele liberta minhas mãos dele e sai de perto de mim para ir na cozinha. Caio para trás, como se ele estivesse me socado no estômago.

—Você está bem?—Sussurra Ryke.

Lágrimas se constroem. —Eu não sei o que fazer. —murmuro.

—Se eu for lá, ele vai me estrangular?

Meus olhos ardem. —Eu nem tenho mais certeza.

Ryke testa as águas e senta sua bunda na almofada ao meu lado. —Você está fazendo um trabalho decente, Lily. Eu só não entendo por que você ainda não havia tentado antes. —Porque nós temos um sistema que não pode ser interrompido.

—Ele não está prejudicando ninguém.—eu tento defender em um pequeno sussurro. —Ele nunca fez mal a ninguém, Ryke.

—Me parece que ele está te machucando.

Eu balanço minha cabeça. —Eu? Não, eu estou bem.

—Então por que você está chorando, Lily?

Eu enxugo as lágrimas traidoras, e Lo entra sem seu drinque, mas carrega a trouxa de roupas secas de Ryke. Ele as joga em seu colo.

—É hora de você ir embora. — Lo não vai sequer olhar para mim.

Ryke fica tenso, segurando as roupas. Ele olha em direção Lo e sussurra-lhe: — Sua namorada está chateada, Lo. Você não consegue ver isso? —Ele está tentando culpa-lo por sua falta de sobriedade. Eu duvido que vá conseguir.

—Não aja como se você a conhecesse.

—Eu a conheço o suficiente.

—Você não sabe de nada. Você seria porra fiação se você fez. —Ele faz um gesto para a camisa que Ryke veste.

—Pode ficar com as minhas roupas. Eu não preciso delas.

—Tudo bem. Vejo você em breve. —Com isso, ele faz sua saída, batendo a porta.

Lo limpa a boca e diz: — Eu vou estar no meu quarto.

Meu coração afunda no peito. Devemos conversar, mas o que posso dizer? Lo, eu gostaria que você parasse de beber. E ele diria, Lily, eu gostaria que você parasse de fazer tanto sexo. E então nós nos olharíamos e esperaríamos que um ou outro dissesse, tudo bem, eu vou mudar por você. Mas haveria um silêncio tão profundo que eu me sentiria rasgada e nua. Não haveria volta a partir daí.

Eu respondo da única maneira que faz sentido para mim. —Sinto muito por colocar você nessa situação. Estou muito, muito triste, Lo.

Seus músculos estão tensos e ele passa a mão pelo cabelo. —Eu quero ficar sozinho agora. Nós podemos fazer o sexo de manhã, ok? —Ele me deixa. E eu afundo no sofá e ouço o tique-taque de um velho relógio caro na estante.

Eu me enrolo em um cobertor, me sentindo tão oca por dentro!

Minutos passam antes de realmente começar a chorar, as lágrimas

bagunçadas que torceram meu nariz, fazendo escorrer.

Pelo menos ninguém pode me ver, mas eu sei que não estou sozinha em minha miséria.

* * *

Pela manhã, o sexo é duro e áspero e tão emocional que minha cabeça começa a girar. Eu fiquei tão tonta quando terminou que eu corri para o banheiro e vomitei no banheiro.

—Lily.— Lo chama, colocando suas cuecas boxer enquanto entra rapidamente no banheiro. Ele se ajoelha atrás de mim e esfrega minhas costas. —Está tudo bem. Está tudo bem. —Ele diz como se ele estivesse tentando se convencer disso.

Eu fico por um minuto inteiro antes de me acalmar, minhas mãos trêmulas segurando o vaso sanitário.

—O que aconteceu?

Eu respondo ainda de costas para ele: — Eu fiquei tonta.

—Por que você não disse alguma coisa?

—Eu não sei. —sussurro, minha voz rouca e áspera. Eu preciso escovar os dentes. Eu tremulamente encontrei a minha escova de dentes e um pouco de pasta.

—Lily, fale comigo .—diz ele atrás de mim. Ele coloca uma mão suave no meu quadril enquanto eu cuspo na pia.

Quando eu termino, eu me viro e me inclino contra o balcão. —Você quer terminar?— Eu digo sem rodeios.

Sua respiração se torna rasa. —Não. Eu amo você, Lil. —Ele segura minha mão. —Olha, eu vou tentar mais. Nós dois vamos. —Eu não estou surpresa pelo anúncio repentino. Nós brigamos num minuto e, em seguida, estamos fazendo as pazes.

É por isso que durou tanto tempo. E eu suponho que o medo de perder o outro é sempre mais forte do que a dor que causamos.

—Tentar mais o quê?— Eu quero que ele esclareça o que ele está falando.

—Eu vou beber mais cerveja. Ryke estava me irritando ontem, então eu escolhi o licor duro. —Ele faz uma pausa e me olha hesitante, prestes a virar a mesa. —Lily... Eu adoro transar com você, mas nas duas últimas semanas, você tem sido uma loucura. Eu mal consigo pensar.

—Eu sei. Eu sinto muito. —Mas eu estou assim por impedi-lo de beber. Eu acho que nós precisamos trabalhar em cumprir nossos compromissos, o que significa que eu preciso parar de tentar forçá-lo a ficar sóbrio, desviando sua atenção em outros lugares.

Ryke ficará desapontado, mas este é o melhor que eu tenho, sem empurra-lo para longe de mim. Eu preciso dele mais do que ele precisa de mim. Seu vício é uma garrafa de uísque. O meu é seu corpo. Então, quando nós lutamos, eu sou a única que perde no final.

—Você quer terminar?—Ele me oferece o mesmo.

Seria mais fácil deixá-lo ir, para voltar a nossos rituais regulares, mas agora que eu o tenho, eu não posso imaginar não ser varrida em seus braços e fazendo nosso ritual ao mais alto grau. Ele é minha droga que de bom grado eu consumo. Eu acho que isso é o que ele mais teme, ele permite que o meu vício seja ele. E quanto mais tempo estamos juntos, mais eu tenho a certeza de que ele sempre deixará.

—Não — eu sussurro. —Não, eu quero estar com você.

Ele me laça perto e me beija na testa. —Nós vamos fazer melhor. — Seus lábios escovam meu ouvido. —Da próxima vez que você se sentir doente, por favor me diga.

—Eu direi.

Ele inclina meu queixo para cima e me beija nos lábios, pedindo a minha

boca aberta. Sua língua desliza para dentro no mesmo segundo e em seguida, ele respira: — Vamos fazer o certo desta vez. — Ele me apanha em seus braços, e eu o seguro pelo pescoço, de bom grado, prestes a apagar todos os momentos ruins e substituí-los pelos bons.



Capítulo Vinte e Sete

—Você pode me ajudar?

Lo arruma a gravata e, em seguida, descansa a mão no meu quadril. Eu tento não focar no modo como seus dedos me pressionam. Nós só transamos e tomamos uma ducha. Eu não quero mostrar-me para o desfile de moda de Rose com cabelo bagunçado e bochechas coradas.

Ele fecha o meu vestido e o seu toque causa ondulações na minha pele. —Você está bem?—Ele pergunta.

—Sim.— Eu aliso meu cabelo que atinge os meus ombros, tentando saciar os tremores nervosos no meu estômago.

Eu me esforço para pensar em uma instância antes da escola secundária onde eu deliberadamente introduzi amigos para minha família. Em parte, foi provavelmente porque Lo fosse a minha única companhia por algum tempo.

Tem uma parte em mim que quase deseja que Rose e Connor nunca tivesse se conhecido, ou que eu não fosse sua amiga primeiro.

Qualquer coisa para que meus dois mundos não tenham que se colidir, meu mundo com a minha família e minha vida universitária.

Connor sabe das coisas, até mesmo mais que Rose, e eu temo que possamos cometer um erro em não contar nossas mentiras para nosso novo amigo. Mas como é que eu ia saber que Rose, de todas as pessoas iria encontrar

a personalidade de Connor Cobalt atraente?

Minha sorte é como uma tempestade perfeita.

Pelo menos eu não sou egoísta o suficiente para destruir seu relacionamento antes de começar. Isso teria sido significativo.

Com Ryke nos seguindo para todos os lados, ele dobra o stress. A qualquer momento Connor ou Ryke podem deixar escapar alguma coisa para minha família, e tudo se arruinaria. Mais do que isso, eu me sinto oprimida por deixar a minha família ver outra parte da minha vida. Eu me restringi por uma razão, e agora tudo parece totalmente confuso e complicado. Se Lo sente o mesmo, ele não deixa transparecer. Eu o vejo casualmente verificando os cartões em sua carteira antes de guardar de volta no seu bolso.

Alguém bate na porta.

—Você está decente?— A voz abafada de Connor do outro lado.

Lo abre a porta, e Connor está lá, vestindo seu próprio terno de mil dólares e um sorriso igualmente caro. —Precisamos sair. Eu não quero chegar atrasado.

—Nós vamos chegar uma hora mais cedo. — Lo reclama.

—Podemos esperar alguns minutos.

Eu os sigo até a cozinha, onde Ryke se senta no bar, digitando em seu celular.

—Eu quero ver Rose antes do show começar.—confessa Connor. —Ela parecia nervosa esta manhã.

—Ela sempre está. — eu digo. —Ela está preocupada principalmente se ninguém aparecer.— Eu mesmo teria convidado. Principalmente para falar sobre Connor, mas ela realmente não me daria detalhes sobre o dia do teatro, a não ser para dizer que ele agiu exatamente como ela pensou que ele faria. O que isso significa? Eles ainda estão saindo, então eu só posso presumir que correu tudo bem. Esperemos que eles não falem muito sobre Lo e eu. Eu preciso encontrar tempo para dizer a Connor que Rose não tem conhecimento de certos aspectos de nossas vidas. Como Lo beber constantemente.

—Eu disse a ela que eu a tenho manipulado, mas ela escolhe não

acreditar em mim — diz Connor. Pequenas rugas aparecem em seus olhos em sinal de descontentamento, uma emoção que eu ainda não tinha visto no imperturbável Connor Cobalt.

—Quem você chamou?— Lo pergunta antes de olhar Ryke no bar. Mesmo nos dias em que Ryke faz suas perguntas, ele o mantém à distância, respondendo com sarcasmo ou desprezo. E agora que eu não sou mais uma força matriz em desviar a atenção ativa de Lo ao álcool, Ryke não perde a oportunidade de olhar para mim. Não consigo fazer nada direito.

—O proprietário de Macy, Nordstrom, H & M e algumas lojas de departamento menos conhecidas estarão lá. A casa vai estar cheia.

—Connor olha para mim. —Não diga a ela sobre quem vai estar no show. Não precisamos deixá-la mais ansiosa.

— Eu não vou.

Ryke está na barra, deslizando seu telefone no bolso do terno, seu guarda-roupa tão caro quanto o de Connor e Lo. Por alguma razão, seu terno me pega desprevenida. Eu esperava que ele tivesse uma bolsa de estudos, mas pelo tecido bem cortado, o terno é claramente o nome da marca. Possivelmente Armani ou Gucci. O que significa que ele tem dinheiro. E vários do mesmo.

Eu percebo que eu não perguntei a Ryke muito sobre sua vida pessoal. Lo significava, mas ele fica tão irritado que ele normalmente vai embora.

Antes que Ryke atire em mim um olhar mordaz, acho uma boa pergunta. —O que os seus pais fazem?

Connor põe a mão no meu ombro. —Falar e andar. Nós estamos atrasados. —Nós realmente não estamos, mas a definição de atraso de Connor Cobalt é muito diferente da minha. Deixamos o apartamento com Connor atrás de nós, praticamente nos empurrando para fora.

Ryke vem ao meu lado, Lo permanece mais perto do meu outro lado. —Minha mãe não trabalha. Eu venho de uma família com algum dinheiro.

Connor neuroticamente verifica seu relógio de novo, e eu pressiono o botão no elevador. —De seu pai?

— Sim.—diz Ryke. —Eu não vivo com ele. Sempre fomos só eu e minha mãe.

Meu peito incha com a notícia, e eu não posso dizer se isso afetaLo ou não. Ele parece totalmente em branco pela revelação.

—Eles são divorciados?— Eu pergunto. Lo me puxa pela cintura e eu me inclino para trás contra seu peito. Meus olhos se fecham enquanto eu sinto o bombear do seu coração e do aconchego do seu peso. Eu gostaria que ele me inclinasse e... não, Lily.

—Sim.—diz Ryke. —Foi muito confuso. Eles deveriam ter a minha guarda conjunta, mas foi minha mãe quem ganhou nessa disputa.

— E vocês se conhecem?

—Sim.—admite Ryke, um tanto individual, quando lidou com tudo isso antes de chegar a um acordo com ele. —Ele me envia presentes o tempo todo, e minha mãe os jogariam fora se pudesse. Mas ela me deixa encontrá-lo toda segunda-feira desde que me lembro. Ele parecia um cara legal, mas há anos minha mãe me conta algumas... coisas muito horríveis sobre ele. Coisas que ela não deveria ter dito para um garoto tão jovem. Depois de um tempo eu parei de vê-lo, e eu parei de amá-lo também. —Ryke olha para Lo. —E você?

—E quanto a mim?

—Seus pais se divorciaram?

—Eu moro com meu pai.— Lo afirma categoricamente. —Ele é o melhor pai do mundo de merda. Desculpe, mas não somos muito diferentes de vocês.

O rosto de Ryke se endurece. —Você tem um bom relacionamento com ele?

—O melhor.

Eu fico olhando para o chão, meu estômago revirando em seu tom mordaz.

—Sua namorada não parece concordar.

—Pare de analisar seus movimentos. —ele atira de volta. Sim, por favor, pare. Especialmente porque eu tenho que cruzar os tornozelos para me

concentrar em algo diferente do que o sexo nesse momento.

As portas do elevador se abrem. Assim que minha mente volta a funcionar, uma súbita onda de ansiedade bate em mim, trazer Connor e Ryke para um desfile de moda me parece como um castigo. Vou acabar trocando essas emoções avassaladoras para fantasias com minhas elevações carnais. Isso soa melhor do que essa ansiedade rastejando.

Nós entramos na limusine, e no momento em que chegamos ao local, eu imaginei dez cenários diferentes com Lo no banco de trás comigo, esparramada aproximadamente umas cinco vezes.

Lo percebeu que eu estava fantasiando, mas eu tenho certeza que ninguém mais notou.

O ponto entre as minhas pernas pulsam, ansioso para ser aliviado, mas eu evito enfrentar qualquer desconforto em me torturar com essas imagens. Lo entrando e saindo. Entrando e saindo, sussurrando para que eu goze. É tão estúpido.

Estou aqui por Rose.

E, no entanto, eu não consigo parar.

Eu cerro meus punhos, forçando-me a me concentrar no momento presente.

Estou aqui.

Em nenhum outro lugar.

Há uma pista elevada no meio da sala e cadeiras de plástico brancas alinhadas em ambos os lados, não há ninguém aqui exceto fotógrafos, publicitários, modelos e estilistas. A maioria fugiu para os bastidores, onde eu tenho certeza que Rose se ocupada vestindo os modelos. Daisy provavelmente está sendo montada agora em um vestido de seda para o tipo de garota de todos os dias. Eu deveria ir vê-las, mas eu quero fazer algo mais, algo que eu sei que é errado neste momento.

—Lo.—eu sussurro, apertando seus bíceps. Eu olho para ele com a

respiração rasas e olhos semicerrados. Por favor, venha comigo. Por favor…

—Você pode esperar até chegarmos em casa?

Ryke pega essas palavras enquanto Connor disca o número de Rose e divaga. —O que há de errado?—Ele me pede.

— Nada.— Eu dou um olhar de advertência para Lo. —Eu já volto.— Eu me levanto para ir ao banheiro e Lo pega meu pulso.

—Você precisa tentar. —ele me diz.

—Como você está tentando?

Lo coloca os lábios na minha orelha e sussurra: — Eu estou tentando. Eu só tomei cerveja hoje. Você sabe disso.

Eu não consigo imaginar ficar sem cumprir essa necessidade no momento. Dói muito. É tudo o que posso pensar. E se Lo não vai me ajudar, então eu vou me ajudar. Sem fazer besteira. Eu me desvencilho dele. —Eu não quero ficar aqui esperando. Nós temos tempo.

—O que é que você precisa fazer?— Ryke me pergunta. Eu odeio o tom duro de sua voz, como se eu estivesse a um passo de matar Lo por lhe causar stress, como se eu fosse dar a ele um copo de uísque, enquanto o assistia beber, sem censurá-lo.

Eu o olho. —Não é da sua conta.

—Hey.—diz Ryke. —Eu só estava querendo ajudar.

Meu rosto cora. —Você não pode me ajudar.

—Jesus, alguém acordou do lado errado da porra da cama.

—Não fale sobre mim em uma cama.— eu respondo, sendo absurda e irracional.

Lo agarra meu pulso. —Lily, pare.

—Você está defendendo ele?— Eu vocifero. —Realmente, Lo!

Lo sussurra acaloradamente no meu ouvido. —Você consegue se ouvir? Você não está pensando direito.

Enfio o dedo no peito de Lo. —Vocês dois são idiotas. — eu digo,

olhando entre eles como se estivessem lado a lado. Elegantes e bonitos, gelo e pedra. Eu odeio eles. Eu me odeio. —Eu nem sei por que eu concordei com tudo disso. — Para estar com Lo. Para deixar que Ryke nos siga onde quer que vamos. Se eu parar e pensar por dois segundos, talvez eu entenda que eu estou projetando toda a minha ansiedade do desfile de moda neles. E é injusto, imaturo e cruel. Mas eu não quero pensar. Eu só quero transar.

Eu inspiro umas respirações esporádicas. Eu preciso ir. Agora.

Corro para o banheiro, muito mais rápido que Lo, e me dirijo para o banheiro dos homens em vez das mulheres. Um cara em seus trinta anos me vê através do espelho enquanto se alivia. Ele amaldiçoa e fecha sua calça. Confiança infla no meu corpo, a necessidade de fazer isso superando tudo o resto.

Eu escolho uma cabine sem dizer uma palavra a ele.

Lo entra, nem mesmo olha para o cara. Ele lança seu olhar em mim, só em mim, e parece que ele quer me devorar toda ou talvez me sufocar. Sim.

Ele bate a porta atrás de nós e quando chega perto ele agarra meus pulsos. Ele gira meu corpo e minha bunda esfrega contra sua pélvis, coloca minhas mãos na parede de azulejos, me curvando para trás em um ângulo, com seus pés do lado de fora do banheiro.

—Você quer isso?— ele rosna, sua mão deslizando por baixo do meu vestido, seus dedos encontrando o local mais sensível.

Eu suspiro, meus olhos rolando para trás. Por favor.

Ele tampa minha boca com a outra mão, abafando meus gemidos enquanto ele empurra os dedos para dentro e para fora. Minhas mãos escorregam no azulejo, e eu quase bato minha cabeça contra a parede dura, mas ele me aperta forte, me mantendo de pé.

Ele empurra para dentro, e eu me perco no prazer, para a felicidade, para a dureza dele. Minha respiração estrangulada na minha garganta, e ele nunca diminui o ritmo. Ele bate bem forte, me dizendo que eu fui má. E eu chego ao

clímax com a respiração suspensa e tonta.

Quando ele termina, ele puxa as calças até a cintura e fecha os botões enquanto eu tento encontrar minha calcinha a seus pés no chão.

—Você está bem?— Lo pergunta, tirando um fio de cabelo suado do meu rosto.

—Eu acho que sim.— Por que eu fiz sexo aqui? Tudo o que eu fiz surge na minha cabeça e no meu coração, e eu inalo respirações ponderadas. Por que eu fiz isso? O que há de errado comigo?!

Quando sai, ele lava as mãos, em seguida, me leva para fora. Felizmente, o show não começou, mas a sala está cheia até a borda.

Eu sento no meu lugar na primeira fila ao lado de Connor, evitando Ryke.

—Eu deveria ir falar com Rose.— eu digo.

—Não há tempo. — Connor olha para o Rolex. —O show vai começar em quinze minutos.

—Oh.

Eu afasto a culpa para longe, meu estômago está dando nó e minhas mãos tremem, mas Lo se estica e as aperta. Eu vejo a preocupação em seus olhos, mas eu não seguro suas mãos de volta. Estou bem. Tudo vai ficar bem.

Eu olho para cima e vejo Poppy andando pelo corredor com um sorriso largo com Sam em seu braço. Meu estômago faz uma cambalhota completa. Eles fogem e ela vem me cumprimentar, me beijando na bochecha. —Há tantas pessoas aqui!—Ela exclama. —Rose deve estar tão orgulhosa.

—Onde está a mamãe?— Eu pergunto, meu coração batendo ao ritmo acelerado da música.

— Ela está vindo. Papai estava no telefone, então eles pararam do lado de fora por um segundo. —Ela olha para Connor e Ryke. —Quem são seus amigos? Oh, esse é Charlie? —Ela se concentra em Ryke que está com uma expressão confusa.

—Não, Charlie se mudou.— eu minto. —Este é Ryke. Ele é um amigo da

faculdade, e esse é Connor Cobalt.

Poppy momentaneamente esquece Ryke quando Connor levanta para apertar-lhe a mão e, em seguida, Sam. —É bom conhecer vocês dois.— Sua boa aparência e palavras oficialmente hipnotizaram Poppy. Ela balança a cabeça enquanto ele fala sobre Fizzle para Sam, tentando trazer a conversa familiar. Eu não posso dizer se isso é normal, o ataque de Connor de papear ou se ele está adicionando o charme extra para se incorporar ainda mais nas boas graças de Rose.

Quando Poppy sai do feitiço magnético de Connor Cobalt, ela sussurra para mim. —Este é o garoto que Rose está vendo?

—Sim.

Ela me da um sorriso. —Ela escolheu bem.

—Sim, mas ela provavelmente acha que pode fazer melhor.

Poppy ri e, em seguida, toca o meu braço. —Estamos sentados a poucos assentos de seu. Vejo você depois do show. — Ela hesita.

—E Lily, eu estou contente por finalmente conhecer seus amigos.

Eu sorrio, mas dói. Porque no fundo, esses amigos podem também ser comprados e pagos.

Poppy e Sam vão encontrar seus lugares, e eu fico no meu com um peso enorme no peito. Essa é a única coisa que tira o sexo da minha mente. E quando eu começo a focar nos fotógrafos, especialmente aquele desalinhado no canto, meu corpo começa a mudar novamente.

Eu tenho me treinado para me automedicar com sexo por tanto tempo que parar parece ser impossível, é como se tentasse parar um trem de alta velocidade antes que ele se choque contra uma parede de cimento. Então, eu vou falhar. Eu vou lascar e quebrar. Mas ele conseguiria parar se avistasse a parede com antecedência.

É nisso que eu tenho que me concentrar. A emoção, o ápice das endorfinas quando balanço contra outro corpo. Qualquer corpo. Espero que seja

apenas com Lo. Não consigo me concentrar em outros pensamentos e meus joelhos praticamente saltam em séria fome.

As pessoas mergulham em suas cadeiras, e eu posso ouvir fracamente Ryke perguntando a Lo sobre a carreira de modelo de Daisy. Eu não ouço a resposta, porque vejo um fotógrafo parado, prendendo sua câmera. Seus músculos flexionando e eu imagino ele me segurando em seu lugar. Pare. Eu interiormente esfrego as palmas das mãos suadas no meu vestido. Eu sou uma viciada que precisa de uma dose, e eu odeio o fato de que a rapidinha no banheiro não me saciou. Eu já fodi. Com vontade de irritar Rose estar nos bastidores? Pare.

Eu não quero pensar nisso.

As luzes se apagam. —Lo.—eu respiro. —Lo, eu preciso...

— Eu não posso dizer isso, mas o tom da minha voz fala por mim.

—O show está prestes a começar, Lil.—ele sussurra. —Você tem que aguentar.

Eu não sei se eu posso. Eu me contorço na cadeira, lutando contra os desejos da minha elevação natural favorita.

E então meus pais entram. Ryke se levanta e estende seus braços. — Ei, eu vou ao banheiro antes do show começar.— Ele está indo para o banheiro, onde eu quero ir. As sobrancelhas de Lo sobem, o olhando até que ele desapareça.

Eu cruzo meus pés, o suor se reunindo na minha pele. Eu não posso fazer isso. Eu preciso de alguém... Eu preciso aliviar isso... eu vou.

—Lily.— Lo protesta, pulando comigo. —Lily, sua irmã. Pense em Rose.

—Eu não posso; — eu sussurro, correndo em direção à saída, deixando Connor com três lugares vazios. Sua expressão usual está quebrada. Ele me olha irritado.

Lo diz: — Pense depois, Lily. Por favor. —Eu vou me sentir horrível.

Sim. Mas eu não posso parar de mover meus pés, ou a minha respiração engatada. Há um lugar tão profundo, uma compulsão que precisa ser sustentada. Eu preciso disso. Eu preciso disso mais do que a respiração, mais do que o ar, mais do que a própria vida.

É um pensamento estúpido. Um que não faz sentido certo. Mas é o que me motiva.

Eu passo por meus pais e eles ficam confusos, Lo permanece por perto para inventar alguma desculpa, e eu saio para fora, na liberdade da cidade. No estacionamento onde os carros se alinham como pontos pretos.

Eu desbloqueio o Escalade de Nola, o qual eu tenho certeza que meus pais usaram para chegar até aqui. Felizmente ela não está dentro. Eu deslizo no banco de trás para abrir o meu vestido. Antes de fazer qualquer coisa, a porta se abre, e Lo entra. Ele grosseiramente agarra meu tornozelo e me puxa para ele. Estou perdida nesses sentimentos.

Eu estou perdida para ele.

* * *

Quando eu volto pro mundo, após os hormônios estimulantes saírem, tudo corre de volta e as lágrimas começam a queimar. —O que há de errado comigo?— Eu engasgo. Eu começar a me vestir rapidamente, encontrando meu sutiã no chão do Escalade. Lo se move a um ritmo muito mais lento, ele parece mal do estômago.

—Lil.—diz ele numa voz baixa e estende a mão para tocar a minha. Eu puxo para trás instantaneamente, muito frenética e envergonhada por ele estar me confortando.

—Não, nós temos que ir antes do show terminar. Talvez ela não vá notar... —quando eu abro a porta do carro, as pessoas já começam a se reunir fora no estacionamento escuro, balançando sacos de presente em suas mãos. O quê? Acabou? Eu perdi toda a coisa?!

—Lily ...— Seu paletó está envolto em seu braço, e ele hesita por um momento, antes de colocar a mão no meu ombro.

—Você sabia o tempo todo?— Eu questiono. —Por que você não me parou?

— Eu tentei.— Lo respira. Ele engole em seco, aflito. — Lil, eu tentei cerca de cinco vezes.

—O quê?— Eu balancei minha cabeça. —Eu não me lembro disso. Eu não…

—Hey, hey, está tudo bem... — Ele me traz ao peito, envolvendo os braços em volta de mim em um casulo. — Shhh, Lil, está tudo bem.

Não está não.

Eu deveria ter parado pela primeira vez. Por que eu me convenci de que esta seria uma pena muito alta? Eu o empurro, a culpa quase me sufocando. — Não, não, eu tenho que pedir desculpas. — Eu deslizo meus pés em meus saltos, tentando me concentrar. Vai ficar tudo bem. Eu vou dizer alguma mentira sobre intoxicação alimentar e, em seguida, pedir algumas desculpas e suavizar tudo.

Vai ficar tudo bem.

Meu coração bate tão alto quanto a multidão que derrama através das portas de vidro duplo. Eu não preciso andar muito para encontrar meus pais. Eles já estão indo para o carro com Poppy e Sam no reboque.

Eles riem e Poppy mostra uma foto a minha mãe em seu Blackberry. Quando Poppy percebe eu me aproximando, seu rosto vacila e a expressão passa entre os quatro. A minha presença tem sugado todo o gozo de suas características.

— Eu-eu.—eu gaguejo. —Eu não me sinto bem. Eu estava com dores de estômago e estava muito tonta. Eu acho que não comi o suficiente. Nós pensamos que poderia haver comida no carro.

Meu pai se volta para Sam, me ignorando completamente. — Eu tenho um relatório da Fizzle você precisa ver.— Ele leva o marido de Poppy para

longe e dá a Lo um olhar quando ele passa.

Eu fujo da minha mãe, que provavelmente, me queima com um olhar que poderia congelar toda a Flórida. Isso leva Poppy.

— Honestamente, eu não me sentia bem. Eu nunca iria perder o desfile de moda de Rose. —A mentira queima minha garganta.

Os olhos de Poppy sobem para o meu cabelo e eu subconscientemente achato os fios selvagens. Lo toca a minhas costas e eu o empurro para longe novamente.

—Seu vestido está enrugado, — minha mãe me diz friamente antes de definir seus olhos sobre Lo. — Talvez você poderia tentar controlar seus hormônios durante os eventos familiares.— O quê? Não.

—Lo não...

—Não, você está certa. — Lo interrompe e eu olho para ele silenciosamente. —Sinto muito. Foi a hora errada. Isso não vai acontecer de novo, Samantha.

Minha mãe processa suas palavras por um breve momento antes de acenar com a cabeça ligeiramente. Com os lábios franzidos ela vai para o carro. Vejo a decepção nos olhos de Poppy. —Rose está lá dentro, mas eu não acho que ela queira falar com você agora. Dê-lhe algum tempo para esfriar.

Poppy sai antes que eu possa dizer mais. Não que eu tenha algo diferente de outra desculpa patética.

Eu não posso esperar até amanhã. Dói muito,não poder pelo menos confrontá-la. Eu vou em direção ao prédio, mas Lo agarra meu pulso.

—O que você está fazendo?

—Eu tenho que falar com ela.

—Você não ouviu Poppy?— Lo diz com os olhos arregalados. —Vamos deixar Rose se acalmar caramba. A menos que você queira que seu coração seja arrancado. —Talvez eu queira. Talvez eu mereça.

Connor abre as portas de vidro com o ombro, as mãos ocupadas

mandando mensagens de texto. Eu o encaro, e quando ele olha para cima, seu rosto escurece.

—Como ela está?— Eu pergunto, olhando por ele para dar uma espiada.

Ele dá um passo a frente de mim, me impedindo de ter qualquer contato visual ou entrar. —Não está feliz. —diz ele, com a voz tensa.

—Onde está Ryke?— Lo pergunta com uma careta.

—Ele saiu. Ele estava doente.

—Eu acho que foi algo que nós comemos.— eu digo.

As sobrancelhas de Connor sobem em descrença. —Isso foi antes ou depois que você saiu para trepar no carro?

Eu tropeço para trás com o golpe. Meus ombros batem no peito de Lo e desta vez eu o deixo envolver um braço em volta da minha cintura.

—Ei, acalme-se, Connor.— Lo adverte.

Connor mal pisca. —Eu convivo com você a tempo suficiente para saber que as fugas para o banheiro não são para ataques sincronizados de bexiga. O que é bom. Sua vida sexual, francamente não é problema meu. —Ele olha de volta para o prédio e, em seguida, olha para mim. —Você deveria ir.—ele sugere.

—Quero pedir desculpas primeiro.

—Por quê?— O tom de Connor permanece plano. Eu o insultei ou o enojei de alguma forma. A única pessoa que eu pensei que era incapaz de ser repelido por mim.

—Ela precisa saber que eu sinto muito.

—Ela vendeu sua linha da Macy e tem uma oferta da H&M.— Connor me diz. —Não estrague isso, ao tentar fazer você se sentir melhor. Basta ir embora, Lily.

Eu não sei mais o que fazer. Então eu sigo o conselho e desapareço.

* * *

No dia seguinte eu tento ligar para o celular de Rose quase todas as horas sem sorte. Depois da minha décima tentativa de reconciliação, eu atiro o telefone no chão e grito no meu travesseiro. É por isso que eu não faço funções de família. É por isso que eu não tenho amigos. Eu decepciono a todos.

Minha porta se abre e Lo entra, eu me viro de costas para ele. —Ela vai te perdoar, Lil. Talvez não a mim... mas definitivamente você sim.

Eu tremo. Minha mãe achou que seus hormônios arruinaram a noite, mas foi eu. Eu odeio que ele esteja levando a culpa desta vez.

Lo se senta no pé da cama e tenta colocar a mão no meu tornozelo. Imediatamente, eu me afasto e subo para a cabeceira da cama. —Eu não... — Eu murmuro.

Suas sobrancelhas sobem em preocupação. —Você não quer mais transar?— E o quê? Ser uma celibata? Eu não sei mesmo como desistir do sexo. Como você para algo que está enraizado na natureza humana?

—Pode ser. Não. Eu não sei. —Devo me livrar dos meus filmes pornô? Mas o que vai acontecer daqui a uma semana quando eu perceber que isso não vai funcionar. Eu vou ter que refazer todo meu estoque. Não vale a pena.

—Eu vou apoiá-la em tudo o que você decidir.— Lo me diz.

A culpa me impede de ter relações sexuais. Literalmente ela dirige todos os meus hormônios em um estado de castidade perpétua.

Eu enterro minha cabeça em meus joelhos. Eu preciso tomar uma decisão, mas eu tenho dúvidas entre as minhas escolhas. Foi um erro, que aconteceu no momento em que eu estava perto da minha família. Eu só tenho que me separar deles novamente. Distância.

Uma vez que eu me desculpar com Rose, eu vou recuar e tudo voltará ao normal. Limpo e compartimentado.

—Eu vou falar com Rose.— eu decido. —E só então nós faremos sexo de novo.

Ele beija minha testa. —Eu vou estar aqui, amor.— E mordisca minha

orelha.

Eu pego um travesseiro e divertidamente jogo no seu peito. Ele sorri, mas respeita os meus desejos e para de lutar sensualmente comigo. Em parte ele parece pouco aliviado. Eu sei que eu não tenho sido a melhor coisa, toda triste e egocêntrica.

Eu deslizo da cama. Eu vou confrontá-la agora, quando eu tiver a chance. Amanhã ela estará de volta a Princeton e eu vou estar muito ocupada tentando não deixar minhas aulas para vê-la. —Você acha que ela vai me deixar entrar?

—Seja persistente. Depende se ela finalmente foi despedida—, afirma Lo.

Dou-lhe um olhar duro e ele levanta as mãos numa oferta de paz. Estou orgulhosa de que minha irmã não desistiu de seu cartão V (virgindade) para qualquer um.

Rapidamente, eu escovo meu cabelo, pego meu casaco e deixo Lo na cozinha, onde ele começa a se consertar, bebendo uma bebida leve à tarde. No caminho para Villanova eu tentei formular um discurso, mas na hora que eu chego na porta, tudo foge da mente.

Eu esquivo do pessoal das usinas ao redor da mansão e subo a escadaria em direção à sala velha de Rose, onde ela fica quando ela visita. Eu bato um par de vezes antes de a porta se abrir. Assim que seus olhos verde-amarelo caem em mim, sua boca e seu corpo inteiro ficam rígidos como se ela estivesse praticando para ser um guarda para a rainha da Inglaterra.

—Nós precisamos conversar. — eu digo, fico feliz que a porta não tenha me atingido no rosto ainda. Isso é uma novidade.

Ela continua a bloquear a entrada em seu quarto. Sou obviamente indesejável em seu santuário. Eu realmente fiz asneira desta vez. — O que há para ser dito? Você transou com Loren durante meu desfile de moda. Eu fui feita para não me surpreender, me ferir ou me chocar Lily. —diz ela, sem drama.

—Eu sinto muito.— Eu toco meu peito. —Você não sabe o quanto estou

triste. Eu prometo que vou ser uma irmã melhor.

Rose balança a cabeça, franzindo as sobrancelhas. —Pare, Lily. Estou cansada de suas promessas. Você sempre vai escolher Lo. E vocês dois nunca vão dar a mínima para ninguém. Você é egoísta, e a menos que eu queira passar a vida constantemente decepcionada, eu aprendi a aceitar as falhas de caráter. Você deveria fazer o mesmo.

Ouço seu celular tocando e ela olha para trás, ainda não me convidado para entrar. —Número desconhecido. É Macy. —Ela fecha a porta antes que eu possa sequer pronunciar a palavra parabéns. Talvez eu mereça isso.

Fico pensando em suas palavras, e me pergunto se ela está certa. Se eu aceitar o fato de que sou egoísta e incapaz de mudar, isso vai ajudar a curar a culpa.

Se não, o sexo ajudará.



Capítulo Vinte e Oito

Eu faço um esforço para falar com Rose mais frequentemente. Na maior parte do tempo, ela me responde, me atualiza sobre a Calloway Couture. Às vezes ela é curta comigo, mas é melhor do que bater a porta na minha cara. Enquanto eu tento curar meu relacionamento com Rose e ignoro o resto da minha família, Lo passa o tempo com Connor no ginásio.

Ryke continua a nos seguir pra todos os lugares, por um momento estranho no desfile de moda eu pensei que Lo e Rike pareciam se unir, mas eles têm sido muito mais cordial. Ryke fingiu rabiscar anotações para seu artigo falso, mas ele geralmente tenta entender Lo. Ontem à noite, eles começaram a falar sobre sua experiência com babás. Uma das babás de Lo costumava beber margaritas de morango e ficava alta no meio do dia.

Aparentemente Ryke passou por uma situação semelhante, só que sua babá o deixava saborear suas mimosas e bloody mary. Ele tinha apenas nove anos.

Eu puxo uma escova pelo meu cabelo molhado enquanto Lo o seca com uma toalha. Sexo no chuveiro. Clássico.

Eu quase não me lembro por que eu estava tão preocupada com o meu estilo de vida. Eu sou mais do que capaz de fazer tudo funcionar.

Hoje o professor postou as notas de economia online. Como de costume, Lo se recusa a divulgar suas notas, mas eu ganhei um C +, que é praticamente um A + na mente de Connor. Ele insistiu que temos que comemorar. Apenas Connor Cobalt pode limpar tábua rasa. Lo de alguma forma escapou de volta para suas boas graças também. Depois do episódio do desfile, eu pensei que estaria na lista negra de Connor para qualquer evento. Mas eu acho que tudo se resume a Rose. Sua única fraqueza humana é a minha irmã. E se ela me perdoou, então ela provavelmente ordenou-lhe para fazer o mesmo.

Eu ainda estou tentando desembaraçar meu cabelo quando Connor chega com Ryke. Lo sai para atender a porta enquanto eu quebro alguns dentes do pente. Sério? Como isso pode ser possível? Eu finalmente adquiri um superpoder, cabelo indestrutível. Super cacho.

Minha porta está aberta enquanto eu procuro outro pente. Ou melhor ainda, um pincel real para enfrentar esses nós.

Eu ouço os caras na sala de estar, mas eles não devem, porque a conversa se volta das melhores pizzarias em Philly para mim.

—De quem foi a ideia de abandonar o desfile de moda?— Ryke pergunta.

—Isto faz parte do seu artigo?— Lo pergunta.

—Não, estou apenas curioso.

—Eu queria transar com ela. Então eu fiz. E você não abandonou o show também? Qual é a sua desculpa?

—Eu tenho uma namorada quente que eu queria foder.— ele zomba. —Não, realmente, eu tive intoxicação alimentar dos tacos que comi na loja da esquina.

—Nós comemos lá o tempo todo —diz Lo. —Eu nunca fiquei doente.— Ele acha que Ryke está mentindo? Ele não tem nenhuma razão para isso. Na verdade, ele provavelmente gostaria que ele tivesse ficado para testemunhar a minha morte.

—Então talvez tenha sido o leite ruim no meu cereal. Eu não sei dessa porra! —Ele diz, exasperado.

Connor o corta. —Foi sua ideia realmente, Lo?

Eu fecho meus olhos, esperando Lo rejeitar parte da culpa.

—Ela não estava exatamente me dizendo não.— Ok, eu pensei que me sentiria melhor.

—É preciso dois para fazer amor e apenas uma pessoa a cometer um erro. — Connor se volta para Ryke e diz: —Escreva isso.

—Está tudo aqui em cima.— Eu imagino que ele esteja apontando para sua cabeça.

—Você tem amigos?— Lo se pergunta em um tom fácil. —Somos seriamente os seus agora.

—Lily, definitivamente. Connor, talvez. Você, tudo bem.

—Bem, você não é meu tipo de negócio Meadows,— Connor diz casualmente, não ofendido.

—Eu definitivamente estou escrevendo para baixo o artigo.

—Você deve apenas citar tudo o que digo, e eu espero ver o meu nome no título. Como 'Filhos de Magnatas, caracterizando Connor Cobalt, um próximo empreendedor que olha para o mundo.'

—Eu vou considerá-lo, mas meu professor não gosta de coisas terminando com preposições. Então eu acho que eu vou acabar com ele.—que caracteriza Connor Cobalt: Você vai querer beijar sua bunda.

—Perfeito. —exclama Connor.

Eu finalmente encontro uma escova na minha gaveta de meias e termino de lutar contra os nós. Quando eu me preparo para ir pra cozinha eu vejo Lo preparando um copo de uísque. Eu caminho para o lado dele e ele envolve um braço em volta da minha cintura.

Ryke mexe a boca dizendo: — O distraia!

Eu balanço minha cabeça. Faço qualquer coisa para ajudá-lo, mas não à custa do nosso relacionamento.

Ryke vira o rosto e eu olho para Connor, que está muito preso ao seu celular para notar, então eu mostro a língua para Ryke, estou sendo infantil, eu

sei.

Lo agarra meu queixo e vira a minha cabeça para ele. —Você acabou de mostrar a língua para ele?— Ele me dá um sorriso divertido.

Eu balanço minha cabeça. —Não.

—Ela mostrou.— Ryke me desmente.

—Ele virou a cara pra mim!— Eu vocifero.

Lo me beija nos lábios, me calando. Oh... Quando ele quebra o beijo, seu hálito quente bate no meu ouvido. —Eu amo você.— Meu coração palpita com essas palavras. Antes que eu possa retribuir, o telefone vibra no balcão.

Eu pego um vislumbre da tela, soltando meu estômago. —Talvez você não devesse atender.

Lo pega o telefone e o pressiona no ouvido. — Hey Pai.— Ele caminha para o quarto para ter privacidade.

Para ocupar minha mente, eu vou para a geladeira e pego um champanhe de cereja, abrindo a lata. Eu me lembro que eu devo a Connor mil dólares por ter me ajudado a passar no meu exame de economia. Eu não estou no clima para procurar meu talão de cheques agora, mas eu vou procurá-lo mais tarde. Ele pode muito bem estar se escondendo debaixo da minha cama. Ou em uma bolsa qualquer.

— Connor.—eu digo: —Posso lhe pagar mais tarde a nossa aposta?

Uma das sobrancelhas de Ryke sobe:—O que apostaram?

Connor responde distraidamente e manda mensagens de textos ao mesmo tempo. —Se eu conseguisse ajudá-la a passar no exame de economia, ela me pagaria mil dólares. E Lily, eu não quero o seu dinheiro.

—Oh...

—No entanto, eu adoraria um favor. — Ele ainda olha para mim.

Ryke solta uma risada curta. —Você iria escolher favores e não dinheiro.

Connor não discute.

—Que tipo de favor?—Pergunto.

—Quando você se sentir melhor, acho que você deveria trabalhar para a sua irmã. Não tem que ser agora. Talvez em algum momento na primavera. Ela está procurando alguém para contratar, um assistente na Calloway Couture, e eu sei que ela adoraria que você estivesse envolvida.

Meu estômago afunda. —Por mais que eu gostaria de trabalhar com a minha irmã, eu não sei nada sobre moda.

—É por isso que você seria uma assistente e não dirigiria a empresa.

—Isso não soa divertido .— E como vou ser capaz de fazer minhas pausas para sexo? Eu não posso acreditar que estou pensando nisso: como ver pornografia escondido, como me esgueirar com Lo pelo escritório, ou como encontrar tempo para alimentar os meus desejos.

—Bem, você perdeu a aposta, então você me deve.

—Não posso simplesmente pagá-lo?

—Não, isso seria muito fácil.

Eu suspiro, me perguntando se eu vou ser capaz de sair dessa situação quando o momento chegar. Provavelmente não, mas no momento em que isso acontecer, talvez eu fique bem com a minha decisão. Então, eu aceito. —OK. Eu vou ser sua assistente em algum momento no futuro.

—Futuro próximo. —Ele digita algo em seu telefone e, em seguida, destaca. —Eu tenho que atender essa. — Ele pressiona o celular ao ouvido e sai para a sala, me deixando sozinha com Ryke.

Eu espero sobre os contadores dos armários e enfrentá-o

Ryke olha por cima do ombro para o corredor onde Lo desapareceu. —Ele gosta do pai? Eu não posso dizer.

Eu dou de ombros. —Depende do dia.

Ele se vira para mim. —Como ele é?

—Jonathan Hale?

Ryke confirma.

—Lo não fala sobre ele com você?— Eu consegui evitar seus passeios de garoto saindo com Rose para o café da manhã na semana passada. Eu gosto dele

mais do que eu vou deixar transparecer.

—Não muito. —diz Ryke. —Às vezes, ele amaldiçoa seu pai, e em seguida, ele fala como se o cara fosse um deus.

—É complicado.

—Como assim?

—Olha.— Eu abaixo a minha voz. —Eu sei que você não está realmente escrevendo um artigo, de modo que você não precisa fazer essas coisas.

Ryke revira os olhos. —Eu sei, que porra, Lily. Estou perguntando porque eu estou realmente curioso. Sem ofensa, mas eu me preocupo com seu namorado mais do que eu me preocupo com você.

Eu reviro os olhos. —Tem certeza que você não tem uma queda por ele?

Ele geme. — Sério, Lily?

—O quê? É uma pergunta honesta. Você está obcecado com ele.

—Eu não estou obcecado. Não use essa palavra. Eu só estou curioso. Eu quero saber dele. Por que eu tenho que estar apaixonado por ele por querer saber da vida dele?

Eu dou de ombros. —Eu não sei. É estranho. —Eu não consigo fazer sentido dessa estranheza. Eu sinto que ele está lá, mas ele não está ligando. —Você tem certeza que não há algo mais?

—Não. Não há. Basta voltar a minha primeira pergunta. Como Jonathan Hale pode ser complicado?

Concentro-me sobre isso e abro minha boca, tentando formar palavras para um homem enigmático. Ele não bate fisicamente em Lo, mas ele não está ganhando nenhum prêmio de Pai do Ano também. Em um minuto, Jonathan pode o envolver num braço e chamá-lo de um grande filho. E em seguida, ele pode cuspir palavras de ódio. O humor de Lo flutua com o temperamento de seu pai, e sempre que eles interagem, você percebe uma mudança. Eu suponho que seja de onde vem a preocupação de Ryke.

Depois de falhar em descrever Jonathan em voz alta, Ryke muda suas perguntas. —Você fala muito com ele?

Eu balanço minha cabeça. —Ele faz um esforço para me ignorar a menos que ele queira culpar alguém pelas merdas de Lo. Caso contrário, eu não existo na família Hale.

—Ele se casou novamente?

—Não. Ele transa com um monte de garotas ao longo do tempo. — Depois que a mãe de Lo o largou quando ele ainda era um bebê, Jonathan contratou uma babá e começou a namorar novamente. O número de mulheres tropeçando fora da casa pela manhã, usando o mesmo vestido no qual entrou na noite anterior, cresceu exponencialmente à medida que os anos passavam.

Quando eu tinha dezesseis anos, me lembro de estar comendo ovos mexidos enquanto Lo tentava abrir o armário de bebidas de seu pai. Jonathan dormiu demais depois de uma noite em sua própria devassidão. Uma mulher magra em um vestido preto levou bombas vermelhas e vasculhou a cozinha. Ela se recusou a olhar para nós, mas olhava para a porta como se fosse uma linha de chegada em uma corrida de 5 quilômetros. E eu tive uma vontade súbita de encará-la da minha cadeira e puxá-la de lado. Queria perguntar se ela gostava da emoção de uma noite só, tanto quanto eu. Para conversar e fofocar sobre sermos duas meninas completamente no controle de seus corpos. Na época, eu me sentia enrustida, como uma puta com um segredo. Mas eu fiquei no meu lugar, deixando-a sair e fantasiando sobre o que ela poderia ter me contado.

Eu não sei se Lo percebeu que eu vi uma, das inúmeras garotas das noites de farra de seu pai. Espero que não. E eu nunca diria isso a ele.

Eu volto meu foco de volta em Ryke que me observa muito de perto, como se estivesse lendo minha expressão por suas respostas.

Lo entra na cozinha com uma mandíbula apertada e um telefone enganchado. Ah não.

—Tudo bem?— Ryke pergunta.

—Tudo bem.—diz Lo sem convencer. Ele pega o paletó na cadeira e uma garrafa de bourbon do balcão. —Vamos lá.

Ryke e eu trocamos um olhar preocupado, e ambos o seguimos.

* * *

O colar que eu dei a Lo, bate contra seu peito enquanto ele dança comigo. Eu toco a ponta da seta e ele aperta as mãos na minha. Ele planta um leve beijo na minha bochecha antes de se distanciar. Eu estendo a mão, mas ele já se foi, delegando-se ao banco do bar.

Ele pede uma enorme quantidade de bebidas enquanto o suor reúne na base do meu pescoço, e eu danço sozinha, derramando fora as inseguranças com a música hipnótica. Eu continuo olhando para trás no bar. Cada vez que olho, Lo bebe uma nova bebida. Eu evito o assunto do telefonema porque Connor e Ryke sempre estão por perto, e eu prefiro não abordar o isso na frente deles.

Depois de três doses de tequila para Connor e Ryke, eles vão ao banheiro, e eu agarro a minha chance de falar com Lo sozinha.

—Hey.— Eu cutuco seu ombro nas proximidades. Distraído, ele olha para o líquido âmbar em seu copo, sua mente longe daqui. —O que seu pai queria?

Lo balança a cabeça e segura seu copo mais apertado. —Nada.

Eu franzo a testa tentando afastar a dor de sua falta de vontade de compartilhar. Talvez a rejeição seja apenas por abordar o assunto na hora errada. Ele me chama e olha para trás em direção ao banheiro para se certificar de Ryke e Connor não estão voltando. Em seguida, ele vira seu corpo em minha direção. Nossos joelhos batem juntos, e eu tenho uma vontade súbita de chegar mais perto, para entrelaçar as pernas e sentir seus músculos magros contra o meu corpo. O assunto é sério, eu me lembro, afastando os pensamentos egoístas.

—Foi a minha mãe.—confessa Lo. Todas as imagens sujas evaporam, sendo substituídas por pura preocupação.

—De alguma forma, ele descobriu que eu contatei ela.— Lo faz uma

pausa e esfrega os lábios em uma profunda reflexão. —Ele me disse que ela não queria nada comigo.— Meu peito aperta. —Ele me disse que ela não merece ao menos pensar sobre mim ou ouvir a minha voz.— Ele solta uma risada curta e amarga. —Ele disse que ela foi só a porra de uma boceta.

Eu tremo.

Ele passa a mão pelo cabelo. —Lil, eu acho... Eu acho que eu concordo com ele.— As rugas vincam sua testa em confusão total, enquanto ele luta para dar sentido a suas emoções em conflito.

—Sua mãe deixou você.—eu digo. —Está tudo bem se você estiver zangado com ela. Isso não faz de você igual a ele.

Seus lábios pressionam juntos enquanto ele processa as minhas palavras, e eu desejaria que tivesse mais a oferecer. Ele se inclina para frente e me beija levemente na testa, um pequeno agradecimento, antes dele se virar em seu banquinho e pedir outra bebida ao garçom.

Ela derrama o bourbon em um copo de Riedel e desliza-o em sua mão.

—Quanto tempo falta pra você ir ao banheiro?—Pergunto.

—Eu não sei. Minha bexiga é muito grande. Eu poderia esperar, pelo menos, algumas horas. —diz Lo. Ele sorri no seu copo e eu lhe dou um olhar penetrante.

Ele coloca o pé sob o degrau de meu banquinho e desliza-o para frente. Oh wow. Meu quadril bate no dele, e ele serpenteia um braço em volta da minha cintura, me unindo a seu lado. Este é o Lo agradável. Eu sinto sua mão correr debaixo da minha camisa e esfregar a pele macia das minhas costas.

Eu começo a sonhar em fazer sexo aqui. Lo me levando em frente ao bar em um calor sufocante. Fodendo em um bar.

Seria como se nossos vícios fizessem amor.

Seus lábios fazem cócegas na minha orelha. De volta à realidade. —O que você está pensando?

Acho que ele sabe porque ele sorri e mordisca meu ouvido.

—Arranjem um quarto.— Connor exclama, esgueirando-se ao meu lado enquanto Ryke se senta ao lado Lo.

—Ou melhor ainda,— Ryke diz.—um carro.

—Como a limusine de Connor?— Lo pergunta com um sorriso. —Você acha que o seu motorista se importaria?

—Eu me importaria.— Connor diz a ele. —Você é encantador Lo, mas não o suficiente para me fazer querer sentar no seu...

—Pare.— Eu tremo e tapo os ouvidos. Bruto. Conversa de caras. Não.

Todos os três riem, e eu aceno para o barman. —O que você quer?— Lo me pergunta.

—Só uma cerveja.

Ele balança a cabeça e pede para mim. Eu deslizo minha identidade falsa para o barman, e ele me entrega uma Blue Moon.

—Não vá naqueles banheiros. —diz Connor Lo. —Eles são nojentos. Eu acho que eu poderia chamar o CDC quando formos embora. Você precisa de um terno de Hazmat apenas para entrar lá.

Lo sorri para mim e levanta uma sobrancelha. Não! Connor está apenas sendo dramático.

—Você raramente se aventura em clubes enfumaçados. — digo a Connor. —Tenho certeza que você não está acostumado a um lugar que não tenha um atendente de banheiro e balas de cortesia depois de fazer xixi.

—Eu cumpria essas regras antes, mas há alguns lugares que nenhum ser humano deve ir.

Lo sorri e dá outro grande gole em sua bebida. Eu deixei passar a questão do banheiro, mas pretendo me esgueirar para lá depois que eu fizer minhas próprias conclusões.

Depois de mais algumas bebidas, Lo começa a fazer perguntas a Ryke e eu me esforço para ouvir sobre a cacofonia de sons: os estudantes universitários bêbados, música recém-lançada, e Connor praticamente gritando em seu telefone

enquanto ele fala com a minha irmã.

—Sim! Eu vestiria um casaco de marinheiro!

Ele faz uma careta. —Eu não posso ouvi-la! Espere! —Ele aperta a mão no alto-falante: —Lily, você pode segurar meu lugar?— Antes que eu possa concordar ele já está pulando para fora do banco e indo em direção à porta. Connor Cobalt não faz o seu caminho através dos órgãos; ele passeia nas massas e aguarda com uma carranca impaciente diante das pessoas e faz caminhos feitos pelo homem para ele. Eu sorrio em diversão e volto a colocar o meu casaco no banco.

Mas uma loira corre para levá-lo antes que eu possa reivindicar o local. Oops.

—Eu não tenho irmãos .— Eu ouço Ryke dizer. —Tem sido muito bom só minha mãe e eu desde que eu era criança.

Lo desloca, desconfortável pelo tema das mães, especialmente após sua chamada de telefone com seu pai. Assim, ele redireciona a conversa. —Como você entrou em execução?

Estou surpresa, Lo está fazendo perguntas e não está sendo evasivo como de costume.

—Quando eu era pequeno, minha mãe me colocou em um monte de corridas. Ela me disse que era ou tênis ou trilha, e eu peguei pista. —Ele ri para si mesmo. —Eu tenho uma coisa quando corro em direção a linhas de acabamento. — Eu posso acreditar nisso.

—Isso é engraçado.— Lo diz com amargura: —Meu pai sempre me diz que eu fujo de tudo.

—Você?

As bochechas de Lo enrubescem, os lábios formando um biquinho.

—Esqueça isso.—diz Ryke rapidamente. —Você não tem que responder a isso.

—Quanto de tudo que estou contando você vai explorar? Lo pergunta.

Ryke faz uma careta.—Do que você está falando?

—Do artigo.— Lo o lembra. —Eu estou esperando estar nos tabloides até ao final do semestre.

—Eu não vou vendê-lo para fora.

—Não é isso que todos dizem?— Lo se volta para o bar e pede uma outra bebida. Para mim, ele pergunta: — Quer outra cerveja?

Eu balanço minha cabeça. O que eu realmente quero não reside em um bar, mas Lo saltou para a toca do coelho de beber. Eu não posso tirar a dose de uísque de seus dedos, e ele já bebeu o suficiente para esquecer os meus problemas.

—Precisamos brindar. —ele diz e mantém-se a bebida em saudação. —Por Sara Hale. Por ser uma puta. —Ele engole a bebida e eu roubo um olhar para Ryke.

Seus olhos estreitos estão duros feito pedra. —Talvez você devesse mudar para a água.

—Se eu estou incomodando você, você poderá correr para a porta.— Ele leva o seu próximo shot na mão.

Ryke fica tenso e se inclina para trás, me lançando um olhar de olhos arregalados, me pedindo pra fazer alguma coisa.

Eu não posso fazer nada.

Ele precisa acordar por si mesmo, e se eu me meter, eu só vou afastá-lo de mim. Isso não é o que eu quero.

Ou o que eu preciso.

Ryke balança a cabeça para mim em desaprovação e como Lo amaldiçoa sua mãe novamente em um brinde mais insensível.

—Você pode não fazer isso?—Ryke cospe.

—O que isso significa para você?— Lo observa o bartender ajudar alguém na outra extremidade, esperando por ele para voltar para este lado.

—Eu geralmente não gosto de brindar por cadelas e prostitutas.

—Ninguém está fazendo você brindar.—retruca Lo.

Ryke parece angustiado quando ele passa a mão pelo cabelo castanho. —Eu sei que você odeia sua Sogra.

—E você?— Lo gira em direção a ele.

—Vamos dançar.—digo a Lo, puxando seu braço. Ele empurra para longe de mim e olha para Ryke do outro lado.

—Você não me conhece.— Lo zomba. —Estou farto de você agindo como se você entendesse o que eu estou passando. Queria viver a minha vida?

—Não.

—Será que você viu a polícia me tirar da minha cama, porque minha mãe alegou que pertencia a ela?

Ryke esfrega o queixo. —Lo...

—Será que meu pai agarrou o seu pescoço...— Lo coloca a mão na parte de trás de Ryke, trazendo-lhe mais perto —...e disse-lhe: 'filho ...—Ele faz uma pausa, apenas um instante para separar seus rostos, e algo circula intangível no ar, uma tensão tão grossa que mal posso respirar. —... 'Filho, cale a boca.'

Ryke se recusa a recuar. Ele aceita o desafio de Lo, de não dissuadir de seu olhar afiado. Ele ainda vai um passo além e define uma mão suave na parte de trás do pescoço de Lo. —Eu sinto muito.—Ryke respira com tanta dor que ele me pega de surpresa. —Eu sinto muito, Lo. Eu estou aqui por você agora. Tudo o que você está passando, eu não passei, mas eu estou bem aqui.

E assim, Lo solta Ryke, o momento passando estrangulado. Que tipo de resposta Lo esperava? Uma briga? Outro confronto verbal? Algo diferente de compaixão, isto é certo.

Lo chama o barman e age como se nada tivesse acontecido. Como se Ryke nunca oferecesse ajuda de uma forma imensuravelmente gigante.

—Vamos dançar. —eu tento novamente.

Ele evita meu olhar. —Estou ocupado. Dance com Connor.

O barman desliza um outro copo pequeno. Devo deixá-lo sozinho? Ryke

bebe uma garrafa de água e o observa com cuidado. Ele vai ficar aqui com Lo. Eu só vou... ir. Talvez ele se lembre e me siga depois de um tempo.

Quando Connor retorna, eu o convenço a dançar comigo, tipo amigavelmente e com nossos corpos longe o suficiente. Às vezes eu olho para trás na direção de Lo, mas ele bebe em silêncio, olhando para as prateleiras altas de garrafas atrás do bar. A única diferença é o hambúrguer na mão, o que me dá algum alívio. Pelo menos a comida vai absorver um pouco do licor.

Eu tento relaxar e me concentrar na música bombando, me afastando de Lo e suas preocupações. O som do baixo me carrega.

Na pista, com outros corpos saltando para cima e para baixo, eu me bloqueio, e por um breve momento eu me conecto com outro cara. O clandestino tenta meu sangue em chamas e leva toda a minha energia para não segui-lo inconscientemente.

Após a nossa sexta canção, Connor olha de volta para o bar e alguém me convida para dançar, se encostando contra meu traseiro e as mãos em meus quadris. Eu não vejo seu rosto, e na minha cabeça eu imagino que seja Lo ou talvez o Príncipe Encantado. Alguém que não seja o Sr. Realidade.

Eu fecho meus olhos e flutuo sobre a ideia. A mão se move em toda a minha barriga e, em seguida, até debaixo da minha camisa. Passado na carne macia do meu abdômen e para o meu sutiã acolchoado. Minha respiração fica tensa e eu afundo de volta para o corpo.

Eu sinto um aperto de mão com força, meu pulso me puxando para frente. Eu tropeço em seu peito enquanto ele envolve um braço em volta dos meus ombros de uma forma fraternal. —Vá apalpar outra pessoa.—diz Connor ao cara com calma, mas sua mão aperta o meu cotovelo. Ele foi real? Não é uma fantasia?

O meu corpo arde e eu me recuso a olhar para o meu parceiro de dança. Ele resmunga algo baixinho e sai. Eu roubo um olhar para o bar, mas Lo está agora em uma conversa acalorada com Ryke, acenando com o lanche em volta

de modo que o alface cai descontroladamente para fora do pão.

Connor coloca as mãos nos meus ombros e me faz encará-lo totalmente. —Lily.—diz ele, uma queda rara de preocupação na ponta da língua: —O que diabos está acontecendo?

Eu quero encolher no lugar. Isso não era para acontecer. Não quando Lo já está em uma espiral. Minha garganta fica inchada e assim quando eu estou prestes a murmurar a mentira mais estúpida do mundo, Ryke me salva.

Ele vem com uma garrafa de água na mão e uma carranca vincando seus olhos. —Lily.— ele se encaixa. —Eu preciso de sua ajuda.— Ele aponta para o bar. —Lo vai ser um mijo bêbado em cinco minutos. Você precisa dizer a ele para mudar para água. Toda vez que eu digo uma palavra sobre isso, ele joga para trás uma dose de uísque apenas para me irritar.

—Ele está comendo um hambúrguer. — Defender Lo está enraizado no meu DNA?

Ryke me olha, pasmo. —Não faça isso agora. Ele precisa de sua maldita namorada. Isso não vai ser como o Dia das Bruxas, ok? Eu não vou leva-lo até o seu apartamento inconsciente. —Ele esfrega a parte de trás do seu pescoço com a mão trêmula.

Eu tomo uma respiração superficial. —Eu vou tentar.— Eu empurro as pessoas que passam na barra do balcão vazio ao lado de Lo.

Ele mal me reconhece, mas ele diz: — Agora que eu estava começando a gostar dele, ele vem e fode com tudo.

—O que ele fez?

—Ele não da um tempo. Eu não quero falar sobre meus pais. Eu não quero falar sobre sua mãe, quando eu não tenho uma. Eu não quero que ele me chateie sobre a bebida. —Ele bebe mais um shot. —Que diabos é este artigo de qualquer maneira? Dois meninos ricos com colheres de prata em suas bocas? Ou duas crianças mimadas que se tornaram destrutivas? —As palavras que Lo derrama clara e coerente. Ele raramente insulta, mas há uma vantagem em sua

voz que vem com beber muito, e eu o ouvi muitas vezes.

—Eu acho que ele não está perguntando essas coisas por causa do artigo. — Eu digo suavemente.—talvez ele só queira te conhecer.

—Por quê?— Lo pergunta com as sobrancelhas franzidas como se fosse completamente estranho para alguém fazer amizade com ele.

—Ele se preocupa com você.

—Bem, ele não deveria.— Lo pede outra bebida enquanto come uma fritada francesa.

—Talvez devêssemos ir embora.

—Não. Este lugar tem boa bebida e comida.

Eu espero pelo seu sorriso sexy ou talvez uma piada para flertar, mas ele está consumido pelo que está na frente dele.

E eu apenas me sento ao seu lado. Mesmo se eu tirar minha camisa e arremessar fora meu sutiã, ele vai manter esse copo na mão. Ele vai beber até que tudo se derreta. Então eu continuarei com minhas roupas. A única tática que eu tenho no meu arsenal agora é completamente inútil.

—Ryke o levou para casa.—deixo escapar a verdade. —Na festa de Halloween, você desmaiou e teve de ser carregado até o nosso apartamento.

Centenas de emoções passam por seu rosto, e ele fica branco como um papel.

—Você realmente quer que ele te leve pra casa de novo?

—Eu não estou bêbado. — Lo vocifera, finalmente olhando para mim. O gelo em seus olhos sumindo.—Não o bastante. Estou até muito sóbrio para ter esta conversa.

Eu me sinto enraizado neste banco de bar. Como se eu tentasse sair, ele explodiria. —Você está me assustando. —sussurro.

Seu olhar suaviza uma fração. —Eu estou bem, Lily. Honestamente. — Ele mantém suas mãos a sua bebida e nas batatas fritas, e nem se quer me toca para me confortar. —Eu vou deixar você saber quando eu estiver pronto para

sair, e vai ser antes que eu desmaie.

Meu peito aperta. —Eu estou indo dançar com Connor.

Lo acena com a cabeça e não tenta me parar quando eu deixo o banco.

Acho Connor e Ryke que estão numa mesa alta perto da pista de dança. —E aí?— Ryke pede instantaneamente.

—Ele diz que não está bêbado.

Ryke me dá um olhar de desgosto. —Sério? Sem brincadeira, Lily. Ele tem um problema! Ele vai dizer que está sóbrio, porra!

—O que faz de você um especialista?— Eu grito de volta. —Então, você parou de beber, isso não significa que você sabe como consertá-lo!

—Você está certa.—diz Ryke. —Isto está além de mim. Ele precisa de ajuda profissional.

Lágrimas se reúnem. —Pare.— Eu quero que Lo seja ajudado. Eu quero, mas eu não posso imaginar um mundo onde ele é arrancado de minha vida. O que será de mim?

—Qualquer pessoa com um coração se importaria, Lily.— diz Ryke. —Assim, a melhor pergunta é, por que não você?

O soco no meu estômago me bate de volta. Dói demais para respirar, e a parte mais difícil está em tentar me defender. Eu me importo. Eu mantive Lo em segurança. Sempre tive a certeza de que ele retornaria pra casa. Eu o protegia. De todos, menos de si mesmo.

Eu olho para Connor, esperando que ele destrua meu cérebro dizendo as palavras certas, mas pela primeira vez ele se tornou silencioso. Evitando o meu olhar, descascando o rótulo de sua garrafa de cerveja. Ele concorda com Ryke?

Deixo escapar uma risada curta que faz fronteira com um estrangulamento. —Eu acho que sou uma namorada terrível.— E eu acredito nisso.

Em mais de um sentido.

Eu me empurro através do mar de corpos, não tenho coração ou estômago

para ver as reações de Ryke e Connor. Minha mão treme como um drogado precisando de uma dose e minha cabeça gira por causa de todas essas luzes. Eu tropeço em copos de plástico e esbarro contra alguém no meu caminho para o banheiro.

Os bancos alinhados em uma única linha, as portas entreabertas e vazias. Eu me inclino sobre uma pia, rabiscada com marcador permanente em toda a bacia. Lavar. Tina estava aqui! Use sabão, você garota suja! Foda-me!

A porta range e eu olho de novo. Um cara sem nome com um rosto igual de um lobo, queixo desalinhado e olhos escuros, pronto pra me perder. Ele é o único que eu acidentalmente me esbarrei? Eu não quebro seu olhar, e ele toma isso como um convite.

Suas mãos permanecem em meus quadris interrogativamente, e eu preparo a bacia de porcelana em resposta. Beijos ásperos pressionam meu pescoço e por um momento ele se sente melhor. Parece que ele poderia ficou bem novamente. Quando meu jeans é abaixado e o ar frio pinica minha pele eu acordo do choque.

—Não.— Eu não vou trair Loren Hale. Não importa se alguém me diz o quão ruim eu sou.

Ele não me ouve ou não toma a dica. Mãos agarram minha bunda, apenas uma fina camada de tecido entre eu e sua ereção. Porra.

—Não.—eu digo mais alto, empregando a única palavra que eu sempre evitei.

Suas mãos deslizam debaixo de minha calcinha e eu tento virar e me afastar. Mas ele empurra duro contra mim, e meu estômago bate na pia, quase levando a minha respiração. —Pare!— Eu me esforço e tento chutar para fora, mas eu sou só pele e osso e ele é muito músculo e fome.

Lágrimas caem pelo meu rosto enquanto eu tento gritar, mas a música alta sangra no banheiro, abafando as minhas súplicas.

O que eu faço? Que porra é essa, o que eu faço?!

Talvez eu devesse transar com ele. Acabar logo com isso. Agir como eu quero. Convencer o meu corpo que é uma outra perseguição. Torná-lo bem. Me fazer acreditar que é uma fantasia.

Minhas lágrimas secam e eu tento lutar uma última vez apenas para ser batida contra a bacia. Eu tusso rouca.

Tome tempo para fingir, Lily. Fazer ele acreditar. É no que você é boa.

Assim quando eu fecho meus olhos, a porta abre e bate na parede.

—Cai fora dela!— alguém está gritando. Terríveis gritos. E a pressão atrás de mim sai. Eu estou entorpecida, em meu subconsciente, eu puxo minha calça jeans, cobrindo-me como se esta fosse qualquer outra noite.

Eu olho para a minha esquerda, e Ryke agarra o rapaz pelos braços, lutando contra seus movimentos bêbados e hostis.

O cara balança. Pega Ryke e em seguida, ele o joga em uma cabine. O cara cai duro com a testa em um vaso sanitário e bate o lábio na porcelana, e suas pernas deslocam para fora da porta.

Ryke o segura pela camisa, levantando-o. —O que diabos está errado com você?!—ele grita. Mas eu sinto que essa pergunta deveria ser dirigida a mim.

Connor vem na direção do meu olhar petrificado, mas eu olho passando seus os olhos.

—Onde está Lo?— Minha voz é pequena nem parece que sou eu.

—Ele ainda está no bar.— Connor diz suavemente. —Lily.— Ele acena a mão no meu rosto. —Lily, olhe para mim.

Eu tento, mas não consigo. Eu nunca mudo minha mente depois que eu convido alguém para fazer sexo comigo. Eu nunca ouvi falar de meu vício. Assim não.

Ryke chuta o cara na virilha e em seguida, bate a porta do box nele.

Isto tudo está errado. Lo deveria estar aqui, não Connor e Ryke.

—Eu quero ir para casa. —sussurro.

Ryke põe a mão no meu ombro e me dirige para fora do banheiro e longe do meu agressor, ou pelo menos um cara que não entende a palavra não. Uma carranca presa em seu rosto. —Eu preciso encontrar Lo.

Connor terá que...

—Eu seguro ela.

A mão de Ryke me deixa apenas para ser substituídas pelas de Connor. Ele me guia, e eu flutuo para longe do bar, do lado de fora, e no banco de trás da limusine de Connor. Connor encontra uma garrafa de água no frigobar e a coloca na palma da minha mão.

—Por que você foi para o banheiro?— Pergunto. Eu deveria ter selado meu próprio destino, uma vez que desliguei.

—Você estava agindo de forma estranha durante toda a noite, Lily. Eu estava preocupado, então eu disse a Ryke que deveríamos verificar você.

A porta do carro se abre, e Ryke entra com um Lo balançando. Ele cambaleia, mas consegue pegar debaixo do quadro antes de bater com a cabeça. Ele cai sobre o assento na minha frente, e imediatamente fecha os olhos pesados, se afogando em um mar de escuridão e vazio silêncio de pensamentos turbulentos.

Ryke senta ao lado dele, fechando a porta e dando o endereço ao motorista de Connor. Eu invejo Lo tanto agora por seu sono tranquilo, temperado, do tipo que o protege da dissonância do mundo, mesmo que apenas por uma noite.

Ryke verifica o pulso e, em seguida, acena para mim. —Você está bem? — O vergão cresce em sua bochecha pela cotovelada que o cara lhe deu.

Eu pisco as lágrimas. —Eu perguntei para ele.

O rosto de Ryke contorce, quando eu fisicamente endureço nele. —O quê? Por que você diria essa porra?

Connor cobre os olhos com a mão para que eu não possa ver sua reação. Se Ryke me olha como se o que eu digo o feriu mais do que algo de ruim ter

acontecido comigo, eu tenho certeza que o olhar dele deve ser bem pior.

—Eu deixei ele me tocar.—eu digo. —... Mas então ... então eu mudei de ideia. Acho que foi muito tarde. —Minhas mãos tremem. Eu desejaria que ele pudesse as segurar. Meus joelhos saltam. Eu gostaria que ele estivesse acordado. Eu queria não precisar dele tanto assim, mas eu o amo. Eu prevejo um derramamento de lágrimas. —É minha culpa. Eu lhe dei a impressão errada.

Ryke está embasbacado. —Não significa não. Eu não me importo em quantas vezes você diga essa porra, Lily. Uma vez que você diz saia, é saia. Qualquer cara decente teria recuado.

Meu coração aperta. Se Lo descobrir que isso aconteceu enquanto ele estava no bar, isso vai esmagá-lo. Eu não vou infligir esse tipo de dor nele. —Não diga nada a ele.

—Ele precisa saber. —diz Ryke.

Eu quero gritar de volta sobre o quão errado ele está, sobre como a informação vai rasgar Lo à parte, não vai fortalecê-lo, mas algo pulsa sensato na minha cabeça, me dizendo para ouvir. Eu nunca ouço.

—Isso vai matá-lo. — Eu engasgo. —Você não está ajudando!

—Você não pode esconder isso dele, Lily. Pense em quanta dor ele sentiria se ele descobrisse que todos sabiam menos ele? Não se engane.

Talvez ele esteja certo. Eu me desintegro no banco, rendendo-me sem remorso ao olhar de Ryke. Eu limpo o resto das minhas lágrimas e olho pela janela. A limusine segue silenciosa pelo resto da viagem. Ninguém fala. Nem mesmo quando Ryke carrega um Lo inconsciente até o apartamento. Nem quando eu fecho a porta do quarto, fechando-a para ele dormir.

Quando é apenas três de nós, Connor é o primeiro a quebrar o silêncio. —Vou fazer um café. Se você quiser ir para a cama, eu entendo, mas eu gostaria de falar com você.

Eu não mereço amigos, mas eu tento agarrá-los, porque eu tenho medo da escuridão e do vazio que me espera se eu deixa-los ir.

—Você pode me fazer um chocolate quente?—Pergunto.

—Melhor ainda. Você poderá ganhar algumas calorias.

Eu afundo na cadeira, me aconchegando em um cobertor quente e assisto Connor andando pela cozinha como se fosse dono. Eu imagino se eu tivesse um irmão, Connor se encaixa no molde perfeito. Um pouco vaidoso, mas no fundo, mesmo abaixo do seu costume, ele tem um coração quente.

Ryke está jogado no sofá. —Devo chamar suas irmãs?

—Não. Elas só ficariam preocupadas.

Connor retorna com uma bandeja de café e me passa minha caneca de chocolate quente. —Está muito tarde. Eu já mandei uma mensagem para Rose.

—O quê?— Eu chio.

—Ela está a caminho.



Capítulo Vinte e Nove

Rose está vindo.

As palavras ainda não entraram totalmente em minha cabeça. Eles se sentam lá, juntos com o resto dos meus pensamentos à deriva, mas eles se traduzem em algo entorpecido e estrangeiro. Eu pego minha caneca fumegante de chocolate quente, tomo pequenos goles tranquilamente.

Connor não diz nada. Ryke não diz nada. Eles são duas estátuas no sofá enquanto eu me enrolo na cadeira.

Um lugar abominável dentro de mim se pergunta como mentir para Rose. Como posso inventar uma nova mentira para esconder a inconsciência de Lo e minha quase agressão? Com duas testemunhas que confirmam a noite, eu não tenho nenhuma resposta para os meus pensamentos. A realidade me bate, e eu não sinto medo, nenhum sentimento de perda que eu pudesse ter depois de todos esses anos mentindo para Rose.

Eu apenas estou vazia.

A campainha vibra, e Connor levanta para mandar Rose subir. O movimento muda o meu olhar para cima, e vejo Ryke, com o tornozelo empoleirado em seu outro joelho. Ele olha de longe em uma lâmpada, com os dedos sobre os lábios. A luz pega o cabelo castanho e as manchas de seus olhos

castanhos que brilham como ouro. Ele é encantador, mas agora, nenhum homem pode me hipnotizar.

E então ele vira a cabeça e me vê o observando.

—O que você está pensando?—Pergunto.

—Como seria,— ele faz uma pausa.—se eu fosse ele.

Eu olho para longe, os olhos ardendo. —E?— Minha voz treme. Eu limpo uma lágrima, forçando as outras a voltarem com uma inspiração forte.

Quando ele não responde, eu olho para ele novamente. Ele olha, assombrado, para o chão, como se imaginando a realidade alternativa. Será que realmente parece tão ruim assim? A porta se fecha, e ambos recuamos, acordando do devaneio.

Eu puxo meu cobertor de lã mais apertado em volta do meu corpo, me escondendo sob o tecido macio. Eu perco a coragem de enfrentar o olhar da minha irmã, e eu ouço o aplauso familiar de seus saltos sobre a madeira. O barulho morre quando ela pisa no tapete da sala.

—Por que você não a levou ao hospital?— Rose acusa.

—É complicado.—diz Connor.

—Não é complicado, Richard.—ela cospe. —Minha irmã foi atacada. Ela precisa ser verificada.

Eu tomo um pequeno fôlego e arrisco um olhar. Vestindo um casaco de pele e lábios rachados do frio, seu comportamento frio habitual foi inegavelmente fraturado com algo mais humano. Ela se preocupa. Eu sempre soube disso, mas outros não seriam tão rápidos para ver.

—Eu estou bem.—eu digo a ela, acreditando também. —Ele não chegou tão longe.

Para evitar uma onda de emoção, ela cerra os dentes com força, olhando para mim como se eu de repente pudesse me desfazer. Mas eu não me sinto como ela me vê. Estou bem. Honestamente.

—Eu estou bem.—repito, apenas para que ela entenda.

Rose sustenta um dedo para fazer uma pausa na conversa. Ela se vira para Connor. —Onde está Lo?— Ela limpa a garganta, engasgada.

Eu gritei, em uma configuração automática. —Ele está dormindo.

—Inconsciente.—Connor me corrige.

Ryke se levanta. —Connor e eu achamos Lily. Lo estava... —bebendo para dormir. Ele balança a cabeça, mais chateado do que eu pensava ser possível. —Eu vou dar uma olhada nele.— Ryke joga as almofadas. E então percebo que haviam três.

Rose olha para trás para Connor. —O que Lo estava fazendo?

—Nada.—eu corto. —Honestamente, está tudo bem. Estou bem. Ele está bem. Vocês não precisam estar aqui. —Nós podemos lidar com isso. Temos feito isso há muito tempo. Como isso pode ser diferente?

Rose me ignora e aguarda a resposta de Connor.

—Ele estava bebendo no bar, estava cansado.

Rose balança a cabeça quase imediatamente, incrédula. —Não. Ele não bebe muito mais, e ele não deixaria Lily. Eles estão sempre juntos.

Connor faz uma carranca. —Estamos falando sobre o mesmo Loren Hale?

Eu chupo uma respiração. —Pare.—eu digo. —Por favor! Estamos muito bem. —Mas é como se eles colocassem a minha voz no mudo. Minha cabeça gira. É assim que sente quando se está em queda livre?

—Eu acho que eu o conheço melhor do que você.—diz Rose. —Ele está namorando a minha irmã por três anos.

Eu me amasso na cadeira, vendo a bola de demolição esmagar a minha vida antes mesmo que aconteça.

—Então, um de nós está mal informado. O Lo e a Lily que eu conheço namoram há dois meses.

Eu rastejo ainda mais no meu cobertor enquanto seus olhos acusatórios furam meu corpo.

—Lily.— Rose diz em uma voz estridente. Estou assustando-a. —Explique-se.

—Lily.—ela respira, sua voz suave e bem perto. Ela coloca uma mão no meu rosto, alisando meu cabelo para trás.

Eu olho para cima, e ela se ajoelha na minha frente, não se sentindo tão traída como eu imaginava. —O que está acontecendo?

Eu quero pintar um quadro para ela, uma imagem tórrida, não a inquieta que se estende por três longos anos, mas derramar verdades, dói mais do que construir as mentiras. Concentro-me nos fatos. Como intelectual, talvez Rose vá aceitá-los.

Eu descanso meu queixo em meus joelhos e olho pra ela. É mais fácil. —Três anos atrás, Lo e eu fizemos um acordo para fingir estar em um relacionamento. Queríamos que todos acreditassem que somos boas pessoas, mas nós não somos. —Eu olho para longe. —Começamos a namorar durante a viagem de barco para as Bahamas.

Rose fica muda, escolhendo suas palavras cuidadosamente. —Lily, o que você quer dizer sobre não serem boas pessoas?

Deixo escapar uma risada curta e enlouquecida. Por que acho tudo tão engraçado? Não é. Nada disso parece certo. —Nós somos egoístas e miseráveis. — Eu inclino a cabeça para trás. Estar em um relacionamento real deveria consertar tudo. Nosso amor deveria ter reparado toda a dor e mágoa. Em vez disso, estamos em mais complicações, mais consequências, mais testas franzidas e mais sobrancelhas franzidas.

—Então você mentiu para todos?—Ela questiona. —Você construiu um relacionamento falso para se esconder do resto de nós?— Seu tom aguça, além da mágoa, mas quando eu olho para ela, eu vejo medo, dor e simpatia.

Sentimentos que eu não mereço. —Isso não faz sentido, Lily. Você não é uma pessoa má, não o suficiente para nos lançar fora e jogar faz de conta com seu amigo de infância.

Eu tremo em tudo. —Você não sabe o que eu sou.

Rose olha por cima do ombro. —Deixe-nos.—ela diz a Connor. Ele não hesita antes de desaparecer no corredor. Rapidamente, Rose gira para trás e aperta minhas mãos nas dela. Tento me afastar.

—Pare.—eu digo.

Ela possui me apertando mais. —Eu estou bem aqui. Eu não vou a lugar nenhum.

Lágrimas chegam. Elas devem sair. Eu tenho me torturado o suficiente.

—Olhe para mim.—ela implora.

Lágrimas quentes escaldam, deslizando lentamente pelo meu rosto em linhas de fogo. Eu não posso encontrar o seu olhar.

—Você não pode se livrar de mim, Lily. Nada que você faça ou diga vai me fazer sair. Se você não me dizer agora, então eu vou ouvi-lo em um ano...

—Pare.—eu choro.

—... Três anos, cinco anos, uma década. Eu vou esperar por você para me dizer. —Ela está chorando, uma garota que nunca chora, que se contorce com a visão das lágrimas de um bebê chorando. —Eu te amo. Você é minha irmã. Isso nunca vai mudar. —Ela aperta minhas mãos. —OK?

Tudo sai para a superfície. Eu quebro em soluços, e ela corre para os meus braços, me segurando na cadeira. Eu não digo que sinto muito. Pedi desculpas vazias suficientes para durar uma vida. Isso tem que significar algo.

Eu saio do abraço primeiro, mas nós compartilhamos a cadeira, sentado perto. Ela mantém sua mão na minha, esperando enquanto eu formo as palavras. —Eu... eu sempre pensei que algo estava errado comigo.— Eu engulo, minha boca seca. —Eu tento, mas é tão difícil de parar, mas eu não posso. E estar com Lo, eu pensei que iria fazer tudo melhor. Eu pensei que não haveria mais noites ruins, mas é apenas um tipo diferente de ruim.

Sua respiração vai. —São drogas?

Deixo escapar uma outra risada curta, com lágrimas escorrendo. —

Gostaria que fosse, tudo faria mais sentido. —Eu inalo. —Não ria, ok?

—Lil.—diz ela. —Eu não faria isso.

—Muitos garotos.— Eu encontro seus olhos. —Eu comecei a fazer sexo quando tinha treze anos.— Eu coloco uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, me sentindo pequena, de repente. —Eu tive mais que uma noite de aniversário...— Abro a boca, pronta para a próxima onda de verdades, mas me atenho àqueles.

—Você acha que foi sacanagem?—Ela pergunta com uma careta. —Eu não iria julgá-la porque você perdeu sua virgindade tão jovem.— Ela levanta meu queixo com um dedo. —Sair com um garoto apenas uma noite não faz de você uma vagabunda. A sexualidade é parte da natureza humana. Nenhuma mulher deve ser caluniada por vivê-la.

—É mais do que isso, Rose.— Embora, eu poderia ter usado seus anos de empedramento atrás, quando eu virava na cama, acreditando que eu deveria desaparecer antes que eu me tocasse, que a masturbação era algo para os rapazes. Todas as vagabundas faziam isso. Eles evitaram a palavra, evitava aquelas tanto quanto mencionada, embora apenas como os homens podem ser os únicos a tocar a dolorida carne das meninas. Agora parece tão ridículo.

—Explique-me.—diz ela.

—Eu escolhi o sexo sobre os programas de família centenas de vezes. Mesmo quando eu sabia que seria errado, eu continuava fazendo isso. Antes de estar com Lo, eu costumava me convencer de que eu iria parar o tempo todo. Na manhã seguinte, eu assistia outro site pornô. E eu aí começava tudo de novo. — Meus braços tremem. —O que é que eu sou para você?

Seus olhos ficar grandes pensando. —Você é viciada.

Eu espero que ela ria ou me convença de que eu inventei tudo.

—Lily.— ela diz, muito suavemente. —Você sabe como isso começou ou porque você está assim?— Seu rosto está côncavo. Eu leio seus pensamentos. Você foi molestada? Abusada? Tocada por algum tio distante dos nossos? Eu me sentei e me perguntei por horas se eu reprimi algum evento traumático, mas eu sempre ficava em branco.

—Nada aconteceu comigo. Eu apenas comecei. Isso me fez sentir bem. E eu não podia parar. —Não é assim que a maioria dos vícios começam?

—Oh Lily.— Lágrimas constroem em seus olhos novamente. —Você ser atacada... faz disto um jogo em seu vício de alguma forma? Isso já aconteceu antes?

—Não, não—eu digo rapidamente, tentando parar as lágrimas. Meus olhos já começam a gravar novamente. —Esta foi a primeira vez, e é parcialmente culpa minha. Eu... eu enviei a mensagem errada para o cara. Eu nunca fui monogâmica antes, e esta foi a primeira vez que eu escorreguei.

As engrenagens de Rose trabalham, pensando. —Não—, ela força, pousando minhas mãos nas dela. —Você está tão errada, Lily.

—Você não entende.

—Você está certa. Eu não entendo o seu vício, ainda não. É muito novo para mim, e eu ainda estou tentando processá-lo, mas se você disse ou deu-lhe qualquer tipo de impressão para ir embora, então ele deveria ter escutado.

Ryke disse a mesma coisa. —Eu deveria me sentir chateada com isso.— eu digo. —Isso deveria me mudar de alguma forma monumental, não deveria?— Mas por que me sinto tão entorpecida?

—Eu acho que você está em estado de choque.—Rose murmura. —Você precisa ver alguém? Eu tenho um bom terapeuta. —Ela pega sua bolsa.

—Não, eu não quero ir a um psiquiatra.

—Então você quer viver assim? Você não quer tentar refrear o seu vício?

Eu dou de ombros. —Eu estou bem. — Ou, pelo menos, isso é o que eu me convenço. —Lo está aqui. Enquanto eu o tiver...

Seus olhos de repente escurecem e eu vejo as engrenagens que estalam em sua cabeça. Ela é inteligente demais para deixar que uma coisa tão grande como esta passe despercebida. —Você disse que ambos eram pessoas más. Vocês estão ajudando uns aos outros a guardar seus segredos, não é? —E então ela descobre. —Oh meu Deus, Lily. Ele nunca parou de beber, não é? —Quando eu

não respondo, ela se inclina para trás na cadeira, tocando seus lábios. —Por que não tinha notado? Ele disse que parou de ir as festas porque você não gostava. Isso era tudo uma mentira.

—Estamos bem. —eu digo, pela milionésima vez.

—Não, você não está!—Ela grita. —Você não está bem. Ele ficou jogado e desmaiado em um bar enquanto um cara agredia você!

Meu rosto racha. —Está tudo bem.—eu sussurro. Lágrimas fluem com força total agora. As obras hidráulicas derramam enquanto eu olho para minhas mãos. —Este sistema funciona. Eu sei que você não vê onde, mas funciona. —Eu limpo meus olhos, mas elas continuam caindo. —E... e todo mundo está melhor. Lo e eu, nossos vícios só afetam uns aos outros. E nós aprendemos a lidar com isso.

Sua boca cai. —Você acha que empurrar sua família longe é a melhor opção? Isso nos afeta. Não importa o que você escolher, Lily. Você sabe por quê? Por que todos nós amamos você. Papai pergunta sobre você todos os dias, porque ele sabe que você não vai responder às suas ligações. Mamãe tem uma pilha de livros de autoajuda sobre a cômoda. Quer saber o que eles estão lendo?

Eu balanço minha cabeça. Na verdade, não. Isso vai doer.

—Como se reconectar com sua filha. Como construir relacionamentos com seus filhos. Você os afeta. Seu vício afeta. Ficar longe de nossas vidas não é uma solução, é um problema.

Eu entendo o que ela está me dizendo. Eu ouço as palavras, e elas fazem uma grande dose de bom senso. Mas qual é a minha alternativa para saciar esse vício? Conseguindo ajuda? Ignorá-lo? Como você elimina algo que é uma parte da sua vida? Eu posso entender ficar sóbria, mas abster-se de sexo? Não é natural.

Rose deve me ver processando porque ela acrescenta, —Você começa com aconselhamento de alguém que passou por isso antes.

—Quero esperar para falar com Lo.— digo a ela. Eu não tenho certeza

que estou pronta para desistir da minha muleta, mesmo que eu saiba que vai fazer todo mundo feliz. Eu me odeio por isso, mas está além do meu alcance. — Eu estou indo para a cama.— Mecanicamente, eu me levanto da cadeira.

Ela segue o exemplo. —Vou passar a noite aqui. Eu vou estar no sofá para dar-lhe algum espaço.

—Você não tem que ficar. Realmente, eu estou... —Ela me dá um olhar afiado e eu reformulo a minha resposta automática. —... Eu vou ficar bem.

Ela balança a cabeça e enfia o meu cabelo esvoaçante atrás da minha orelha. —Eu sei que você vai. Vejo você na parte da manhã, Lily. —Antes de me afastar, ela envolve seus braços em volta de mim, apertando com mais força, segurando firme. —Eu te amo.

Eu quase começo a chorar novamente, mas eu engarrafo os sentimentos. Eu também te amo. —Eu vou ficar bem— murmuro. Com isso, eu me solto dela e deslizo para o meu quarto. Minha cabeça foi finalmente separada do meu corpo.



Capítulo Trinta

Eu levo horas para desligar meu cérebro e adormecer, para parar as borboletas onde eu salto entre justificar minhas ações e condená-las. Às vezes acho que Rose está certa, que talvez a terapia fosse bom para mim. Mas alguns médicos mal consideram vício em sexo em uma coisa real. E se eu acabar à mercê de um psiquiatra que me despreza e fazer que eu me sinta ainda mais inútil?

Muitas outras razões bombardeiam minha mente, me mantendo firme em um laço destrutivo. E quando eu finalmente acordo, eu assisto os números vermelhos brilhantes mudando no meu relógio digital. Estou sendo puxada para baixo por uma força forte, que me faz sentir muito extenuante para levantar meu corpo entorpecido do colchão.

Ouço Rose abrir a porta e espreitar para o meu quarto tantas vezes, mas eu finjo dormir e ela desliza para fora rapidamente. Tanta coisa mudou nas últimas vinte e quatro horas que eu estou lutando para agarrar algo familiar. Lo, minha única constante, será, sem dúvida ouvir sobre os acontecimentos da noite passada. Quero que eles venham de meus lábios, mas já estamos no meio da tarde e eu ainda não posso sair dos meus lençóis.

As cortinas fechadas deixam meu quarto em total escuridão, recusando-

me a deixar entrar um pingo de luz. A única fonte pertence ao meu telefone brilhando pelas fotos que procurei no Tumblr, mas saber disso só me deixa mal do meu estômago. Eu não consigo parar. Não até que a porta se abre e eu rapidamente clico fora da tela e fecho os olhos, fingindo estar dormindo.

Concentrando-se nos passos, eu espero que Rose saia novamente. A porta se fecha, e eu deixei escapar um suspiro antes de voltar para as fotos.

—Você é uma péssima mentirosa.

Eu salto ao ouvir a voz profunda, oca e rapidamente puxo o cabo pendurado na lâmpada. O quarto ilumina e Lo aperta os olhos no escuro. Olhos vermelhos e inchados, e cabelos emaranhados como se tivesse sido puxados em perigo.

Eles devem ter dito a ele o que aconteceu. Como eu presumi.

Ele mantém-se firmemente contra a parede ao lado da minha cômoda, colocando uma grande quantidade de distância entre nós. Eu tento não entender o que significa, mas dói independentemente.

—Eu consegui enganar a todos por enquanto.—eu digo sob a minha respiração. —Porquê está afastado?

Ele lambe o lábio inferior antes de dizer: —Eu perguntei a Rose se você estava vendo TV. Ela disse que estava escuro como breu aqui. Então, eu sabia que você deveria ter acordado e desligado o pornô. —Quase todas as noites eu adormeço com os vídeos tocando no fundo. A maior parte do tempo está no modo silencioso.

—Isso não faz de mim uma péssima mentirosa.— Eu respondo suavemente. —Isso significa apenas que você me conhece muito bem.— Eu deslizo para cima na cama, descansando contra a cabeceira de carvalho e puxando meus joelhos no meu peito. —Eu tive que dizer tudo a Rose.

—Eu sei.— Sua expressão permanece inescrutável, não deixando de se incomodar. Então eu faço a mim mesmo levantar.

—Eu acho que vai dar certo. Não parece que ela vai contar a alguém. E

ela disse que me daria tanto tempo quanto eu precisasse. —Isso é o que ela queria dizer, certo? —E sendo Rose, isso poderia ser para sempre. Então vamos seguir em frente de ontem à noite e tudo vai voltar ao normal. —Eu dou um aceno de auto-satisfação para selar a proclamação.

Mas Lo não retribui a minha confiança. Ele aperta a mandíbula e rasga-se bem, virando os olhos para um pufe rosa. —Você realmente acha que eu só posso seguir em frente?— Ele engasga. —Deixar rolar como se fosse qualquer outro caralho de dia?

Oh... —Temos que tentar.—eu digo em voz baixa.

Ele ri e infelizmente ela racha e morre curta. Ele limpa a boca e solta um suspiro. —Me pergunte.

—O quê?

Seus olhos piscam até mim e eles se transformam em aço frio. —Pergunte-me porque eu bebo.

O nó aloja na minha garganta. Nós não falamos sobre nossos vícios. Não definitivamente. Nós os enterramos com a bebida e o sexo e na ocasião em que nos sentimos perdidos, voltamos à nostalgia das histórias em quadrinhos.

O medo rouba a minha capacidade de formar palavras. Eu acho que eu sei a resposta, mas eu tenho tanto medo de mudar a estrutura que nós temos no lugar. Meu constante. Meu Lo. Eu egoisticamente não quero que chegue ao fim.

—Maldição, Lily.—diz ele com os dentes cerrados. —Apenas me pergunte porra!

—Por quê?— A palavra sai como faca da minha boca.

Uma lágrima escapa e ele diz:—Porque eu posso. Porque quando eu tinha onze anos de idade e provei minha primeira gota de uísque, eu pensei que ia me aproximar de meu pai. Porque eu me senti habilitado. —Ele toca seu peito. —Porque eu nunca bati em ninguém. Eu nunca dirigi. Eu nunca perdi a porra de um emprego ou perdi amigos que importavam. Porque sempre que eu bebia, eu não achava que eu estava prejudicando ninguém além de mim.

Ele respira raso e esfrega a mão trêmula pelo cabelo. —Isto é, até ontem à noite. Ou talvez nos últimos dois meses. Ou para sempre. Eu não sei mais.

Eu estrangulo meus lençóis em meus punhos e tento me lembrar de inalar. —Eu estou bem.— Eu tremo. —Eu vou ficar bem, Lo. Você não me machucou. Foi apenas um erro. Uma noite ruim.

Ele se empurra fora da parede, ganhando confiança em algum lugar e afunda-se na beira da cama. Ainda longe de mim.

Seus olhos me perfuram quando ele diz:—Você está esquecendo que eu conheço todos os truques, Lil. Quantas vezes você repetiu essas palavras para si mesma, esperando que elas se tornem realidade? Eu faço a mesma coisa para justificar todas as noites de merda. —Ele foge para frente e eu fico petrificada, dura como um pedaço de madeira. Seus dedos roçam meu joelho nu e vejo a rachadura em seu rosto de como é doloroso para ele me tocar. —Mas eu não quero mais qualquer noite má com você.

—Será que Rose o colocou nisto?

—Não.— Ele balança a cabeça. Ele repousa suavemente a mão na minha perna, seu olhar tão torturado, e eu deixo escapar uma outra respiração tensa. —Eu tinha que estar lá. Eu deveria ter parado o cara. Eu deveria ter segurado você em meus braços e lhe dizer que tudo ia ficar bem, mesmo que não ficasse. Esse era meu trabalho, e de ninguém mais.

—Onde é que isto nos deixa?—Pergunto. Por favor, não me deixe, eu penso de forma egoísta. Pode ser um dos meus pensamentos mais abomináveis. Eu enterro minha cabeça em meus braços com a avalanche de lágrimas. Eu posso senti-lo me deixar, se afastando como uma brisa.

—Ei, olhe para mim.— Ele toca meus braços e tenta desembaraçar minha caverna. Eu inclino meu queixo para cima depois que ele foi bem-sucedido. Ele cruza os braços e mantém suas mãos apertadas em meus cotovelos, com o peito muito perto do meu.

Seus olhos começam a regar novamente, e eu estou de repente

aterrorizada com o que ele está prestes a dizer.

—Eu sou um alcoólatra.

Ele nunca disse isso em voz alta, nunca admitiu dessa forma.

—Meu pai é um alcoólatra.— continua ele, lágrimas derramando pelo seu rosto e em meus braços. —Eu não posso simplesmente esquecer isso como em algum conto de fadas. É uma parte de mim. —Ele esfrega as minhas lágrimas com o polegar. —Eu te amo, mas eu quero te amar o suficiente para que eu nunca escolha o álcool sobre você. Nem mesmo por um momento. Eu quero ser alguém que você mereça. Quem ajuda você em vez de permitir que você se quebre, e eu não posso fazer isso até que eu obtenha ajuda para mim.

Ouço apenas uma coisa. Reabilitação. Ele vai para a reabilitação. Bem longe de mim. Estou orgulhosa. Em algum lugar, lá no fundo, eu sei que estou orgulhosa. Mas está se escondendo atrás de medo. Ele vai me deixar. Duas coisas me seguraram até agora. Sexo e Lo. Eles nunca se misturaram, mas perder os dois ao mesmo tempo faz com que eu me sinta como se alguém tivesse arrancando um órgão vital e se recusa a me conectar a uma máquina.

—Lily!— Lo me sacode algumas vezes, sua voz frenética. Eu não posso fazer sentido de qualquer coisa até que seus lábios tocam os meu. Ele me beija e me diz para respirar mais e mais.

Eu inalo um grande suspiro de ar, e minha cabeça gira como se eu estivesse me afogando debaixo d'água.

—Respire.—ele murmura. Ele repousa a mão no meu diafragma, e eu de alguma forma, consigo respirar em seu colo.

Aperto sua camisa, silenciosamente perguntando se eu posso pedir para ele ficar. Não, isso é errado. Eu sei que é errado. Eu engulo em seco.

—Fale comigo, Lil. Onde está sua cabeça?

—Quando você vai embora?

Ele balança a cabeça. —Eu não vou.

Lágrimas estouram. —O quê? Eu, eu... —Isso não faz sentido. Ele apenas

disse ...

—Eu farei a desintoxicação aqui.

Eu balanço a cabeça de qualquer maneira. —Não, Lo. Não fique aqui por mim... por favor. —Eu empurro seu peito.

Ele reúne as minhas mãos. —Pare.— ele força. —Eu já discuti com sua irmã sobre isso. Eu vou ficar aqui. Eu estou dando a isto uma chance, e se isso não funcionar, então eu vou. Mas se eu posso estar aqui para você e para mim, então eu tenho que tentar.

—Não é perigoso se desintoxicar aqui?

Ele apóia o queixo na minha cabeça. —Connor contratou uma enfermeira. Eu vou ficar bem. —Eu ouço o medo em sua voz. Ele está prestes a eliminar o álcool completamente de sua vida. Ele bateu no fundo do poço.

Eu bati no meu?

Eu não posso pensar em ajudar a desintoxicar Lo e fazer o mesmo a mim. Então, eu vou me concentrar nele e em seguida, quando ele fica melhor, eu vou me preocupar comigo.

Isso parece certo.



Capítulo Trinta e Um

Lo tem estado sóbrio por uma semana inteira. Os primeiros dois dias foram os piores. A enfermeira lhe enganchou até uma IV de modo que os fluidos pudessem hidratar seu corpo. Ele tem que tomar vitaminas para substituir os nutrientes perdidos pelo álcool e comer uma dieta especial para se livrar das toxinas. Eu também escondo o pote de café para que ele não fique viciado em cafeína no processo. Independentemente disso, ele passou por crises de vômitos, suava e tremia e queixou-se em gritos furiosos até que Ryke ameaçou passar fita adesiva em sua boca. Isso o fez rir.

Hoje, Lo pede para conduzir o meu BMW a sorte de Ação de Graças. Todos os anos, eu passo o dia com os meus pais e Lo vai para a casa de seu pai, mas de antemão, nós comemos um jantar pré-Turquia, no pequeno restaurante.

Não é tão extravagante, mas a comida tem um gosto melhor e um conforto diferentes do que as pequenas porções e espumantes de nossos pais ou os que os chefs preparam.

Ele segura minha mão no console central e dirige o carro na ruas movimentadas de Philly, a outra palma da mão no volante. Seus dedos tremem e ele os sacode e os aperta uma vez antes de colocá-los de volta.

—É como andar de bicicleta?—Pergunto sobre a condução.

—Mais fácil. —ele me diz. —Não é preciso nem mudar de marcha no seu carro. Tudo o que eu realmente preciso saber é como apertar o pisca-pisca. —Ele aciona o pisca-pisca que emite um estalido. Ele pega a mão na minha e a desliza na minha coxa.

Ele dedicou seu tempo para mim, usando meu vício como uma saída, suponho que faz ele esquecer o dele. Tem funcionado, na maior parte, mas às vezes eu vejo o desejo em seus olhos, a coceira para voltar à sua rotina habitual desde que eu passeio no meu.

Lo para e estaciona na calçada, e eu alimento o medidor. O sino toca à medida que entramos no Lucky, Lo segurando a porta aberta atrás de mim, seu longo braço que se estende acima da minha cabeça. Tudo parece como eu me lembro do ano passado.

Flâmulas laranjas e amarelas drapejando do teto, um ventilador girando preguiçosamente no centro do pequeno estabelecimento. Cabines com cobertura de vinil vermelho alinham o lado esquerdo pelas janelas. Alguém pintou um peru emplumado com tinta lavável no vidro e acrescentou brilhantes palavras multicoloridas para todos verem, Feliz Ação de Graças. O cranberry familiar e aroma de alho e purê de batata permeia no ar e os casais mais velhos nas mesas de beber café sorrindo.

Eu fico olhando para um deles por um longo momento, seus cabelos grisalhos curtos são quase idênticos. Eles brigam por causa de uma mancha na camisa do homem, e a mulher se inclina para ajudá-lo a se limpar. Eu quero que seja nós. Eu quero envelhecer e gritar com Lo para segurar o café. Eu quero que ele seja meu para sempre. Pela primeira vez, ele pode estar no caminho certo para alcançar isso. Só posso esperar que eu vá acompanhá-lo também.

Há uma diferença notável na nossa tradição anual e eles nos pairam sobre uma cabine perto da janela.

Nós deslizamos no lado direito, enquanto Connor, Rose, e Ryke preenchem a esquerda. Minha irmã se parece em um milhão de dólares em sua

blusa e saia de cintura alta creme chiffon, um colar de diamantes em forma de uma gota de água apertado em sua garganta.

—Isso é novo?—Pergunto.

Ela toca a joia, as bochechas enrubescidas, tanto quanto a minha faria. Eu não posso deixar de sorrir.

—Comprei-o para ela.— Connor exclama, com o braço envolto no topo da cabine atrás dela.

Eu fico vesga. — Por quê?

—Nenhuma razão. —diz Connor. —Eu vi isso e eu pensei que ela iria gostar.

Rose tenta realmente não sorrir, mas ela não consegue escondê-lo.

Lo geme. —Você está me fazendo ficar enjoado.— Sua mão se levanta na minha coxa e mergulha para o interior. Lo me dá coisas que eu gosto, muito melhores do que diamantes ou flores.

Ryke amassa seu guardanapo. —Você nunca deu a Lily um presente como esse?

—Não, ela prefere que eu lhe de algo mais do que um colar.

—Como o quê, Loren?— Rose parece que poderia rasgar a garganta dele.

Lo está prestes a assumir o desafio. —Como minha língua sobre ela...

—Oh meu Deus!— Eu grito, fugindo longe de Lo e na parede da cabine. Eu pego um menu e protejo meu rosto de todos.

Ryke ri baixinho, mas eu acho que minha irmã está prestes a lançar-se em todos os rapazes e os arranhar com as unhas.

Connor sussurra em seu ouvido:—Ele está apenas mexendo com você.

—Ela é viciada em sexo.—ela sussurra de volta tão ferozmente. —Ele não deveria estar brincando sobre isso.

—Eu posso ouvir você.— Lo afirma categoricamente.

Eu espreito Ryke já que ele é a única pessoa que eu não tenho

confrontado desde que meu vício se espalhou a partir de Rose para Connor e de Lo para Ryke. Sim, ele disse a Ryke. Eu não tenho nenhuma idéia de como ele falou. Talvez em seu confessionário, sobre a necessidade de ficar sóbrio. Nossos vícios entrelaçaram tanto que foi muito difícil para Lo falar sobre o seu sem trazer a minha dependência de sexo.

Ryke nem sequer olha para mim. Ele está murmurando alguma coisa para Lo. Eu li os lábios: Vou dizer-lhes.

Eu olho para Lo e ele acena para Ryke em aprovação.

Eu franzo a testa. —Dizer-lhes o quê?—Eu pergunto a Lo.

—Nada.—ele faz sinal para eu voltar para perto dele. Pouso o menu e deslizo de volta em seus braços, e a garçonete vem para quebrar a batalha de sussurros da minha irmã com Connor.

Nós pedimos o jantar de peru e águas, e eu estou curiosa para saber qual é o segredo de Lo e Ryke sobre mim. Pode ser qualquer coisa. Quando a garçonete caminha de volta para a cozinha, Rose se vira para Ryke e tira fora um envelope branco. —Eu não conseguia encontrar o seu endereço em nenhum lugar, então eu fui incapaz de enviá-lo para sua casa.

Ela passa-lhe um convite do Natal Charity Gala. —Ryke É um pseudônimo? Ele não estava aparecendo em qualquer diretório.

—Nome do meio.— diz ele, distante. Ele pega o cartão creme com letras cursivas em ouro. —Eu não posso ir.

Ele quase não dá uma chance.

Lo pergunta:—Por que não?— Lo, obviamente está magoado. Se alguém tem sido uma rocha desde que ele decidiu tornar-se sóbrio, tem sido Ryke. Ele é praticamente seu patrocinador não oficial. Eu sei que ele realmente quer que Ryke esteja lá, especialmente desde que seu pai vai estar presente. —É o artigo? Você deveria ter terminado com essa coisa logo, não é?

—Não, eu apresentei o artigo semanas atrás. — Ele finalmente escapa da mentira. —Meu professor me deu um A.

—Envie-me uma cópia.—diz Connor. —Eu adoraria lê-lo.

—Claro.— Ele provavelmente vai, esquecer, de enviar-lhe o artigo nas próximas semanas até que Connor pare de perguntar.

—Você tem planos ou algo assim?— Lo pergunta. —É um dia antes da véspera de Natal. Você ainda poderá passar um tempo com sua mãe se você for. —Eu nunca tinha visto ele assim, implorando para alguém de uma forma tão transparente.

Ryke acena. —OK. Sim, eu vou fazê-lo funcionar. Obrigado, Rose. — Ele dobra o envelope em quatro e enfia no bolso de trás.

Lo relaxa, e ele olha para os banheiros. Será que ele quer ir fazer sexo? Ele se vira para mim, como se estivesse lendo minha mente, e sussurra baixinho: —Eu tenho que usar o banheiro de verdade. Não deixe Ryke comer minha comida quando ela vier. —Com isso, ele beija minha bochecha e desaparece em direção às portas azuis.

Eu afundo no assento, ciente dos três pares de olhos caindo em cima de mim.

—Lily.— Rose começa, sentando-se para a frente. Ela junta as mãos. — Lily, eu estive pensando muito ultimamente, e eu realmente quero que você venha morar comigo quando o semestre terminar. Há espaço suficiente no meu apartamento, e...

—E Lo?— Eu franzo a testa e balanço minha cabeça. —Eu não posso deixá-lo assim. E eu vou para Penn.

—Você sempre pode transferir.—ela me lembra.

Ryke se vira para ela. —Lo tem tudo sob controle.

Seus olhos verde-amarelos perfuram ele. —Ele está doente, Ryke. Ele precisa se concentrar em si mesmo, e ele não vai ser capaz de fazer isso se ele estiver preocupado com o bem-estar de Lily. Eu quero que ele fique melhor, mas eu quero que ela fique melhor muito mais. Então me perdoe se eu estou olhando para os interesses da minha irmã.

—E eu estou olhando os interesses de Lo. Ele quer experimentar desta

maneira em primeiro lugar. Veja. Tem funcionado durante toda a semana passada...

—Sim, ele está sóbrio, mas Lily está diferente? Ela começou a frequentar a terapia ou diminuiu o sexo?

—Vocês, por favor, parem.—eu digo, minha voz perdida com os seus ânimos aquecidos. Eles não precisam ficar discutindo minha vida sexual aqui no Lucky. Eu nunca poderia reunir a coragem de voltar aqui.

—Ele tem um plano. — Ryke retruca. —Você precisa confiar que ele ama Lily.

—Que tipo de plano?— Rose pergunta.Sim, que tipo de plano. E por que ninguém me disse?!

—Ele vai começar a limita-la e diminuir gradualmente seu uso de pornografia.

Eu escancaro a boca enquanto minha irmã balança a cabeça em aprovação.

—O quê?!—eu grito. Estou mais perturbada pelo fato de que Lo falou sobre nossa vida sexual com Ryke dentre todas as pessoas. —Diga-me você não discutiu isso com Lo.— Eu já sei a resposta. No momento em que Ryke se projetou para a minha vida na biblioteca, me dizendo que ele iria ajudá-lo, eu aproveitei a oportunidade. Eu disse a ele sobre o vício de Lo. E se ele deu a mesma oferta para Lo, eu sei que ele me ajudar também.

Ryke descaradamente encontra o meu olhar. —Ele me disse que a maioria de seus segredos sujos.

—Oh meu Deus!— eu murmuro, olhando freneticamente para Rose como quem diz, o que eu faço?

Ela olha para Ryke e depois para mim. —Isso é pessoal.—

—Sério? Bem, os caras falam sim como as meninas gostam. Talvez você devesse se lembrar disso antes de ir para a cama com alguém.

Connor os corta. —Tudo bem, todo mundo precisa se acalmar no

momento. Acho que as pessoas estão começando a nos olhar fixamente. Vamos, Rose. —Ele levanta-a pelo braço. —Vamos lá fora um minuto.

Ela levanta tensa de seu assento, mais pontua para Ryke. —Estou feliz que você está aqui por Lo, mas eu juro, se você machucar minha irmã...

—Rose.— Connor diz puxando ela pra fora.

Ryke diz: — Eu não faria mal a ninguém intencionalmente.

Connor dá-lhe um olhar. —Basta parar de falar.

Rose começa a divagar, e Connor encontra a resposta certa a cada vez, mantendo-a sã quando eles tomam um fôlego. Pelo menos ela encontrou um encontro que não é gay para o baile de gala de caridade deste ano.

No mesmo momento, a comida chega, e só Ryke e eu estamos na mesa para comer. Nenhum de nós toca nossos pratos.

—Eu não quero ser limitada. —, digo a ele. —Isto não é sobre mim neste momento.

—Tem sido sempre sobre você.—diz Ryke. —Se você tivesse me dito desde o início que tipo de negócio atingiu os dois e que tipo de vida que você viveu, eu não teria ficado tão chateado com você quando você parou de ajudar Lo. Peço desculpas por isso.

—Ele precisa se concentrar em si mesmo.— Tenho que lembrar Ryke.

—Lily ...— Ele coloca os cotovelos sobre a mesa e se inclina. —Vocês dois têm feito tudo juntos. Vocês passaram a cada etapa de suas vidas com o outro ao seu lado. Para que isso funcione, você não pode regredir enquanto ele está se movendo para frente.

Minha careta se aprofunda. A maneira como ele expressou isto faz parecer que ele vai se transformar em uma pessoa diferente. Que possa se tornar alguém novo, alguém que não se encaixa em minha vida. Talvez ele supere meus rituais e encontre uma pessoa que molda suas novas rotinas. Eu não gosto desse futuro, mas eu quero aquele em que ele está melhor.

—Você entende o que estou dizendo?—Pergunta ele.

—Ok.— Eu aceno. —Ok, eu vou tentar.

Ele fica tenso.

Minhas sobrancelhas levantam. —Você não acredita em mim, não é?

—Não, mas a sua admissão é muito boa de ouvir.

Eu olho. —Eu posso lutar.

—Eu acho que nós vamos ver o quão duro.— Ele se inclina para trás. —E Lily... Espero sinceramente que você me surpreenda, caralho!

Eu também espero.

* * *

Lo tem sido gentil o suficiente para me limitar gradualmente. Nada de sexo pesado na semana passada. Eu joguei fora a metade dos meus vídeos pornográficos ontem, mas o desejo ainda perdura. Em vez de enchê-lo compulsivamente, eu tomo algumas pílulas para dormir, então eu desmaio antes de pensar em sexo. A noite é o pior. Minhas endorfinas sobem e tudo que eu quero fazer é me enroscar em Lo de alguma forma nefasta.

Mas eu tento. Eu tenho que ganhar essa.

Estou com medo de ficar sozinha. Eu estou receosa que eu vá começar a tocar-me ou eu chame um gigolô por impulso. Eu tenho estado tão paranóica que eu ignoro a maioria das minhas aulas. Eu acho que eu vou ter que refazer três de cinco em meu horário. É melhor do que trair Lo e trair a mim mesma.

Lo mal dorme. Ele joga e vem no meio da noite, ainda me acorda do meu sono induzido por pílula. Eu continuo esperando por seus saques para diminuir, para ser mais fácil, mas eles nunca são. Às vezes me pergunto se ele vai ter que lutar para sempre. E então eu percebo, eu posso ter que lutar muito tempo também.

Acompanho Lo e Ryke para o campo de corrida. Principalmente porque eu odeio ficar sozinha, e Rose tem exames finais esta semana. Eu terminei o meu

ontem. Bem, mais ou menos. Eu nem sequer fui para o minha aula de Biologia e classe Managerial Economica. Estou esperando um F, mas pelo menos eu tenho a opção de um " refazer." Eu só posso ficar na faculdade por um semestre extra.

Eu saio para fora da arquibancada e brinco com uma nova câmera que Rose me comprou. Eu nunca tive um hobby diferente de sexo, mas tirar fotos estúpidas preencheu um pequeno vazio. Eu tiro algumas quando os caras se esticam na grama. Ambos usam camisas de mangas compridas e calças de faixa, e quando eles riem e brincam, eu tiro uma foto deles sorrindo ao mesmo tempo.

Eles são parecidos. Ambos têm cabelo castanho, apesar de o de Ryke ser um pouco mais escuro. Ambos têm olhos castanhos, mesmo os de Lo estão um pouco mais na cor âmbar. O bronzeado de Ryke começou a desaparecer no inverno, e sua pele começa a assemelhar-se a tonalidade irlandesa de Lo. Eles poderiam ser irmãos, mas Ryke tem ombros mais largos, uma mandíbula forte e lábios finos.

Quando eles começam a correr, Ryke decola em uma arrancada rápida, e Lo corre depois dele, o alcançando em poucos segundos. Eles correm rápido e duro, suas pernas bombeando e seus tênis batendo na faixa preta.

Ryke fica a dois passos à frente de Lo, mais treinado, mas Lo detém o seu próprio ritmo.

Eles correm como se nada pudesse detê-los. Eu assisto Lo, e eu começo a ver um novo futuro. É lá, ainda obscuro, mas parece mais brilhante e melhor.

Eu só quero saber se ele ainda me inclui.



Capítulo Trinta e Dois

Alguns dias não são bons. Horas antes, temos de chegar ao hotel para o Charity Gala de Natal, Eu suspeito que isso será muito ruim.

Lo dormiu talvez por 30 minutos na noite passada, e ele passeia em volta da sala até que ele liga para Ryke e fala com ele por algumas horas. Nada parece acalmá-lo, e eu acho que pode ser a conversa que ele quer ter com o pai, onde ele admitirá que ele está tentando ficar sóbrio. Mas eu também temo que seja outra coisa.

Antes que ele vá para a cozinha, ele me agarra duas vezes, quando eu chego da faculdade. Perguntei-lhe o que ele tem em Gerencial, eu prontamente não tenho em Economia. E ele me disse que se preocupa em ter que refazê-lo na primavera e para eu deixar de ser tão intrometida. Ele não seria tão significativo se algo não estivesse errado.

Rose me aplica a maquiagem para a minha vaidade. Eu já uso o meu vestido ameixa com mangas compridas rendadas. Rose realmente comprou o vestido de veludo safira, embora ela experimentou mais dez depois. A Gala funciona em duas partes. Um deles, o jantar onde todos nós sentamos em torno de uma mesa redonda e são servidos cinco pratos. Em seguida, homens de negócios vão para o pódio e agradecem a todos pela sua generosidade para a

noite. Depois será a recepção, onde as pessoas vão beber cocktails e caminhar ao redor do grande salão de baile para conversar e socializar.

Quando eu vou com Lo, nós normalmente ficamos pelo bar e tentamos pedir ao barman as perguntas mais embaraçosas para ver o que vai acontecer. É desagradável e provavelmente rude, mas ele passa o tempo. Este ano, eu planejo vagar sem rumo. Que não soa muito melhor.

Na linha de moda de Connor Cobalt, chegamos uma hora mais cedo. Ryke endireita a gravata e nervosamente olha ao redor da sala vazia, principalmente repleto de servidores enquanto eles ajustam as rosas vermelhas no centro sobre as mesas e terminam amarrando luzes.

—Você já esteve em um evento como este?—Pergunto.

—Sim—ele admite. —Não neste círculo social, embora.

Lo está mais agitado que o habitual. Ele passa a mão trêmula pelo cabelo. —Eu preciso de uma bebida.— Ele esfrega os olhos e geme.

—Você está bem.— Ryke lhe assegura. —Ei, o que está incomodando você?

—Nada.—diz Lo aborrecido. —Eu realmente não quero falar agora. Sem ofensa, mas isso não ajudou durante todo o dia. Eu só estou com uma enxaqueca batendo.

Eu estendo a mão dele, e seus olhos encontram os meus. Alguma coisa ruim se move em mim. —Você quer…?

—Não.—diz Ryke para nós dois. —Não.

Eu olho para ele. —Não que isso seja da sua conta,eu fiquei um dia inteiro sem ver pornografia.— Eu deixo de fora a parte em que eu passei a tarde inteira na cama com Lo. E nós não estávamos dormindo.

—Parabéns.— Ryke diz secamente. Ele dá uma olhada em Lo. —Você está evitando.

—Eu estou ajudando ela.

—Você sabe que você não está.

Ele puxa a carteira do bolso. —Um quarto. —ele diz a recepcionista. Eu balanço sobre as bolas de meus pés. Sim.

* * *

Agora que o meu ponto alto desapareceu, todo o meu corpo está dolorido. Ele me pegou por trás, muito mais forte do que o habitual, e eu gostei quando aconteceu. Choraminguei com a posição, sua intensidade, e dando-lhe a ideia de estar aqui em primeiro lugar.

—Que horas são?— Lo pergunta, pegando o relógio sobre o criado-mudo. —Fodeu!— Ele se apressa para fora da cama, o edredom no chão, os lençóis torcidos em formas estranhas. —Levante-se, Lil.

Eu me deito com minha cabeça no travesseiro, inabalável. Talvez eu possa me desintegrar nos lençóis.

Lo se inclina sobre a cama e abaixa a cabeça para olhar diretamente para mim. —Você consegue se levantar? —Ele joga o meu vestido no meu rosto.

Eu seguro o tecido e o estico para vesti-lo sentada. Eu tento puxa-lo sobre a minha cabeça, mas meus braços estão doloridos, mal me permitem ter força.

Lo pula em suas calças e em seguida, fecha o seu botão branco.

Eu queria que pudéssemos ficar aqui, mas assim seríamos os velhos Lily e Lo. Agora nós melhoramos. Eu luto com o tecido e, finalmente, passo minha cabeça através do buraco do meu vestido. E então, eu o vejo abrir o frigobar. Talvez não tenha melhorado.

—Lo ...— Minha voz soa pequena.

Ele embolsa uma mini-garrafa de tequila. Por que ele está fazendo isso? Tudo estava bem. Não estava? Exceto por esta manhã e esta tarde e agora ...

—Lo, você já andou bebendo?

Ele não encontra o meu olhar. —Está bem. Eu não vou beber muito hoje. Eu só preciso de alguma coisa...

—Lo!— Eu grito, saltando da cama, só de roupas íntimas. Eu me esforço para roubar o licor do seu bolso, e ele aperta meus pulsos.

—Lily, pare!

—Pare você!

Eu luto em pé até que caímos na cama. Ele coloca meus braços em ambos dos lados do meu corpo.

—Lo!— Eu grito. —Você não pode simplesmente desistir assim!— A culpa é minha. No fundo do meu coração, eu sei que o levei aqui.

Foi tudo eu. Começo a chorar, somando com o drama da noite. E ele me solta delicadamente.

—Por favor, pare.— ele engasga. —Lily ...— Ele beija levemente meus lábios, meu rosto, meu nariz, meu olho e queixo.

—Por favor, está tudo bem. Estou bem.

—Eu fiz isso.— eu choro.

Seus lábios voltam aos meus, e ele tenta fazer com que eu me concentre no beijo ao invés de meus pensamentos de dor. Se eu estivesse bem na minha própria mente, talvez eu jogaria fora a bebida. Talvez eu lhe dissesse para parar. Talvez eu faria algo que pudesse beneficiar nós dois em vez de continuar o nosso ciclo destrutivo.

Seus dedos deslizam para dentro de mim, e eu agarro o lençol e escondo meus olhos com o outro braço, algo em mim se alternando entre o bom e o ruim.

Ele substitui o dedo por seu pênis, e eu deixo escapar um suspiro afiado na plenitude súbita. Seus lábios encontram os meus novamente, e ele me beija enquanto ele balança lentamente, como se me dizendo que tudo vai ficar bem, tudo está bem. Ele está aqui. Estou aqui.

Isso é tudo o que precisamos.

É a nossa maior mentira.

* * *

Eu fico entorpecida no elevador enquanto ele desce para o térreo no grande salão de baile. Perdemos parte do jantar de Gala, e eu quase quero pular a recepção e ir para o Drake para me enrolar na minha cama. Mas eu prefiro encontrar Rose. Eu preciso dela.

Lo se enlaça em volta do pescoço, olhando para os números à medida que descemos. Um amplo espaço nos separa, é o que acontece quando juntamos o sexo emocional e sua bebida. Eu não poderia impedi-lo de abater aquela pequena garrafa de tequila ou embolsado outra. Se o álcool o deixa à vontade, ele não mostra. Seus músculos estão tensos, e seu pescoço mal se move, fechado para frente.

—Onde você vai quando chegarmos lá?—Pergunto.

—Eu preciso falar com meu pai.— Seus olhos se estreitam nos números brilhantes.

—Talvez você devesse encontrar Ryke em primeiro lugar.

—Isso não é necessário.

Eu engulo em seco, e as portas do elevador se abrem. Lo caminha rapidamente para o salão de baile, e eu me esforço para me manter ao seu lado. Eu derrapo perto da porta, impressionada com o brilho dos lustres e a sala ocupada com pessoas moendo em todos os lugares. A torre da árvore de Natal no centro, envolta em lantejoulas de ouro com enfeites de maçã. Duas telas de ambos os lados do palco lembram a todos os benfeitores do evento. Hale Co. e Fizzle. Eu passo por um garçom que carrega uma bandeja de champanhe rosa.

Lo pega uma taça, dando um pequeno gole, e o coloca de volta. Eu não posso deixá-lo assim. Eu ando entre os corpos e murmuro — Me desculpe.— centenas de vezes, tentando que ele me escute. Ele caminha em direção a um determinado local com propósito e determinação, cristalizados como gelo em seus olhos âmbar.

—Lo.—eu digo, o agarrando, mas a mão dele se afasta de mim.

Eu tenho medo de olhar para Rose ou Ryke no meio da multidão, porque eu posso perdê-lo de vista. Olho por cima das pessoas e vejo que ele ganhou uma considerável distância de mim. Até o momento em que eu o vejo na frente de seu pai, que veste um smoking e uma expressão severa.

Eu fico a um braço de distância, perto o suficiente para ouvir cada palavra.

—Você esteve me evitando?— Jonathan pergunta. —Você normalmente me procura às quartas-feiras.

—Eu tenho passado por algumas coisas.

Jonathan examina seu filho. —Você parece bem.

—Eu não estou bem.— Lo admite. Ele balança a cabeça várias vezes, e seus olhos vidrados crescem. —Eu não estou bem, pai.

Os olhos de Jonathan olham ao redor e ele diz: —Este não é o lugar, Loren. Conversamos depois.

—Tem alguma coisa errada comigo.— Lo diz a ele. —Você me ouve? Eu estou dizendo a você que eu não estou bem.

Jonathan bebe o resto do seu uísque e o coloca em uma mesa próxima. Depois que ele esfrega os lábios, ele chega mais perto de seu filho. Minha respiração engata, e eu fico congelada no lugar. —Você está tentando me envergonhar?

As mãos de Lo tremem e ele as enrola em punhos. —Você sabe que eu bebo, e você não dá a mínima.

—É disso que se trata?— O rosto de Jonathan contorce. —Lo, você é a porra de um homem de vinte e um anos de idade. Claro que você bebe.

—Eu bebo até desmaiar. —diz Lo. Por que é tão difícil para Jonathan entender que ele tem um problema? E em seguida, amanhece em mim. Talvez seja porque Jonathan não chegou a um acordo com ele mesmo.

—Então, existem muitos iguais a você. É natural para as crianças de sua idade abusar do álcool.

—Eu não posso ficar um dia sem uma bebida.

Os lábios dele se tornam rígidos. —Pare de tentar encontrar uma desculpa por seus erros, e os encare como um maldito homem.— Há uma diferença entre abuso de álcool e de ser dependente dele, e se ele entendesse isso, ele perceberia que Lo já é um dependente.

Eu dou um passo a frente e alcanço a mão de Lo, mas ele se esquiva para longe de mim.

Jonathan pega outro copo de uísque de um garçom. Ele toma um gole e acena para mim. —Você colocou esses pensamentos na cabeça do meu filho?

Eu encolho com o seu olhar furioso e mordaz.

—Eu reconheço isso desde que eu era criança.— Lo diz a ele. —Ela não precisa dizer nada para mim.

—Eu duvido disso.

Um braço envolve em torno da minha cintura. Eu salto e encontro o olhar preocupado de Rose. Eu caio em seu abraço e tento não chorar em seu ombro.

Ryke está ofegante, como se ele tivesse corrido até aqui, desliza para o lado de Lo e coloca a mão em seu braço. Ele nem sequer olhar para Jonathan. —Vamos, Lo.

Rose tenta me puxar para longe, mas eu balanço minha cabeça e fico firme aqui. Algo está errado. Eu vejo isso no rosto de Jonathan. Ele empalidece além de sua tonalidade irlandesa natural e quase deixa cair seu uísque. —O que você está fazendo aqui?—Ele diz para Ryke.

Lo franze a testa. —Vocês se conhecem?

Jonathan deixa escapar um pequeno acesso de raiva. —Você não disse a ele?—Diz ele para Ryke. Seus olhos varrem o salão de festas onde as pessoas começam a olhar fixamente. Ele balança a cabeça em aborrecimento e termina seu uísque.

Lo muda seu peso. —Me dizer o que?

—Nada.—Jonathan diz com um sorriso amargo. Ele estabelece o vidro e

encontra o olhar de Loren mais uma vez. —Então é isso que você queria me dizer? Você queria me culpar por seus problemas e se comportar como uma criança?

Ryke mantém resolutamente sua mão no ombro de Lo, apoiando-o de uma forma que eu não posso.

—Não.— Lo diz suavemente. —Talvez se isso tivesse acontecido durante a minha adolescência, eu teria feito algo assim. Eu só queria dizer que ficarei sóbrio. —Seus olhos anuviam, e uma única lágrima desliza para baixo em sua bochecha. —Eu estou indo para a reabilitação. E quando eu voltar, eu não o verei mais tanto assim.

Ele vai para a reabilitação. Ele sabe que isso não pode nos ajudar a trabalhar juntos, enquanto ele tenta evitar o álcool para o bem.

Eu mal posso respirar. Ele está indo. Por quanto tempo?

Jonathan inala bruscamente e encara Ryke. —Será que você o colocou nisso?

—Não. —diz ele. —Isso é novidade para mim.

Jonathan olha para Lo. —Você não precisa ir para a reabilitação.— Ele murmura. —Isto é uma merda ridícula. Ele balança a cabeça. —Eu vou te ligar amanhã, ok?

—Não, você não vai!— Lo diz a ele, mais lágrimas ameaçam cair. —Eu não vou atender, e eu já estarei lá.

—Você está bem!—Ele grita, silenciando metade do salão de baile. Ele olha por cima do ombro, como se percebendo sua súbita explosão. Ele dá um passo a frente e fala humilde. —Você está bem, Loren. Pare com isso.

—Ele não está bem.—Ryke intervém. —Ele está dizendo que ele não está bem.— Todo o meu peito está pegando fogo, e minha cabeça continua girando. A única razão que eu ainda estar de pé é porque Rose tem sua mão entrelaçada com a minha, e se eu cair, eu não quero que ela se solte de mim.

Jonathan ignora Ryke. —Por que você está chorando?— Diz ele a Lo, a

metade em repulsa e metade em algo mais humano.

—Eu não sei.—diz Lo, o nariz queimando, enquanto ele tenta reprimir as lágrimas silenciosas.

Ele agarra a parte de trás do pescoço de Lo e traz o rosto para perto do seu. —Pense sobre isso.— diz Jonathan com um sorriso de escárnio, balançando Lo.

As pessoas definitivamente começam a olhar agora. Lo tenta romper o domínio, colocando o braço sobre seu pai, mas ele o parta, os dedos pressionando contra a pele de Lo.

—Pare.—eu digo, tentando correr para a frente, mas Rose me puxa para trás.

Ryke agarra o braço de Jonathan e o separa de Lo, que tropeça em uma ofuscação. —O que há de errado com você? Ryke grita com Jonathan. —Não, você sabe o quê? Eu sei o que há de errado com você. Você nunca vai mudar. Voltei para acreditar que você é um grande homem do caralho, mas eu não vou deixar você arruinar a vida de Lo.

Por que isso soa como se ele o conhecesse?

—Foi Sara a responsável por isso?— Jonathan pergunta. —Onde ela está?— Seus olhos varrem em torno do salão de baile, procurando a mãe ausente de Lo.

Lo olha entre ambos Jonathan e Ryke, tentando entender seu relacionamento.

Claramente, ele vai além de qualquer coisa que imaginávamos.

—Ela não está aqui. Ela nem sabe que eu estive conversando com Lo, —Ryke exclama.

O rosto de Joonathan se contorce com dor. —Então você decidiu sobre si mesmo em rasgar minha família à parte? Depois de tudo o que eu tentei fazer por você? —Seus olhos piscam quente. —Eu poderia ter evitado, mas eu deixei de ser seu pai.— Espere, espere, espere ...

—Eu não queria um. —diz Ryke.

Jonathan cerra os dentes. —Você não vai colocar meu filho contra mim, está me ouvindo?

—O que está acontecendo?— Lo pergunta. —O que diabos está acontecendo?

De trás de Jonathan, Connor aparece e sussurra em seu ouvido. Jonathan balança a cabeça e em seguida, diz a Lo.

—Este não é o momento. Falaremos mais tarde. —Com esse breve adeus, Connor puxa Jonathan para longe de terminar numa cena ainda maior.

—Encontre-me no corredor. —diz Lo a Ryke, nem mesmo procurando seu caminho.

Eu sigo com Rose. Há coisas nadando na minha cabeça para eu concentrar. As lágrimas continuam caindo da fonte sem que eu percebesse. Talvez a partir das palavras afiadas de Jonathan. Talvez da proclamação da reabilitação de Lo. Ou a estranheza entre Ryke e Jonathan.

Nós paramos no corredor do hotel, o tapete num padrão de diamante brega e o papel de parede cor de ouro brilhante, levam minha mente a voar longe.

—Quem é você ?!— Lo grita com Ryke. —Não minta mais para mim!

—Calma.—diz Ryke. —Me dê a chance de explicar, por favor. Você merece cada resposta.

—Como você conhece meu pai?— Lo pergunta. —Como é que ele conhece você?

Ryke estende a mão, a palma para baixo, como se estivesse tentando manter a paz. —Sara Hale é a minha mãe.

Oh meu ... Jonathan disse algo sobre ser um pai para Ryke. É por isso que o divórcio começou? Sara o enganou e ficou grávida de Ryke?

Isso faria de Lo e Ryke meio-irmãos.

Lo cambaleia para trás e levanta a mão para interromper o argumento

enquanto ele classifica seus pensamentos. E então ele olha para cima com sobrancelhas franzidas e diz: — Você é um filho bastardo?

Ryke se encolhe em mágoa, e ele balança a cabeça uma vez, de modo conciso e doloroso que uma lágrima flui de seu olho.

Lo aponta para o próprio peito com a mão trêmula. —Eu sou o filho da puta?

Ryke acena com a cabeça uma vez.

Lo solta um som abafado estranho, e eu tento dar um passo adiante, mas Rose me traz de volta novamente. Lo limpa os olhos com o braço e inala fortemente. —Dê-me sua carteira.— Lo exige imediatamente.

Ryke puxa a carteira do bolso de trás e desliza para fora. Antes que de entregar para Lo, ele diz:

—Você ainda é meu irmão. Não faz nenhuma diferença que não esta aqui.

—Só dê para mim.

Ryke a entrega e Lo verifica o nome. Sua mandíbula, afiam suas bochechas de gelo. Sua mão treme enquanto ele lê o cartão. —Jonathan Ryke Meadows. —Lo solta um riso enlouquecido e ele entrega a licença de volta a Ryke. Ele deixa no tapete. —O que você disse que sua mãe fez?— Lo finge confusão. —Oh sim? Ela vive do dinheiro de seu pai. —Lo morde o lábio inferior e acena.

—Lo...

Ele coloca as mãos sobre a cabeça. —Foda-se!— Lo zomba. —Por que ninguém me disse? Você é o filho de Jonathan. Sara Hale é a sua mãe, mas ela não é a minha, não é?

—Minha mãe pediu o divórcio quando descobriu que Jonathan tinha engravidado outra mulher. Eu tinha acabado de nascer.

Tudo o que seu pai lhe disse é uma mentira. Não é de admirar que Sara odeia Lo e o amaldiçoou no telefone.

Ele é o produto de um adultério e seu casamento fracassado. Eu tento mover em direção a ele mais uma vez, mas Rose fica me puxando para trás.

Lo está chorando muito. —Sara pegou minha cama para dar a você, não foi?

—Eu não sabia que era sua.

—Meu armário, minhas malditas roupas, ela fingiu que era uma liquidação e os deu a você.— Lo pressiona os dedos em seus olhos. —Por que esconderam isso de mim?

—Há questões legais...— Ele dá um passo mais perto de Lo. —Eu nem sabia que você existia até eu completar quinze anos. Minha mãe deixou escapar em uma de suas nostalgias. Eu visitei Jonathan todo o tempo em clubes de campo. E eu não menti quando eu disse que parei de ver o meu pai. Eu me senti sobre ele, especialmente quando eu comecei a ficar sóbrio. Eu senti como se pudesse ver através dele. —Ele funga, tentando conter as emoções, mas é difícil porque Lo é uma bagunça. E os olhos de Ryke crescem vermelhos e inchados.

—Você sabia sobre mim à sete anos? E você não pensou em me conhecer? —Lo franze a testa em profunda dor. —Eu sou seu irmão.

—Você também era a coisa que separou os meus pais.— diz Ryke, sua voz tremendo. —Passei anos ressentido da ideia de você. Minha mãe o odiava, e eu a amava, então o em que diabos eu deveria acreditar? E então eu fui para a faculdade, e eu ganhei alguma distância dela. Comecei a pensar sobre as coisas, e eu vim ficar em paz com você. Eu o deixei sozinho. Você seria algum tipo de idiota rico que Jonathan Hale criaria. E então eu vi você. —Ryke acena para si mesmo, seu olhos enchem. —Eu vi você na festa de Halloween e eu sabia quem você era. Depois que eu soube sobre a sua existência, Jonathan me mostrava fotos de você, sempre perguntando se eu queria conhecê-lo. Eu nunca quis.

Lo parece triste. —Por que você fez tudo isso?

—Eu vi o que teria sido de mim se eu tivesse sido criado por ele. E eu me arrependi de tudo. Eu culpava você quando você era apenas uma criança e

recebia uma mão de merda de cartas. Eu queria ajudá-lo... por todos os anos que eu me sentei perto. Eu sabia o que ele era. Eu escutei minha mãe falar sobre as coisas que ele disse a ela, horríveis, nojentas coisas que às vezes eram tão ruins como um soco no rosto. E eu sabia que estava sendo protegido disso. E eu não queria fazer uma coisa maldita. —A voz de Ryke quebra. Ele balança a cabeça.

—Então você me viu. —diz Lo. —Eu sou tão patético como você imaginou?

—Não. Você é tipo um idiota, mas eu também sou. Nós realmente devemos ser irmãos.

Lo engasga com uma risada curta. —Por que todo mundo escondeu isso de mim?— Ele dá um passo para trás e a mão de Ryke de seu ombro. —Quais são as questões legais?

Ryke engole. —No acordo, a minha mãe tem que manter o silêncio sobre o nome de sua mãe e ela tem que manter Hale em seu sobrenome ou então ela perde tudo o que ela ganhou no divórcio.— Ryke deve ter mantido o nome de solteira da Sara: Meadows.

—Por quê?

—Então seu pai não vai para a cadeia. Sua mãe tinha quase dezessete anos. Ela era menor, e minha mãe poderia ter lhe entregado, mas ela assinou documentos que escondiam a verdade. E se ela mudar de ideia, então todo o dinheiro iria para a caridade e ela tinha muito a perder.

O rosto de Lo se contorce. —Será que ele a estuprou?

—Não.—diz Ryke rapidamente. —Não. Sara disse um monte de coisas ruins sobre Jonathan, mas ela nunca disse isso. Eu não acho que ele amava sua mãe, ou então ele teria encontrado uma maneira para ela estar em sua vida. Acho que foi... uma coisa de uma vez. —Ele passa a mão pelo cabelo. —Eu acho que ela andou...— Ele se esforça para terminar a verdade. —Eu acho que ela se afastou de você. Eu não sei por que ela escolheu seu pai para ficar com você, mas ela fez. E eu sei que ela não quis ficar com você depois.

Jonathan criou Lo, quando ninguém mais o queria.

Quando as palavras afundam, as mãos de Lo tremem e seu peito mal sobe para aceitar a respiração. —Foi apenas mais fácil para todos que eu não soubesse, certo?

—Eu não tinha certeza se Jonathan já havia lhe dito toda a verdade.— Ryke confessa. —Mas quando você me conheceu, eu soube que ele não tinha dito. Você não sabia quem eu era.

—Por que não pode me dizer antecipadamente?— Lo pede. Ele aponta para o peito. —Eu merecia saber.

—Você merecia. Você está certo. —diz Ryke. —Mas você não está bem, Lo. Eu queria ajudá-lo. Então dei um jeito da gente se encontrar e fiquei perto de você. Eu mesmo tive que abandonar o desfile de Rose porque o pai de Lily apareceu. Eu conhecia ele. Ele me conhece, e eu não achei que você estivesse pronto para descobrir a verdade.

Meu pai sabe? Ele tinha as respostas durante todo o tempo. Eu mal posso processar isto.

Ryke chega mais perto. —Eu estava com medo que se você descobrisse, isso te empurraria para um lugar escuro. Consegue entender isso? —Seus olhos piscam para mim. —Eu acho que você pode entender.

Lo esfrega os olhos novamente. Ele não consegue parar de chorar. Eu vejo a dor correndo por ele como maremotos irregulares, batendo e batendo até que ele perca o fôlego e o foco e se afogue sob as corredeiras. Ele grita em sua mão, irritado, magoado, chateado.

Ele lentamente cai de joelhos e coloca a palma da mão sobre o tapete.

—Lo.—diz Ryke, inclinando-se para ele. Ele tenta ajudar, mas Lo o golpeia selvagem, os olhos lacrimejantes.

—Onde está Lily?—Pergunta ele, frenético. —Lily!— Ele chicoteia sua cabeça. —Lily!—Ele grita, procurando por mim.

Rose finalmente me deixa ir, e eu corro para os braços dele. Ele me

segura firmemente e chora no meu ombro, seu corpo palpitante. —Eu estou aqui. —eu respiro. —Está tudo bem.— Quando eu olho para cima, vejo Ryke e Rose trocando um olhar de hesitação.

Eu entendo agora. Eles estão com medo de nossa proximidade. Nós não somos bons juntos.

Ainda não de qualquer maneira.

Ele segura no meu vestido, e chora até que não haja mais lágrimas. Eu tento e rezo para me segurar, para ser forte para ele. Ele sussurra para mim, com uma voz seca, —Eu sinto que estou morrendo.

—Você não está. — Eu o beijo na bochecha. —Eu te amo.

Depois de mais alguns minutos, nós levantamos e silenciosamente vamos até o manobrista com Rose e Ryke logo atrás. Eu os convenço a nos deixar sozinhos em um dos carros, mas eles vão nos encontrar no Drake.

Lo desliza para dentro do Escalade primeiro. E então eu entro.

—Para o Drake. —eu digo, nem mesmo olho para os bancos da frente. O carro começa a se mover, e me aproximo de Lo que tem uma mão cobrindo os olhos.

—Eu não sei o que fazer.

—Você vai para a reabilitação. —eu digo com certeza, apesar de uma dor pesar no meu peito. Eu sei que isso é a coisa certa. Para nós dois.

—Eu não posso deixá-la.— Ele deixa cair sua mão. —Pode durar meses, Lily. Eu não quero você com outro cara...

—Eu vou ser forte.—digo-lhe, tirando suas mãos das minhas. Eu as aperto. —Eu vou fazer terapia.

—Lily... — Sua voz aflita envia punhais para o meu coração.

—Eu estou indo morar com Rose.

Ele fecha os olhos e mais lágrimas caem.

Eu não vou chorar. Eu engulo. —Eu vou pedir transferência para Princeton, e eu esperarei você voltar.

Lo acena com a cabeça muito, pensando. —Se é isso que você quer...

—É o que eu quero.

Lo lambe os lábios e se inclina encostando seu ombro contra o meu. —Eu sinto muito, pelo dia de hoje. Eu não deveria ter feito aquilo no quarto do hotel. Eu... eu estava chateado, e não tinha nada a ver com você. EU…

—O que é isso?— Eu franzo a testa. O que poderia ser tão ruim para ele ter pego as mini-garrafas de álcool, quebrando sua curta sobriedade que significava muito para ele, para mim, e nossos amigos ... seu irmão.

—Penn me enviou uma carta hoje de manhã.— Ele faz uma pausa. —Eles me expulsaram.

—O quê? Eles não podem expulsá-lo. Você não fez nada de errado. Nós vamos para o Dean...

—Lily, eu não frequentei metade das minhas aulas. Eu falhei quase em cada uma. Eu tenho um ponto em GPA. Eles podem expulsar as pessoas que não cumprem com as suas normas acadêmicas. Eles me advertiram no ano passado, e eu não dei a mínima.

—O quê?— Eu chio. Eu sabia que algo estava errado, mas eu pensei que ele tinha melhores notas do que eu, pelo menos. —Então ... então você vai para Princeton comigo. Você pode transferir. Eles vão deixar você entrar com o seu sobrenome.

—Não. — Ele balança a cabeça. —Não, eu não vou voltar para a faculdade. Não é para mim, Lil.

Eu processo isso. —Então, o que você vai fazer?

—Eu não sei.— diz Lo. —Que tal ficar saudável em primeiro lugar?

—Isso funciona. — murmuro. —E o seu pai? Lo, se ele descobrir, ele vai tirar o seu fundo fiduciário.

—Ele não vai descobrir. Eu já mandei algumas admissões e lhes disse para não entrar em contato com ele.

Eu expiro em relevo.

O carro para no meio-fio. —Nós chegamos, Sr. Hale.

Eu endureço. Aquela voz, voz que não pertence a Nola.

O motorista muda um pouco, e eu vejo os bigodes cinzento, cabelo de pena, e óculos empoleirados em seu nariz.

—Anderson.—diz Lo tenso. Anderson, motorista de Jonathan Hale, o cara que tem sido conhecido por nós delatar. —Por favor não diga a meu pai ...

—Tenha uma boa noite. —diz Anderson, com um sorriso falso. Ele gira para a frente, esperando a gente sair.

Nós saímos, e em meu coração, eu sei que tudo está prestes a mudar.



Capítulo Trinta e Três

Após uma breve conversa, concordamos em passar a noite separados. Eu fico com Rose no Drake, e Ryke leva Lo ao seu apartamento no campus. Eu só fiquei sabendo que seu pai ligou de manhã, porque Rose retransmitiu as informações.

Ele lhe deu o ultimato que tivemos evitado e temido em nossas vidas inteiras. Voltar para a faculdade, definir a sua vida em linha reta, ou então o seu fundo fiduciário irá desaparecer. Meses atrás, a escolha de Lo poderia ter sido diferente. Ele poderia ter optado pela faculdade, transferindo para Princeton ou Penn State, voltar em uma rotina familiar e uma nova configuração. Mas eu acho que nós dois percebemos que algumas coisas valem mais do que um estilo de vida extravagante e carteira acolchoada.

No café da manhã, enquanto eu comia uma tigela de mingau de aveia na sala de estar, eu não estou surpresa quando Rose me diz que Lo se afastou do dinheiro. Ela diz que é a coisa mais heróica que ele fez em sua vida. A ironia é que ele não está resgatando alguma donzela em um castelo, ele não está resgatando um bebê de um edifício-ardente, ele está ajudando a si mesmo. Talvez um pouco para salvar o nosso relacionamento, mas, principalmente, para ele. E essa é a melhor razão que há. Sob o meu medo, estou tão, tão orgulhosa.

Em poucos dias, eu vou ter de encontrar a mesma coragem.

Minha irmã coloca uma mão no meu ombro. —Ele está vindo para pegar algumas de suas coisas. Eles estão partindo ao meio-dia.

Pressão senta pesado no meu peito, mas eu aceno de qualquer maneira. Também concordamos que ele deveria ir para a reabilitação o mais rapidamente possível. Temos medo, nós vamos mudar nossas mentes, nós vamos convencer um ao outro que esse é o passo certo e que não podemos resolver isso juntos. Nós não podemos. Nós tentamos isso, e terminou com Lo bebendo tequila em um quarto de hotel e eu, puxando-o contra o meu corpo.

Rose foge ao meu lado, e eu abro espaço para ela no sofá. —Como você está se sentindo?—, Ela pergunta, recolhendo meu cabelo curto e trançando os fios.

Eu balancei minha cabeça. Não tenho palavras. Em uma noite, Lo perdeu seu fundo fiduciário, descobriu que seu pai mentiu para ele, e que ele tem um irmão. Nós estamos tão conectados, que eu sinto a dor da decepção como se fosse minha.

Como Jonathan pode mentir para Lo por tanto tempo? Eu quero desprezá-lo por não ter contado a verdade, e ainda assim, eu não posso.

Ele ama Lo. Mais do que ninguém vai admitir. Ele o ama tanto que ele decidiu cuidar de Lo em vez de abandoná-lo. Ele teme o pensamento de Lo ir para a reabilitação, de saber que ele falhou como pai e que seu filho pode passar sem ele. Eu acho que há uma parte em que Jonathan acredita que Lo vai voltar para casa pelo dinheiro, que ele vai voltar para ele quando ele perceber as dificuldades da classe trabalhadora. Talvez Lo volte. Ou talvez ele vai finalmente dizer adeus a seu pai e nunca voltar atrás.

—Vai ser difícil no início. — Rose diz, amarrando meu cadarço. —Qual foi o tempo mais longo você ficou longe dele?

Eu balanço minha cabeça novamente. —Eu não sei... uma semana, talvez. — Isso parece completamente absurdo, mas é verdade. É como se estivéssemos casados toda a nossa vida, e agora temos que separar. Eu sei que é o melhor, mas

a dor ainda apodrece como uma nova ferida.

Rose esfrega minhas costas, e eu giro para encará-la totalmente. Ela me olha com mais preocupação do que eu pensava ser possível. No fim das contas, não foi um garoto quem me ajudou.

Foi a minha irmã.

Eu seguro sua mão e digo: — Obrigada. — Lágrimas se constroem. —Eu não sei se eu posso fazer isso sem você. — Rose e eu concordamos em manter meu vício longe de nossos pais e irmãs. Não é algo que as pessoas podem facilmente aceitar ou entender, e eu não quero passar meus dias justificando essas compulsões. Se Rose também acha que é o melhor, então eu devo estar fazendo uma boa decisão.

—Você vai ser capaz. Não agora, mas você vai chegar lá.

—Eu estou com medo.— Minha garganta dói. Eu inalo uma respiração tensa. —E se eu traí-lo? E se eu não conseguir esperar?

Ela aperta minha mão. —Você irá. Você vai passar por isso, e eu vou estar lá em cada passo do caminho.

Eu limpo meu rosto e, em seguida, envolvo meus braços em torno dela, abraçando por um longo, longo tempo. Dizendo obrigada, eu sinto muito, e — Eu te amo—eu sussurro.

Ela acaricia meu cabelo. —Eu também te amo.

* * *

Eu estou na calçada fora do Drake. Rajadas de neve beijam meu rosto enquanto eu espero por Lo. As pessoas se vestem em roupas bonitas da igreja, indo à missa ou serviço de véspera de Natal. Luzes minúsculas envolvem em torno dos postes de luz, e coroas de flores com fitas vermelhas de camurça penduradas no lado de fora do nosso complexo de apartamentos. A cidade está no clima de comemoração, enquanto o meu coração aperta a cada batida.

O carro preto de Ryke alcança o meio-fio. Ele joga a mochila de Lo e fecha a porta.

Lo tem círculos pela falta de sono debaixo de seus olhos cansados, e ele parece espancado e cansado. Três pés separam nossos corpos, e eu me pergunto quem vai fechar o espaço primeiro.

—O que podemos dizer?— Eu respiro. —Adeus?

—Não.— Ele balança a cabeça. —Isto não é um adeus, Lil. Eu vou te ver. —Eu não sei mesmo para qual reabilitação ele vai. Ryke não vai me dizer o endereço, mas eu tenho que confiar que é um lugar seguro e talvez imaginar que não é muito longe.

Dou-lhe um sorriso fraco, tentando desesperadamente não chorar. Mas quando eu vejo uma lágrima deslizar pelo seu rosto, acabou para mim. Eu fungo nariz. —Não muda nada. — digo a ele. Eu temo que ele vai voltar e não vai caber dentro de minha vida. Ele vai crescer além de mim enquanto eu permanecerei estagnada e sozinha.

—Somente as partes ruins. — diz ele. Ele dá o primeiro passo para a frente. E depois outro. E outro. Até que nossos sapatos tocam, até que o polegar afaga meu rosto. —Eu vou ser sempre seu. Nenhuma distância ou tempo separados vai mudar isso, Lily. Você precisa acreditar nisso.

Eu coloco minhas mãos sobre o peito firme e roço os dedos sobre seu colar de seta.

—Eu nunca quis te deixar aqui... — seu peito contrai debaixo das minhas mãos —...e colocá-la na dor, Lil. Você tem que saber que... que esta é a coisa mais difícil que eu já tive que fazer. —Ele lambe os lábios. —É mais difícil do que dizer não ao meu pai, de rejeitar o fundo fiduciário, isto, aqui mesmo, me mata.

—Eu vou ficar bem.—eu sussurro, tentando acreditar nas palavras.

—Você vai?—Diz ele, duvidando. —Porque eu te vejo chorando e se debatendo na cama. Eu vejo você gritando para alguém e orando a Deus para a

dor acabar. E eu sou responsável por isso.

—Pare. — eu respiro, incapaz de olhá-lo nos olhos. —Por favor, não ache isso.

Ele abre a boca, e eu acho que ele vai me deixar fora do gancho. Ele vai me dizer que eu posso traí-lo e obter um passe livre. Em vez disso, em um fluxo de lágrimas e ele diz: —Espere por mim.— As palavras saem sufocadas e cheias de dor. —Eu preciso que você espere por mim.

Alguém colocou ele nisso. Eu olho por cima do meu ombro, e Rose tem a mão sobre a boca, os olhos arregalados. Eu olho para Ryke, e seu olhar duro não diz nada.

Esta era a ideia de Lo.

Ele sabia que a única maneira para eu lutar verdadeiramente seria se eu tiver algo a perder.

Eu tento formar uma resposta, mas minha garganta fecha para as palavras.

Lo se aproxima e envolve seus braços em volta dos meus ombros. —Eu te amo. — Ele me beija na testa e se separa de mim, me deixando sem palavras e quebrada no meio-fio. Ele acena para Rose. — Cuide dela.

Rose diz: — Cuide de si mesmo.

Ele balança a cabeça novamente, e eu espero por ele para olhar para mim.

Ele não faz.

— Lo. —, eu chamo.

Ele tem uma mão na moldura da porta do carro. E ele hesita antes de olhar o meu caminho.

Abro a boca, querendo expressar todos os meus sentimentos ao mesmo tempo. Eu te amo. Eu vou esperar por você! Você é meu melhor amigo e meu companheiro de alma e meu amante. Eu estou tão orgulhosa de você. Por favor volta para mim.

Seus lábios retoma um sorriso esperançoso. —Eu sei.

E com isso, ele desliza para dentro do carro e fecha a porta. E o carro anda a frente na rua.

E para baixo longe da vista.



Continua...